

A romantic couple is shown in a close embrace under a heavy rain. The man, with dark, wet hair and a light beard, is wearing a white shirt and has his hand gently cupping the woman's face. The woman has long, dark, curly hair and is looking up at him with a soft expression. The background is dark, with numerous white streaks representing falling rain. The overall mood is intimate and sensual.

CHUVA DE
Amor

CHRISTINE KING



Chuva de Amor

Christine King

1ª. Edição

2019

Copyright © Christine King

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Capa: Ellen Scofield

Revisão: Christine King

Diagramação: Criativa TI

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Sumário

[Sinopse](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[CONHECENDO ADAM PAGE](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[ADAM](#)

[Capítulo 7](#)

[ADAM](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[ADAM PAGE HOYT](#)

[Capítulo 16](#)

[ADAM PAGE HOYT](#)

[Capítulo 17](#)

[AIMÉE](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[ADAM PAGE HOYT](#)

[Capítulo 24](#)

[ADAM PAGE HOYT](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[ADAM PAGE HOYT](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[ADAM PAGE HOYT](#)

[Capítulo 30](#)

[ADAM PAGE HOYT](#)

[Capítulo 31](#)

[FINAL](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a Autora](#)

[Obrigada por ter me lido!](#)



Sinopse

"Nada mataria o amor em seu coração de menina"

Chuva de Amor é um delicado e emocionante romance hot.

Aimée Cooper era uma linda jovem descendente de franceses, com o coração cheio de fervor e a alma em estado de graça, até que teve seu mundo destruído e sua vida quebrada.

Ela se tornara uma jovem frágil como vidro aprendendo a ser forte como rocha, enfrentando uma época que buscava renovação.

Ela não sabia se um dia encontraria seu príncipe como sonhava em sua infância, ou mesmo se seria capaz de amar e ser amada.

Ela não sabia se o misterioso e sensual Adam Page era talvez um príncipe versão quebrada, com um sedutor sorriso torto e usando palavras ousadas.

O misterioso sedutor Adam Page, por sua vez, não sabia se seria capaz de fazer a paixão irromper do coração gelado de Aimée, mas ele sabia que seus olhos guardavam um calor sem igual.

Chuva de amor é um romance arrebatador, forte e sensual, com um fundo histórico envolvente, que permeia toda a poderosa atração de dois

amantes que se libertam da prisão da solidão nos braços um do outro

Uma história para se comover, sentir e torcer com todo vigor pela felicidade de seus protagonistas.

Para quem gosta de histórias poderosas, para quem conserva ainda a paixão em seus corações de menina.

"Um amor mais forte que a morte, mais eterno que o tempo".



Epígrafe

Como te amo? Deixa-me contar de quantas maneiras.

*Amo-te até ao mais fundo, ao mais amplo e ao mais alto que a
minha alma pode alcançar buscando, para além do visível dos limites do Ser
e da Graça ideal.*

*Amo-te até às mais ínfimas necessidades de todos os dias à luz do
sol e à luz das velas.*

Amo-te com liberdade, enquanto os homens lutam pela Justiça;

Amo-te com pureza, enquanto se afastam da lisonja.

*Amo-te com a paixão das minhas velhas mágoas e com a fé da
minha infância.*

*Amo-te com um amor que me parecia perdido – quando perdi os
meus santos –amo-te com o fôlego, os sorrisos, as lágrimas de toda a minha
vida!*

E, se Deus quiser, amar-te-ei melhor depois da morte.

(Elizabeth Barrett Browning, poetisa inglesa)



Prólogo

Londres, 1949

Estava escuro, e esfriava, e parecia que a névoa que encobria a noite lá fora adentrava meu quarto.

Olhei para o lado, a vista nublada pelo sono, a mente apagada e parecia vislumbrar a janela um pouco aberta. As cortinas balançavam, e o vento acariciava sutilmente meu rosto, fazendo-me inspirar fundo.

A vastidão da noite estava lá fora, e ali dentro, havia a frágil sensação de proteção, apenas barrada pela janela.

O leve ar cortante remexia nas chamas da lareira que crepitavam.

Ouvia um barulho tênue de chuva, como uma fina garoa que molhava a noite, fazendo-a cantar.

O vento assobiava, e as correntes do fresco vento de outono esfriavam as pontas de meus seios que doíam.

Meus mamilos roçavam sensivelmente a fina camisola, e algo no meu ventre se irrompia. Algo profundo e sensual nascia, partindo do meu interior.

Mordia os lábios, e algo se apertava dentro de mim, contorcendo-se. Abri e fechei os olhos rapidamente, ainda dominada pelo sono. Levei calmamente minhas mãos aos meus seios, numa leve carícia.

Eles pareciam lá, pareciam inteiros, e os acariciei ali onde palpitava meu coração.

Meus cabelos estavam espalhados pela calma, e uma sensação estranha deixava sensíveis minhas raízes, como se algum longo dedo tivesse sido pousado sobre meus fios, acariciando-os.

Minha pele então começou a se arrepiar como se sentisse uma forte presença. A temperatura do quarto mudava.

Um calor brotava, junto de um suave cheiro almiscarado que me fazia inspirar fundamente. Um cheiro masculino, de pele limpa, que me fazia me contorcer mais.

Emiti agudos gemidos de prazer, gemidos que brotavam do fundo de minha garganta, partindo de meu entrepernas sensível.

Era como se estivesse sendo observada, e essa longa e cuidadosa inspeção me despertasse aos poucos.

Eu estava sob a proteção de minhas pálpebras fechadas, e ainda tocava delicadamente a curvatura do meu seio, tentando acalmar meu ventre inquieto.

Foi quando um longo suspiro chamou minha atenção, fazendo-me abrir as pálpebras sonolentas, despertando meus centros nervosos.

Abri meus olhos e tentei fitá-lo profundamente, inalando o cheiro masculino e envolvente que ele trazia. O cheiro de pinho fresco, uísque e de tabaco.

Estava lá, a sua presença alta, a sua sombra encobrindo minha pele. Uma grande sombra sobre meu pequeno corpo que tremeu. Não sabia de medo ou desejo. Talvez os dois.

Um Deus pagão que não conhecia misericórdia, com seus cabelos de veludo escuro caindo sobre seu rosto, parado, apenas farfalhando levemente os músculos trabalhados quando deu pequenas passos para mais perto.

Ele era inconfundível, inclusive na profunda escuridão do desejo que ele me causava.

Adam, seu nome era Adam. Um nome que eu queria não sussurrar.

Dois olhos de prata brilhavam na noite. Olhos profundos, que me olhavam felinamente. Olhos que prendiam mais que uma prisão. Ele parecia pertencer à noite, e me chamava para seu abismo.

Ele trazia mistérios. Parecia ter vindo com a chuva, e o som dos pingos caindo faziam música.

Minha respiração se entrecortou, e pousei meus olhos na abertura de

sua camisa, onde um prenúncio de um peito amplo e forte aparecia, extremamente sedutor.

Aquele homem era o perigo, era a sedução perversa.

Ele tinha um olhar que desnudava, centímetro a centímetro. Olhos cinzas que se estreitavam, buscando, tocando, e me deixando sem palavras.

Um rosto forte, anguloso, sombreado pela barba me fitava com interesse, calmamente, como se me apreciasse. Ele era feito de sombras. De sonho e proximidade. De medo e desejo.

Ele era assustador, e era adorável. Era o rei do meu corpo, mas eu não queria que fosse.

Ele estava em meu quarto, mas ele não podia. Ele não deveria estar ali. Eu era proibida para ele, e ele era proibido para mim.

Mas nada, nada o impediria. Suas pernas se afastaram, e elas pareciam fortes, e ele caminhou lentamente para muito perto de mim, e me examinou mais uma vez atentamente, ali, onde eu me tocava, na redondez alva de meu seio.

Ele estava muito perto, e sua respiração subia e descia. Eu estava excitada e assustada.

Seus olhares falavam para o centro do meu corpo, e se expandiam para todas as extremidades, poderosos, mandando pequenas correntes

elétricas de medo e antecipação.

Sua mão se ergueu. Sua mão forte. Ele foi em direção ao meu rosto, para a curvatura de meus lábios úmidos.

– Eu tenho medo... – falei com a voz arfante enquanto seus dedos deslizavam por minha bochecha.

– E deve me temer, sabe o poder que guardo comigo. O poder que tenho sobre você – murmurou provocativamente, a voz grave e gutural.

Ele se dirigiu então à minha garganta, apertando-a suavemente, e ele sorria para mim, cheio de malícia.

O mundo se tornou como fogo, um fogo sombrio da luxúria em que só havia seu toque em minha garganta, e depois os dedos deslizando pela clavícula, arrepiando-me.

Sentia que sua mão era calejada, e era quente. Ela desceu pela suavidade de minha pele, até encontrar onde minha mão estava pausada, no colo.

Suas mãos então me afastaram e depois desnudaram o tecido, até que aparecessem meus seios.

Arquejei, e apreciei os movimentos lentos de como me tocava. Os dedos roçando os bicos, traçando círculos, repuxando-os.

Na escuridão, o brilho do desejo acendia sua face. Um brilho cruel.

Ele parecia se alimentar de meu medo, pois sabia que meu medo era apaixonado.

– Não pode me tocar aí- pedi fracamente, choramingando, sentindo que sua mão resvalava pela pureza do meu seio, e eu sucumbia de prazer, arfando, enquanto ele rodeava um mamilo com o dedo.

O sorriso em seu rosto se tornou mais largo, quase triunfante, e mais cruel. O brilho dos seus olhos era faminto.

– É claro que posso tocar, você quer que a toque, por isso me chama até você. Você me chama, Aimée. E eu vim atender seus pedidos. Quer que eu toque, então eu a estou tocando- disse, deslizando os dedos pelos montes alvos dos meus seios.

No meu sexo, eu me umedecia. Só o tom de sua voz já tinha esse poder: umedecer.

– Não é verdade, não quero que me toque. – Voltei a pedir, mentindo para mim mesma.

– Você quer que a toque justamente porque é proibido, Aimée. Eu habito em seus sonhos, e você mora nos meus. Você mora no meu desejo. E eu sou príncipe dos seus – disse, olhando no fundo dos meus olhos, com seu timbre rouco e profundo que me excitava.

Mas ele então inclinou sua cabeça sobre para mim, atormentando-

me. Tentei negar o que meu corpo apelava, exigindo, além da minha dor e da minha negação. Mas sua respiração quente estava tão próxima, e a proximidade de seu rosto moreno apagavam meus pensamentos.

As mãos deslizavam então pela barriga, circulando o umbigo, aproximando-me do vértice entre minhas coxas. Eu estava úmida, e aquilo me feria, aquilo me transtornava. Meu corpo doía pedindo o seu. Meu quadril se movimentava obedecendo ao seu toque, sem querer.

Seus olhos cinzas faziam o que faziam de melhor: prendiam.

O calor de seu corpo se interpondo sobre o meu me levava ao abandono. Eu o queria sobre mim, mas não deveria.

– Deixe que eu reine em seus sonhos, Aimée...Deixe que a toque, *ma chérie*... Que a toque em seus sonhos. Que eu a possua em seus sonhos. – Sussurrava a penetrante voz masculina, obscurecendo todos os meus sentidos, enquanto provava com suas mãos minha nudez.

Sim, eu me dizia internamente, sucumbindo.

– Não – eu suplicava em voz alta. – Não – eu repetia, soando rouca e desesperada, embotada pelo desejo, tentando impedi-lo e me impedir de querê-lo e de necessitá-lo.

A boca se aproximava da minha, o corpo musculoso descia sobre o meu.

– Deixe-me possuir você, Aimée...

Não, eu não deixaria. Não poderia.

Ele não poderia me beijar, ele não poderia me possuir. Ou estaria perdida, não teria volta. Um beijo seu, e eu estaria perdida para sempre em seus braços. E então, ele saberia.

Foi quando me levantei ainda em choque.

Minha respiração estava acelerada, meu coração batendo rápido. Olhei para a janela, e ela estava fechada.

Não havia vento, nem nudez. Toquei minha garganta, e tentei me acalmar, sentindo-me suar.

Também não havia um homem ali. Não havia Adam Page.

Só havia a triste realidade e minhas mágoas.

Fora mais um sonho com aquele homem que me atormentava há dias, desde que o havia conhecido.

Nos sonhos, ao menos eu podia talvez o desejar. Lá, eu era inteira. E ele também.

No mundo dos sonhos, tudo era normal. Nada desmoronava em nossa volta. Nada me feria. Nada doía nem me dilacerava.

Lá, não era proibido, na proteção dos sonhos.

Lá, Adam Page reinava nos meus desejos, absoluto.



Capítulo 1

Londres, 1939

Estava usando um lindo vestido branco de musselina creme e uma fita dourada.

Vovó me deixou usar pó de arroz pela primeira vez, afinal, eu já tinha 12 anos. E completou com um *rouge de* um vermelho brilhante.

Minhas bochechas ficaram gordinhas e coradas e eu estava com um contentamento sem igual.

O mundo era calmo, tranquilo, sereno, como o mundo costuma ser quando nossos olhos ainda são infantis.

Mais uma vez olhei o porta joias de louça de minha avó com ninfas desenhadas, tirei de lá seu colar de madrepérolas e tentei colocar em meu pescoço.

Mas vovó disse que não, isso era apenas para moças feitas e me contentei a olhar meu pequeno brinco de ouro na espelheira.

Minnie, a pastora inglesa de 6 meses, estava tentando subir em mim, latiu e minha avó riu enquanto eu guardava a talqueira de porcelana na velha

penteadeira de carvalho e me acomodava na cadeira forrada de veludo cotelê.

— Está linda, Aimée! Olha só, *se não é a Branca de neve!*

Sorri deliciada para o espelho. O futuro parecia leve e promissor.

— Pareço mesmo "*La Blanche de Neige*", vovó? — perguntei, num francês perfeito, herança de minha avó Céline, francesa nata.

— Oui, oui, *chérie*, sim. Você é minha amada Branca de Neve. — Vovó Céline veio, abraçando-me por trás e me beijou o topo dos cabelos.

Minnie, enciumada, continuava me arranhando com suas patas peludas. Ela era uma verdadeira bola de pelos fofa, meu novelinho. Chamava-a assim. Minnie novelinho.

Abaixei-me para beijar Minnie.

Era maravilhoso aos 12 anos ser chamada de *La Blanche de Neige*, a Branca de Neve em francês.

Desde o lançamento do desenho animado há alguns meses na Inglaterra, as crianças estavam viciadas e falávamos amplamente sobre isso.

Ainda era uma criança, apesar de meus seios estarem começando a crescer, e contava com a indulgência e a generosidade dos adultos. Eu, embora não tivesse mais meus pais vivos, era uma criança feliz e amada. Sentia falta de meus pais, é claro, embora mal me lembrasse deles depois de suas mortes acidentais, mas meus avós me supriam em tudo e eu crescia

serenamente, já sentindo aos 12 anos aquelas pontadas de fim de infância e a entrada no doloroso mundo adolescente.

E iria ao cinema com meus avós assistir A Branca de Neve mais uma vez.

Era meu conto favorito e minha avó me lia quando eu era menor, com aquele seu lindo sotaque de francesinha coquete que ela jamais perdera, e minha avó me dizia que eu era sua Branca de Neve, e que havia nascido assim como a rainha pedira a Deus: alva como a neve, a boca vermelha como sangue e os cabelos negros como ébano.

Era maravilhoso crescer me sentindo tão segura e apreciada.

Eu iria ver o filme mais uma vez, dessa vez em francês.

Estávamos estudando francês na escola e eu melhorava minha dicção cada vez mais.

O fim de tarde estava lindo, sem chuvas. No dia seguinte, passearíamos no *Regent's Park*, e comeríamos pipoca caramelada, como meus avós haviam prometido. Depois do cinema eu comeria pipoca amanteigada. Gostava dos dois tipos.

Mas não negava que, naquela idade, mudanças secretas ocorriam no meu coração, e gostava de olhar para o príncipe em questão com estranhos suspiros incontidos no peito.

Era por ele basicamente que eu ia: para ver o galante príncipe segurar sua donzela em seus braços.

Não conseguia entender as emoções mudas e intensas que revolviam meu ser, e de como gostaria de estar no lugar da donzela.

Ficava silenciosamente suspirante, como se uma magia inexplicável me tomasse.

A cena da Branca de Neve cantando "*Um jour mon prince viendra*" (Um dia meu príncipe virá) na companhia de criaturinhas que a adoravam me levava às lágrimas, e eu não entendia por que aquilo me comovia tanto, vê-la cantando para os raios de Lua, para os vales, para o Sol. Tudo ficava bem quando ela cantava sua espera por seu lindo príncipe.

Ah, sim, as pequenas lágrimas desciam...

As meninas inglesas, porém, não eram muito de chorar. Vovó dizia que eu havia herdado seu coração amplo, suas emoções plenas e intensas de uma latina.

De todo modo, o drama enfrentado por Branca de Neve me comovia e me fortalecia.

Ela suportava tudo, e não deixava jamais de cantar. Cantava lindamente, uma verdadeira cotovia cheia de doçura. Ela trabalhava e cantava com a suave determinação de seu coração de que tudo ficaria bem. Trabalhar

a deixava feliz, jamais fustigada. Aquilo me encantava. Ela sabia que um dia viria seu príncipe, e por isso, cantava.

A letra da música falava de um amor primaveril, de corações unidos, de um lindo castelo, de espera com final feliz, de alegria sem fim.

Quanto mais o filme se passava, mais aquilo me tocava. Apenas sentia e suspirava.

No fim, ah, as cenas do beijo, o beijo que a arrancava do sono da morte... Como eu tinha curiosidade para saber como era um beijo! Como queria ser aninhada por um príncipe, carregada nos braços por um homem alto, garboso e moreno!

Eu não sabia ainda que era apenas meu coração jovem irrompendo sua natureza romântica e esperançosa, cheio de sonhos intocados de menina, e de desejos ingênuos de uma mulher se formando.

Eu era totalmente inocente e a vida não se mostrara dura. Não ainda.

Isso seria uma coisa que eu logo descobriria, porém: a imensa dureza da vida.

Junto de mim, o cinema todo estava lotado de crianças tão sonhadoras quanto eu. Jovens corações despreocupados desfrutando dos tempos de paz

Aproveitando os dias ensolarados quando não chovia em Londres.

Sim, as alegrias do tempo de paz.

Só quando não estamos nela, é que percebemos sua importância: a paz. A história do homem é feita de guerra, e eu descobriria aquilo muito em breve.

Naquele dia, infelizmente, no fim do filme, a propaganda do cinema passava aquela informação terrível.

Saindo das cores, vimos as tristes letras em preto e branco e a mensagem em voz de Neville Chamberlain, nosso primeiro ministro, pedindo-nos atenção.

Percebia a gravidade e o silêncio de todos. Mesmo as crianças pareciam entender. Mesmo eu entendia que algo mudaria, para sempre.

Hitler, segundo o anúncio, havia invadido a Polônia no dia anterior, jogando bombas. A Inglaterra reagiria. Era um anúncio de guerra, uma guerra que em muito pouco tempo seria conhecida como a Segunda Grande Guerra Mundial.

Todos ficamos mudos, e voltamos silenciosamente para casa, cada um com sua agonia. Era assim que os ingleses costumavam sofrer nas ruas: em silêncio.

Não sabia mais se iria *ao Regent's Park* no dia seguinte. Meus avós estavam com os olhos um pouco assombrados, mesmo assim, deram-me

pipoca salgada para levar para casa.

Mas eu sentia que algo estava muito errado, e que tudo na vida poderia mudar para sempre, bastava um segundo.

Mesmo crianças como eu sentiam o cheiro do mau agouro e da tragédia.

À noite, na hora de dormir, após me dar longas escovadelas calmantes, minha avó chegou perto de mim e apertou minha mão enquanto eu deitava. Percebia a angústia pairando no ar enquanto ela me olhava penosamente, mas, ao mesmo tempo, com um ar tranquilizador.

Mas eu não era mais tão uma menina assim. Eu entendia as coisas.

Sem poder me conter, eu me levantei e a abracei.

Senti-me tomada por medo, insegurança, terror. Perguntei-me se morreríamos, se a morte nos levaria rápido.

Cheguei a pedir a Deus em silêncio que Deus nos levasse sem agonia.

Algo em mim se quebrava completamente, amadurecendo-me em poucas horas. Lembrava de meus avós contando da dureza da primeira grande guerra, vinte anos atrás, quando meus pais ainda eram crianças.

Não sabia em detalhes, mas sabia que tudo havia sido difícil. Estava aterrorizada.

— Vovó, por favor, diga-me que tudo vai ficar bem. Prometa que não morrerá — pedi, afastando-me, a voz trêmula.

O olhar de minha avó Celine estava tenso, e seu rosto, franzido. Mas seu semblante se acalmou após um suspiro, e ela me segurou delicadamente em meus ombros e me beijou na testa.

— Aimée, meu amor... minha menina... Um dia, todos temos de partir. Nosso tempo aqui nessa terra é um presente que devemos aproveitar. Todos temos nossa hora. Mas o importante disso tudo é aproveitar cada minuto- disse, a voz cheia de suavidade.

— Então você vai me deixar? — perguntei, aflita, já engolfando as lágrimas.

— Não enquanto eu puder. O que posso prometer é que enquanto eu estiver viva, estarei ao seu lado. E te ensinarei a ser forte, a ser digna e a lutar. Não importa o quanto as coisas fiquem difíceis.

Apertei meus olhos, já chorando.

— As coisas ficarão muito difíceis, não é?

—Sim, amor, ficarão. Mas estaremos juntas.

Não pude não recorrer ao conforto de seu abraço. Precisava sentir sua segurança me envolvendo, o conforto de um ente querido.

Afastei meu rosto para que ela pudesse enxugar minhas lágrimas.

— Aimée — ela disse, a voz e os olhos cheios de ternura —, não deixe jamais de ser doce, nem de cantar, por mais severas que as coisas possam parecer daqui por diante. Você é amada, e este é nosso lar. Lute pela sua felicidade.

Ela me segurou no rosto delicadamente, fazendo-me encará-la.

— Entende, Aimée? A vida é como o mais bonito cantar do pássaro que só cantamos uma única vez. Então, quando for cantar a sua vida, sua única vida, cante o mais bonito que puder. Quando cantamos, uma parte do mundo nos escuta, e Deus lá no céu fica feliz.

Voltei a abraçar minha avó, chorando.

— Que Deus nos proteja, vovó.

— Ele nos protege, Aimée. Apenas os homens gostam de sair debaixo das asas dele e voar do próprio jeito, e nisso às vezes, o mundo quebra, e nós caímos. O importante é que não deixe que a queda dos outros homens a faça cair também.

Sabia que minha avó queria me preparar para o que viveríamos, para a maldita guerra que viria, com todo seu horror e inclemência.

Há alguns dias já havia uma ameaça velada que todos tentávamos preencher com normalidade, mas agora, ela chegara, a guerra, e não tinha dia para acabar. Não tínhamos escolha, se não a enfrentar.

— Um dia na Terra já é um presente, querida Aimée, um único dia na Terra... Não deixe que se a acabe sua preciosidade. Nossa alma é um tesouro intocado. Não deixe que a dor a deforme, deixe que todas as dores se convertam em coisas ainda melhores. Você aprenderá que os melhores cantos podem vir das dores mais fundas. Deus nos dá o sofrimento para que aprendamos com ele, não esqueça disso. Por isso, sempre cante, entendeu? As almas feridas fazem os mais intensos sons.

Fiquei ali tentando entender o significado daquelas palavras, a urgência e a profundidade com que foram ditas.

Minha avó tinha que me dizer aquelas coisas, ela tinha que me ensinar sobre a vida que teríamos, e naquele dia, provavelmente muitos pais estavam preparando seus filhos para o que viria com o mesmo desespero.

Naquele dia de 1939, no anúncio da guerra, eu deixava minha infância de lado. Minha única infância, que só morreria uma vez, assim como minha vida, que eu só viveria uma vez.

Tentei colocar isso em mente: tentar ter uma vida preciosa.

Os dias seriam ruins, e a luta por cantar bonito como minha avó pediu, ou por ser grata por um único dia na terra, seria cada vez mais terrível.

Dentro de mim, porém, ainda seria Aimée, a pequena *Blanche Neige* de minha avó, cantando por um príncipe que um dia chegaria.

Nem a guerra mata o coração das meninas. No dia seguinte, fôramos ao *Regent's Park* ouvir o gorjeio dos passarinhos e comer pipoca.

Era o último dia de normalidade na Inglaterra. Nosso último dia de paz por muitos anos.

Mas eu sempre seria Aimée Page, a neta daquela avó maravilhosa.

Naquela tarde, como sempre, minha avó fez comigo a oração ao Príncipe de Gales.

Em meio de nossas montanhas antigas,

E de nossos amados vales,

Oh! Deixe que a oração ecoe

Deus abençoe o Príncipe de Gales

Daquela vez, desejar o bem a um príncipe, desejar que meu mundo não desmoronasse, e esperar um dia o meu príncipe, teve outro significado para mim.

Nem a guerra mata o coração romântico das meninas

Um dia, meu príncipe virá, eu me disse, e uma certeza no meu coração me fez dormir tranquila.

Ele viria como a chuva, caindo plenamente, enchendo os terrenos de vida, de forma cariciosa e fecunda, fazendo brotar vida das sementes.



Capítulo 2

CONHECENDO ADAM PAGE

Fim de outono, 1949. Inglaterra.

Não precisaria de casaco. Ainda não fazia tanto frio.

Olhei a silhueta pelo espelho. Estava a contento. Um vestido de gabardine de lã, pouco ajustado como era de minha preferência. Apreciava a ideia do conforto.

Era um vestido escuro. Eu não apenas gostava de roupas escuras; eu realmente precisava usar roupas escuras, mas gostava que mesmo assim as peças tivessem bom caimento.

Também gostava de sapatos confortáveis e elegantes. Eu não seria humana se não me alegrasse com o fato de ter podido ir a Londres há alguns meses comprar sapatos novos e alguns sabonetes perfumados.

Estava esbelta e apresentável. Talvez elegante. Sabia que o reflexo não mostrava uma moça feia, mas, um rosto bonito não fazia para mim a menor diferença. Não com a vida que eu levava.

Porém, eu não podia ser ingrata com a natureza. Não era

desagradável saber que eu era bonita. De todo modo, eu me cobria sempre de roupas e vestidos sóbrios.

Era tudo tão diferente, penso, do que eu era... Aquele mundo rendado, em tons de creme, dourado e rosado, as pérolas, os fitilhos, as sedas, os bordados e os debruns, o tule cheio dos vestidos...

Aquele mundo de menina, de paz, de cor e brilho, de música alegre, de sonhos, irremediavelmente perdido.

Agora, eu era diferente. Eu era adulta. Tudo o que aconteceu desaguava ali, naquelas feições, naquelas roupas e na secreta melancolia de uma alma romântica aprisionada no corpo de uma solteirona.

Não suportava a ideia de chamar a atenção. Nesse caso, as dificuldades do pós-guerra caíam como uma luva para arrumar desculpas para eu ser como era.

A minha desculpa é que eu me acostumara com a vida sem luxos, com pouco, com sobriedade, embora estivesse naquele momento cada vez mais fácil arrumar novos objetos. O mundo voltava progredir, a Terra a girar.

Todos buscavam normalidade. Todos queriam enterrar aquele passado e ir aos bailes que estavam acontecendo com cada vez mais frequência dançar *foxtrote* e comer sanduíches de presunto.

As mulheres estavam loucas para deixarem rodar seus vestidos de

saia um pouco ampla e mostrarem as pernas bem acima do que deveriam para os rapazes.

Mas é claro que eu não ia a nada assim, não se eu pudesse evitar. Dançar, ser tocada, mostrar as pernas? Jamais.

E assim, uma fileira de conjuntos de saia e blusas e vestidos simples e modestos estavam limpos e passados no pequeno guarda-roupa. Todos em tons escuros.

As cotas para as roupas ainda não haviam cessado, mas já era possível escolher o que gostávamos ou cerzir peças claras, macias e diáfanas, com saias amplas, mas a sobriedade combinava mais comigo, mesmo eu sendo uma moça de 22 anos. Há poucos dias havia feito aniversário.

Mas problema da beleza é que ela é visível, a pele sensível, e nosso corpo parece sempre dominar nossas mentes e coração e mesmo que eu não gostasse, acabava mesmo assim atraindo olhares.

Às vezes muitos olhares, e aquilo sempre foi um problema.

"A Branca de Neve", pensei, num suspiro triste. Alva como a neve, lábios vermelhos como o sangue, cabelos negros como o ébano...

Ah, tantas lembranças de dias normais, felizes...

Tudo aquilo parecia agora tão perdido, mas, ao mesmo tempo, presente.

Pensei o quanto ainda havia daquela menina ali, aquela menina sem amarguras que prometera lutar e cantar.

O quanto de mim ainda sonhava suspirante com príncipes? Era difícil me decifrar. O que não era difícil, desde então, desde a guerra?

Toquei com a ponta dos dedos minha pele pálida. Podia ser a pele de uma moça que estampasse um camafeu, com minhas sobrancelhas tão espessas e os maxilares suaves. Podia ser o rosto de uma moça adorável. Mas eu não me definiria exatamente adorável. Havia uma amargura implícita em meus olhos. Os cabelos grossos e escuros estavam presos com cuidado em uma presilha, agradavelmente domados. Havia um broche com um pequeno pássaro prateado em meu peito, herança de minha avó que me criara. Eu tinha guardado aquela lembrança valiosa. Ela sobrevivera a todas as dificuldades.

Um anel simples com uma pequena gota de topázio era o único adorno, um bem não vendido, que pertencera a minha mãe. Não consegui me desfazer daquele anel, por mais que em certos momentos eu tivesse precisado, pensei, quase chorando.

Um batom suave quebrou minha palidez. Um pouco de água de colônia foi borrifada.

Não acreditava que depois de tantos anos podia finalmente usar uma água de colônia, mesmo que barata.

A guerra destruía nossos sonhos mais simples, e toda nossa noção de normalidade. Lembro da angústia daquele mundo cheirando a sabão de cinzas e cimento queimado. A visão tenebrosa dos metais retorcidos, e os barulhos terríveis do concreto quebrando.

Um mundo sem galos cantando. Quase todos os galos haviam morrido em Londres durante a guerra, e muitos dos cães. Pensei em Minnie, com angústia. E em todos os animais que havíamos perdido.

Naquele rosto não se via um coração sofrido nem os segredos de dor que uma alma guardava. Talvez apenas meus olhos castanhos guardassem certa melancolia.

Lembrava da menina que eu era, uma menina cheia de sonhos que não foram realizados. Eu esperava outros sonhos. Alguns eu já tinha, e eram todos modestos.

Eu queria apenas ser feliz, poder me sustentar, ter meu canto e que me deixassem quieta, só isso, como a sobrevivente que eu era.

Não me achava melhor que os outros. Todos ao redor haviam sofrido.

Quando se sonha com um pedaço de pão com manteiga por tanto tempo, os sonhos se tornam pequenos.

Mas eu ainda era uma mulher, e a vaidade coroava meu coração.

Ainda. No fundo, ainda sonhava com fitas de seda amarelas, saias amplas de musselina, corpetes de veludo, colares de marfim.

É claro que não me agradava de sair desmantelada, mas fui me acostumando a uma realidade mais áspera.

Mas, muitas vezes, eu queria tanto não ter nascido bonita...

Terminando minha inspeção, preparei-me mentalmente para sair, fazendo um último retoque alisando as roupas.

E bien, Aimée! Voilà!

Não usaria luvas. Guardaria para o frio que em breve chegaria. Queria aproveitar as alegrias do outono.

Estava um pouco nervosa. Não era afeita a eventos sociais, mesmo aos de uma cidade pequena que sequer tinha 20 mil habitantes.

Mas seria necessário ir. Precisava me acostumar com a vida social, contudo, isso não seria nada fácil. Reuniões me davam imensa vontade de correr e me esconder.

Eu apreciava a reclusão, mas eu tinha de pagar minhas contas e viver. Não havia ninguém por mim, a não ser eu mesma.

Eu podia ser uma pessoa entristecida, talvez amarga, mas eu era forte.

Coragem, pensei, pegando minha pequena bolsa de mão de couro que estava com pequenas ranhuras dos lados. Uma bolsa muito antiga que me acompanhava sempre.

Porém, apesar de me sentir contrariada com a ideia de me expor na pequena festa, eu me felicitava com a ideia da alegria da normalidade: uma confraternização, uma repartição de pães. Música, comida. União. Não era maravilhoso no fim observar as coisas entrando finalmente nos eixos, ouvir crianças sorrindo, ver a alegria dos jovens se enamorando?

Eu preferia me esconder, é claro, e observar tudo de longe. Ou simplesmente ficar no quintal da minha nova casa. E escutar lá sozinha o silêncio daquela noite de outono solitariamente, apenas o som das folhas balançando, e depois caminhar pela cama de folhas marrons atapetando a terra antes que fossem varridas e regeladas pelo frio.

Mas o fato de eu gostar de isolamento e viver para o trabalho não me impedia de me alegrar por uma celebração. Mas eu era tímida demais para manifestar minha alegria. Eu me contentava saboreando lentamente, como um doce que comemos devagarzinho, e ninguém sabe o quanto estamos morrendo de prazer por dentro.

Minhas alegrias raras eram meus segredos.

Ademais, era de extrema gentileza o convite, e então, eu iria.

Ah, mas como eu queria simplesmente aproveitar para conhecer melhor a cidade! Eu chegara há apenas uma semana...

Durante à tarde, depois da aula, quando ainda havia Sol e não esfriava tanto, andava para sentir o ar transparente, olhar o pomar que veio com a casa, colher alguns frutos, observar os ciprestes e pinheiros ao longe. Nos arredores, havia balir de sinos de cabras.

Cabras, finalmente. E galos cantando aos montes, finalmente. Pintinhos piando.

Era incrível voltar a ouvir com frequência o som de tantos animais andando pela Inglaterra, fornecendo seu leite fresco para alimentar os bebês, sua lã para nos esquentar.

Suspirei fundo, era hora de ir ou me atrasaria.

Ao chegar na festa do Peterson, eu estava sentada numa das cadeiras, muito ereta. Os sapatos de saltos grossos se dobravam junto de meus tornozelos, e eu provava de um delicioso refresco de amoras, examinando de meu jeito tímido as pessoas sorrindo, satisfeitas.

Estava de cabeça erguida, como sempre me foi ensinado. Minhas emoções contidas. Eu me julgava uma pessoa extremamente controlada, até eu me sentir em frangalhos, é claro.

As senhoras da cidade me olhavam com interesse, e me deixavam

confortável, apesar de saber que estavam muito curiosas. Uma moça solteira morando sozinha sempre despertaria mais curiosidades do que costume, mas ali, haviam poucas perguntas pessoais, graças a Deus.

Ah, como eu amava a discrição! Tinha pavor das línguas mexeriqueiras... Havia sido vítima da língua má e a imaginação fértil de algumas pessoas e seus medos infundados e excessos de pudores... Desejava uma vida nova naquela cidade, sem gente linguaruda imaginando coisas ao meu respeito por eu ser como eu era: reclusa.

Observava toda aquela polidez inglesa que tanto apreciávamos, a gentileza calculada, as risadas estudadas, os diálogos agradáveis.

— Está a seu gosto, senhorita Cooper, o suco? — perguntou a Sra. Stapleton se dirigindo a mim.

Ela era loira e rechonchuda e há pouco me dissera que adorava caminhadas matinais, e fazia deliciosas massas caseiras. Percebi nela um forte acento ao falar e descobri que ela era filha de italianos. Eu sorri com a familiaridade. Era bom lidar com pessoas que tinham traços do ardor latino no sangue. Nem sempre eu conseguia ter o clássico temperamento inglês, com mãe e avó francesas e aquele nome: Aimée... Amada...

Minha postura inglesa era fria, mas o coração herdei de minha mãe francesa, embora ela tivesse morrido quando eu tinha 5 anos, e meu pai

pouco tempo depois.

Minha mãe morrera, mas me deixara seu coração choroso e passional, por mais que o negasse. Com o tempo, porém, aprendi que não se nega facilmente uma natureza. Ela arrebenta de alguma forma, quando você a prende.

A nossa natureza latina costumava ser forte e indomável, e aquilo me assustava.

— Sim... Está delicioso! — falei, sorrindo, vendo que, de uma forma benéfica, estava estreando uma amizade com aquelas simpáticas senhoras enquanto dava pequenos goles no suco.

— Gostou dos merengues? Jodie que fez, não foi querida? — falou a Sra Stapleton para a moça ruiva e sardenta que estava na cadeira da frente, que não aparentava ter mais de 18 anos.

— Estão deliciosos! Parabéns, Jodie! — falei, sorridente, tentando ser simpática.

A moça sorriu em resposta, parecendo orgulhosa de seu feito.

— Usei ovos frescos e açúcar de confeitiro! Arrumamos favas de baunilha! Plantamos no quintal e estocamos para antes do inverno chegar! Posso depois dar algumas favas para a senhorita fazer bolos e doces, caso deseje, Srta. Cooper.

— Oh! Eu amaria! Que gentil, Jodie! — falei, sorridente... eu realmente amava bolos e doces e favas de baunilha seriam simplesmente um sonho! Meus olhos se arregalaram de prazer! Eu amava comer! Tinha de haver algum prazer nessa vida!

Então que fosse empanturrar a barriga de comida!

Meus prazeres tendiam a ser, então, comida e música...

— Estamos animadas com as lições de francês para as crianças, senhorita Cooper! Que bom ter uma professora versada em outras línguas! Além de ensinar as crianças o básico, ainda teremos esse privilégio! Estamos tão contentes! Que sorte de nossas crianças! Aliás, como se diz framboesa em francês? — perguntou a amiga da Sra. Stapleton, Sra. Martin.

— *Framboise!* — respondi, tentando soar prestativa e solícita.

— Oh, é tão bonito! — ela disse, sorrindo, enquanto um grande gole no suco fresco e doce.

— Queria muito aprender acordeon, Srta. Cooper! É a cara da França! — disse Jodie, feliz.

— É um belo instrumento, Jodie, e, realmente, a cara da França — disse, ainda sorridente olhando para a moça que tinha uma espinha na ponta do nariz.

Estava tomando o suco quando as duas pareciam se agitar e olhar

para a porta. Alguma coisa, ou melhor, alguém bastante chamativo havia ter chegado. A sala se tornou agitada, e fez-se um pequeno silêncio, quase reverente.

Todos se tornaram agitados, em verdade.

— Oh, *ele* chegou! — Ouvi-as dizer quase ao mesmo tempo.

Ele? perguntei-me. Quem seria o responsável por toda aquele faniquito feminino?

Elas pareciam, as mulheres, realmente ouriçadas. Fiquei atenta para saber a causa daquele rebuliço, estreitando os olhos para enxergar melhor.

De onde estava, então, observei um homem alto e forte entrar, de modo confiante. Seus cabelos caíram na testa, e um brilho em seus olhos, mesmo dali, um pouco ao longe, era perceptível.

Estava usando terno e os sapatos eram lustrosos. Demasiadamente lustrosos. Mas havia algo nele com um ar terrivelmente mundano.

Escorreguei meus olhos rapidamente por aquele homem impactante, e me censurei naquele mesmo instante por ter incorrido nesse erro, virando o rosto em seguida.

Algo em mim se remexeu na hora. Algo poderoso e inquietante.

Mon Dieu!

Eu me senti como uma corça sentindo as mãos de um caçador empunhando uma arma.

Algo ancestral nas mulheres, algo feminino, algo dos tempos de Eva, manda avisos de perigo para uma mulher.

E aquele homem, do jeito que todos pararam para olhá-lo, até eu, parecia ser um delicioso perigo.

Na mesma hora, quase trêmula, peguei um copo, e dei um bom gole de suco, mas eu sabia que um copo não era uma boa proteção. Especialmente quando estão quase vazios.

Antipatizei quase instantaneamente com a figura que a acabava de adentrar na sala.

E levantei o dedo mindinho e dei de ombros, enquanto bebia, fingindo um desdém que no segundo seguinte, infelizmente, aquele homem com sua magnética presença quebrou.

Sentia meu orgulho se espatifar: eu precisava olhá-lo.



Capítulo 3

Não, Aimée! Não olhe, não olhe!

Claro que olhei.

Mon Dieu!

Vendo atrás do copo, observei-o. A curiosidade era um pecado, mas somos todos pecadores.

Senti um estranho frenesi.

Que droga, não estava perto o suficiente... Tentei não esticar o pescoço.

Moças recatadas e elegantes não faziam isso. Ele certamente tinha menos de 40 anos. Ainda não havia nele fios grisalhos. Talvez 35?

Percebi que se movia de modo sofisticado, embora houvesse algo de nitidamente rústico em si. Notei que seu cabelo era mais comprido do que a moda permitia, e seus lisos fios caíam um pouco sobre seu rosto, o que era incomum para a época. Observei que suas mãos bronzeadas agarravam uma grande garrafa que parecia ser de vinho.

Sim, era vinho. E parecia haver mais do precioso líquido que ele trouxera.

As pessoas se levantavam para cumprimentá-lo, alegres de que ele tivesse trazido bebida para o festejo. Pareciam gratas.

E como não ser? Parecia um vinho caro.

A chegada dele parecia um pequeno espetáculo. Só pessoas com forte carisma ou que inspirassem confiança faziam com que as pessoas o notassem daquele jeito. Ele parecia ter os dois, tinha de admitir. Havia algo de arrogante no seu queixo que tendia a deixar os demais subalternos. Aquele detalhe não me escapou: debaixo das roupas elegantes, do terno de 3 peças, havia um ar rude e esnobe que exalava uma calma confiança.

— Ele é maravilhoso, não é mesmo? — disse um suspirante Sra. Stapleton. — Aqueles ombros, ai! Tão fortes! Ombros de lenhador! E como é sofisticado ao mesmo tempo!

Olhei-a e quase fiz uma careta.

— Que delícia de homem que é o Sr. Page! — Jodie suspirou como a adolescente bobinha que era.

As outras pareciam dizer bobagens parecidas. Por Deus, era só um homem!

Confesso que, retesada na cadeira, fiquei ainda mais curiosa com o pequeno descontrole das senhoras por aquele homem que guardava aquela selvageria interessante, carnal, enquanto estava vestido com tanto aprumo.

Todos os homens estavam com sua casaca ou terno mais simples. Horsham era uma cidade empobrecida.

Ele viera simplesmente com colete e gravatas de seda. E aquilo aumentava logicamente a aura de interesse sobre ele.

Ele parecia acostumado a chamar atenção, e aquilo parecia apropriado para ele. Ele realmente era chamativo.

Aquilo me incomodou, saber que era um homem que tinha conhecimento do quanto atraía, mas infelizmente, eu me juntei às outras pessoas curiosas, espreitando-o mais do que deveria.

Foi quando o olhar dele se fixou em mim. Olhos que pareciam daquela distância ser claros, mas, ao mesmo tempo, tempestuosos. Como frio metal cortante. Ele então os estreitou e vi naquele olhar um mais que claro perigo. Mas um perigo diferente. Não do tipo que me fazia tremer de horror, mas um perigo que me atraía. Como eu suspeitava, era aquele olhar felino e experiente que desarmava mulheres. Ele me olhou intensamente, como se eu fosse qualquer coisa a ser dissecada.

Era um olhar de genuíno interesse. Por alguma razão que eu ignorava, eu parecia causar algo naquele homem. Ele não tirava os olhos de mim. Aqueles incríveis olhos com um brilho misterioso.

E por alguma razão mais desconhecida, eu demorava a desviar meus

olhos, talvez impressionada pelo jeito completamente desavergonhado que ele me olhava. Deveria ser um libertino.

Mas havia algo mais, como se reconhecesse aqueles olhos de um outro tempo, uma outra vida. Aqueles olhos não me eram estranhos, e o poder que eles tinham sobre mim nesse instante, também não eram desconhecidos. Eu estava arrepiada e era como se aquele olhar já tivesse me arrepiado antes, já tivessem derramado sobre mim sua magia.

Céus, eu era cética. Era cristã, mas cética. Não acreditaria em coisas assim. Mas alguma coisa nele me parecia familiar.

Talvez fosse a forma íntima, predatória com que ele me observava. Como se me reconhecesse.

Aquela não era eu. Eu não responderia o olhar assim de um homem, jamais. A verdadeira Aimée Cooper já teria enfiado a cara no chão.

Meus joelhos tremiam. Eu fraquejava. Suspeitei que estava de lábios entreabertos, incontidos.

Sim, de boca aberta, como uma idiota.

Oh, por Deus... ele, ele sorriu para mim! Um sorriso de canto na barba por fazer, o que era deselegante, mas também... era... *sexy*...

Ele era muito *sexy*, *Oh Ciel! Oh, Mon Dieu!* Ele iria pensar que eu era uma daquelas tolas mocinhas empolgadas e oferecidas!

A coisa estava piorando, e piorando rápido. Por que me incomodava tanto, por que aquela estranha agonia em meu peito, como se visse algo que tinha um poder estranho sobre mim?

Tomada pelo horror daquele atrevimento, e mais ainda horrorizada pela minha reação, no mesmo instante baixei os olhos para onde segurava o copo com o resto do suco, e me senti muitíssimo envergonhada.

Meu peito estava fervilhando de angústia.

Fui pega olhando com curiosidade um homem que não conhecia, fazendo parte do coro das mulheres que pareciam olhar como se ele fosse um pedaço de carne suculento exposto. E ele sorria para mim, como teria sorrido para uma dessas mulheres fáceis que devem se derreter para ele!

Sorrira daquele jeito torto e atraente, como o Diabo gosta...

Eu não podia acreditar que fizera aquilo. Remexi-me na cadeira, desconfortável, olhando para meus dedos magros, para as unhas curtas e polidas.

Quanta falta de decoro de minha pare! Fechei os olhos de tanta vergonha. Um forte rubor coloria minhas faces.

Nunca, nunca, nunca... eu nunca deveria me permitir algo assim, mas fui uma tola, e ainda uma tola pega em flagrante...

Ou seja, duplamente tola.

Olhei para a mesinha que estava na minha lateral, e peguei o pequeno bolinho de merengue que estava lá que ainda havia restado, e o coloquei na boca de uma vez, mastigando-o na esperança do doce tirar o nervoso. Lambi os lábios para tirar a cobertura glaciada da boca. Gostaria que homens não me deixassem nervosa.

Mas aquele homem, Santo Deus... Ele tinha ido muito além de me deixar nervosa. Eu simplesmente não sabia explicar.

Fiquei ali por alguns minutos, desconsertada em silêncio, batendo meus pés, impaciente, quando uma voz nova das mulheres me chamou a atenção.

— Ele é tão viril, o Senhor Page! E tão gentil! O vinho está excelente! Há quanto tempo não tomamos um vinho tão bom! — Escutei outra mulher falando, com aquele ar tolo de encantamento que me irritava.

— Só queria saber onde ele arranja coisas tão finas!

— Ouvi dizer que ele é contrabandista! Por isso parece ter tanto dinheiro! — Jodie sussurrou, rindo.

As outras deram uma risadinha. Vida social poderia não ser muito discreta, realmente. Seria melhor eu evitar festejos daqui por diante. Que irritante essa conversa dessas mulheres.

— Mesmo? Não acredito! Ele é tão gentil! Mas realmente, é tão

misterioso...E tão galante! Ele sempre ajuda mamãe com as compras quando está na cidade! E sempre dá ótimas gorjetas aos garçons, e até já pagou algumas dívidas pequenas nos mercantis!

— É mesmo, Sarah? Dizem que ele é ótimo dançarino, mesmo que manque um pouco! Dizem que foi condecorado na guerra, que quase morreu!

— Jodie falou

— Ai, eu não duvido! Ele parece um herói! E é sempre tão sério, tão cheio de segredos... Será que ele dançaria comigo hoje? Ele quase nunca dança... — Uma voz tola de uma juvenzinha ressoou.

— Se ele for dançar hoje será comigo, não com você, sua atrevida! Dançará Artie Shaw comigo! Cantará para mim! — Uma outra juvenzinha falou, de nariz empinado e tom brincalhão.

E ouvi risadinhas femininas safadas.

Como estavam sendo ridículas, e eu mais ainda, importando-me de ouvir sobre aquele homem igualmente ridículo. Ele era o quê? Cary Grant?

Porém, sentia a roupa, mesmo larga no peito, ficar apertada, e parei para aprumar a gola simples, tentando alargá-la. Eu me sentia sem ar.

Foi quando não resisti e olhei novamente. Ele conversava com alguns senhores, alegremente... Tomando de vinho. E, maldição, ele virou o rosto. Ele estava me olhando... De novo.

E ele era melhor que Cary Grant.

Era como se ele percebesse a força magnética do meu olhar estúpido... E então sorriu novamente. Um sorriso largo, charmoso, exibindo os brancos dentes enfileirados.

Burra, burra, burra.

E vi uma zombaria no seu olhar dessa vez, e me senti derrotada, contraindo-me por inteiro, sem jeito.

Estava realmente disposta a odiá-lo para todo sempre. O desgraçado estava zombando de mim.

Foi quando percebi que as senhoras e as moças ao meu redor notaram que estávamos trocando olhares e começaram a dar uma risadinha.

Olhei para elas, quase disposta a dar um basta naquilo e esperar que se contivessem e me respeitassem,

Mas, ai meu Deus... ele estava vindo em minha direção!

Fiquei tensa como um poste, sem conseguir me mexer de aflição, apenas sentindo um leve tremor nos dedos. Ele mancava muito pouco, era quase imperceptível, e aquilo dava uma aura respeitosa a ele, estranhamente. E uma lentidão sensual. Um ferido de guerra?

O queixo voluntarioso, o olhar sombrio e orgulhoso dele dizia sobre isso. Um orgulhoso herói de guerra, talvez.

Eu me sentia suar.

De repente, aquele homem ousado estava ali, na minha frente. E nada me tirava da mente que ele teria vindo ali justamente por minha causa. E fui obrigada a me levantar junto das outras mulheres para cumprimentá-lo e percebi que ele era ainda mais alto perto de mim.

Oh Deus... Ele era alto, forte, cheirava bem e seu corpo emanava um calor que me tonteou. Não consegui encará-lo.

Meus olhos pararam em seu peito, que subia e descia.

Que gravata bonita.

Algo me dizia que ele estava olhando diretamente para mim. Algo me dizia que eu era um ratinho sendo testado.

Bem, ratos podem morder às vezes.

Homens grandes me deixavam naturalmente desconfortáveis, mas sentir ele tão grande perto de mim me deixou mais desconfortável ainda. Eu não era baixa, tinha estatura média, mas me senti miudinha naquele instante.

Senti um cheiro de vinho e de vetiver vindo dele. Conhecia bem aquele cheiro de vetiver. Um cheiro antigo, dos tempos de bonança, antes da guerra, que meu pai usava antes de morrer num acidente de trabalho quando eu era criança.

Havia algo a mais também. Flores caras. Um *mix* delas. Ele usava

um perfume caro, certamente. Mais uma ostentação para aqueles tempos. Como não antipatizar com ostentadores?

— Senhoras, senhoritas, boa noite... — ele disse, cortês, a voz grave, densa e quase luxuriosa, fazendo uma mesura, lançando olhares para as mulheres suspirantes.

Que voz ! Arregalei os olhos, comigo, enquanto fitava minhas mãos pálidas e entrelaçadas e mordiscava meu lábio, tensa.

— Senhor Page! Que honra! — Ouvi a senhora Stapleton falando.

Levantei meus olhos devagar, ao sentir que ele estava concentrado fazendo as devidas deferências à senhora Stapleton.

Percebi que ele a cumprimentou, assim como cumprimentou rapidamente as outras moças.

Elas se apressaram a falar sobre o vinho, sua boa qualidade.

— Oh, Senhor Page! Como o senhor traz tantas coisas deliciosas! Estamos tão maravilhadas! — uma delas disse.

— Sim, senhor Page! Queremos saber de onde o Senhor tira dinheiro para essas coisas! — Jodie falou, destemperada como era, numa risadinha.

— Jodie! — Ouvi a Sra. Stapleton falar, recriminando-a

Foi quando ouvi a risada pagã e deliciosa de Sr. Page. Olhei-o

furtivamente, já que agora se dedicava a falar com a pequena e loira Jodie, num sorriso amável e o ar casual. Era um belo perfil, pensei. Ele estava com uma das mãos no bolso, percebi. E a visão periférica que tive de seu dorso que parecia musculoso me deixou ainda mais sem ar.

— Posso ser mafioso, querida! Ou simplesmente investir na Bolsa, que tal? Posso ser um espião da KGB! — ele brincou, com as sobrancelhas arqueadas, charmosamente.

— Ah, o senhor seria tão perigosamente formidável assim? — Jodie falou, brincando.

— Oras, por que não? Acha que eu não seria capaz!? — ele continuava, debochado.

As senhoras riram.

— Acho que adoraria ver qualquer coisa que o senhor é capaz de fazer! — a jovem e animada Jodie falou.

— Jodie! — A Senhora Stapleton a censurou mais uma vez. — Comporte-se! Não é o jeito de uma menina educada se portar! Perdão, Senhor Page! Os jovens, sabe como eles são...

— Deixe-a! Ela é apenas jovem e curiosa... Garanto que sou inofensivo, senhoras. Perfeitamente respeitável, até que me peçam o contrário, é claro! — falou, cheio de ironia charmosa.

Que humor terrível!

As senhoras riram e falaram algumas coisas idiotas, e ele respondeu coisas mais idiotas ainda. Estava francamente feliz de ser ignorada, de não ter de participar daquela conversa sórdida, mas algo me dizia que, do canto do olho, ele estava atento ao mínimo sinal que eu fazia, percebia até minha respiração nervosa. E quanto mais meu instinto me dizia isso, mais nervosa eu ficava.

E eu não estava errada. Nem de longe eu estava sendo ignorada.

Foi quando então voltou seu olhar para mim, em expectativa ansiosa. Aquele olhar fixo. Olhava-me como se eu fosse alguma coisa milimetricamente a ser estudada.

Olhou-me com aquele olhar pagão. Com toda força que um homem visivelmente sedutor e selvagem sabia olhar.

Algo em mim se tornou geleia.

Suas sobrancelhas se juntavam, seus olhos estavam cada vez mais estreitados. Cinzas metálicos. Frios e quentes ao mesmo tempo.

Ele inclinou um pouco a cabeça, como que procurando algo familiar no meu rosto, e estranhamente, algo me parecia familiar também, mas eu jamais antes vira aquele homem. Que estranho!

Suas narinas se abriam. Parecia estar querendo sentir o ar ao redor de

mim, aspirando meu cheiro.

Lembrou-me um cão farejador. E eu não era uma maldita caça! Era uma dama! E ele parecia um devasso!

Meu rosto queimava e eu apertava meus lábios de nervoso. Foquei os olhos em sua barba por fazer. Era uma espessa e escura barba querendo sair num queixo largo. Sentia que minha voz, se tivesse de sair, seria embargada, de orgulho ferido e espanto.

E então rapidamente, sem poder me conter, eu direcionei os olhos em seu peito, para os músculos que pareciam bem esculpidos ali. Percebi então que seu peito amplo tinha uma respiração um pouco acelerada.

Sim, eu o afetava. Nós nos afetávamos. Era um momento terrivelmente tenso. E pior que todos estavam em silêncio vendo aquilo.

Quando retornei meus olhos para seu rosto, seu belo rosto másculo, notei que ele sentia meu olhar interessado.

Ele então passou a sorrir com os olhos, como se estabelecendo alguma intimidade ali, embora sua boca continuasse séria.

— E então, o que temos aqui? - indagou, com um olhar direto e canalha. — Uma bela moça? — Sorriu. — Tudo bem, senhorita?

Olhei-o, cheia de antipatia.

— Tudo bem — respondi secamente, cruzando os braços.

Vi-o engolir saliva lentamente, os olhos perseverantes, injetados de interesse e acompanhei o movimento do pescoço forte.

Sim, ele era alto e forte.

Sentia minha garganta ficar seca. Não consegui ficar fria por muito tempo.

Um arrepio percorreu minha pele ao vê-lo movimentar o braço. Os músculos se retesavam. Meu senso de proteção estava atizado em modo alarmante, e olhei para os meus pés, arrasada.

Vencida pelo interesse que aquele estranho homem atraente causava em mim.

A vida inteira me protegi de homens, mas agora, eu sentia que deveria construir uma muralha do tamanho do Everest.

Mais uma vez fui flagrada a olhá-lo, e fiquei um pouco em silêncio, desconsertada, tentando procurar alguma reação civilizada. Quando voltei a encará-lo, ele já dava um pequeno gole no líquido vermelho do copo que perfumava o ar, e levantou então o copo para mim, como se me saudasse.

— Aceita vinho, senhorita? — ele perguntou, com voz grave. O tipo de voz que atormenta um corpo feminino em lugares nada discretos. Que vibra poros.

O sorriso cínico ainda estava lá, e o olhar agora claramente

malicioso.

Neguei com a cabeça, enervada.

— Não — informei mais uma vez em tom seco e antipático.

Olhei para o lado, e vi as mulheres todas nos observando, espantadas.

Que vontade de falar um palavrão!

— Que pena. Acho que a senhorita combina com um bom vinho. Com um *delicioso* vinho, na verdade — disse, ao dar mais um gole, e percebi o quanto ele frisou a palavra delicioso e que seus olhos fizeram uma rápida inspeção por mim.

Meus olhos se arregalaram novamente. Insolente!

Maldito. Na frente dos outros dizendo coisas que sugerem vulgaridades?

— Oh, Por Deus! Como pude esquecer de apresentá-los! Que péssima estou sendo com os senhores! — Ouvi a Sra. Stapleton dizer, sem graça...

— Não se preocupe... — ele disse- Uma hora, fatalmente, nós nos cruzaríamos... Ou eu me encarregaria de cruzar com a senhorita, certamente- *disse, num sorriso cínico.*

Aquilo me fez levantar um olhar indignado. Sim, eu o encarei em desafio.

— Senhorita Aimée Cooper — falou por fim a Senhora Stapleton, limpando a garganta, dando-se conta, provavelmente, da situação embaraçosa. — Gostaria de que conhecesse o Senhor Adam Page. Ele nos trouxe esse vinho maravilhoso. Está conosco há algum tempo na cidade. É um homem gentil e muito culto, senhorita, como pode perceber.

O jeito que ele me olhou ao ser apresentado, era quase... quase erótico...

— Que exagero, Senhora Stapleton — ele retrucou, ainda sem tirar os olhos de mim. O sorriso tomou todo seu rosto.

Respirei fundo com aquilo.

E os olhos dele eram cinzas, azuis acinzentados. Pude ver bem. Algo naqueles olhos me intrigava... Não deixava de haver algo cada vez mais familiar ali nele. Que esquisito.

Seus olhos pareciam muito experientes. Olhos argutos e inteligentes. Olhos que poderiam pertencer a um homem cruel que sabia viver. E aquilo me irritava de uma forma que não podia conceber quanto.

Estendi minha mão para ele, de queixo erguido, e ele a envolveu com delicadeza.

Ele tinha mãos frias, que, de repente, se tornaram quentes.

Ele se curvou e beijou minha mão suavemente, e seu cabelo caiu no rosto enquanto se curvava, fazendo os fios roçarem de leve em minha pele nua. Aquele contato não deveria fazer minha espinha ter calafrios, mas fez. A umidade daqueles lábios finos também deixou alguma coisa proibida em mim ardendo, e algo familiar me tomava, estranhamente. Muito estranhamente.

Eu respirava com dificuldade e sentia redemoinhos de algo inominável no meu ser.

— É um prazer — ele disse, por fim, a voz grave e firme, ainda segurando minha mão, com um sorriso preguiçoso nos lábios.

Sua voz era bonita, e eu quis xingá-lo por isso, mas apenas disse:

— O prazer é meu.

A mão dele segurava a minha, e juro que senti uma ponta de dedo deslizar na superfície sensível de minha pele.

Vou matar esse homem se não morrer aqui agora mesmo por esse atrevimento.

O Sr. Page parou um pouco, observando-me, com curiosidade, até dizer sem parar de me fitar.

— Acho que somos vizinhos.

— Quê? — perguntei, boquiaberta, soltando sua mão.

O que era aquilo em seu rosto? Estava rindo de mim? Não sabia se sentia ódio, ou se simplesmente continuava ali, chocada.

— Isso mesmo que a senhorita ouviu. A casa ao lado, moro lá. Cheguei hoje, estava viajando a trabalho. Sempre faço isso: viagens a trabalho. Fico honrado de fazer companhia ao seu lado. Há poucos vizinhos na redondeza, poucos homens. Estou feliz de finalmente poder conhecer minha nova vizinha.

Seu sorriso tinha um quê de zombaria. E ele continuava a me olhar daquele jeito com a cabeça inclinada e curiosa, ainda parecendo me cheirar.

Engoli em seco. Acho que eu teria problemas. Aquele homem, meu vizinho? E eu não queria problemas. Não queria um homem de olhar cobiçoso e sorriso fácil morando ao meu lado.

Eu escolhera aquele lugar mais afastado da cidade para ficar na mais perfeita paz sem ser incomodada, mas suspeitava que aquele homem queria criar problemas.

— Ah — disse, por fim, sem conseguir disfarçar o desânimo na voz.

Minha expressão se tornou áspera. Eu não conseguia sorrir.

— Não é bom que senhoritas fiquem sozinhas, não acha? — ele completou enquanto as senhoras nos observavam como as abelhas curiosas

que eram, catando coisas para depois fofocar.

Ódio, ódio, ódio. Eu odiava indiscrição!

Abri em seguida minha boca para dizer algo muito, muito descortês.
Mas me calei.

Minto, não me calei.

— Não, eu não acho que não possam ficar bem sozinhas. Em verdade, acho que mulheres podem viver muito bem sozinhas.

Ele apenas ergueu uma sobrancelha de modo arrogante, em resposta, como se achasse curiosa a minha reação e me estudasse mais uma vez.

— É mesmo? — perguntou, com mais zombaria.

Parecendo perceber o clima pouco amistoso, a Sra. Stapleton nos interrompeu:

— Que bom que já foram apresentados os dois! Tenho certeza que serão bons vizinhos!

O Senhor Page me olhou, e vi aquela zombaria estranha em seus olhos novamente.

Bandido

— Ah, eu tenho certeza que sim, nós nos daremos muito, muito bem, eu e a Senhorita Cooper... — ele disse lentamente.

Tomou então um gole do vinho que trazia, sem tirar os olhos cínicos de mim.

Resolvi conter minha língua daquela vez e não responder ao desaforado.

Aliás não me contive novamente.

— Já eu não tenho tanta certeza assim.

— Certezas foram feitas para serem quebradas, Srta. Cooper — falou, sério.

Meus ombros se retesaram em desafio. O sorriso dele era adoravelmente cínico.

—Bem, senhoras... — falou, por fim, desviando o olhar de mim. — Se me permitem, preciso conversar com outras pessoas. Foi extremamente prazeroso conversar com damas tão amáveis. – Seu olhar se fixou em mim. — Estou encantado com tanta gentileza.

—Ah, que pena...! Uma companhia tão agradável! — A Sra. Stapleton quase suspirou.

—Meus respeitos... Até uma próxima hora, passem bem — ele disse, voltando-se para as mulheres com cortesia. E eu tinha plena consciência que ele sentia aquela adoração pueril e feminina.

Que raiva. Levantei meu queixo, irritada.

Dedos compridos passaram por seus cabelos, aprumando-os, e camadas caíam sobre seu rosto, e ele se dirigiu a mim, novamente, inclinando-se com uma leve reverência.

— Senhorita Aimée Cooper... até breve...

E se foi com seu andar elegante.



Capítulo 4

Ufa, respirei..., mas não consegui relaxar por toda noite. Não depois daquilo, daquela presença irritante daquele homem que conseguira me afetar e, para piorar a situação, seria meu vizinho.

Afinal, tudo sempre poderia piorar..., mas eu não iria me irritar e perder minha festa, não mesmo.

Já seria difícil o suficiente lidar com esse perigoso Sr. Page sendo meu vizinho. Santo Deus... A possibilidade de tê-lo por perto. A possibilidade não, a realidade: ele seria meu vizinho!

Não pude deixar de sentir meus dedos trêmulos.

Ainda sentia queimar na mão onde ele pousara seu dedo. Aquele dedo insolente.

Cafajeste...

O que aquele homem tinha na cabeça? Aliás, o que eu tinha na cabeça para ficar lembrando da sensação daquele toque?

Mas estava lá, formigando. Um simples toque...

Foi difícil ficar ali, por fim, sorrindo e fugindo de sua presença o máximo que podia. Durante nossa permanência ali, ele me olhou de rabo de

olho não mais que duas vezes, e eu prontamente virei meu rosto, irritada, com o nariz de modo mais empinado possível, para que ele sentisse meu desprezo.

Hum!

Na terceira vez, porém, eu que fui a tola e o olhei novamente. Não resisti. Aquela atração magnética, estrangulante, que fazia suar meus dedos. Demorou um tempo para ele me notar, mas quando ele me notou, estranhamente, dessa vez, os olhos cinza escuros se tornaram frios, e ele me virou o rosto sem pestanejar, concentrando-se na conversa que estava tento, levando um canapé a boca.

Algun lugar dentro de mim lamentou aquela pequena rejeição, embora eu soubesse que não deveria lamentar.

Porém, uma estranha tristeza me tomou, então. Senti meus ombros caírem um pouco.

Bem, eu não poderia flertar. Jamais. Deveria me alegrar que um homem daquela estirpe, provavelmente um fanfarrão libertino, tivesse tido o bom tom de me ignorar.

Eu deveria comemorar qualquer afastamento masculino, afinal. Não era fácil uma mulher solteira se defender numa sociedade tão rigorosa e tão cruel com mulheres sozinhas.

Minhas experiências sempre tinham sido difíceis até ali.

Eu podia me poupar de certas dores.

Quem sabe ele havia desistido antes de começar, pensei, tentando me tranquilizar.

Felizmente, ele havia se recolhido com os demais cavalheiros numa sala particular, para ter as tais conversas masculinas e fumar.

Os homens estavam realmente ouriçados com a volta do fabrico do cigarro, a normalização do comércio de fumo e agora, podiam degustar o tal vinho caro do Senhor Page.

Fiquei então por lá, ainda por mais de uma hora, distraída, conversando amenidades com as senhoras. Parecia realmente me sentir relaxar, finalmente, esquecendo-me um tanto daquela incômoda presença. Depois, eu me dirigiria até ao jardim do lado de fora depois de comer mais alguns bolinhos de merengue.

Estavam realmente deliciosos. E aquela mania de doces andava me engordando. Daqui a pouco iria precisar de roupas novas se não me cuidasse.

E roupas novas ainda eram um luxo caro para uma simples professora do interior como eu.

Tomara me trouxessem mesmo as favas de baunilha, pensei mesmo assim, já que não resistia a uma gulodice.

Ademais, eu precisava tornar aquele lugar onde eu estava um lar.

Usar minhas panelas de cobre e ágata.

Perfumar o ar daquela casa com baunilha. Eu tinha um poleiro e algumas aves. Eu tinha muitos ovos. Daria para fazer belos bolos com coberturas de açúcar e claras com aquele toque abaunilhado. Hum...

Lambia meus dedos como uma criança comendo aqueles bolinhos sem parar. Pus mentalmente a culpa naquele homem. Ele estava me deixando nervosa.

Respirei tentando me acalmar. Eu estava nervosa demais, *Mon Dieu!*

Ele se mantivera junto dos outros homens longe de mim... Pude relaxar um pouco, finalmente.

Vai ver eu tinha visto coisas. Ele me virara a cara, não é mesmo?

Vai ver eu estava imaginando que ele me olhava e que me parecia familiar. Até onde sei libertinos apontam para todos os lados, sem se importarem.

Não havia uma entidade do mal que havia me mandado aquela emboscada de mais ou menos 1,90m, ombros largos e um adorável sorriso torto.

Era só minha imaginação.

Eu tendia mesmo a exagerar e me afastar de homens e a sentir horror com sua presença. Mas havia realmente algo diferente na forma como Adam

Page me incomodava.

Não era repulsa que eu sentia, era uma vergonhosa atração, e na minha realidade, aquilo era imperdoável. Ainda mais sentir aquilo por um sujeito que se portara de forma tão insolente e atraía tanto a atenção de mulheres solteiras e casadas.

Mas a verdade é que lamentava que não o sentisse mais em meu encalço, olhando-me.

Algo em mim queria que ele percebesse minha presença, para que então eu pudesse fugir. Contanto, porém, que me notasse.

Mon Dieu! Que pensamentos eram esses!

Aimée, como você é louca e complicada! De onde vem esses pensamentos tão impróprios e licenciosos, sua pequena sem vergonhazinha?

O fato é que ele não parecia um bom homem. E eu sabia que deveria temer maus homens. Aprendera da pior forma, e aquilo marcava fundamentalmente meu interior, como ferro em brasa, literalmente.

Eu precisava ter cuidado, ter os pés no chão e saber de minhas limitações para a vida.

Por fim, depois de me empanturrar de merengues, resolvi ficar a sós e me acalmar ao ar livre.

Lá fora, na sacada do jardim, estava iluminado e fresco, e havia

apenas umas poucas pessoas bem distantes apreciando a noite e seu espetáculo de fim de outono.

Saboreei aquele isolamento, inspirando.

Tão diferente de Londres era Horsham, tão terrivelmente diferente do mundo de 5 anos atrás, cheio de terror e fumaça...

Sentir cheiro de folhas, vinho e assados, e não de coisas queimadas e morte... Poder comer guloseimas quando nervosa...

Sentir prazer e não fome... Como não amar o campo, como não ser grata à vida, como não sentir esperança? Como não amar as raízes se mostrando fortes, perseverando?

Sentia um sorriso esboçar em meu rosto. Estava tranquila ali, no meu momento íntimo.

A leve brisa batia em meu rosto, uma brisa úmida, do tipo de quando se ameaçava chover, despenteando um pouco meus cabelos, e relaxei olhando o bonito jardim da casa dos Peterson, os donos da festa. Os sons das vozes e música alegre que ressoava iam se tornando confusos, distantes, misturando-se com o vento e o barulho de suas folhas. Ao longe, Gary e Bing Crosby ecoavam. Rodeei meu corpo com os braços. Estava ficando bem frio. Talvez devesse ter mesmo pegado um bom casaco...

Foi quando tive aquela estranha sensação de que algo estava ali

comigo. Ou alguém... Minha respiração falhou naquele instante.

— Que paisagem bonita — Uma voz baixa e grave atrás de mim ressoou.

Senti aquele timbre forte e rouco por toda espinha. Aquela voz... Aquela cheiro de vetiver evolvendo.

Oh, não...

Passos anunciaram uma aproximação, um calor de corpo se aproximando me deixou alerta e voltei a me sentir tremer.

Instintivamente, eu me abracei mais forte, buscando proteção. Virei o rosto devagar e vi a sombra alta.

Alta e quente contra aquele frio.

Respirei fundo. O cheiro dele se confundia com a noite. A presença dele parecia penetrar em cada poro. Eu estava realmente arrepiada.

O Senhor Page por fim parou e se posicionou então ao meu lado, pondo elegantemente as mãos para trás.

O modo galante, sério, imperturbável. Os olhos, porém, tinham aquele brilho insinuante.

— Não acha uma paisagem adorável? — ele perguntou, olhando-me pelo canto do olho. Os lábios finos e sensuais estavam num meio sorriso.

Entreabri minha boca, nervosa. Seu olhar me prendia de forma incompreensível. Havia o brilho do luar em seus olhos. Aquela cor agora se tornara quase translúcida, transmitindo a sensação úmida e cativante da noite. Olhos banhados de prata.

Impressionantes.

— Sim... é adorável — respondi, tentando soar calma. Mas sentia minhas pernas tremerem, e minha respiração entrecortada.

Apoiei-me com cautela no parapeito, tentando não cair.

Adam Page era adorável, disse a mim mesma, ainda estranhamente presa pelo fascínio natural que ele exercia.

Não gostaria de conversar com aquele homem. Eu suspeitava que seria conduzida a falar de coisas que não queria, e seria a obrigada sentir coisas que não deveria.

Aquele miserável tinha lançado algum tipo de feitiço que me laçara.

Ele se virou para mim, ficando de frente e me olhou de cima a abaixo lentamente, deixando meu corpo em chamas.

Um olhar direto e incisivo. O jeito mais desavergonhado e explícito do mundo.

— Acho a paisagem estonteante, senhorita Cooper. Verdadeiramente estonteante. Pude verificar a noite inteira. Só gostaria que estivesse melhor

iluminado, mas, são as consequências da guerra essa má iluminação. Sinto pela escuridão da festa. Garanto que à luz do dia, eu a veria muito melhor. — disse, sorrindo

Fiquei olhando-o ali, boquiaberta, perguntando a Deus como podia existir um tão homem descarado assim no mundo, e pior, eu o conhecia há poucas horas e a presença dele me faz ter ideias vagas, sensuais e sórdidas que jamais poderia me permitir no meu mundo.

Eu estava adorando o descaramento dele, e ao mesmo tempo, era como se esperasse por aquilo.

Parecia a coisa mais natural do mundo.

Eu teria de fazer algo contra aquilo. Não era certo. Eu deveria odiá-lo por ser tão safado.

Não disse nada. Mas meu corpo traidor disse tudo o que não deveria dizer, tremulando. Era absolutamente certa, absolutamente sólida aquela verdade: aquele homem me atraía terrivelmente e eu deveria cortar qualquer aproximação naquele momento mesmo ou estaria perdida.

Eu tinha que dar umas patadas nele, fazer-me respeitável. Ele era um sujeitinho muito atrevido.

Respirei fundo, preparando-me para atacar, cheia de mim.

Mas antes que eu pudesse dizer algo, que eu pudesse dizer a ele

minha fingida indignação, pois lamentavelmente meu corpo estava vibrando, ele ergueu os dedos longos, pousando-os em cima dos meus lábios.

Os dedos quentes, bem ali. Ah, aqueles dedos me desarmando completamente....

Santo Deus. Senti minha respiração cortar naquela hora, e estranhamente, a respiração dele também se cortou. Estávamos cientes do impacto que o toque nos causava.

Mais um pequeno e simples toque entre nós aquela noite, cheio de poder.

Ele pegou algo ali, em cima dos meus lábios, perto do arco do cupido, e ele aproveitou então para tocar a curva do arco, onde se faz um coração.

Senti-o soltar a respiração, enquanto me olhava, e eu também. Uma aguda sensação estava em meu estômago, e mais abaixo... pungente.

Seu toque fez-me lambe os lábios em seguida.

Essa não. Lambi de novo.

Era merengue. Que tosco. Eu estava com creme em cima do lábio o tempo inteiro.

Adam Page devia me achar uma palhaça, isso sim. Aquilo não era tensão sexual, aquilo era um homem rindo de mim.

Fiquei sem saber o que fazer, já me sentindo triste, mas então, ele levou o dedo aos seus lábios, e chupou, chupou devagar, olhando-me com intensidade e dando um sorriso lento, em seguida.

Fiquei maravilhada com aquilo.

— O merengue realmente estava delicioso. O lugar onde ele estava, parece mais delicioso ainda.

Não consegui dizer nada, tomada estava pela vergonhosa excitação e a sensação de ridículo.

O modo como ele me acariciou naquele instante parecia tão íntimo e estranho ao mesmo tempo, bem ali, na minha boca.

Baixei meus olhos, mortificada pela sensação de seu toque, incapaz de reagir a altura. Precisava me refazer do sentimento acolhedor e excitante de seus dedos tirando glacê de minha boca e lambendo.

Apesar de saber que eu deveria estar parecendo uma palhaça.

— Não deve ser uma imagem agradável uma mulher com cobertura de bolo na cara... — falei, vencida.

— Ah, eu garanto que foi agradabilíssimo de ver e *tocá-la*...

Tocar.

Ele me tocara. Ele me tocara pela segunda vez essa noite,

desarmando-me. Quando um homem toca uma mulher, a linguagem é muito clara: ele tinha segundas intenções.

Provavelmente péssimas intenções e aquilo miseravelmente me tentava.

Cravei meus olhos em Adam Page, e ele me olhava de modo tão embevecido, tão encantador, mas eu não deveria cair naquela tentação.

Então mantive minha postura firme, e resolvi falar com ar indignado. Ele tinha de me respeitar

— O senhor é um atrevido, Sr. Adam Page — falei, rispidamente, erguendo o queixo.

Isso, Aimée, mostre-se raivosa. Dê patadas.

— Talvez — ele disse, dando de ombros. — Já ouvi isso antes.

Olhei-o estupefata.

— O senhor não se envergonha de me dizer essas coisas?

— Não mesmo — disse o Sr. Page suavemente, com um sorriso cínico. — Ser atrevido não quer dizer que eu não seja virtuoso. Quer dizer que tenho coragem para conseguir o que quero. A guerra, Srta. Cooper, é mãe da coragem e madrastra da covardia. O mesmo vale para a conquista — disse, com aqueles olhos cinzas incisivos.

— Ou seja, o senhor não sabe se comportar. Os corajosos podem ser impertinentes — rebati, com o queixo ainda voluntarioso.

— Pelo contrário, moça — disse, num sorriso ainda mais torto e convidativo. — Quer dizer que sei exatamente como me comportar — ele concluiu.

Estava realmente sem saber como lidar com aquilo. Forçava-me para não falhar, encontrando a coragem que ele dizia que deveríamos ter, mas na verdade eu tremia, e suspeitava que ele pudesse ver meu tremor, apesar de estarmos na penumbra.

Vi-a o apenas sob a luz das estrelas, nós dois sendo iluminados pela distante luz agora do festejo.

— O senhor me diz coisas que só um homem de vida dissoluta diria e faria. Imagine! Achar atrevimento virtude! Coisas que só um homem de hábitos reprováveis teria orgulho de exhibir a uma mulher indefesa — falei, tentando soar cheia de pudores.

— Não, senhorita Cooper. As coisas não são simples assim. Para começo de história, não acho a indefesa, eu a acho muito armada, na verdade. — Ele riu, uma risadinha baixa.

Ria da mim! Idiota! Eu estava ficando cada vez mais avermelhada pela raiva.

Sentia minha voz falhar.

Ele não era fácil. Era um *bon vivant* debochado, ao que parecia.

Não, não era nada fácil ser encarada milimetricamente por aquele sujeito com ar devorador.

Não era fácil ser a oferenda a um Deus pagão.

— E se se quer saber, eu gosto disso, gosto muito que saiba se defender — ele completou, com um estranho brilho nos olhos, enquanto seu rosto adquiria um leve sarcasmo.

Respirei fundo para tentar responder, ignorando os elogios bregas dele, lutando para conseguir fazer a minha defesa.

— Estou aprendendo a me defender — falei, sucinta, tentando fazer que minha voz soasse dura.

— Sim, e está adorável ao aprender — Adam Page disse sorrindo charmosamente e se empertigando de um modo que quase me senti tontear.

Tão alto, tão forte... Senhor. Que corpo ele parecia ter!

Seu olhar continuava a me olhar daquele modo caricioso e penetrante.

Sentia-me horrorizada como aquilo me tocava, como se seus olhos fossem plumas percorrendo meu corpo.

Provavelmente percebendo o modo como me afetava, ele se aproximou um pouco, escorregando os dedos pelo parapeito, e reagiu repentinamente tentando me afastar da sacada, dando um pequeno gemido, como um animalzinho assustado.

Aquilo não passou despercebido por ele, que sorriu largamente ao ver como fiquei nervosa.

— O senhor deveria pedir desculpas — avisei, aflita, sentindo o coração querer sair pela boca.

Mas ele deu mais alguns passos em direção a mim, tornando-se ainda mais próximo. Deus, por favor, não permita que ele me toque novamente. Não sei se suportaria...

Fechei os olhos por um instante, desfrutando da sensação do seu calor e seu perfume, que me inebriava.

Mesmo sentindo o vento gélido contra meu corpo, um calor tomava meu pescoço. Um calor emanado de sua presença felina sobre mim, de sua figura alta, forte e intimidante.

Estava pequena sob sua sombra impressionante. Meus dedos pálidos agarraram o parapeito.

Abri os olhos e o encontrei ali ainda fitando-me daquele modo intenso e indecente.

Sentia-me tensa, respirando com dificuldade, reagindo como um cordeirinho acuado, e percebi então uma mudança em seu olhar.

De alguma forma, ele parecia entender que aquilo estava me afetando mais do que eu suportaria, e ele deu um pequeno recuo.

Graças a Deus...

— Desculpe — ele disse, então, retrocedendo mais um passo, para meu alívio. — Se isso a agrada, eu digo o que você quiser. Basta querer, e eu a agradarei — falou, a voz suave.

Fitei-o, desconsertada, soltando o ar aliviado.

Por Deus, de onde vinha esse homem louco e insistente? Por seus olhos me davam uma sensação de uma outra vida, um outro tempo, por que me arrepiava tanto, por que esses poros do meu corpo vibrando?

Apesar de tudo, ele havia pedido desculpas, então resolvi ser educada. Respirei fundo.

— Obrigada — disse baixinho, ainda hipnotizada.

— Por nada. Vê? Não sou um monstro — murmurou.

— Tenho minhas dúvidas. — Resolvi gracejar com ele, arqueando a sobrancelha, não sei por quê. Um pequeno sorriso fluiu de meus lábios.

Ele respondeu com outro sorriso, parecendo estudar meu rosto.

— Um monstro não causaria um sorriso lindo assim, não acha?

— O senhor não tem jeito, Sr. Page. — Dou uma pequena risada, sentindo-me distensionar.

— Como eu havia dito, querida Aimée, ou deveria lhe chamar *chérie*, como a adorável moça descendente de franceses que é... Nada é simples. — Ele sorriu suavemente e sua voz estava mais quente e enrouquecida.

Ele realmente era perigoso... Já havia até se informado sobre minha família. Aquilo me colocou em alerta novamente, e então me recompus, lançando-lhe novamente um olhar frio.

— É claro que as coisas são simples. — Tentei falar com um desprezo respeitoso. — O senhor está sendo impertinente. E está tomando liberdades que eu não lhe dei.

— Não, as coisas comumente não são simples. Veja você, por exemplo — falou, provocativo.

— O que tem eu, senhor?

— Afasta-se de mim, quando seus olhos dizem o contrário. Seus olhos me querem, Aimée.

Levantei então meu olhar para ele, desacreditada, e vi que me olhava em desafio sensual. Ah, eu não podia me calar diante daquilo.

Era tão deselegante e tão triste saber que ele percebia tudo o que eu estava sentindo!

— O senhor está vendo coisas, Sr. Page. Foi o vinho. O senhor está bêbado. E bêbados são ridículos — disse, tentando colocá-lo em seu lugar.

Ele balançou devagar a cabeça.

— *Tsc tsc tsc*, não, senhorita. — Um sorriso se abriu em seu rosto, iluminando-o. — Sei muito bem o que vejo. E não bebo ao ponto de ficar bêbado.

— Então acho que seu ego é enorme, senhor — retruquei, cruzando os braços, protetora.

— Hum, isso talvez. — Ele riu, feito uma besta.

Fiz uma careta sem perceber, e ele então deu uma risada.

O canto de minha boca se curvou querendo rir junto, mas eu não daria a ele aquele prazer, e me segurei.

Olhei-o então com cautela, perplexa, em silêncio, observando-o se recuperar do riso, tentando não parecer uma tola embevecida. Provavelmente estava muito corada, mas certamente a penumbra me protegia. Ao menos isso.

— Sabe, nem sempre as coisas são como parecem ser. Gosta de coisas fáceis? Interpretações simples, senhorita Cooper? Do jeito que me

olha, como se quisesse entender alguma coisa, eu suspeito que não — disse, apertando os olhos.

— O que penso ou não, isso não lhe diz respeito — respondi, sentindo-me bufar.

— Acho que me diz respeito, já que me olha com tanto interesse como a olho. É mútuo. Nosso interesse é mútuo. Nós estamos interessados um no outro, *chérie*. Nós seremos vizinhos. Há mais "nós" do que possa imaginar. A verdade é que sim, dizemos muito a respeito um do outro.

Meu peito se encheu de uma indignidade agoniada, e amargava profunda vergonha de saber que ele sabia do meu pequeno segredo: eu o desejava.

Dentro do meu horror, resolvi, porém, mesmo assim afrontá-lo. Um cavalheiro não expõe uma dama dessa forma.

Ele se acomodou mais no parapeito, com uma lentidão felina e preguiçosa. Tudo aquilo me remexia inteiramente por dentro. Os olhos dele brilhavam.

— Não existe isso de "nós". E gostaria que não me chamasse de *chérie* — rebati, engolindo em seco.

Toda vez que ele dizia aquilo, eu me arrepiava. O sotaque francês dele parecia bom.

— Claro que nós existimos, *chérie*. Nós estamos aqui, juntos, desfrutando do ar saudável da noite, conversando e nos conhecendo melhor —murmurou.

— Não por minha vontade.

— Eu duvido muito. — Ele riu baixinho.

— Não é elegante pôr em dúvida o que falo — falei, amuada.

— Ah, eu não quero ser elegante, Aimée...

— Percebe-se — repliquei, arqueando minha sobrancelha, simulando desdém.

— Quero outra coisa, e estou sendo bem-sucedido — disse, com seu olhar impassível e cruel.

Não, eu não ia perguntar o que ele queria.

Ele continuava a me fitar de modo astuto e sensual, fazendo-me sentir coisas estranhas por todo meu corpo. Então, ele soltou um longo suspiro após ficar alguns segundos calado.

— Escute, Aimée. Sei que veio até aqui para que eu a buscasse. Desejava me trazer aqui, para que tivéssemos um momento exatamente como esse. Foi por isso que se afastou, foi por isso que sumiu de minhas vistas. Antes, fugia de meu olhar, para que eu me sentisse cativado, e eu me senti. Depois, eu fugi do seu, para que sentisse um pouco minha falta, e então fugiu

de minha presença, para que a procurasse. E estou aqui, Aimée. Com você.

Fiquei ali, totalmente abobalhada com o descaramento daquele homem, sem saber o que fazer. Percebi que gaguejava.

— O-o senhor é terrível! Faz suposições terríveis! É extremamente arrogante! Não comentarei essas vulgaridades! Como em nome de Deus o senhor faz insinuações assim sem me conhecer? — exclamei, horrorizada, mas algo me dizia que ele apenas se divertia.

Eu estava realmente colérica. Colérica e excitada com aquela arrogância dele. Meus ombros doíam de tão tensos.

— Eu não sei por que estou dizendo essas coisas... Quem conhece o mistério do universo das atrações, doce Aimée? — Ele sorriu, e me olhou profundamente nesse instante. — Acho que são seus olhos. Eles me instigam. Você é linda, *chérie*... Ainda não lhe disse isso. Mas estou dizendo agora — murmura, num tom terno e acariciante.

Olhei-o, ainda chocada. O poder das suas malditas palavras...

Não sabia mais o que fazer, e me virei para fora. Gotas finas de chuva caíam no solo agora, ajudando a perfumar o ar.

Não suportava mais olhá-lo. Não aguentava mais o modo como ele estava me desarmando o tempo inteiro.

Ele estava sendo cruel. E idiota. E eu me sentia encurralada. Eu

precisava me defender daquele magnetismo opressor, daqueles olhos penetrantes, daquele corpo esculpido pelo diabo de tão bem torneado.

Fixei meu olhar para a paisagem, para a chuva que caía sobre o jardim, e apertei meus braços mais ainda. Estava mesmo esfriando. E eu estava irritada com aquele homem cheio de liberdades quando eu me dissera que nunca, jamais um homem tocaria em mim.

Quando havia dito que homem nenhum teria poderes sobre mim.

Virei-me para ele, e o som da água caindo nos embalava.

Pensei o quanto ele era misterioso, e que ele parecia ter vindo com a chuva.

Umedeci meus lábios ressequidos antes de falar. Minha voz saiu doída, saiu do fundo de minhas feridas. Meus olhos se molhavam pela minha dor.

— Por favor, senhor Page, não fale mais comigo assim, eu lhe peço. Sei que o senhor está brincando comigo. E isso não é justo. As pessoas têm sentimentos — falei, ainda irritada, porém, sem poder me controlar a mágoa e ressentimento que sentia por tudo, pela vida.

Eu talvez devesse me sentir feliz de ser cortejada, mesmo que estivesse sendo cortejada por um fanfarrão. Mas a vida não era simples assim.

Ele me olhou em silêncio, parecendo um pouco surpreendido com o tom sensível de minha voz. Observei seu rosto se retesar.

— Não estou brincando. Talvez não seja tão boa em seus julgamentos, Aimée, *ma chérie*, embora acredito que seja boa professora, porém. Lá dentro, ouvi falar muito sobre você. Sim, eu andei perguntando sobre a senhorita — ele falou, sério, contemplando-me.

Aquilo despertou uma montanha de sentimentos terríveis.

Falando de mim? Que coisas terríveis deveriam estar dizendo sobre a moça solteira que mora sozinha, que anda exibindo seus gracejos por aí? O que estariam insinuando? Que eu era uma sedutora, uma vagabunda?

Mal havia chegado, e será que já haviam começado? Os falatórios sobre mim?

Mágoas, mágoas antigas, sofrimentos vividos revoltavam minha alma, fazendo-a sangrar.

Todas aquelas terríveis picuinhas de novo não.

O que haviam falado para ele, que coisas horríveis haviam dito sobre mim dessa vez?

Meu coração se sentiu despedaçado, e meu rosto se mascarou de dor.



Capítulo 5

— O que andou perguntando sobre mim, Sr. Page? — perguntei, com cautela raivosa.

— Amenidades, oras. Qualquer coisa que me faça ficar mais perto de você. — E ele sorriu debochadamente.

Mas meu rosto estava franzido e doído por todas as pedradas da vida.

Senti-me mal pela possibilidade de terem falado coisas, coisas terríveis sobre mim, e continuei ainda sem conseguir olhá-lo diretamente nos olhos...

— Não gostaria que ficasse perguntando sobre minha vida.

— Oras, por que não? Estou violando alguma lei? — Ele dá de ombros, com ar de pouco caso, ainda me perscrutando. — Gostaria que eu me deixasse levar pela imaginação? Eu amaria ter mil imaginações e sonhos sobre você, Aimée... — O tom debochado continuava contra minha fúria consternada. — Mas acho que a realidade é muito melhor...

Ele sorriu. Ah, essa insolência! Minhas pestanas se batiam, nervosas, diante do olhar debochado e perturbador de Adam Page.

— Nunca mais me chame pelo meu nome, Sr. Page. — Voltei então meus olhos para ele, sentindo-os crisar e indignação. A postura estava combativa, minha voz ríspida. — Sou senhorita Cooper. Por favor, eu desejo que me respeite. Não sei o que andou ouvindo por aí. Mas não sou uma mulher vulgar. Não sou uma mulher fácil porque moro sozinha, caso esteja pensando isso, e suspeito que sim pela sua atitude nada educada. Suspeito que é isso que o faz vir aqui tentar me galantear desse jeito inapropriado. Não sou uma mulher da vida, o senhor compreende?

Sentia-me tremer, e meus olhos estavam úmidos e emotivos.

Percebi que ele estranhava minhas reações. Ele crispou as sobrancelhas, parecendo curioso, e passou a mão na barba, avaliando-me.

— Tudo bem, senhorita Cooper, se assim desejar. Mas adianto que não ouvi nada que fosse contra sua reputação. Absolutamente nada. Apenas ouvi coisas excelentes a seu respeito, e fiquei muito feliz de saber.

Ouvi-o tentando me acalmar.

— Certo, senhorita? Nada de mau me foi dito — ele insistiu, olhando-me com muito cuidado, eu percebia.

Aquilo me doeu. Não sei por que eu dissera aquilo, mostrando a ele minha alma ferida. Eu mal havia chegado, e ele estava fora todo aquele tempo. Que idiota que eu fui. Ele deve ter apenas pegado informações com as

senhoras sobre eu ser professora, senhoras que foram gentis comigo, totalmente.

Como elas teriam tempo de saber das coisas que passei anteriormente? De formarem um juízo? Céus, eu mal havia chegado.

Traumas pelos episódios anteriores saindo de minha boca e me denunciando. Senti culpa.

Traumas eram coisas terríveis, como duas grandes âncoras nos fincando num mar tempestuoso.

— Tudo bem... — consegui dizer, sentindo-me perdida, a voz fraquejante.

— Desculpa-me, Aimée? Não fique mal — ele disse, tentando se aproximar, mas, sentindo-me mal como ele dissera, recuei.

Ele não se aproximou novamente dessa vez e mentalmente agradei.

Ele ficou me olhando em silêncio, parecendo pensar no que dizer.

— Sinto, Aimée... Quer dizer... Senhorita Cooper. — Ele sorriu, tentando parecer afável. — Você me interessa, senhorita. E não tenho más intenções. Se me porto um pouco mal, peço perdão. Digamos que a senhorita é do tipo que julgo interessante, apenas isso, e que me pareceu tão triste e fria, se me permite dizer, que quis provocá-la um pouco. Faz parte do ritual de sedução, às vezes, Aimée, provocar. E sou bom no que faço. — Ele tentou

dizer com casualidade.

Um sorriso aparecia na curva de seu lábio.

Fechei os olhos, constrangida, abrindo-os em seguida, enrugando um pouco nariz, tentando recompor minha dignidade, espalmando as mãos no parapeito da varanda.

— Desculpa-me? — ele insistiu.

Esperei alguns segundos para me recompor antes de responder.

— Tudo bem, estará desculpado desde que se comporte daqui por diante, Sr. Page.

Ele me olhou mais uma vez daquele modo esquisito, fazendo-me encará-lo. Por que ele olhava com cara de faminto e, ao mesmo tempo, como se estivesse me reconhecendo?

O tempo todo eu tinha essa impressão: que havia algo entre nós ali de outro lugar. Mas eu nunca o havia visto. Senhor, como me esqueceria de um homem assim?

Vidas passadas? Eu não era pagã! Era cristã!

Não, eu não poderia conhecê-lo. Era uma impressão tola.

Ele sorriu largamente, fazendo-me voltar a corar.

— Não posso prometer que vou me comportar. Sinto. As regras de

sedução não são muito educadas, mas são justas. As paixões não são moderadas, Senhorita Cooper, elas são avassaladoras. Creio, então, que não serei desculpado pela senhorita. Prefiro continuar merecendo suas advertências — murmurou, rouco e sensual. Os olhos com brilho perigoso.

Como ele era perigoso, Deus todo poderoso...

Ouvir aquilo, as palavras paixão, sedução, fizeram-me suspirar devagar. As palavras soaram extremamente doces em meu ouvido, e meu estômago fraco se sentia combalido.

Vendo-o ali parado, tão convidativo, senti uma estranha vontade de tocá-lo. Tocá-lo onde caía seu cabelo na testa, ali, onde ele estava tão atraente e bonito.

Quis me aproximar para sentir aquele cheiro úmido de flores frescas e vetiver, para experimentar as formas viris sob o terno de peças. Sentir seu peito se alargar e contrair em meus dedos.

Sentir como sua barba deveria arranhar enquanto crescia.

Comecei a tremer mais forte com meus desejos proibidos, e percebi então que algumas gotículas encobriam minhas mãos. A chuva começava a aumentar.

Deus, tenha pena de mim...

Ele olhou para a chuva que caía fina, a neblina nos tomando.

E eu queria guardar aquela memória em meu coração, de seu perfil olhando a chuva, e o modo como se virou para me fitar. Os cabelos caindo sobre o rosto, e os olhos brilhando com a lua, e então brilhando para mim.

Ele olhou então para minhas mãos que tremiam, e depois voltou a me fitar em silêncio, como o Deus pagão que era.

— Senhorita Cooper, escute... — falou com calma. — Falarei bastante sério agora.

Ouvia-o e tentei fugir da força do seu olhar. Aquilo só aumentava minha vulnerabilidade. Não era nada confortável aquela torrente de emoções tão nova a me assaltar.

— Vou embora agora, e vejo que a senhorita está com frio... Tenho um casaco quentinho no meu carro, uma manta para enrolá-la também, e meu afeto, claro. Ele voltou a sorrir. — E chegaremos de carro em menos de 15 minutos. Aceita meu convite? Tenho as melhores das intenções, é sério. Não gosto de ver damas passando frio. Basta de sofrimentos. Não gosto de ver mulheres sofrendo, está bem? Seremos vizinhos. Não lhe parece razoável?

Apertei meus braços contra mim. Não conseguia ainda encará-lo. Permaneci em silêncio, ciente do perigo de sua oferta.

Ele era um lobo em pele de cordeiro, é claro.

— E se quer saber — Ele estendeu a mão para sentir o vento úmido.

— Essa chuva vai engrossar. Não vai ficar assim fina por muito tempo. Não quero que apanhe um resfriado.

Aquelas palavras me fizeram o olhar com cuidado, e ele estava ali, uma postura mais retraída. O olhar sério, um pouco preocupado.

Sua voz estava agora mansa e civilizada.

Seus traços duros se tornaram suavizados. Ele parecia menos selvagem, mais doméstico agora. Um leão se tornando um atraente gato. Um gato com um ar meditativo.

Mas eu estava endurecida para qualquer gentileza fazia tempo. E sabia que não deveria dar quaisquer aberturas. Toda vez que eu era mais gentil e mais amiga de um homem, eu me dava mal. Eu caía na boca do povo, que esperava o menor sinal para começar falatórios. Essa era a minha sina.

E o Senhor Page já havia provado ter outros interesses. Eu tinha de cortar aquilo agora pela raiz.

Ele não era confiável, e ele sabia disso.

Ele deixara muito claro que pretendia me seduzir.

— Não, senhor. Eu não entrarei no seu carro. Nem agora nem nunca. Eu prefiro que seja assim e desejo que respeite minha vontade. Boa noite, Sr. Page. Não se preocupe, eu ficarei bem — falei, com rispidez, envolvendo-me com meus braços novamente, e olhando firmemente para o horizonte.

Ele ficou um pouco parado, como que pensando que espécie de aberração eu deveria ser. Ou se era apenas uma moça com excesso de zelos.

Zelos e recatos ainda eram bem-vistos, embora homens depravados não desejassem respeitar isso.

Fiquei nervosa quando senti o calor do seu corpo ainda mais perto.

Ao contrário do que eu imaginava, ele se aproximou mais de mim. E continuou a me examinar atentamente.

— Aimée, pare com isso. Venha comigo. Não precisa fugir de mim. É apenas uma carona. Um cavalheirismo. Aceite. Não sou um monstro. Não pense, não sinta raiva, não sinta medo. — Ele esboçava um sorriso complacente, como se eu fosse uma criança mimada e birrenta.

Estreitei meus olhos.

— Não sinto nada disso, o Senhor está equivocado se acha que provoca qualquer coisa embaraçosa — falei, quase bufando diante daquela insistência.

Seu sorriso se tornou mais largo, como se pudesse ver algo dentro de mim.

— Apenas venha comigo, apenas isso, Aimée — ele disse, de repente, baixinho, inclinando-se suavemente para mim. A voz como um hálito acariciante no meu rosto.

Ele estava tão próximo que... Subi meus olhos para os seus... Oh, Deus.

Aquela súbita intensidade e a proximidade me deixaram completamente desestruturada.

Eu não sabia como reagir, enquanto meus cílios tremiam de angústia e tentação.

Seu rosto tão perto. Tão forte e vivo. Os duros traços, a barba, o cabelo macio e levemente comprido, o nariz grande e elegante, seu corpo curvado insinuantemente sobre o meu.

O cheiro viril de um homem, a sensação de seus ombros fortes...

Ficamos ali, tão próximos. Ele poderia me beijar... Por um momento, eu achei que ele faria.

A vida não me preparara para coisas assim. Eu só sabia fugir, mas e quando não estamos conseguindo sair do lugar porque as pernas bambas de prazer te prendem no local?

—Aimée — sussurrou meu nome de modo tão doce, e tão perto... O hálito como um sopro em meus lábios.

Sentindo minhas pálpebras tremularem, e percebendo que ele olhava para minha boca, estudando-a, e que ele iria me beijar, eu disse, rispidamente, fazendo-o então parar.

— Eu já disse que não, e insisto, por favor, que não me chame pelo meu nome. Não conheço o senhor. Por favor, afaste-se.

Ele me encarou, parecendo um pouco aborrecido, e então se afastou um pouco.

— Já sabe o suficiente para se interessar —provocou, num sorriso cruel.

Meu peito voltou a se encher de indignação.

— Nunca me interessaria por alguém... — Examinei-o de cima abaixo, fingindo desdém. — Alguém como o senhor.

—Como queira acreditar, moça — ele disse, de repente, afastando-se mais e apertando os lindos olhos cinza.

Olhei-o de soslaio, ainda enervada.

— Mas saiba que eu adoraria conhecê-la melhor. E que a acho muito, muito interessante. De um modo que a senhorita jamais imaginaria. De um modo mais especial que possa conceber.

Quase dizia que o Diabo o carregasse. Mas me contive.

Eu me contive porque ao mesmo tempo eu queria ir com ele. Queria tanto que tremia.

Ele me fazia arder inteira por dentro de tensa excitação.

— Não posso dizer o mesmo — disse, a voz tão fraca e a respiração tão conturbada que nem eu conseguia acreditar no que estava falando.

Dessa vez, ele riu. Riu de mim, uma risada baixa e irritante, o que me fez encará-lo com raiva. Sentia meu peito subir e descer.

— Tem certeza? Não está mesmo interessada me olhando desse jeito? E quase me beijando? — Ele se divertia.

Um olhar meu infelizmente escapou por todo seu tronco, e ele retribuiu o olhar de um jeito ávido e felino.

— Não tem curiosidade para ser beijada, senhorita?

Meus olhos recaíram por sua boca, fascinada, e voltaram para seu corpo, para as pernas afastadas, para o homem esculpido pelos deuses debaixo daquele terno.

— Não tem curiosidade para saber o que está debaixo da roupa de um homem? — ele perguntou, no tom mais cruel do mundo.

Minha boca fez um pequeno "o". Ele adivinhara meus pensamentos. Maldito.

Virei-me para a paisagem da noite novamente. Como poderia encará-lo depois daquilo?

Depois de um tempo, escutei sua voz enrouquecida.

— Não vai admitir nada, não é? — Ele continuava cretinamente insensível e tentador.

— N-não responderei sua pergunta, Sr. Page... O Senhor sabe que uma moça decente não responderia nada assim. O senhor deveria se envergonhar. Está me importunando sem cessar, e está parecendo um devasso desagradável— disse, olhando para baixo...

Percebi um esboço de riso em sua voz. Mais um riso no cínico rosto de Adam Page.

— Uma moça com um nome tão doce, tão caloroso, realmente, não merece ser importunada... Prometo recompensá-la — sussurrou. Como a voz dele ficava mágica naquele tom...

Sentia sua voz arrepiando minha nuca.

Apenas funguei em resposta, mas antes que eu pudesse protestar, ele pôs dois dedos em meu queixo, e me obrigou a fitá-lo. O toque suave daqueles dedos foi algo próximo da perdição.

— Aimée... Amada... Uma moça com seu nome, em verdade, merece ser amada — disse com o olhar profundo.

Eu apenas entreabri meus lábios em resposta, contemplando-o. Nada poderia sair dali. Tudo estava engasgado, todo aquele sentimento, toda aquela atração forte e inesperada.

Aquele homem... Sentia meu queixo tremular sob àquele toque delicado, e reprimi um impulso de esbofeteá-lo por aquele toque de pluma que me incendiava.

A chuva caía junto com a noite, numa melodia cadenciada. Os olhos de Adam Page estavam com uma penumbra de sedução, penetrantes. Cinza chumbo.

— Boa noite, Srta. Cooper. Espero que não pegue a chuva e tenha carona. Cuide-se, se não deseja ser cuidada — advertiu, a voz firme, ao largar meu queixo com cuidado e se afastar.

Voltei a olhar o chão, sentindo-me desfeita. Respirei um pouco antes de responder.

Não esperava que ele largasse meu queixo, muito menos que se afastasse, mas ele fez.

— Boa noite, e sim, eu tenho carona. E eu sei me cuidar. Dispenso seus cuidados, até porque de nobreza de espírito, francamente, o senhor não possui nada. — Afirmei, com meu ar gélido, admirada com a firmeza da minha voz, quando eu mais parecia um castelo de cartas.

Estava gritando por dentro.

Olhei-o uma última vez. O luar banhava aquele rosto enigmático, refletindo em seus cabelos castanhos. Seus olhos eram quase como a cor da

lua cheia.

— Lembre-se, Aimée. Isso não foi um fim. Isso foi apenas um começo.

Fiquei calada, sentindo o impacto daquela declaração em meu corpo. Aquele homem não iria desistir de mim.

Adam Page era meu vizinho, e ele tentaria me seduzir. Havia a óbvia promessa da sedução.

Ele não mais disse nada, apenas meneou levemente a cabeça, o olhar ainda eivado de cinismo, e num gesto de despedida, virou-se e saiu.

Vi-o descer as escadas, atravessar o jardim com seu andar elegante, com sua perna que repuxava um pouco.

Foi quando ele se voltou para mim. Apenas um olhar, um curto olhar de intensidade, com a água caindo sobre seu corpo.

Um olhar misterioso e cálido como ele, que me fez suspirar e quase chorar. Deu mais um pequeno sorriso, e então voltou-se a caminhar até sumir pelas macieiras, debaixo da fina chuva.

Engoli em seco pesadamente. Um mal-estar corroendo meu peito.

Estendi a mão para apear as águas. Sentia o contato das gotas em minhas mãos.

Estava começando a chover forte, e me afastei um pouco da varanda, ainda buscando naquela paisagem chuvosa me acalmar, que era o que sempre fazia: buscar amparo na natureza.

E então pedir a Deus que tirasse meus tormentos, que arrancasse minhas agonias.

Eu me perguntava se essa não seria a única carícia que eu sentiria na minha vida: a da chuva molhando meu corpo.

Se nunca me permitiria que um outro tipo de chuva torrencial me tomasse. Uma chuva em forma de homem, que me tocasse por todos os cantos, como gotas.

Um homem que me cobrisse como a chuva.

Um príncipe que me tomasse nos braços, como uma princesa. Que me beijasse me tirando daquela minha vida morta.

Se não sentiria os beijos molhados por meu corpo que doía.

Se não me deixaria lavar um dia pelas águas amorosas que uma chuva traria.

Eu às vezes me sentia mal por ser como eu era. Mas eu era assim: fria, distante, triste. Com meus segredos e minha solidão.

Nada poderia mudar quem eu era ou que ocorreu comigo. Nada poderia mudar minha natureza sofredora e carente.

Eu gostaria de culpar apenas a guerra por eu ser quem eu sou, por agir como ajo, cheia de rancor e medo. Mas muitas vezes, como naquele momento, pensava se a principal culpada pela manutenção da minha tristeza não seria eu mesma.

Eu e minhas convicções. Eu e minha mania de sentir pena de mim mesma.



Capítulo 6

ADAM

Cheguei cansado em Londres.

Era desgastante dirigir, mas eu precisava fazer isso com imensa frequência, especialmente quando solicitado rapidamente como agora.

Felizmente, conseguia chegar em poucas horas de carro. Horsham era próxima de Londres, e esse era um dos motivos de eu estar naquela cidade.

Os outros motivos falavam bem mais com a minha alma, à minha profunda necessidade de pensar, meditar, entrar em contato com a natureza e desfrutar de certa solidão.

Algumas coisas nunca mudariam, como aquela perna num pouco manca e a leve dor que sentia se ando demais.

Não poderia mais praticar polo como antes. Não poderia mais cavalgar no Haras de Brighton com a mesma elegância, embora ainda conservasse meu espírito esportivo incólume.

Não receberia mais uma patente alta se houvesse guerra.

Algumas limitações e tristezas se impuseram, como a todos após a

guerra.

Eu vivia minhas limitações silenciosamente, como sempre fiz.

De todo modo, o trabalho ainda era algo que me sugava. Um homem morreria sem ele: sem o trabalho. Não me aborrecia exatamente de ser tragado pelas atividades laborais, mas naquele dia, especificamente, estava aborrecido de ter de deixar em Horsham um assunto de mais ou menos 1,65m, sedutores cabelos escuros e quadris bastante arredondados.

Por mais que a Senhorita Aimée Cooper parecesse fria, eu sabia que ali, debaixo de toda a tocante beleza melancólica, havia uma mulher pedindo para ser feliz.

Uma alma estava lá apenas esperando um convite para sorrir, e que eu gostava de convidar, provocando-a.

Podia provocá-la um pouco hoje, à luz matinal. Vê-la corar, vê-la forçar os cantos da boca para não sorrir. Ver a tentativa vã de encobrir seu indisfarçável interesse, contemplar aquela beleza triste...

E o que é pior: aquela beleza melancólica me atormentava, porque talvez já tivesse me atormentado antes, e foi por isso que não consegui dormir.

Eu precisava saber se era *ela*...

Então, foi um tanto mal-humorado que tive de ir ao trabalho na

manhã seguinte à festa na casa dos Peterson.

Poucas pessoas tinham meu telefone em Horsham e assim só me ligavam em casos de urgência, mas quando se tem uma grande empresa como eu, ser solicitado é algo comum.

Havia pedido 5 dias daquela vez, mas pelo visto, seria impossível.

As ações da *Smith & Carson Ordinance Co.* haviam caído bem. Era necessário fazer uma contraproposta na bolsa de Londres e aproveitar a queda do inimigo.

Mesmo uma mulher bela e suspirante como Aimée podia esperar um pouco. Mas confesso que a tentação que sentia por ela era tão grande que quase não me importei de ver embora algumas centenas de milhares de libras para poder talvez procurá-la essa manhã e buscar a verdade em seu rosto.

Nesse momento, porém, na Bolsa, voltando ao equilíbrio de um homem de negócios e não um tarado mundano, apostaria algumas coisas em benefício da nossa nova fábrica da Coréia.

Havia rumores de guerra.

Ficaria um filho da mãe ainda mais rico, embora não fizesse a menor ideia de porque acumulava dinheiro.

Às vezes, tudo carecia de sentido. Aquele vazio insondável, aquele silêncio, a sensação do que podia ter sido em minha vida, e não foi.

A sensação de vida e futuro roubados.

Mas eu tinha irmão mais novo e uma madrasta a quem prestar contas.

Eles eram a minha família, tudo o que eu tinha agora após a morte dos outros, e eu muito os considerava. Só por eles ainda estava vivo, pensei.

Jeremy era muito jovem quando meu pai morreu, e de alguma forma, eu me sentia responsável por ele e pelo bem também de Morgan, minha madrasta.

Jeremy se tornou um pouco como meu filho, e de algum modo, eu me orgulhava do bom homem que estava se tornando.

Para eles eu ia e voltava. Jeremy era um rapagão forte. Teria família, teria filhos, daria continuidade a nossa família.

Para eles eu também juntava dinheiro, pensei, para os sobrinhos que me sucederiam.

Eu não gostaria mais de ter filhos, pensei, amargamente.

Dirigindo, observando uma Londres em sua beleza severa matinal, pensei de modo suspirante que era uma pena não ficar em Horsham e ser um pouco insolente com a Senhorita Cooper. Gostaria de ter descansado, e de ter ficado por causa dela, vendo-a ficar vermelhinha e sem graça. Seria delicioso, é claro, mas eu tinha minhas responsabilidades.

Felizmente meu irmão estava me ajudando bastante ultimamente.

Agora, com meus 35 anos e ferido de guerra, eu me sentia cansado da pior forma que um homem poderia se cansar, infelizmente.

Por mais que eu me dedicasse, já não tinha o vigor de antes. Minhas forças interiores foram parcialmente roubadas.

Se eu não me retirasse com frequência para a solidão do Campo, eu teria enlouquecido. E acredito que Jeremy e Morgan soubessem disso, por isso, não contestavam o tempo que solicitava para mim.

Eu precisava de ajuda e Jeremy sabia que eu não andava nada confiável, mas estava muito melhor agora. Mais responsável. Tanto que estava ali me encaminhando ao trabalho, mais uma vez.

Deixara meu cão Max em casa rapidamente, passando algumas informações aos empregados e subi apressadamente o elevador em nosso prédio comercial na Baker Street.

Caminhei pelo corredor pisando com os macios sapatos de couro de crocodilo o granito cinza e saí cumprimentando meus empregados com uma sutil reverência.

— Bom dia, Senhor Hoyt.

Ali, eu não era Adam Page, o homem misterioso que vivia no. Page era o nome de minha mãe. Meu nome era Adam Page Hoyt, mas ali eu era

Adam Hoyt, o dono e herdeiro da *Hoyt Speed*, a gigante armamentista inglesa, para uso comercial e militar.

Eu vivia tanto da morte, como da proteção. Não sentia culpa. Eu apenas fazia.

Deixava os discursos sobre guerra e paz aos que não participavam daquele mundo, pois, no meu mundo, apenas trabalhávamos fazendo nosso melhor. Respeitava apenas a ética exigida.

Caminhando e cumprimentando meus empregados, eu sabia que estava com ar cansado e desganhado. Sabia que estava com olheiras astronômicas, e que mal dormira à noite.

Certa moça, certos lábios, certa voz doce me inquietaram durante toda a noite, pensei, sorrindo, enquanto sabia que logo teria de me concentrar em coisas práticas.

Ao entrar, encontro Jeremy folheando um dos jornais e fumando um charuto em nosso sofá de seda chinesa.

Gosto de tudo que remeta a dinastia Ming, e temos alguns jarros e urnas de porcelana Ming pela sala.

Jeremy era diferente de mim, jovem e galante, mais baixo e quase loiro, e era filho da segunda esposa de meu pai. Minha mãe morrera quando eu ainda era um bebê.

Não lamentava sua ausência, não a conheci. Minha mãe era uma dor que eu não carregava.

Afrouxei a gravata, tirei o paletó e me sentei na poltrona de tecido adamascado cor de vinho.

— Demorou — Jeremy disse, olhando-me de canto de olho, e em seguida voltando a olhar o jornal, dando uma baforada.

— Eu sei — falei, suspirando, sentindo meus músculos relaxarem.

Ao sentar, doía um pouco a perna às vezes, repuxando, até voltar a me reacomodar.

Peguei um charuto que estava na mesa, e depois dei uma longa baforada, após acendê-lo, observando a névoa se espalhar no ar se misturando ao cheiro do carvalho e dos muitos livros que estavam em nosso escritório.

— Pedirei café agora, depois do almoço teremos de ir no Pregão — Jeremy disse, distraído.

— Eu sei — falei novamente, ainda distraído. E me calei, sem mais nada dizer, aproveitando para fumar o charuto em silêncio e divagar sobre certas curvas sinuosas e macios cabelos pretos.

Se estivesse mais claro... Como gostaria que pudesse vê-la no claro, eu saberia...

Oh. Deus... Aimée...

— O que há com você hoje, Adam? Parece que foi atropelado! Está abobado, aéreo... Que olheiras são essas? — Uma voz me tirou de minhas distrações.

Os olhos de Jeremy estavam cínicos e divertidos, e estreitei meus olhos divertidamente também.

— Olheiras enormes e azuis, já sei. Tenho espelho no carro para ver minha cara feia — Dei uma risada. Sei que estou deplorável.

— Andou transando com as caipiras? Eram muitas? Bebeu até cair? — Ele riu, jovialmente.

Coloquei as mãos atrás da cabeça e pensei em Aimée, sorrindo... A doce e estranha Aimée, minha *chérie*, tão difícil e reservada, tão bela e misteriosa, tão agressiva e tão convidativa ao mesmo tempo... Que inquietou meu sono, fazendo-me revirar a noite inteira.

Ela, que me fustigava como um açoite.

Descobriria uma forma rápida de entrar em seu corpo e em seu coração, e morar lá.

Não sabia exatamente o que queria além disso, mas meu corpo palpitava, minhas mãos suavam por ela.

Queria cobrir seu corpo com o meu, e tocar seu coração com a mão, se pudesse, e guardá-lo comigo. Guardá-la inteira comigo, todo seu ser.

Não queria me desgrudar dela, era estranho. E era antigo. Já havia sentido essa sensação antes, e a deixei perder.

Se fosse ela, e acredito que fosse, as coisas seriam muito diferentes agora.

Eu poderia e tinha meios de não a deixar escapar, de cercá-la, e não a deixaria.

—Foi muito melhor que isso. Muito melhor, Jeremy. — Sorri mais ao pensar nela, suspirante.

Jeremy assoviou.

— Uau! Uma orgia daquelas?

Ri alto agora, cruzando os braços detrás da cabeça na poltrona e esticando as pernas sobre a mesa.

Ela era muito superior a qualquer orgia que eu tivesse feito na vida, e já tinha feito belas orgias, verdade seja dita.

Nada se comparava a Aimée. Nada era tão irresistível.

— Não, nada disso, Jeremy..., mas só posso dizer que ela é uma coisinha incrível que talvez tenha esperado a minha vida inteira...

— Quer me contar? — Jeremy me olhou interessado

Balancei a cabeça. Não, eu não contaria. Ainda não era a hora. Ela

era meu doce segredo. Ainda era, mas eu iria desvendá-lo em breve.

— Ainda não. Na hora certa, eu te conto... Só posso dizer que se trata de uma garota muito, muito especial.

E ela era.

Talvez fosse ela... A minha Aimée... A minha cândida criatura.

A péssima iluminação não ajudava... aqueles traços... minha reação ao vê-la...

Por Deus... seria ela? Aquelas curvas francesas, a boca sinuosa e rosada... Os olhos... aqueles olhos escuros, tristes como dois poços negros de dor, de uma beleza magnética.

O cabelo agora estava recolhido de modo diferente... Em minhas lembranças, mechas caíam sobre seu rosto, enquanto me olhava, boquiaberta.

Um olhar de anjo, fazendo-me achar que anjos e demônios podiam se confundir, se amar e se casar, como o demônio triste que eu era naquele instante.

E ela cantava à janela, com aquela voz... E sussurrava meu sobrenome.

— "Senhor Hoyt..."

Deus todo poderoso... Fechei os olhos, ouvindo-a sussurrar. Podia

sentir ainda seu sabor...

Juntei minhas mãos debaixo do queixo, pensativo. A mente voltando para anos antes.

Aimée... Aimée Cooper... seria ela, aquela moça, aquele anjo cheio de carne com mãos acolhedoras de santa e de fada? A princesa pedindo por um príncipe?

Aquela a quem devia minha vida e minha sanidade.

Dava-lhe apelidos em meus sonhos, nesses anos. Mas um gostava mais. Pardalzinho.

Precisava saber. Precisava vê-la. Maldição.

A noite inteira pensando nela. Tanta tristeza em seus olhos... Por que toda aquela tristeza e aquela frieza agora? Da outra vez, a alma parecia apenas inocente e recolhida pela penúria da guerra, mas estava lá, linda e encantadora com toda sua generosidade.

Dessa vez, a alma de Aimée parecia ter sido arrancada de forma violenta. Era uma mulher austera, gelada querendo se esconder.

Mas ela não poderia fugir de mim. Não mais. Nunca mais.

Gostaria de fazê-la rir e reagir até entender que é minha.

Sim, ela seria minha. Não sei ainda o que me dava aquela certeza.

Podia ser uma obsessão, não sei. Um capricho. Ou talvez ela fosse minha salvação que buscasse há anos, desde aqueles dias.

Eu não sabia. Não ainda. Só sabia que a desejava de uma forma que nem eu nem ela teríamos escape.

— Está bem. Como queira, meu irmão. Conte-me quando achar melhor. — A voz de meu irmão me despertou de meus pensamentos.

Olhei-o, como que acordando.

— Vamos repassar os dados, então? Ao trabalho, Dom Juan? — Jeremy perguntou, apagando seu charuto no cinzeiro e me olhando ainda cheio de curiosidade.

Após mais uma baforada, olhando-o de soslaio, disse:

— Um café antes, e começaremos. Quero render muito e não demorar. Tenho coisas muito, muito interessantes a fazer em Horsham. Quero estar lá à tarde amanhã.

Ele deu uma risada baixa.

— Está bem, conquistador. Vá ver lá sua gazelinha amanhã.

— Ah, meu caro, tenha certeza que eu a verei...

Disse, imaginando como seria encurralar Aimée em sua sala de aula no dia seguinte, colocar-lhe sobre a mesa da classe, levantar suas saias até o

joelho, arranhando suas coxas, apreciar a carne que pude vislumbrar sedosa e quente, sentir seus pelos macios e me enterrar nela devagar, enquanto ela sentiria meu grande membro entre suas pernas, entrando apertado em sua carne úmida, indo e vindo, indo e vindo... Provar os seios que podia perceber tão generosos com os lábios.

Tirar seu recato e sua inocência de modo perverso em cima de uma mesa escolar, vendo como reagiria enquanto a penetrasse, fazendo-a me encarar vivamente enquanto a possuía. Ver como me olharia ao sentir meu membro

Queria saber como ela gemia quando coberta por um homem. Por certo, era virgem.

Ela era extremamente recatada. Talvez fosse frígida. Ou apenas inexperiente.

Nada que não resolvesse com atenção e perícia. Eu era um amante hábil, e as mulheres me desejavam.

Desde que a notara, os pensamentos mais sórdidos e lascivos estavam me lacerando.

Eu me imaginava rasgando sua entrada virgem nas posições mais variadas.

Eu era completamente abjeto. Era um degenerado. Assim eram os

obscuros desejos masculinos, desejando o corpo nu de uma mulher e penetrá-la.

Na hora de tomar uma mulher, não havia muito de ternura. Era físico, intenso, sumamente a posse carnal.

A natureza maliciosa falava mais alto.

Ela era uma mulher deslumbrante, e aquela beleza deixaria qualquer homem com sangue nas veias feroz e ansioso pelo momento do enlace.

Sim, eu estava salivando.

Dar e extrair prazer. Mas algo na perspectiva de tocá-la, algo que senti quando pus meus dedos em sua pele de cetim branco falou ao meu coração.

Falou ardentemente. Das profundezas de minha alma doída, eu sabia que algo naquela menina falava ao meu coração... Algo nos olhos de Aimée falavam a minha alma enquanto eu a tocava.

Lembro do quanto me contive quando quase estive para beijá-la na varanda dos Peterson. Sentia meu coração irrefreável, um nó na garganta.

Como precisava senti-la novamente...

Era além de uma obsessão física e gratidão. A natureza do que sentia me dava medo. Eu tinha medo de amar.

Amar significava um dia perder o que amamos.

Porém, a verdade me açoitava: queria beijar sua pele com devoção... Fazê-la sorrir, se zangar, reagir, o que fosse. Queria provocá-la, instigá-la, perceber como reagiria ao saber que teria que ceder porque me queria.

Era meu dever adoçar a vida daquela mulher de olhos tristes e modos combativos, meu instinto me dizia.

O cheiro de Aimée... Por Deus, aquele cheiro... Aquele cheiro me cegava. Era aquele mesmo cheiro, quase posso ter certeza.

Eu não sentiria isso duas vezes na vida. Lembro-me como ela conseguira me eriçar e me deixar muito duro e doído debaixo daqueles lençóis, mesmo naquele estado lastimável.

E aqueles lindos lábios...

Mas de resto, Aimée me tornava um homem cioso e preocupado.

No fundo, eu era simplesmente um homem fascinado por uma jovem menina que agora era uma jovem e bela mulher.

Você é *ela*, Aimée?

Eu logo descobriria, mas algo em mim dizia que sim.

Seu príncipe chegaria, *chérie*.

Sinto muito que eu seja um príncipe manco e amargo. Nem eu

gostava de mim mesmo, mas espero que goste de mim.

Amanhã eu descobrira, eu teria certeza, e teria finalmente paz.



Capítulo 7

ADAM

No dia seguinte, mais descansado, estava na porta da escola de Horsham em que sabia que Aimée Cooper, minha intrigante, misteriosa e tentadora vizinha estava trabalhando.

Minha possível menina mulher do passado que tanto havia me marcado.

Era um lugar simples. A cidade se erguia da penúria. Toda a Inglaterra estava assim, e muito além. O clima era todo de reparos. Cheio de madeira fresca recém cortada, ferro e cimento por toda a Inglaterra.

O centro da cidade era adoravelmente modesto. Amava o clima ainda um tanto campestre de Horsham, o som dos muitos passarinhos agora, e os homens trazendo seus animais para comercializar na cidade. Cada animal e planta crescida ainda era uma vitória.

Mesmo os ricos como eu havíamos sido abalados pela guerra, de certo modo. Eu não deixara de cumprir meu serviço militar obrigatório, e sentira fome, desespero e frio.

Eu vira de perto muito mais de destruição do que gostaria de ver, e

talvez com uma sensação de culpa maior que um homem normal poderia carregar.

Andara pela Europa desolada, e além, armado até os dentes.

Carregava a guerra no corpo e no meu coração, pensei, suspirando. Mas fiz o que homens honrados fariam diante da tirania: lutei junto dos outros para libertar da penúria que nos seria induzida.

Fabricar armas era proteção contra a tirania. O verdadeiro poder nunca está no dinheiro, mas nas armas.

Via isso pelos Judeus, duramente espoliados e roubados de seus bens, encarcerados e assassinados. Todo seu dinheiro e seus bancos naquele momento nada valeram.

Era para nos livrar desse horror em toda parte que lutáramos até nossas últimas forças. Fora para salvar mais vidas que menos vidas foram sacrificadas.

Mas aquele não era um momento para dilemas. Aquele era um delicioso momento de caça, e estava desfrutando a sensação de que logo poria olhos indecentemente honestos sobre minha presa.

Estava recostado no carro, fingindo ler um jornal, e esperei as crianças começarem a sair da sala de aula.

Certamente os vizinhos iriam falar, mas eu não importava. Que

falassem, oras, ela era minha. Aquilo só me ajudaria deixar a conquista mais fácil, e talvez mais divertida.

Com a respiração entrecortada, semicerrei os olhos, observando-a.

Lá estava ela: a roupa cinza austera, e as belas pernas torneadas naqueles sapatos feios.

A visão de sua panturrilha me atiçava de um modo terrível, assim como a curva generosa das nádegas. Meus olhos passeavam lentamente, seduzidos, por suas formas.

Era uma linda mulher que se vestia como uma velha, mas que de modo algum conseguia esconder a ardente formosura.

Aimée fracassava.

Observava os outros homens olhando Aimée vez em quando na festa dos Peterson com o ar lascivo que um homem reconhece em outro.

A pobrezinha ignorava os interesses masculinos velados, via apenas os descarados, como os meus.

Sua beleza era cativante mesmo escondida. Sua austeridade acabava sendo atrativa.

Despertava uma sensação de curiosidade erótica e pensamentos impróprios.

Como tudo o que é escondido e proibido aticava... Para olhos experientes como os meus, cobrir era mais poderoso que revelar, e sabia que muitos homens pensavam assim.

Algo me dizia que ela era do tipo que podia ser importunada com frequência, o que explicaria suas reações tão virulentas e agressivas às minhas atenções, acusando-me de ser mal-intencionado.

Mas eu realmente não estava de más intenções.

Quer dizer, eu realmente não sabia. Talvez fossem boas intenções que pudessem soar más intenções. Ou o contrário. Estava confuso. Confuso e vidrado pelo que via.

E de certo, eu era perigoso para ela, mas eu era o *seu* perigo desejado. Estava decidido.

No fundo, a verdade é que Aimée era muito especial para mim, ou não estaria ali parado como um idiota embevecido, olhando-a ao longe, aquela fina flor inglesa.

O que ela significava para mim começava a ter proporções tão poderosas que estava me deixando sem jeito.

O cabelo cor de chocolate ganhava contornos dourados, parecendo macios como uma fita ali sob o sol. O rosto era corado daquela distância e ela sorria para as crianças que se iam, muitas com ar levado.

Os lábios eram naturalmente rosados. Aqueles lábios que eu conhecia... Era mesmo uma branca de neve.

Os magníficos olhos escuros brilhavam de alegria para as crianças. Era a mesma generosidade e candura que vi no passado, ali, naquele sorriso.

O sorriso de Aimée desfez toda a crueldade que eu guardava em meu ser. Eu derretia de ternura por aquela mulher naquele instante, e senti tristeza de vê-la cuidando de crianças que não eram seus filhos, nem os meus.

E esse pensamento súbito me assustou.

Ela estava serena e feliz e algo dentro de mim me fez desejar fazê-la querer ser daquele modo: feliz e ajustada. Precisava fazê-la tirar aquela mancha de aguda tristeza e seriedade que sempre havia em seus olhos.

Vendo-a ali, meu coração cantava: era ela... Não poderia não ser...

Aquela certeza ricocheteava em meu sangue, em meu coração e em meu membro. Tudo em mim parecia querer tomar posse.

Sentia-me ávido, desesperado.

Como queria entrar dentro dela, agora, e ver seu rosto em agonia de prazer ao ser possuída, sentir as vibrações do seu corpo ao gozar...

Esse pensamento lascivo me tomou, agitando-me violentamente, junto do brilho do sentimento de felicidade da confirmação de que realmente era ela...

Precisava entrar na sala de aula antes que ela saísse, então eu resolvi me apressar.

Ela estava de costas arrumando os materiais da aula. Graciosa como nunca naquela convidativa posição. Foquei os olhos maliciosamente em seus quadris de suaves e arredondadas formas sob a saia severa de linho. A camisa de lã era ajustada, e aquilo era delicioso.

Os cachos delicados remexiam e ela cheirava a rosas frescas.

Observei as meias com furos, os tornozelos grossos. Eu respirava de modo instável. Estava excitado.

— Boa tarde, senhorita — disse, a voz enrouquecida.

Ela parou de repente, pousando as mãos sobre a mesa. Senti a tensão tomar seu corpo, podia sentir minha voz e minha presença vibrando em sua pele.

Acariciei cada centímetro do seu corpo com os olhos, e algo me dizia que ela sentia a lenta inspeção que eu fazia.

Ah se ela soubesse as coisas sujas que estavam passando por minha cabeça...

Virou devagar o rosto, observando-me de soslaio, o perfil delicado, o nariz empinado. Os olhos escuros me fitando assustados, como a gazela que era.

Vi suas pequenas mãos tremerem. Eu a afetava tanto quanto ela me afetava.

Os lábios rosados e polpudos se entreabriam, e senti vontade de repuxá-los e mordê-los, e de enfiar minha língua em sua boca, penetrando-a cruamente.

Estava duro como pedra, sua presença engrossando meu membro, enchendo-o de desejo.

Que vontade sentia de empurrá-la na mesa e pegá-la por trás, ver aquela linda mulher exuberante delirando de prazer.

Por fim ela se virou com cuidado, e me olhou ofegante. Estava ruborizada. Examinei-a cheio de desejo.

Por alguns segundos a tensão sexual nos tomou em meio ao silêncio. A claridade da porta aberta iluminava seu rosto, deixando ainda mais óbvia e fascinante a verdade: era *ela*.

Observei o engolir penoso de sua garganta alva, tentado a beijá-la ali, em seu pescoço.

Delicadamente fechei a porta atrás de mim, e vi que ela observava meus movimentos, nervosa.

Os enormes olhos castanhos rebrilhavam, atordoados. O nervosismo dela me deleitava.

Deleitava-me também sua visão: os dentes um pouco separados, adorável herança francesa. As maçãs do rosto esculpidas, a pele branca e sedosa. Os seios parecendo carnudos e cheios subindo e descendo. A cintura fina e delicada.

Em qualquer época da vida, seja como uma garota desabrochando, ou uma mulher feita como agora, ela era estupenda.

Uma *Blanche de Neige*, com efeito.

Não havia dúvida. Era ela. O seu nome era Aimée, e eu nunca soube. Deveria ter ido atrás dela naquele momento, mas uma sensação de traição ainda me atormentava, e quando resolvi ir buscá-la, não havia mais conseguido saber seu nome.

Estava apenas confirmando o que meu coração e meu corpo já sabiam.

Aquela moça era meu futuro, o meu destino, algo estranho me dizia, não sabia se como uma advertência ou como um alento.

Aquela era a minha Aimée. A minha pequena princesa triste do passado. E eu a tomaria com cuidado, aos poucos.

No fundo dos seus doces olhos eu via que ela também me reconhecia, só não sabia ainda quem eu era.

Mas eu daria tempo para que ela lembrasse. Sei que não fora um

encontro qualquer o que tivemos no passado.

Havia aquela profunda conexão entre nós que nada mais explicava. Exalava em todos os seus poros.

Ela não me escaparia, ela me pertencia, e ela sabia. Era apenas uma questão de tempo, e o relógio estava passando.

"Você é minha, doce Aimée", pensei.

Ela estava com medo, e ela tinha razão de estar. Eu estava tão excitado que não era confiável. Não para uma donzela.

— O-o senhor fechou a porta — ela disse, recostando-se na mesa, a voz visivelmente enervada.

— Sim, eu a fechei — confirmei, devorando-a com os olhos.

Garota esperta. Ela tinha medo, e ela estava certa. Ela sabia que tinha que me temer. Sabia que estar comigo a portas fechadas era um perigo.

A questão é que era um perigo que ambos desejávamos.

— O-o que faz aqui, Senhor Page? — perguntou, aflita. — N-não, deveria estar aqui.

— Não penso assim, Aimée... Queria vê-la, precisava tanto vê-la, *chérie*...

— Mas por quê? — ela indagou, umedecendo os lábios, e a sensação

foi toda para o meu pênis, que engrossou mais.

— Você sabe o porquê tanto quanto eu.

Ela apenas arfou em resposta.

Como queria tocá-la, mas ainda não... Gostaria que ela me reconhecesse. Gostaria que ela finalmente lembrasse quem eu era. Não poderia assustá-la.

Algo me dizia que ela sabia, e que no passado, eu havia mexido com ela tanto quanto ela havia mexido comigo.

Seus olhos vagavam sobre mim, em agonia. Eu podia sentir o aflito bater de asas de seu coração.

Ela sempre seria meu passarinho.

Olhei para seu busto, e então vi a confirmação que nem precisava mais: o pequeno broche de pássaro. O mesmo que ela usava naqueles dias.

Sorri, e sem pensar, tateei cegamente, buscando-o, recostando a ponta do dedo acima de seu seio, onde estava o broche. Minha cabeça estava com a névoa do desejo e do maravilhamento.

Senti como ela cortou a respiração em resposta, e o pequeno gemido de susto que emituiu.

Sua reação foi esperada, admito. Eu não deveria tocá-la ali, não

ainda, acima de seu seio.

Uma mão bateu forte em meu rosto mal resvanei os dedos em seu pequeno broche.

"Pardalzinho", pensei comigo. Esse é seu nome secreto.

Toquei meu rosto ardido, e continuei sorrindo. Eu merecia aquele tapa, é claro.

Eu era ridiculamente atrevido, ela era uma moça decente. Mas eu não estava me contendo.

Ela podia bater quantas vezes quisesse. Não importava. Ela era minha. Só faltava ela saber disso.

— Não se atreva, Sr. Page! — Fitei seus olhos assustados.

— Desculpe — disse simplesmente, encantado estava com a minha confirmação. Um sorriso bobo coroava meu rosto.

—Pelo amor de Deus, Sr. Page! Isso é uma sala de aula! Não volte aqui para tentar safadezas! Tenha o mínimo de respeito e compostura!

Ela estava certa. Podíamos perder a compostura em outro lugar.

—Posso tentar safadezas então dentro do carro com a senhorita enquanto eu lhe dou uma carona e conversamos melhor? — perguntei, sorrindo.

Não custava perguntar, oras!

Ela ficou boquiaberta. Era tão divertido vê-la sair daquela apatia, ver seu rosto corar, viver, para me odiar e me adorar.

Podia sentir como minhas palavras eriçavam seus pelos.

Oras, tudo meu se eriçava por ela.

Eu estava tão feliz. Que vontade de levantá-la para o céu, agradecer a Deus por meu presente e dizer: eu te encontrei, moça. Agora só preciso conquistá-la. Não fugirá mais de mim, só até onde eu saberei onde estará, para assim trazê-la de volta.

Ela fazia um adorável biquinho ridículo de raiva nesse momento.

— Não! Está ouvindo Adam Page, seu atrevido?! Não entrarei no seu carro! Não me aproximarei do senhor por minha vontade! Jamais!

— Eu duvido, Aimée... — Sorri, divertido.

De repente, sua expressão mudou. Ficou algo pensativa, e ela respirou fundamente, como se estivesse vencida, ou querendo mudar de tática para negociar.

Mas não adiantava: eu a queria, e isso não era negociável.

— Por favor, Senhor Page. Sei que o senhor deve ser rico, porque assim falam na cidade, e sei que devo parecer mais pobre que um rato de

igreja desafortunado tendo apenas pão velho para roer, mas não use isso para se impor e me impressionar, por favor... A mim tanto faz o dinheiro.

Achei graça na comparação, e não contive uma pequena risada.

—Andou perguntando sobre mim? Quanta honra, e a mim, a senhorita parece perfeita. Não me parece um rato. Parece-me uma gata.

Os olhos dela se estreitaram, raivosos.

—Não preciso perguntar sobre o senhor. Todos falam de homens que se exibem.

—Eu não me exhibo, minha cara senhorita, a não ser entre quatro paredes. — Olhei inocentemente pela sala, deslizando os dedos por uma cadeira e por fim voltando a olhá-la com desejo. Um sorriso cínico então estampou meu rosto, e coloquei os braços detrás das costas e continuei.

— E não me importo que não se importe com meu dinheiro, tenho outros dotes que podem encantá-la também — prossegui falando, a voz num tom grave e rouco.

Via-a tremer. Ela engoliu em seco, e parecia se recuperar de algo antes de resolver falar.

— Senhor Page, tem noção de que pode prejudicar minha reputação? Estamos trancados!

— Eu a honrarei depois, não se preocupe. Só queria mais intimidade.

— Sorri, tentando aliviá-la. Era verdade.

Estava nos meus planos. Não a desonraria. Quer dizer, sim. Eu queria que as pessoas a vissem comigo, até para espantar os gaviões.

Precisava comprometê-la de alguma forma, marcar território.

Na cidade, não mexeriam mais com ela. Estava decretada a minha posse. Ela era minha.

Nenhum homem se atreveria a tentar pegar Aimée de mim. Ademais, cortejar não era crime.

E eu realmente não pretendia desonrá-la... Quer dizer, sim... É claro que pretendia, mas restaurando sua honra depois...

Por Deus... será que eu estava tentado a pensar em casamento um dia?

Olhei aquele pescoço fino e branco, a boca vermelha, o corpo perfeito... Um sorriso sombrio e ao mesmo tempo deliciado brotou em mim.

Aquela ideia de repente me molestou, mas eu estava demasiado encantado para me deixar abalar.

E nossa história começou muito tempo atrás, doce e íntima.

Algo no jeito sombrio com que eu a encarava, como se estivesse a ponto de pular sobre ela, assustou-a. Talvez estivesse certa em sair correndo

de mim, mas respirei para me controlar. Tudo a seu tempo.

Vi-a então recolher com mãos trêmulas o material escolar, o mais rápido possível, olhando-me nervosamente.

— N-não estou acostumada a essas intimidades, Sr. Page, nem gostaria de dá-las.

— Sei que não, mas às vezes, não fazemos o que gostaríamos. Fazemos o que devemos. O corpo tem leis próprias, Aimée. Descobrirá isso — disse e a vi parecer perder completamente as forças com seu olhar embotado e seus lábios entreabertos.

Podia observar o tremular de seus dedos ainda mais forte.

Sim, sabia que Aimée fugiria de mim porque seu corpo queria ficar. Seria uma boa briga, pensei, divertido.

Estava louca para fugir de mim, é claro. Tudo bem, eu deixaria. Não seria por muito tempo.

Seria divertido aquele nosso jogo amoroso.

Deixei a ir fulminando-me com os olhos, mas ao mesmo tempo sabendo que tremia de desejo por mim, tanto quanto eu tremia de desejo por ela.

Eu te achei, passarinho. Meu passarinho secreto.

Gargalhei sozinho naquela sala de aula, tocando a mesa onde ela pousara suas mãos e admirei no quadro negro sua letra redonda e bonita de ginásiana, suspirando.

Talvez eu não devesse fazer aquilo, mas estava fascinando demais, fascinado há anos, na verdade

Que os jogos começassem até tê-la para mim.



Capítulo 8

Londres, cinco dias depois

Limpei as mãos do giz. A pequena sala de aula estava com aquele adorável cheiro de velas acesas para melhor iluminar, cal e cera de lambris no velho chão de carvalho.

O fim do outono já deixava o tempo um tanto frio e úmido àquela hora.

Usava meus trajes severos habituais, os mesmos coques ingleses. Hoje, porém, levava um casquete na cabeça.

As crianças estavam lindamente enfileiradas, vestidas com o que podiam. Aquilo alegrava meu coração entristecido, vê-las mais inteligentes depois de um fim de aula.

Que esses adoráveis pestinhas que tanto amava guardassem consigo as lições do dia, era sempre meu último pensamento.

Meu coração era todo para eles, para fazer aquelas crianças felizes. Eram a minha maior motivação.

Mas havia sempre uma profunda melancolia ao olhar crianças.

Eu jamais teria filhos. E aquilo era doloroso. Então, aquelas crianças

seriam para sempre meus pequeninos. Se não poderia aleitar um dia uma criancinha minha em meu seio, vê-la tomando vida de mim enquanto eu a alimentava, eu então faria tudo por aqueles pequenos pimpolhos que exibiam suas janelinhas sorridentes para mim, naquela fase de troca de dentes.

Meu coração se apertava ao ver cada criança." Peter", eu me dizia...

Um rostinho aparecia em minhas lembranças. Grandes olhos azuis, o cheiro de amido de milho para que ficasse bem seco, a penugem castanha na cabeça, as primeiras palavras ditas em meu ouvido, a sombra de um sorriso, e as meias que lhe fiz em seus pezinhos.

Peter, meu filhinho do coração... Onde ele estaria, Santo Deus? Cada dia, as lembranças me assombravam e as saudades me matavam.

Nos meus sonhos bons e nos meus sonhos tristes, Peter estava lá, com suas mãos pedindo por mim.

Não o veria crescer, não o veria nunca se tornar um homem. Que Deus o tornasse um homem de bem, pensava comigo, sentindo-me mais vazia do que sempre fui.

Mas aquele era um dia feliz, apesar de tudo, e eu me sentia bem-disposta.

Antes de as crianças irem, treinei com elas mais uma vez o Pai nosso em Latim. Gostava do resgate das tradições diante de nossos dias seculares

no interior. Precisávamos de fé, especialmente os pequeninos.

Algumas daquelas pobres crianças tinham lembranças muito amargas em seus corações, e mesmo assim, sorriam.

**"Pater noster, qui es in cælis:
sanctificétur nomen tuum;
advéniat regnum tuum; fiat volúntas tua sicut in cælo, et in
terra.**

**Panem nostrum cotidiánum da nobis hódie;
et dimítte nobis débita nostra,
sicut et nos dimíttimus debitóribus nostris;
et ne nos indúcas in tentatiónem;
sed líbera nos a malo.**

Amem"

Rezei com elas, pedindo que repetissem com cuidado. Lindos anjos, que Deus os abençoasse em nossa vida nova, e pedi secretamente que Deus abençoasse meu pequeno Peter, meu bebê, onde ele estivesse.

— *C'est fini, mes enfants.* A aula está terminada. Podem ir. — disse, sorridente.

O rostinho das crianças ficou alegre de repente, e se apressaram a

sair em disparada.

— Tomem cuidado, *c'est en peu tard!* Está tarde, crianças! Sem correr! Como eu ensinei que deveriam se portar, não? Com suavidade e graça! — adverti-os, aos risos, lembrando que eles eram legítimos damas e cavalheiros ingleses, e a postura importava.

— Como deve ser a coluna, crianças? — perguntei.

— De aço, senhorita Aimée! — respondiam, enquanto iam embora.

Ao saírem, não resistia em dar beijos no topo da cabecinha de algumas das crianças lépidas e rápidas, e ganhava alguns abraços que quase me faziam cair para trás ao dar gargalhadas.

Ah, a felicidade... A felicidade, certamente, estava ao ver uma criança feliz podendo crescer em paz.

Pus as mãos na cintura, e olhei para a cidade, para aquela luz crepuscular, aspirando o cheiro outonal. Um tanto frio. Sentia o ar regelando entrando nos buracos da meia calça que usava.

Não podiam me dar o luxo de ter meias sem buracos. Não ainda. Mas estava juntando dinheiro para meias e sapatos novos.

Sim, já estava quase anoitecendo e a luz era fraca para tantas crianças. Não podíamos igualmente nos dar ao luxo de ter tantas lâmpadas em tempos de pós-guerra, mas a cada dia tudo estava melhor.

Arrumei meus grossos livros contra o meu peito. Eles eram minha proteção. Um deles era de Elizabeth Barret Browning, minha poetisa favorita.

Voltaria de ônibus para casa, depois daria uma caminhada de 15 minutos até minha casa. Assim tinha sido a rotina nos demais dias em que eu estava tentando me adaptar a Horsham.

Tinha que passar antes para comprar algo para casa... Estavam faltando várias coisas. E eu precisava de mais açúcar para os doces, para devorá-los em seguida.

Especialmente quando pensava nele... Ou via aquele diabo insistente, normalmente parado na porta do seu carro, fazendo-me propostas indecentes, com aquele sorriso largo de demônio. Quando não o via, estava pensando nele.

E sempre que pensava, eu tremia.

E quando não pensava, eu sonhava. Santo Deus, todas as noites, estava sonhando com Adam Page.

Com suas grandes mãos, com seu tronco largo, com seus cabelos sobre a testa, e os olhos frios de prata brilhante me olhando daquele jeito absorvente.

Sonhos perturbadores em que ele entrava por minha janela, falando coisas excitantes e perversas. Sonhos proibidos em que ele reinava sobre

mim, dominando meu corpo, e me acariciava maliciosamente, fazendo peso sobre mim, abrindo-me as pernas.

No meu sonho, de duas noites atrás, estranhamente, quando ele me tocava, não era realmente ele, mas aquele estranho homem, o senhor Hoyt.

Aquele homem que me encheu de medo com sua profecia. Não lembrava mais exatamente do seu rosto, era apenas uma máscara triste na minha mente, com olhos brilhando, mas lembrava de uma forma chocante, elétrica de como eu parecia entrar em combustão quando ele falava. A voz fraca que ele tinha, a voz doente... dizendo coisas tão íntimas para mim, e de alguma forma, aquelas palavras me derretiam.

Lembrava do modo como me assustou, como mexeu comigo, e do quanto senti aquele estranho choque quando me tocou, enchendo-me de algo mais que não saberia identificar, mas era algo que me fazia querer correr e ficar ao mesmo tempo, como ele me segurasse ali, fixando-me com o poder dos seus olhos e a calma de sua voz.

Era uma sensação de medo, tentação, perigo, de choques estranhos no meu corpo.

Como se tivesse também medo de mim mesma, porque eu queria ficar quando ele me tocou... E era aquilo o que me mais me assustava.

Aquele homem, o Senhor Hoyt, era assustador e forte de uma forma

que tive que fugir e nunca mais voltar.

Talvez trouxesse de volta à memória agora aquele estranho homem com quem cruzei no passado porque ele de certa forma havia mexido comigo de um jeito parecido que Adam Page me afetava agora.

Embora Adam Page conseguisse ser mil vezes pior, com uma intensidade mil vezes pior, e ainda por cima, aquele peste era bonito e charmoso de um jeito que homem nenhum na Terra deveria ser.

Leis deveriam ser criadas para proibir os olhos, o sorriso e o corpo de Adam Page. E sua insolência sedutora também.

Se ele não me matasse do coração, não sabia mais o que me mataria.

Mas naquele momento, só pensava em merengues e geleias de mirtilos.

Depois de tanto tempo sem comer doces, por que virávamos formigas dependentes e viciadas? Era uma necessidade quase tóxica de doces sempre... Era mais forte que eu.

Hummmm. Usaria, é claro, as favas de baunilha de Jodie. Precisava pedir que depois me arrumasse mais.

Se eu engordasse, a culpa era toda de Adam Page por sempre me deixar tão nervosa.

Estava caminhando em direção ao mercado quando o vi. Oh, não...

O diabo de quem estava para variar, pensando, parado no carro no meu trajeto para ir lá mais uma vez me oferecer o mundo em meio ao deserto, tentando-me. Era a terceira vez aquela semana que o via pela cidade desde o episódio da sala de aula que quase me matou de desejo.

Ainda lembro da voz do cretino por trás de mim, gelando-me a alma, o modo insinuante como me olhava, como se eu fosse alguma coisa preciosa, um quadro de Renoir ou um monte de bacon, uma mistura de tudo isso.

Ele me chocava, sempre, deixando-me sem ação diante daquela determinação. Eu não era tola e sabia que ele estava fazendo questão de se manter presente para me atormentar até conseguir o que queria.

Não deveria me causar espanto, mas me causava. Da outra vez ele não me viu. Estava endireitando-se, acomodando algumas galinhas gentilmente para uma das senhoras viúvas em sua cidade na velha caminhoneta Ford que ele usava no campo, que não combinava nada quando ele vinha com traje a rigor.

Usava uma roupa simples daquela vez, de trabalhador do campo, com um jeito de quem estava lidando com as coisas de uma fazenda. Podia ouvi-lo na vizinhança às vezes trabalhando, mas me negava a olhar e prestar atenção e tentava me concentrar em qualquer coisa que não fosse ele.

Mas daquela vez ao longe, ele não parecia nem cínico, nem

assustador, e estava atraente de um modo tão diferente... Estava lá com um sorriso ameno no rosto e aquelas roupas simplórias que ao mesmo tempo, o deixavam tão atraente. O Senhor Page estava gentil, cortês, sem aquela dureza sexual que lhe era tão característica.

A beleza dele estava, não sei dizer, bondosa... Parecia um pai de família. Um homem bom.

"Quem não te conhece que te compre", pensei.

Mas daquele jeito, por alguns segundos, não senti que ele apenas era um tarado sem princípios com tendências à degeneração, o que não me impedia de suspirar largamente quando o via.

Era conflituoso, e uma pessoa como eu detestava conflitos.

Agora, ali, eu suspirava ao vê-lo acomodar alguns ovos após finalmente prender uma galinha. Não podia não ficar sorridente diante daquela atitude de cortesia masculina para uma pobre mulher viúva de guerra. O olhar deslumbrado e grato da senhora naquele instante era comovente. Era maravilhoso vê-lo fazendo um gesto de nobreza.

Sabia que ele era relativamente elogiado por isso: ter gestos nobres. Ele trazia por vezes gordas notas e regalias para os cidadãos, e absolutamente ninguém sabia sobre a origem de seu dinheiro, e os boatos cresciam, um pouco sem maldade.

No fundo, sabiam que Adam Page não era um homem mau. Eu também sabia que não.

Mas isso não o deixava menos letal e menos perigoso, especialmente quando ele me olhava e falava comigo *daquele jeito*.

Aquele jeito que me regelava a espinha e me fazia não acreditar em quem eu era.

Ali, sem me ver, sem a sexualidade agressiva a me encarar, era tolerável. Eu podia lidar com o redemoinho de sentimentos que ele me causava. Podia observá-lo sentindo menos medo.

Mas agora, ele estava ali de seu jeito habitual, o jeito que me desafiava e me enervava.

Adam Page estava com os braços cruzados contra o carro. Aquele olhar de prata líquida, sagaz como uma Pantera.

Senhor, ele sabia como ser envolvente. Sabia envolver e prender mesmo sem usar seus braços. Sabia, lamentavelmente, sujeitar apenas ao me olhar nos olhos.

Voltávamos a nossa condição normal: o caçador e a presa.

Eu não sabia nada sobre Adam Page, a não ser que ele morava só, que se vestia ora com extrema elegância, ora com calculado despojamento, que tinha um cão chato que ladrava e que tentou morder minhas flores e que

estava sempre fazendo companhia a ele. O Sr. Page sempre levava o cão em suas viagens estranhas, sumindo com seu Ford próprio para o campo. Na volta, observavam na cidade que ele trazia às vezes objetos considerados luxuosos para aquela pequena casa do campo.

E que amava dar presentes. Sua fama era de generoso e bastante endinheirado.

Naqueles dias morando ali, eu sabia que ele não falava muito, mas que impunha respeito. Que estava na cidade há cerca de um ano e que viajava a trabalho com frequência, passando às vezes longas temporadas fora.

Ninguém sabia do que ele vivia, o que aumentava em torno dele um certo mistério envolvente.

E por alguma razão, as pessoas não se atreviam a perguntar nada para ele que ele não se mostrasse disposto a responder com gracejos, e como muitas pessoas do pós-guerra, o senhor Page parecia ter seus segredos e gostava que fosse assim.

A força magnética que ele exercia impunha aquela autoridade natural que lhe pertencia.

Eu também sabia que as mulheres da cidade, de alguma forma, o desejavam... Desejavam aquele homem rústico e calado que mancava um pouco com uma das pernas, e que quando falava com elas, era sempre com

piadinhas, o que já tive a infelicidade de testemunhar.

Já vira o poder que tinha sobre Jodie e outras meninas da cidade, que ficavam vermelhas como um tomate assim que ele se apresentava, e davam tudo para ouvir aquelas suas piadinhas ruins.

Também havia sentido ciúmes, infelizmente, daquela última vez, quando Sally, a amiga de Jodie, se pendurou nele como uma fruta madura querendo cair, mesmo que ele tivesse acabado de pegar em galinhas.

Fiquei absurdada com o pouco auto respeito daquela garota oferecida.

Alguma coisa próxima de assassinato passou em minha mente, estranhamente, especialmente ao ver como ele sorria torto para ela.

Canalha.

E para piorar a situação, Sally naquela ocasião olhou diretamente para mim, enquanto ele a balançava pela cintura, fingindo ser uma criança, e ela dava risinhos cretinos.

Sabia por que Sally fizera aquilo. Primeiramente porque eu, estúpida, estava os olhando. E segundo, porque eu continuava ouvindo comentários indecorosos das senhoras da cidade e suportava as risotas que davam para mim ao saberem que aquele homem me cercava.

Não queria saber o que elas cochichavam, eu já fora muito ferida

com cochichos, ferida e prejudicada... eu estava cansada de insinuações sobre meus supostos maus comportamentos por morar só, ser bonita e ser solteira em 1949.

Mas sobre Adam Page, esse desgraçado que estava me olhando agora com um sorriso cínico como se eu fosse um leitão com maçã na boca recém assado prestes a ser devorado...

Observei que seus cabelos continuavam um pouco compridos e desalinhados, sua barba estava sempre por fazer quando o via, e dessa vez, estava vestido a caráter...

Ele tinha uma virilidade tão... cortante. Ele tinha talvez o que as moças pudessem chamar de charme, não sei dizer. Um jeito sexy.

Mais uma vez, ao olhá-lo assim, a terrível imagem do Senhor Hoyt estava ali, fazendo-me estremecer...

Mas ainda era Adam Page que se apresentava em minha frente, deixando-me sem fôlego. Cada vez que o via, eu me encantava mais, apesar de todo o conflito e repulsa que sentia juntamente.

Mas eu também era rendida pela presença daquele profundo charme sexual e aquele corpo forte e musculoso que nem as mais discretas roupas poderiam esconder.

Os lábios dele eram de uma sensualidade cortante, os olhos estavam

sempre estreitados, felinamente.

Quando ele sorria, daquela forma torta e quase triste, o sorriso sem chegar nos olhos, uma pontada chegava num lugar que não deveria chegar, mas chegava...

Adorava o maxilar angular mal barbeado, eu tinha de confessar. Era uma prova física de uma profunda virilidade. Perguntava se aquele desleixo não era proposital, para causar olhares.

Um sorriso secreto brotava em meu interior ao vislumbrar a testosterona enquadrando aquele rosto.

O outro fato que sabia sobre o Sr. Page, é que, lamentavelmente, ele era meu vizinho... E que por conta disso mocinhas curiosas como Jodie e até mesmo aquela terrível e debochada Sally já haviam me abordado sobre o que sabia sobre ele, o que me irritava fortemente.

Até as mocinhas inocentes ele andava querendo perverter? E pior, ele estava fazendo com que elas me tratassem mal por supostamente competir com elas. Pobres tolas!

E piorando mais ainda: as mocinhas me diziam que eu deveria convidá-lo para um chá, ou elas fariam antes de mim!

Sim, eu estava cada vez mais aborrecida com todo aquele falatório, e o que é pior: eu sabia que as coisas chegariam a algum lugar, e esse lugar me

atormetava.

Nunca! Jamais! Eu era respeitável, estava lutando para sê-lo, e estava cada vez mais nervosa que, mais uma vez, homens como Adam Page contribuíssem para a minha má fama, por mais que eu tentasse mostrar que era uma mulher séria.

A outra parte terrível de tudo aquilo é que ele iria me convidar novamente para me levar para casa, como agora, ali, parado diante daquele carro.

Fazendo uma mesura com seu chapéu "quebrado" na cabeça, um sorriso sedutor brincou na comissura de seus lábios.

— Senhorita, será que hoje poderia fazê-la mudar de ideia? — perguntou, diante de meus passos apressados.

Algo me dizia que ele estava ali marcando o horário que eu saía da escola. O caminho para o mercado era o mesmo do ponto de ônibus.

Eu sentia que deveria seguir diante, não desacelerar meus passos, mas eu sabia que Adam Page tinha conhecimento de que a voz dele, profunda e grave, fazia-me querer derreter os joelhos e os fazia se virar.

Dizer não para ele era irresistível, então eu parei e me virei lentamente.

— Não — neguei, com profundo prazer. Ah, como eu amava dizer

não para ele!

— Que pena, *chérie* — O sorriso se tornou agora cínico. O modo como ele falava *chérie* quase me tonteava.

Os olhos dele passaram de cima abaixo, aquele jeito avaliativo e sexualmente agressivo, como sempre.

Mon Dieu, ele era difícil... "Não gostaria de saber o que tem debaixo das roupas de um homem?" A perguntava que ele havia feito na casa dos Peterson martelava em minha mente, de forma aguda e torturante.

Não, eu não queria, mas traiçoeiramente, sentia que minha curiosidade feminina dizia outra coisa.

Inspirei fundo, arrumando forças para partir, e girei em torno dos tornozelos, dando meia volta e retornando ao caminho do ponto de ônibus, sentindo me massacrada.

Iria deixar de comprar açúcar que estava acabando por causa dele.

— Não gostaria de mudar de atitude dessa vez, para variar? — perguntou com voz profunda, com um certo riso nela.

Mais uma vez não resisti e me virei. Maldito.

— Não, o senhor não merece que eu seja criativa.

Ah, como eu amava destrotá-lo!

— Então já temos uma rotina, não? — A voz soou profunda, e sua sobancelha se arqueou. — Até onde ela irá nos levar, Aimée, *ma chérie*? Se agora já parecemos namorados, com uma rotina e tudo?

Aquele *chérie* estava me irritando, e dei alguns passos para ele, sem perceber. Sem perceber, eu estava suficientemente próxima para encarar os detalhes másculos dos seus contornos. Ele estava de coletes.

Eu o adorava de coletes.

— Não me chame de *chérie* — falei fraca e febrilmente, sentindo minhas pestanas vibrarem e algo mais. Algo que não podia vibrar.

Colocava os livros contra meu peito, apertando-os mais contra mim, em busca de proteção daquele homem que me desarmava.

— Há algo mais apropriado para você, um nome que gosto de chamá-la — falou, num tom enigmático, com um estranho brilho nos olhos que me atraía.

Aquilo não podia não deixar de me interessar, e então, eu fiquei ainda mais próxima.

— O quê?

— É segredo. Existe o nome que nos damos diante de Deus, e existe o nome secreto em nosso coração. É o seu nome secreto, e ele está comigo — falou com voz branda, sorrindo sutilmente.

Pestanejei novamente, sentindo o frio regelar os buracos de minhas meias. Os olhos dele seguiram até lá.

Estava hipnotizada.

— Eu duvido que o senhor saiba algo sobre mim. Está bancando o misterioso para me seduzir — falei, com desdém, sabendo que estava sendo mesmo seduzida por esse cachorro misterioso.

—Ah, *chérie*, eu sei, sei sim. E o que sei, está no mais profundo do meu coração. Nos meus sonhos, Aimée, digo seu nome. — Sorriu de canto. —Se quiser saber seu nome secreto, entre no carro, para que eu possa te contar. Afinal, o que também precisamos fazer um com o outro, verdade seja dia, também não seria muito esperto que outros olhassem. Prometi honrá-la, lembra-se? — sussurrou, com voz ardente. E os olhos mais quentes ainda.

Não conseguia não sentir aquelas pontadas cruéis naquele lugar proibido, a corrente estranha tocando minha espinha, passando pelo bico dos seios, até o dedão do pé.

Assustada, ele então tomou minha mão, aquela mão forte e quente, terrivelmente quente. As mãos se fecharam sobre meus dedos novamente, daquele jeito fantástico que ele sabia fazer, que me fazia vibrar inteiramente.

Um prazer indevido continuava a correr por minha espinha, e além. Olhei para baixo, para sua mão tocando a minha, então ele, lentamente,

levantou sua palma até o punho de meu severo vestido, onde havia grandes manchas brancas de giz, e espalhou então o pó com suaves pinceladas de dedo, aproveitando para acariciar a pele nua do meu pulso.

Voltei meu olhar para ele, hipnotizada, e balançando um pouco a cabeça, tentando me despertar daquilo, retirei a mão.

Naquela hora, ele me pareceu tão familiar... Mais uma vez aquele toque de mão, aqueles olhos cinzas líquidos, com aquela graça e mistério sempre atraentes, e me dando tanto medo...

E aquele estranho olhar de reconhecimento que ele me dava às vezes, tão estranho. Que homem estranho, *Mon Dieu*.

Ele fez curso para ser misterioso, o patife.

— Estava manchado — ele disse, simplesmente, parecendo quebrar minha magia de propósito. — Agora, não mais, professora Aimée. — Ele sorriu.

— Obrigada — disse, secamente, recuperando-me.

Tocara-me para me perturbar, ali, na frente dos transeuntes, e para de alguma forma manter aquecida as fofocas de que tínhamos alguma coisa.

Odiei-o por aquilo, por tentar posse de mim, de meu nome e de meu destino na cidade sem que eu lhe desse direitos.

Mas Adam Page não parecia o tipo de homem que esperasse ter

direitos. Ele simplesmente julgava tê-los, e, para minha perdição, pelo modo como meus joelhos cediam como gelatina, talvez tivesse.

Com as pálpebras tremulando, tentei me recompor daquela sedução.

— O senhor continua com essa estranha ousadia de tentar me tocar na frente de todos. — Ele deu de ombros. — O senhor sabe que as pessoas falam.

— E você espera sempre que eu a toque, Aimée. É por isso que faço, porque sabe que a cada passo que dou, estou me conduzindo até você. Sou paciente, *chérie*. Um dia, eu finalmente me verei completamente nos seus olhos. Quero que seus olhos reflitam o que sente por mim. E não vai demorar.

Engoli em seco, perturbada.

— O senhor gosta de me perturbar, por quê, em nome de Deus?

— Eu apenas gosto de estar com você, Aimée. Hoje adorei vê-la com as crianças. Não podemos impedir que a beleza seja olhada, nem de lutarmos pelo que queremos. Se a perturbo, apenas você sabe a resposta. Mas acredito que eu possa saber também qual é. Nós sabemos a verdade um sobre o outro, Aimée — falou calmamente, do jeito sedutor, com as mãos nos bolsos, o olhar penetrante me percorrendo.

Não deixaria mais ele me perturbar. Então dei alguns passos para trás, e quase correndo, parti.



Capítulo 9

Chegando em casa, ainda estava me sentindo completamente afetada pelas palavras tórridas proferidas por aquele sedutor.

As palavras daquele maldito deus pagão.

E só de imaginar que ele estava ali, a alguns metros de mim, eu me contorcia.

Ouvi-o chegar com o carro, e coloquei as mãos no ouvido para espantar a sensação de sua presença.

Saber que bastava eu ir... Bastava bater em sua porta... Ou ele bater na minha. A tentação de ceder...

Olhei para a porta, assustada, imaginando-o ali, alto, as coxas fortes debaixo da calça, o peito amplo e ofegante, o olhar quente sobre mim, suas grandes mãos me tomando de repente...

Mon Dieu! J'en peux plus!

Estava exausta, cansada de lutar pelo que estava sentindo... Até onde eu suportaria aquela sedução? Eu precisava ter forças...

Era impossível, simplesmente impossível. Não tinha mais graça.

C'est impossible, cher Adam Page, pensei quase às lágrimas. Era

impossível. *Mesmo que você não fosse um canalha, mas você é querido Adam, é impossível.*

Respirei fundamente, tentando me acalmar. Precisava de um banho, isso sim.

Preparei-me para um banho quente com meus óleos de rosa e jasmim e tentei relaxar imersa na água. Deixei soar Billie Holiday enquanto tomava banho na banheira de louça, deixando que a música me tomasse, mas então começou a tocar aquela, aquela música que eu, tantas vezes, numa espiral de loucura masoquista, gostava de repetir.

Lover Man.

"he night is cold and I'm so alone

I'd give my soul just to call you my own

Got a Moon above me

But no one to love me

Lover man, oh, where can you be?"

"A noite está fria e eu tão sozinha

Eu dei minha alma apenas para te ver me chamar de seu amor

Tive a Lua acima de mim

Mas ninguém para me amar

Homem amante, oh, onde você poderá estar?"

Sozinha, solidão, infelicidade. Lembrei-me de tantas coisas e pessoas que faziam falta.

Lembrei-me de Peter, lembrei-me de meus avós ao morrerem quando fechei seus olhos, lembrei-me da guerra e de suas explosões, dos barulhos de morte todas as noites, e de me acostumar a dormir com aquilo...

Sorri, triste. Aquela letra me deprimia. Perguntei-me se não ouvia para me deprimir, lembrando de meninas doces, sonhos ingênuos, as patas de Minnie sobre mim, a talqueira de minha avó, seu *rouge*, seu colar de madrepérolas, meu coração sonhando ingenuamente com um príncipe encantado antes da guerra... Antes de tudo.

Sonhando com a felicidade que me fora tirada, além de toda esperança.

Fiquei ali na banheira, imaginando um mundo diferente, para sempre perdido. Antes de todo aquele terror que me fizera metade de uma mulher, e a definição mais aterradora de desesperança e solidão.

Perguntei-me, num sonolência suave, após sentir lágrimas gotejando e se misturando com a umidade da água, caindo em desejos que não poderia me permitir, se príncipes poderiam ser levemente mancos, com barba por

fazer, olhos luxuriosos e sagazes, um sorriso torto, usando coletes e um velho Ford barulhento... Se possuíam um cão chato que ladrava alto.

Não, definitivamente, príncipes não poderiam ser assim.

Adam Page era um palhaço brincando de me seduzir, não dando a mínima para meus sentimentos, sabendo que eu poderia me apaixonar e me machucar. Não se importando com minha reputação.

E se por acaso ele fosse um príncipe, eu jamais caberia no papel de princesa. Princesas tinham alma, tinham um corpo a oferecer.

Eu não tinha mais nada, pensei, um pouco antes de dormir, depois do banho que me acalmou.

No dia seguinte, eu não havia visto Adam Page.

Fiquei com o coração na mão, esperando na entrada da escola, ou no trajeto. Mas nada, nada dele.

Não sabia se ficava aliviada ou triste ao não o ver. Acho que sentia um misto de tristeza e alívio, violentamente.

Mas havia algo estranho em minha casa, assim que cheguei, na soleira da porta. Duas lindas e grandes caixas cor de rosa, com fitas de cetim amarelas as adornando.

Olhei para aquilo completamente boquiaberta.

Céus, o que poderia ser? Só havia uma pessoa capaz de pagar por caixas tão bonitas.

Vim para dentro, ansiosa para abrir aquelas enormes caixas, com sede infantil.

Ao abrir, mal podia acreditar.

Dentro, havia alguns pares das mais finas meias que eu havia visto nos últimos tempos, meias de fina seda e nylon, delicadas e lindas, com topos rendados. Havia também indecentes cintas ligas... e...

Quase caio para trás ao ver e desembrulhar tudo. Havia calcinhas e caleçons de mais pura seda.

Havia também um disco de Billie Holiday e uma versão maravilhosamente encadernada dos poemas portugueses de Elizabeth Barret Browning.

Olhei aquilo tudo cheia de espanto e agrado, ao mesmo tempo.
Como?

Com os dedos tremulando, peguei o cartão e li a letra firme, desenhada e masculina, meus olhos já se encherem de lágrimas.

"Que as meias toquem onde desejo tocar. Eu deslizaria meus dedos por suas pernas, lentamente. Eu beijaria o topo de seus joelhos, e além,

beijando o lugar íntimo que as outras lingerie guardariam. Leia pensando em mim, *chérie*. Ouça pensando em mim. Cante pensando em mim. Use, principalmente, essas peças pensando em mim, e saiba que um dia eu as verei em seu corpo.

De minha parte, saiba que estou sempre pensando em você.

Guardo seu secreto nome comigo, venha saber qual é, perto de mim

Seu, Adam"

Depositei o bilhete em meus joelhos trêmulos.

Maldito Adam Page, suspirei.

Deveria ir lá, devolver agora. Mas a verdade é que não podia, não podia vê-lo... Não sei como reagiria.

Gostaria de ir lá, fulminá-lo com os olhos, xingá-lo. Esbofeteá-lo. Adoraria ver o rosto pasmado e esbofeteado de Adam Page, por me fazer passar vergonha, por tentar me seduzir e por se portar de modo tão pouco cavalheiresco, mas, principalmente, por me deixar quase enlouquecida de vontade de ceder.

Mas a verdade é que não sabia como reagiria ao confrontá-lo. Eu não poderia ir, não poderia... Não poderia estar em sua casa, sob seu olhar ardente. Minha fragilidade ficaria ao máximo.

Especialmente depois daquela ousadia, daquelas peças íntimas,

daquelas meias finas, cintas ligas e caleçons...

Eu me manteria gelidamente obstinada, dando a ele todos os não e gelos que ele merecia.

Eu precisava manter o resto de orgulho e auto respeito que eu ainda me tinha. Minha dignidade era tudo o que restava, ou mesmo a dignidade que eu ainda acreditava ter.

Gostaria de ser reclusa, gostaria de ficar em uma caixa, sem ser perturbada por homens atraentes e irritantes.

Algo dentro de mim me dizia para me resguardar dele ao máximo, limitar seu poder sobre mim. Tinha que fazê-lo parar de me tentar a ir para caminhos que eu não queria, ou melhor, que eu não poderia.

Não poderia jamais, jamais deixar que um homem me tocasse e visse o que o sou.

Não poderia cair no precipício chamado Adam Page, e principalmente, não poderia correr o risco de ele descobrir o quão pouco que eu sempre estaria destinada a oferecer.

Não saberia como resistir, mas, Graças a Deus, não o vi por dois dias. Ele tivera de ausentar, graças Deus.

Mas aquela ausência foi tão perturbadora, e a ânsia do momento de vê-lo, que me perguntei se ele não se ausentou para me matar do coração.

Dois dias depois, porém, no fim de semana, estava em casa, feliz de aproveitar meu sábado e olhando aquela casa cheia de teias de aranha ainda para tirar. Havia tanto, mas tanto por fazer naquela velha casa!

Pensei em Adam, que havia voltado àquela manhã, pude ouvir, se ele não estaria prestando atenção se eu cantava ou ouvia canções ou mesmo dançava.

Sim, eu dançava sozinha, e daí? Aquela era minha casa.

Dane-se, eu ouviria meus discos e cantaria. Ainda me aliviava, ainda era uma grande alegria cantar. Gostava de trabalhar ouvindo músicas. Pouco me importava se aquele homem terrível iria continuar a fuçar o que eu escutava.

Solitude entoava pela sala.

Para variar, eu também estava fazendo doces. Estava sempre com desejo deles. Eram meu pecado maior.

Havia conseguido goiabas lindas, e estavam no tacho de cobre, fumegando, brilhantes e perfumadas enquanto eu as mexia e elas viravam um lindo doce.

Desde que conseguíamos agora açúcar com relativa facilidade eu só pensava em me empanturrar de doces. E ah, aquelas baunilhas! Que pecado!

O cheiro tomava conta da casa, intensamente, e era melhor deixar

ventilar.

Eu não havia aberto a porta, mas quando abri, ouvi aquele barulho singular de madeira sendo golpeada.

Um cheiro de pinho cortado e sua seiva se misturava com o de goiabas cozidas e açúcaradas, e era tão sedutor...

Foi quando o vi... O maldito... Bem ali, a alguns metros de mim, quase na porta de sua casa, cortando lenha.

Bonito que dava vontade de matar, mas acho que matar seria algo entre criminoso, falta de educação e desperdício para a humanidade.

Não gostava de olhar para homens, mas se tivesse de olhar para um, aquele era um belo espécime.

Quando percebi que ele estava ali, sem camisa, cortando os tocos... Eu afoguei o gritinho com as mãos e voltei a entrar na casa, aturdida com aquele lampejo de surpresa.

Mas confesso que não resisti e resolvi então sair sem fazer barulho, aproximando-me pé ante pé sem fazer barulho para observá-lo melhor.

A imagem dele ali era... hipnótica. Ele era tão inconveniente e, ao mesmo tempo, tão atraente... Tão irritante e tão magnético...

Os movimentos pareciam elegantes. Os braços fortes brilhavam naquele fraco sol de fim de outono, erguendo o machado, e o descendo em

seguida. Seus músculos se retesavam ao arrancar o machado do toco, que se desfazia em dois, caindo.

A cintura era estreita, as costas largas, as pernas longas... O cabelo liso se avolumava em seu pescoço. As costas eram bronzeadas e esculpidas belamente, como nos meus sonhos.

Ele emitia sons cansados, viris, que perturbavam meu juízo já enfraquecido.

Calças claras se agarravam a coxas fortes

O cão o acompanhava de perto, um terrier, cheirando-o de forma camarada, e ele parecia distraído naquela função de lenhador, parecendo respirar cansado.

Ele gostava daquele cão, eu percebia. Era carinhoso com ele. Mais de uma vez o vi conversar com seu cão, o rosto sorridente, perdendo a dureza. Ouvia-o dizer "Bom garoto", e secretamente, eu sorria.

E naquele momento, eu não conseguia tirar os olhos daquele maldito inoportuno. Eu sabia que ele não prestava.

Ou queria que ele não prestasse. Seria mais conveniente assim.

De todo modo, atrevia-se a ficar sem camisa, sabendo que ao seu lado morava uma dama e que poderia ser observado. Eu me perguntava se ele não fazia de propósito no vai que cola.

Se bem que meu avô ficava sem camisa em casa, e quando visitávamos meu tio avô Wilbur no campo, os homens não costumavam pescar ou fazer trabalhos braçais muito vestidos.

De todo modo, preferi me irritar com aquela falta de decoro, mesmo que não conseguisse tirar os olhos daquele estranho homem que parecia tão sexy cortando lenha.

Mesmo com todos aqueles defeitos, a verdade é que era uma visão deliciosa, e eu estava com água na boca.

Nada mais existia, só aquele corpo viril fazendo o que um homem faz de melhor: agindo como um homem, suando e exibindo sua força saudável.

Foi quando ele errou um toco, e disse em seguida obscenidades e palavras de baixo calão que eu não conseguiria reproduzir, colocando as mãos na cintura e respirando com dificuldade, enxugando o suor com as costas das mãos em seguida.

Apesar de tudo, fora estranhamente sexy ouvi-lo falar aquelas obscenidades com aquela voz baixa e grave...

Algo me excitou entre as pernas, ouvir aquele monte de palavras feias daquele homem tão desagradável.

Mesmo assim, abri boca de indignação ao ouvir aqueles impropérios,

irritada com aquela insolência diante de uma dama, mesmo que ele ignorasse que estava sendo observado, e então emiti um som de protesto, cruzando os braços.

— Humpf!

Foi quando ele se virou. Maldição, ele podia me ouvir. Os olhos dele pareciam surpresos, seu cenho estava franzido e ele respirava de modo cansado, passando de repente as mãos na barba por fazer.

Ele parecia estar curioso.

Aqueles traços duros, aquela virilidade implacável. Ele estreitou os olhos, as sobrancelhas estavam erguidas como se ele inquireisse algo, e então sorriu. Aquele sorriso torto que apertava ainda mais seu rosto.

Sim, o miserável sorriu, um sorriso luminoso, e depois ficou de frente para mim, como se estivesse se exibindo, e um sorriso cínico e largo estava estampado em seu rosto, dando um aspecto ainda mais sensual aos seus traços cobertos pela barba rústica.

Ele estava se divertido às minhas custas, é claro.

O peito dele subia e descia, e olhei os leves e finos pelos negros que cobriam o dorso forte e moreno.

Aquela força bruta fez me sentir mais uma vez indefesa, e excitada, aliás, eu me sentia perdida por minha excitação tão inapropriada.

Eu estava cansada de ser pega de surpresa espiando Adam Page. E minhas faces deveriam estar como rosas vermelhas, meu coração saltando.

— *Chérie* — ele disse, de repente, abrindo os braços. O sorriso tão amplo, tão cheio, tão maravilhosamente torto. Aqueles deliciosos, musculosos braços. Aquela palavra que me irritava, naquele francês ruim.

Então, num pequeno arroubo de consciência, dando passos hesitantes para trás, mordendo os lábios de aflição, eu fugi daquele homem duro e de todo perigo e horror que ele representava.

Corri vergonhosamente dele, e ouvi sua sórdida risada atrás de mim. Uma risada suave e branda.

— Adoro seu traseiro quando corre! — ele gritou.

Maldito! Sempre caçoando!

Como me odiei por aquela demonstração de fraqueza!

Eu jurara nunca, nunca olhar para um homem com desejo e jurara nunca mais deixar que algum encostasse em mim.

Fiquei tremendo contra a porta, ofegante, sentindo minha alma sofrida e meu corpo desejoso, em rebeldia. Tudo em mim palpitava.

Eu vira, eu vira uma parte do que o corpo dele guardava debaixo da roupa, e ele sorria e rira de mim, de minhas fraquezas.

Por Deus, diante dele eu era tão fraca, tão fraca...

O maldito Adam Page não sabia que certos abismos são intransponíveis. Eu jamais, jamais poderia amar, jamais poderia ser cortejada.

Bati com a cabeça na porta, depois gemi um pouco de dor, até sentir que minha respiração estava calma novamente e minhas emoções razoavelmente controladas.

À noite, voltei a colocar Billie Holiday, sentindo-me embalar por aquela voz triste que me cortava ao meio mais do que eu me sentia já cortada.

In my solitude you haunt me

With reveries of days gone by

In my solitude you taunt me

With memories that never die

Na minha solidão você me assombra

Com devaneios de dias passados

Na minha solidão você me insulta

Com memórias que nunca morrem

Chorei como criança naquela noite, sentindo-me espedaçada, silenciosamente, como sempre fazia nas poucas vezes que chorava.



Capítulo 10

Saí muito cedo na manhã seguinte, cedo o suficiente para ele estar dormindo. Mal havia clareado. Queria caminhar até me sentir mais consolada e esfriar aquelas ondas de desejo e proibição que vagueavam por meu corpo. Só isso e banho frio para me desconcentrar da viva imagem de Adam cortando lenha sem camisa e dizendo coisas indecentes.

Sentia-me um pouco frustrada, porém, na saída da escola, quando observei que ele não estava lá. Estava me acostumando sua presença, com seus hábitos.

Na volta de casa, observei seu carro estacionado, e suspirei, entrando.

Havia um pequeno envelope que havia sido deixado na porta, junto de mais um pacote. Revirei os olhos, num misto de raiva, calor e ternura, muita ternura.

Ah, essa não... Ah, oh sim, por favor!

Deus, eu era um mar de confusão, de desejo e culpa, de paixão e negação. Corri os olhos pela letra mais uma vez, a letra que já era querida por mim.

"Doçura, se temos um problema, que tal resolvermos? Se gosta de me olhar, por que não vem me tocar? Sabe que pode ir muito além de olhar, basta querer. Meus olhos a desejam tanto quanto os seus me desejam, e ainda além. Por que não deixar que nossa atração chegue a sua conclusão natural? Estou aqui para você, só para você. Se você me quer, Aimée, pegue. Sou muito melhor de perto, pode ter certeza. Quero sentir o calor de suas mãos em mim. Não precisa ser uma mulher sozinha. Uma hora, nosso jogo chegará a algum lugar, e irei esperar. Lamentavelmente, tenho de passar alguns dias fora, por isso não fui vê-la na escola, tive que preparar algumas coisas em casa, mas volto logo, não será uma viagem demorada. Não suportaria ficar longe de você. Lembre-se, *chérie*: mesmo longe, estarei tocando você em pensamento. Veja o outro bilhete que lhe deixei junto de seu presente.

Seu, Adam".

Oh, Mon Dieu, Mon Dieu... Oh, Non...Ciel!

Desembalando com cuidado, as mãos querendo morrer de antecipação, achei um perfume lá dentro: *Je Reviens*. Um frasco azul, límpido, delicado. Não pude deixar de abrir e aspirá-lo.

Era um cheiro maravilhoso. Rosas, lavanda, esperança e amor. Um cheiro de céu. Um cheiro de paraíso.

"O paraíso seria estar em seus braços, Adam. Seus braços são minha

definição de paraíso", pensei, contendo-me em seguida.

Mais um belo bilhete de papel estava acima da caixa, e não pude deixar de acariciar a letra firme e rebuscada, suspirando.

"*Chérie*, suspeito que meu cão tenha feito uma travessura com suas rosas na sua pequena estufa. Na verdade, uma grande travessura. Consegui contê-lo a tempo de salvar a maioria das flores. Sinto muito. Mando-lhe um pouco das suas rosas perdidas em um frasco, ainda sinto por suas rosas. Sei o quanto as ama. A nota de rosas frescas nesse perfume é bem proeminente. Atente-se, por favor, para o nome do perfume: *Je Reviens*. Sei que sabe que quer dizer eu voltarei em francês. Você é a minha promessa, e eu voltarei para você, *ma petite*. Espero que esteja usando para mim quando eu voltar. Estarei pensando em você a cada segundo. Estou odiando ter de viajar, mas infelizmente tenho de resolver alguns problemas. Logo estarei aqui para você. Espero que veja esse bilhete a tempo de se despedir de mim. Venha me ver, por favor. Estou arrumando as coisas antes de partir. Minha felicidade é que não demorarei dessa vez para revê-la. Mesmo assim, sonho em um dia dançar *We' ll meet again* com você"

As palavras eram sensuais, mas eram suaves e brandas ao mesmo tempo, e escorriam em meu corpo como mel.

Sentia toda a força física daquelas palavras percorrendo minha

fragilidade, exaltando minhas sensações corpóreas.

O modo como falava, como se eu já fosse sua, como se já me possuísse, com toda aquela intimidade cortante, fazia meu corpo responder como se cada palavra me embalasse como um berço.

Imaginava sua voz enrouquecida falando aquelas coisas, e suas mãos sobre mim. Aquelas mãos que pareciam firmes, fortes, calejadas...

Fechei os olhos, diante da profundidade do que estava sentindo.

We'll meet again? Era uma música que falava sobre reencontros após separação pela guerra... Aquilo me fez pensar e me agitar mais.

Ele sabia o quanto estava sendo ardiloso, cruel e irresistível? E o quando aquilo me dava raiva e dor ao mesmo tempo?

Como ele podia ignorar todo o sofrimento que estava me causando, ao me cercar de modo tão invencível naquela sedução implacável?

Espedacei aquele bilhete numa raiva estranha, como se quisesse espedaçar o passado, os entraves, aqueles anos terríveis, minhas mágoas, e dilacerar o profundo desejo que sentia por aquele homem.

Trinquei meus dentes enquanto rasgava não conseguindo mais tentar me manter indiferente com tal atrevimento e péssimas intenções que, eu esperava, o levassem ao inferno por tentar me corromper daquele jeito, e pior, acho, conseguir.

Ele estava me corrompendo até o último pelo erigido do meu corpo.

Mas, ao mesmo tempo, quando fui rasgar o outro, perdi a coragem, já profundamente arrependida de ter despedaçado o primeiro, e me agarrei ao perfume, como se estivesse abraçada ao seu corpo.

Era um cheiro tão bom, tão puro, e penso que nunca mais o dissociaria de Adam. Era o cheiro do meu paraíso que eu jamais alcançaria, o cheiro do meu paraíso que já nascia perdido.

Aquele perfume me deu tanta vontade de chorar. Eu estava ficando louca. Adam estava me deixando louca.

Tentando afugentar meus pensamentos, desgarrando dos presentes e os deixando dentro de casa, fui então decidida verificar o que havia acontecido com meu roseiral que me fora dado com tanto carinho pela vizinha anterior.

Fiquei entristecida de um jeito que não sabia explicar quando vi aquele monte de flores espalhadas, revolvidas, pisoteadas. Aquele cão bobo destruindo suas raízes.

Cão bobo, dono mais boboca ainda.

Tentava me conter para não deixar as lágrimas caírem. Ver rosas despetaladas, destruídas, jogadas no chão, impedidas de viver, porque apenas queriam se divertir com sua beleza!

Não dava para parar de pensar em mim mesma vendo aquelas rosas dilaceradas, caídas no chão. Era assim que me sentia há anos.

Enfurecida pelo desejo que me dominava, a perda das rosas e talvez uma estranha necessidade de me despedir, fui até o quintal dele e atravessei a cerca simbólica que nos separava cheia de uma feroz determinação.

O grande Ford estava lá, e Adam Page também. Estava justamente arrastando sua pequena mala para o carro. Cheguei na hora dele ir embora.

Ele estava lindo, de suspensórios e chapéu, o casaco na mão, cheiroso de deixar a gente tonta e aquela visão quase me parou, quase me fez recuar. Mas eu precisava dizer a ele o que estava sentindo.

Meu queixo tremia de raiva incontida e de tristeza infinita por minhas rosas. Parei em frente a ele, as mãos contra o corpo, retraídas.

Mas por dentro, eu morria sob o poder daquele olhar enigmático, o porte empertigado. O modo refinado como tirou o chapéu da cabeça, inclinando-se em reverência para mim, recolocando-o depois.

Um sorriso largo apareceu em seus lábios.

— Senhorita Cooper... Então a senhorita veio me ver? Foi mais cedo do que imaginava, *chérie*. Veio se jogar em meus braços, veio se despedir de mim? — O tom parecia debochado e atraente, como de costume, mas ao deslizar seus olhos insinuantes sobre mim, percebi que ele focou em minhas

mãos tremendo, meus olhos lutando para não chorar, a o ar dele mudou e pareceu prestar atenção em mim, de fato, no que eu estava sentindo.

Não deixei de suspirar fundo mais uma vez enquanto sentia que estava observada.

Era lamentável que aquele ogro canalha me fizesse me sentir viva, justamente ao me fazer tomar consciência daquele corpo que eu gostaria de esquecer.

Ao menos eu estava sendo boa em disfarçar... A verdade é que toda vez que eu sentia que ele estava próximo, tão próximo, a alguns metros de mim, talvez pensando obscenidades comigo... eu...

Estava me sentindo tão fragilizada, tão vulnerável, de repente. Eu estava transtornada, e não sei por que estava ali expondo todo meu transtorno.

Mas ele estava ali, atento, aproveitando-se que eu o procurara... Oferecendo-se, com aquele olhar profano, o sorriso cruel, aquela promessa agonizante de perdição.

Senti mais uma vez raiva por minha fraqueza, mas precisava dizer a ele o quanto estava triste.

— Senhor Page, seu cão... Ele destruiu minhas rosas... — disse, desajeitada, a voz cheia de raiva e desapontamento, engolindo um choro. —

Quase 1/3 delas se foi. É um animal terrível. Controle-o, por favor — continuei, de modo custoso. Ali, lutando pela dignidade das rosas.

Ele me olhou franzindo o cenho e colocando as mãos no bolso.

— Como disse no bilhete, que provavelmente recebeu junto de meus presentes, eu sinto muito. Não imaginei que ficaria tão triste. Ele é um animal grande e abobalhado e gosta de fazer sujeira. Peço que considere isso. Mas vou dar um jeito nele, não deixarei mais que escape de manhã para sua casa nem destrua suas rosas. Espero que o perfume a compense um pouco, *chérie*. Ao voltar, saberei o que fazer para lhe compensar. — Ele sorriu, como se quisesse soar afável e gentil.

Mas então meu rosto ganhou uma máscara de intensa tristeza, os lábios nos cantos se repuxavam e meus os olhos se tornavam ainda mais úmidos e chorosos.

— Muitas de minhas rosas se foram... Não é triste ver uma beleza morrendo assim? Sei que rosas são breves, mas ele arrancou as raízes... Não é justo arrancar as raízes de alguém, especialmente quando elas não podem se defender... Não se mexe com as raízes de ninguém — solucei amargamente, horrorizada com aquela sensação de finitude e o fato de não poder me jogar nos braços de Adam Page.

O rosto dele parecia então se mostrar comovido. Sr. Page tinha alma,

então?

Com as mãos fechadas, tentando conter as lágrimas, ergui meus olhos muito aberto e úmidos ao ouvi-lo murmurar.

— Eu sinto muito, Aimée.

— E-elas, elas não custam nada... só precisam de amor e Sol para viver... — disse, ainda sufocando.

Ele parecia inspirar fundo.

— Wally é apenas um cão, Aimée. Ele não entende de flores. Também tenha compaixão de um pobre cão entediado. Sinto muito, *chérie*... Vejo que está triste — desculpou-se novamente, baixinho.

— Por favor, cuide de seu cão, seu cão bobo! — falei olhando para o animal cheia de indignação, mas me senti em seguida culpada, pois o pobre cão não parecia entender absolutamente nada, como o *terrier* companheiro que ele era.

Senti-me vermelha de vergonha, de repente. Por tudo, todo aquele drama que eu estava fazendo.

Não podia contar a Adam Page que eu chorava por mim mesma.

— Serei cuidadoso com meu cão, ele não voltará a importuná-la. Eu prometo. Ao menos sobre ele, eu prometo. Sobre mim, já não prometo nada. Quem sabe lhe dar flores novas, gostaria? — falou, buscando meu rosto,

numa voz sorridente e novamente cálida, como se me convidasse para brincar.

Encontrei seus olhos novamente insinuantes.

— Gostou de meus presentes, Aimée? Quer ser confortada? — insistiu.

Resolvi não responder sobre a parte de ser confortada, mas não pude resistir a espetá-lo sobre os presentes.

—Não, eu não gostei — Menti descaradamente.

Deixara as caixas guardadas, e ontem à noite mesmo tocara a seda das meias e dos caleçons e ainda estava suspirando por sua letra firme. Até a letra dele me derretia.

Sentia-me piscar, olhando-o magnetizada novamente.

Ele tirou seu chapéu, olhou para ele, deu um longo suspiro e me olhou de modo penetrante.

— É mesmo? — perguntou, com um sorriso cínico e desejoso.

— Sim, é mesmo, e o senhor sabe que foi inoportuno mais uma vez — Tentei falar sem gaguejar. Era inútil fugir do seu olhar. Cruzei meus braços sobre meus seios, buscando proteção.

— Não, querida. Eu fui determinado — sussurrou. — Sou um

homem que tem desejos e que luta por eles.

Seus olhos continuavam a me fitar, sérios.

— Posso compensá-la com muitas flores e muitas coisas mais, por suas perdas. Gostaria, Aimée, de ser compensada? Sei como compensar uma mulher, de todas as formas que ela desejaria ser compensada — falou, arqueando as sobrancelhas, a voz modulada e excitante, como um terrível veludo.

Minha pele quase ardia. Respirava pesadamente, encabulada e irritada.

— Não quero que me dê nada.

— Tem certeza? Nem eu mesmo? — Sorriu amplamente, apertando os olhos contra o fraco sol do fim do dia, e abrindo seus braços, oferecendo-se.

Meus olhos se arregalaram, deliciosamente insultados.

— Você pode me ter e o que quiser também. Sei que você quer. Mas me negar é seu ritual, querida. — Ofereceu-se novamente.

Meus olhos cintilaram de raiva protetiva. Tinha que fugir, embora minha boca estivesse querendo falar mil coisas, além de beijá-lo ali mesmo. Deus me ajudasse a fugir daquele demônio adorável antes de lhe lançar um monte de palavras feias que nunca haviam saído de minha boca.

Mas sabia que estava fugindo de mim mesma. Dei a volta, então, o mais arrogante que pude.

A voz de Adam, porém, soou em minha nuca, fazendo-me fechar os olhos. Profunda e mágica. Dando-me medo e vontade de ficar ao mesmo tempo.

— Não se esqueça, Aimée... *Je reviens...* Eu voltarei... Voltarei ao que me pertence. A paciência é amarga, mas seu resultado é doce, muito doce. — A voz de Adam continuou grave, texturizada, sussurrante, com um quê de mel. Não, eu não poderia me permitir. Jamais.

Mas também não pude evitar de parar, sem ar, enquanto ele dizia aquelas palavras, mas, daquela vez, eu me fiz forte, e não me virei.

E mais uma vez me veio à mente o Sr. Hoyt... A promessa, feita em sua cama, naquele hospital, segurando forte minha mão.

"Você me pertence", o Sr. Hoyt dissera, daquele jeito assustador e cheio de magia, anos atrás.

Aquilo me deu estranhos calafrios, aquelas lembranças. Céus... Eles se pareciam, quase podia jurar.

Chegando em casa, continuava aquele ritual de tortura novamente. Como ele havia dito, já tínhamos nossa rotina.

Por Deus, como eu sofria, como eu sofria por tudo o que jamais,

jamais poderia ser ou ter...

Chorei lágrimas silenciosas, como sempre. Aprendera sempre a conter meu desespero, nas mais duras lições.

Você nunca me amaria, Adam Page, você nunca seria meu.

Você é um homem inteiro, e eu não sou... E você nunca, nunca saberá que não sou inteira... Não quero que veja que sou uma mulher pela metade para em seguida me repudiar.

Coloquei baixinho W'ell meet again, e a letra me fazia chorar ainda mais.

“Nos Encontraremos Novamente

Nos encontraremos novamente

Nos encontraremos novamente,

Não sei onde,

Não sei quando

Mas eu sei que nos encontraremos novamente em algum dia ensolarado

Continue sorrindo até o fim,

Assim como você sempre faz

Até que o céu azul afaste as nuvens escuras para longe

Então por favor diga "Olá"

Para as pessoas que eu conheço

Diga que eu não demorarei

Eles ficarão felizes em saber

Que quando você me viu partir

Eu estava cantando essa canção

Nos encontraremos novamente,

Não sei onde,

Não sei quando

**Mas eu sei que nos encontraremos novamente em algum dia
ensolarado**

Nos encontraremos novamente,

Não sei onde

Não sei quando.

**Mas eu sei que nos encontraremos novamente em algum dia
ensolarado.**

Continue sorrindo até o fim

Assim como você sempre faz,

Até que o céu azul

Afaste as nuvens escuras para longe

Então por favor diga "Olá"

Para as pessoas que eu conheço.

Diga que eu não demorarei.

Eles ficarão felizes em saber

Que quando* você me viu partir,

Eu estava cantando esta canção.

Nos encontraremos novamente,

Não sei onde,

Não sei quando

**Mas eu sei que nos encontraremos novamente em algum dia
ensolarado”**



Capítulo 11

Inglaterra, 1949. Cinco dias depois.

Olhei e o céu estava lentamente se tornando escarlate, mesclando-se com rajadas douradas, mas havia uma fina cobertura nebulosa caindo. Fazia frio e apertei o velho casaco cinza de lã contra meu corpo e examinei o tempo com interesse.

Pela cor do céu, segundo os antigos diziam, faria ainda mais frio. O céu vermelho era a cor do prenúncio de dias gélidos. O vento que soprava parecendo regelar meus ossos parecia confirmar isso. Algumas mechas se soltaram em meu cabelo com o vento e respirei, descansada.

Soprei o ar seco e gélido fazendo uma esmaecida fumaça, parada no batente da porta, e olhando meu quintal com alguma preocupação.

O pomar começava a se cobrir pelas gotículas brilhantes. As folhas logo se cristalizariam. O frio viria hoje, com uma força maior que o esperado.

Era um pomar maravilhoso... E vê-lo penar tanto com o frio doía dentro de mim.

A carestia e o racionamento mais graves da guerra já haviam acabado desde 1947, mas ainda havia o trauma da raridade de alimentos e um

acionamento razoável perdurando por toda Inglaterra, especialmente de carnes, laticínios, calçados e roupas.

Um inverno tão rigoroso representava uma grande perda alimentar.

Nada que não estivéssemos acostumados após tantos anos de guerra, mas a tristeza com a perda de alimentos era visível no olhar transtornado dos camponeses. Quando conhecemos a fome, nós não a esquecemos jamais.

A fome ainda era um antigo fantasma a nos assombrar, mas uma inglesa como eu sofria como um inglês tinha de sofrer: com dignidade e silêncio.

Assim também estava sofrendo pela ausência de Adam naqueles dias.

Eu não estava compreendendo que daquele modo injusto e arrebatador ele estava tomando meus dias, preenchendo meu profundo vazio, por mais que me irritasse, por mais que não o quisesse, a verdade é que sim, eu sentia falta... Nada de bilhetes, nada de seus olhares furtivos, suas palavras abrasadoras. Aqueles 5 dias pareciam uma eternidade.

Mas eu buscava a consolação com outras distrações para aprender a não desejar nem sentir falta do que não podia.

Então, em meio a sua ausência, eu, como tantos ingleses, ajoelhava-me e rezava, continuando a viver.

Ainda rezávamos pela fartura e por nossas autoridades. Mesmo após a guerra, ainda ecoava a mesma cantilena em forma de oração:

"Em meio de nossas montanhas antigas,

E de nossos amados vales,

Oh! Deixe que a oração ecoe

Deus abençoe o Príncipe de Gales!"

Continuava a cantar àquilo as crianças, como meus pais me ensinaram, e meus avós a eles. A oração em forma de cantilena fazia parte da esperança e nos ajudava a ter sanidade.

Eu lamentava, nessas horas, não ter podido ensinar a meu pequeno Peter minhas orações, a ensiná-lo a fechar as mãozinhas, de joelhos no chão, e imprecisar a Deus e a nossas autoridades uma vida melhor, e agradecer por tudo o que nos era dado.

Meu peito palpitava de saudade de Peter nessas horas, o garotinho a quem por tanto tempo cuidei como se fosse meu, como se tivesse saído de mim, e que morava em minhas orações e preocupações.

Descobri com ele que podíamos amar um serzinho como a um filho, mesmo que não tivesse saído de nós.

Oh, Deus, guarde meu menino, guarde Mitzi e Peter, onde eles estiverem...

E, Senhor, guarde Adam, também, onde ele estiver... Sim, eu não sabia que cinco dias sem o ver me afetaria tanto, mas me afetou.

Então, eu rezava, rezava e as coisas melhoravam cada vez mais. Sim, elas estavam muito melhores, apesar de tudo.

Muitas vezes, nem acreditava de ver as pessoas com aspecto saudável novamente, ou mesmo dançando e conversando como havia visto na última festa na casa dos Peterson.

O rosto corado e gordinho de uma criança dava-me vontade de dar beijos estalados. Era a coisa mais linda de se ver. Uma criança era um milagre.

Eu entendia a alegria das colheitas e os banquetes que agora dávamos. A música estava mais alta, mais rápida desde então. Era uma alegria estarmos vivos. De uma forma ou de outra estarmos mais felizes mesmo em austeridade era uma forma de recomeçarmos.

Eu gostaria de partilhar daquela alegria e leveza que a maioria daqueles camponeses trazia, formando suas famílias e tendo seus filhos, seguindo...

Mas nem todos podiam se dar esse prazer, como eu. Para alguns, talvez, a guerra jamais passaria. Não totalmente.

Engoli penosamente ao constatar isso, e vi o frio tomar conta das

coisas e percebi como minha alma fria combinava com aquilo e o quanto eu não andava me matando por dentro também.

Minhas roseiras não resistiriam, também, pensei, pesarosa, num suspiro. Não depois daquele ataque cruel do cão de Adam e agora a esse frio.

Tentaria salvar uma muda antes de anoitecer. Era um lindo roseiral branco e amarelo na casa, e mais algumas naquela pequena estufa. Seria triste vê-lo morrer, mas sabia que o roseiral não era propício a invernos rigorosos como aquele que ameaçava começar.

Eu, porém, era uma rosa condenada a resistir a todo inverno.

Sobre as rosas, como sentiria falta dos cuidados que lhes dava naqueles dias! Eu lhes dava carinho, e elas me pagavam com aquela encantadora beleza florida. Certas coisas nos enchem de prazer apenas por existirem. Eu me distraía tanto contemplando aquela beleza perfumada.

Droga, pensei. Teria de preparar o fogo da lareira. Eu odiava fazer aquilo e ainda encher um fogão a carvão e lidar com aquele velho tipo de forno que me torrava a paciência.

Nessas horas, fazia muita falta a praticidade das pequenas acomodações para moças em Londres. Da última vez, eu ficara num pensionato, até perceber que elas estavam mais uma vez me maldizendo.

Olhei em volta com ar de desamparo. Invernos eram sempre terríveis

e nessas horas ser sozinha tornava meu calvário pior.

Não havia quase lenha, e muito pouco carvão e acho que não daria tempo de sair ou mesmo tentar cortar algo que arranjassem pela vizinhança. Eu não possuía carro, e meu chalé era um tanto isolado. Os ônibus tinham hora para ir e vir, e havia poucas casas na região.

Eu andava tão distraída com os livros, preces, músicas e estudos. E ah, saudades de Adam Page. Muitas saudades e muitos sonhos.

Como pude esquecer de coisas essenciais assim?

Teria de fazer render e me virar e rezar para que não houvesse nevasca. E era hora de ir atrás de um fogão a gás. Já estava há quase mês naquela cidade. Um fogão a gás não era um luxo, especialmente para uma moça que morava sozinha.

Xinguei-me mentalmente por ter estado tão concentrada nos últimos dias e ter esquecido de algo tão primordial como acumular lenha, carvão e provisões em pleno e rigoroso início de inverno.

Ao menos eu tinha a geladeira, pensei, tentando me consolar. Aquilo em tempos de escassez era incrível: uma geladeira.

Como também os adoráveis livros, rádio e vitrola herdados dos meus avós. Foram das poucas coisas que eu havia conservado, e nas mudanças que eu fazia desde a morte deles, costumava carregá-los comigo.

À noite, poderia ficar ouvindo Mario Lanza e Tebaldi canções que me faziam esquecer das responsabilidades e suspirar pensando em certo homem misterioso, que veio com a chuva.

Ou seja, eu era uma imbecil.

Que imagem eu passaria, se não a de distraída, imerecedora, relapsa? Isso era péssimo para meu começo de estada naquela nova cidade.

Já não bastava as fofocas terríveis em que eu estava metida?

Precisava pensar em minha reputação. Era a única coisa que me restava: minha reputação. Ou ao menos a máscara de virtude que eu carregava. Eu precisava tentar ser digna e ter uma postura confiável para ocupar o meu cargo naquela cidade.

Isso significava que eu teria de me virar para não adoecer naquele frio e esquecer as distrações. Teria de dar um jeito. Se eu queria viver por minha conta e risco, sozinha, teria de arcar com as responsabilidades.

E que Deus me ajudasse a ter mais juízo daqui por diante. Não era fácil ser sozinha e eu sabia que estava sendo de alguma forma avaliada sobre isso.

Eu estava indo muito bem até agora, não poderia demonstrar tanta inabilidade. Nem gostaria de chamar muitas atenções.

Eu queria manter certas coisas em segredo. Não queria que

remexessem meu passado.

Olhei em volta, adentrando na casa e fiquei contando mentalmente os mantimentos para aquele fim de semana e olhei a casa pequena de paredes brancas e parca mobília austera. Uma casa sólida e antiga, comum naqueles arredores. Apenas maltratada pelo tempo.

Era um chalé campesino bastante modesto que eu poderia pagar com meu salário. Era o suficiente e eu ainda não havia tido tempo de dar o que chamavam de toque feminino a contento. Poderia praticar pátina na velha mesa de cedro de lei encerado, mas ainda não havia tido muito tempo.

Ela tinha um lindo pomar, de tamanho suficiente para uma mulher sozinha cuidar.

A senhora que morava lá havia ficado muito velhinha e fora morar com filho, cedendo-me o lugar, e Adam Page viera de vizinho de brinde.

Olhei então para o frasco do perfume *Je Reviens* na sala, e bonitas caixas de presente, e a promessa de seda das lingerie e meias que me dera.

Havia a presença implícita de Adam Page pela casa, e sua ausência na casa ao lado, deixando a sensação de presença em minha mente ainda mais forte.

Odiava que ele tentasse provocar a viva mulher que existia em mim, mesmo longe.

"Eu voltarei", " Você me pertence". Aquelas palavras se confundiam em minha mente, e por vezes, em vez de Adam, era a o rosto triste e doente do Sr. Hoyt que aparecia.

Mas à noite, era Adam que ocupava minha mente. Eu sonhava com aquela silhueta forte, ágil, ampla, suada... Tocando-me, interpondo-se sobre mim, deslizando a boca por meu corpo, enquanto eu arquejava e me oferecia...

Podia ouvir seus sussurros, sua voz grave reverberando por minha pele. Imaginava que ele procurasse o cheiro do perfume no meu corpo.

E às vezes, nos sonhos, o rosto dele se tornava *aqueles* rostos, e ele falava em alemão, e rasgava minha roupa e...

Eu acordava assustada. Muito assustada. E me sentia a menina fraca que eu já fora um dia.

E só de pensar naquilo novamente, mais uma vez meu peito acelerava, e eu sentia que poderia morrer de sufocamento e dor.

Precisava parar de choro, precisava me concentrar nos meus afazeres.

Contive minhas lágrimas e então acariciei uma fina toalha de linho sobre a mesa, resquícios de uma vida um tanto mais abastada antes da guerra, pensei com tristeza.

A casa estava fria. A madeira estava úmida, parte parecendo apodrecida. Precisava ser encerada. O linóleo estava gasto, e havia ratos no porão que me davam medo à noite e eu sentia a falta de meu avô.

Ratos me deixavam à beira da histeria, mas enfrentaria com coragem. Eu não era uma menina. Eu era uma mulher de 22 anos. Uma professora.

Eu já havia passado por coisas muito, muito mais difíceis. Todos nós, de alguma forma, havíamos passado por aquilo de uma forma difícil, a maldita guerra, os bombardeios em Londres.

Não era fácil, aos 13 anos, ouvir bombardeios todos os dias.

Algumas marcas da dor eram visíveis, outras não. De todo modo, todos parecíamos ter passado aquela travessia de dor de uma forma ou outra.

Os feridos gostavam de se esconder, e como todo estávamos feridos de alguma forma, não tentávamos mexer muito nas feridas um dos outros, a não ser que fosse necessário falar.

E eu não tinha interesse em mostrar o que me feria para ninguém.

Eu queria minha dor comigo. Meus ferimentos já doíam o suficiente dentro de mim.

A guerra havia sido uma devastação, mas desde então, crianças nasciam, plantas cresciam em meio à dificuldade. Estávamos nos

recuperando. Eu também estava ali naquela pequena cidade em busca de recuperação, como já havia estado em outras, até ser despedida, infelizmente, nas duas outras cidades que morei.

Não houve maiores motivos para a demissão, apenas pelo fato de seu considerada muito jovem, sem família, trabalhando para me sustentar, bonita e não casada, ou seja, um perigo.

Ainda havia preconceito em torno de moças solteiras que buscavam se sustentar sozinhas.

Algumas senhoras casadas poderiam temer a presença de uma jovem bonita desfilando por suas pequenas cidades virtuosas, tentando seus corretíssimos e impolutos homens como a selvagem flor vermelha chamando a atenção entre os cândidos lírios brancos e virginais da fina sociedade inglesa.

Depois que elas me temiam, os cochichos e histórias começavam. E eu me ferrava, era sempre assim. E eu estava farta disso.

No fundo, sabia que fora isso que motivou minha substituição por professoras mais velhas e rechonchudas.

Era um convite explícito a ter de ir embora;

Mas eu não pretendia roubar o marido de ninguém, pelo contrário. Eu fugia de problemas com homens. Eu fugia de todos os homens,

literalmente. Minhas experiências com o outro sexo tinham sido simplesmente terríveis e traumáticas.

E havia tomado uma resolução na vida: eu jamais me casaria, e era por isso que não poderia ter filhos.

Então, eu estava grata por ser acolhida naquela cidade nova e não ter recebido ainda julgamentos por ser uma jovem mulher buscando seu sustento e sua sorte, embora o Sr. Page já configurasse como "Meu caso" entre os cochichos.

E estava grata por aquele lar que não havia sido destruído pelos aliados. Era bom ver vilarejos e cidadelas não destruídos pelo bombardeio.

Eu escolhera Horsham não só porque era uma bela cidade de West Sussex que se mantivera intocada às margens do belo rio Arun, onde poderia fazer uns piqueniques com as crianças no verão, mas, principalmente, porque eles estavam indo bem o suficiente para abrirem mais escolas a ponto de precisarem de professoras.

As crianças haviam sobrevivido à fome, e mesmo algumas sem pais, elas precisam ainda ler e escrever. Elas precisavam tanto da solidez quanto da esperança. Elas precisavam de armas para crescerem além da guerra que nos devastara. E era isso o que eu fazia: eu as conduzia ao maravilhoso mundo do letramento, e eu era boa nisso.

Eu me sentia imensamente satisfeita por poder fazer aquelas crianças mais felizes. Naquela semana, estava escolhendo lindos poemas do Jardim de Versos para Crianças, de Robert Louis Stevenson.

Meu avô me ensinara o amor à poesia assim, começando por Poe e Stevenson.

No verão, leríamos poemas no parque e treinaríamos equações e botânica ao ar livre. Eu estava realmente entusiasmada com a perspectiva.

Poderíamos fazer piqueniques à beira do rio. Já imaginava as crianças com seus sanduíches sobre uma toalha quadriculada.

Pensava no meu querido Peter, nessa hora. Meu menininho querido. Ele estaria aprendendo a ler agora?

Queria encontrá-lo e ler poemas para ele, como eu fazia quando ele era um bebezinho, no meu colo.

E eu o distraía lendo o livro que fora meu quando criança.

"Adultos andam por bosques belos,

jamais tão belos quanto era aquele.

Se não tivesse ficado grande,

eu vivia nele"

Gostaria de não pensar tanto em Peter, nem tanto no passado.

Tudo daria certo, enfim, disse a mim mesma enquanto resolvi averiguar os mantimentos.

Ainda tinha pó de café, chá, açúcar. Um pouco de ervilha, farinha e algumas outras provisões mais básicas, além de latas de sopa e manteiga. Havia uma enorme caixa de fósforos e velas também, graças a Deus.

Poderia pegar ovos no poleiro. Aliás, eu teria de trancar o poleiro bem para que não abrisse quando viesse a neve. Estava ventando forte e logo nevaria. Poderia vir uma chuva aterradora antes.

Era melhor eu me apressar. Poderia me fazer um bolo com cobertura de claras, imaginei, sorrindo.

Ovos. Como simples ovos frescos poderiam trazer tanta felicidade, pensei. E vi que estava chorando, mais uma vez, lembrando do que havia passado, anos atrás.

A terrível vida em que mal havia ovos ou galinhas e morríamos um pouco de fome a cada dia.

Pensei o quanto era afortunada de estar viva e lembrei da vida há 5 anos atrás, enfrentando as grandes filas de provisões em Londres, cercada de gente faminta que daria qualquer coisa para ter ovos frescos como agora eu tinha. Velhos e mulheres jovens como eu, assolados pela magreza naquele ano de 1944, em plena guerra.

Comecei, então, a lembrar, daquele ano de 1944...



Capítulo 12

Londres, 1944. Cinco anos antes.

Eu era uma mocinha magrinha aos 17 anos, com olhos grandes e assustados que se perdiam no meu rosto, e com uma boca muito grande para um semblante tão magro e deprimido. Usava o cabelo trançado e preso para evitar que se sujasse.

Estava na fila há longas horas com aquele silencioso sofrimento britânico que nos impedia de reclamar da vida. Eu havia herdado aquele orgulho britânico, aquela resistente fleuma, a predisposição para sofrer em silêncio e morrer de pé, mas a herança de minha avó francesa fazia meu coração sangrar.

Era duro não poder mostrar meu coração frágil e insubmisso. Eu chorava por dentro, e odiava não poder comer nada bom. Eu era só uma menina.

Meu cabelo andava ressecado e sem brilho. Achar sabão para lavá-lo não era fácil. Por Deus, nada era fácil. A não ser a tristeza: ela estava presente em cada canto.

Não podíamos ouvir música, naquele tempo, normalmente. Os

apagões em Londres naquele ano ainda eram constantes. O racionamento de energia também era pedido.

Periodicamente, ficávamos no escuro, a luz de velas, às vezes ouvindo bombas estourando, ao longe.

Eu tocava flauta doce, sozinha, às vezes, para distrair meus avós. A vida naquele ano estava um pouco menos pior do que nos anteriores. Uma perspectiva de fim de guerra nos esperançava.

Todos estavam alerta aguardando a queda do Terceiro Reich. Buscávamos informações e o retorno de nossos homens.

Lembro de me felicitar muito quando, depois daquelas longas horas na fila, naquele dia finalmente havia recebido um pacote de açúcar depois de mais de seis meses sem vê-lo, naquele ano. E havia manteiga e latas de carne. O racionamento não mandava algo tão bom há meses... Haviam mandado um pouco de leite em pó para os idosos, finalmente.

"Londres aguenta", diziam, mas muitas pessoas não estavam aguentando.

Lembro de quando cheguei com as provisões em casa, cansada, naquele verão de 1944, olhando para nossa casa quase todas sem móveis, pois precisaram ser vendidos, os olhos de meus avós brilharam com a fartura daquela vez.

Estava fazendo um pouco de calor e eu sentia dores nas costas. Minha avó dizia que era dor do crescimento, e me disse que eu deveria ser mais alta, não havia crescido mais pela subnutrição.

Ao ver que veio açúcar, minha avó me mandou quase imediatamente dar para quem precisava mais do que nós, assim como o leite.

Que saudade de ouvir seu sotaque carregado, aquele francês bonito que ela me ensinara. Vovó era francesa. Vovô um inglês típico. Vovó tentava se adaptar à vida inglesa desde que casara.

— Aimée, Leve para ela, para Mitzi. Ela está muito precisada, você sabe. Não há mais leite para o Peter. Devemos fazer o correto, Aimée. Deus se agrada com o certo. Leve todo o leite e um pouco de chá. O de camomila será bom para o bebê. Leve também metade da barra de sabão de coco. O sabão de cinzas que andamos fazendo não é bom para a pele delicada de um bebezinho.

— Sim, vovó — falei com aquela voz consternada. Bem que eu queria açúcar. Provar nem que fosse um pouquinho, mas é claro que daria tudo para Peter, meu amor.

Naqueles dias, eu me sentia fraca e indisposta. Estávamos todos magros, mas nada como Mitzi, aquela mãe que tivera um parto difícil e vivia de migalhas e bondade alheia, praticamente. Ela recebia apenas 1/3 das

provisões que recebíamos e o salário magro do marido que estava na guerra demorava muito a chegar.

Eu não protestei. Eu sabia que minha avó estava certa, e tudo o que tinha de melhor era para aquela mãe e filho.

O bebê de uma refugiada sofria mais que os bebês das inglesas: cuidar de Peter era urgente.

O açúcar então foi dado para nossa vizinha sérvia, Mitzi, que chegara com Peter com pouco mais de dois meses no colo. Eles haviam chegado há pouco mais de um mês no apartamento de um quarto que ficava ao lado, menor e mais barato.

Ela ganhara direito de habitar por uns tempos naquele pequeno apartamento porque o marido servia ao exército. Os demais, não tinham tanta sorte. Ficavam entre os escombros, muitas vezes revirando o lixo.

Londres estava cheia de cenas assim: lixo, escombros e escuridão.

Desde então, eles eram praticamente nossa responsabilidade, minha e de meus avós. Era de cortar o coração aquela mãe e seu bebê desamparados.

O açúcar seria para Peter, assim como todo o amido de milho que encontrávamos, seja para deixá-lo seco ou para lhe fazer uma pequena papa. Dávamos o açúcar dissolvido em água morna com colheradas, ou acrescentado ao leite aguado, quando tinha. O bebê precisava de calorias. Ele

estava magro e nada era mais triste que um bebê com fome.

O sabão de coco seria para sua pele delicada. Havia arrumado linhas e estava tricotando para ele. A senhora de baixo havia arrumado calças, algumas camisas e dois macacões para Peter.

E eu lhe fiz meias.

Lavava seus cueiros em minha casa, para poupar Mitzi. Dava-lhe banho com água morna, cantando músicas em francês para ele. Ele parecia gostar, relaxava na bacia de ferro esmaltada, e me sorria. Dava beijinhos e beijinhos em sua cabeça, rezando para que sua mãe, tísica, melhorasse.

O que mais me doía, é que Peter não chorava mais de fome. Apenas recebia, faminto, os alimentos. Qualquer coisa que déssemos. Graças a Deus, naquelas semanas, estava menos magro e agora os alimentos estavam melhorando.

Mesmo magrinho, porém, ele era encantador. Olhava suas pequenas unhas que eu cortava com delicadeza, as mãos que iam para a boca.

Ele era tão bonzinho, ele quase não chorava. O pequeno Peter. Ele era o meu amor e eu encostava meu nariz no seu e o embalava como se fosse meu. Ele tinha cheirinho de sabão de coco nas penugens que eram seus cabelos.

Tão pequeno, e tão sofrido... Como a guerra podia fazer àquilo a

pequenos e indefesos bebês...

Eu me apaixonei por ele desde a primeira vez que o vi. Era lindo, dois enormes olhos azuis e tão magrinho e pequeno que eu sentia vontade de chorar.

Meu querido Peter. Queria tanto que ele fosse meu... Todas minhas atenções eram para ele, para que sobrevivesse, para que engordasse.

Ele era o grande tesouro secreto do meu coração, e para não magoar Mitzi, eu tentava controlar meus gestos e minha paixão por ele.

Cada novo corar de suas bochechas, cada mãozinha estendida para me tocar era uma alegria.

Beijava suas mãozinhas e lhe dava bom dia toda vez que o via, e ele sorria.

— *Bonjour, mon bébé.* Aimée ama você, ama você!

No meu coração, ele era meu filhinho.

Quando ele havia chegado, com sua mãe tão fraca, à beira do desmaio, ficamos assustadas. Minha avó havia lhe feito algumas mantas de lã e as cortinas eram usadas para forrar o berço improvisado com caixas.

Podíamos viver sem cortinas na cozinha. Dei quase tudo que era meu que podia servir para deixar aqueles dois mais confortáveis.

Estávamos tentando arrumar um berço para ele. Talvez encontrássemos no mercado negro. Guardávamos nossas moedas.

Não havia quase mobília no apartamento de Mitzi Iovanov, a não ser cama, fogão e mesa velhos e algumas cadeiras, além de uma única e grande cômoda.

Não queríamos que Mitzi dormisse com o bebê, tínhamos medo que lhe passasse sua tosse. Peter não resistiria.

A minha vizinha Mitzi estava fraca. Ela tossia muito, a ponto de sair sangue. Assustadoramente magra e com olhos fundos, mortiços, com olheiras negras. Seu marido havia sido convocado no começo da gravidez, e eu estava ajudando a cuidar de seu bebê desde que ela chegara.

Ela era sérvia e as provisões demoravam mais a chegar para ela. Havia uma lista de prioridades do Governo. Eram tempos muito difíceis.

E muitos ingleses não se importavam com os sérvios, a verdade era essa. Meus avós logo entenderam que deveríamos ter por Mitzi Jovanov muita compaixão.

Lembrei dos olhos de meu amado Peter, tão magro assim que o vira, tomando açúcar na colherinha com um sorriso satisfeito e do olhar perdido da mãe que aceitava meus cuidados, sem reclamar.

Os mais fortes cuidavam dos mais frágeis. Era o certo a se fazer, e

fazíamos.

Ouvia seus arquejos e tosses de tísica, aqueles sons horríveis que lembravam morte, e ela se preocupava sempre ao saber que talvez não tivesse forças para cuidar do marido quando ele voltasse, e se entristecia de mal poder estreitar seu filhinho no braço.

Tentava então ser a mãe mais amorosa do mundo para Peter, e sofria por não ter leite em meu peito para dar a ele.

Amarga, Mitzi esperava. Cuidávamos dela também o melhor que podíamos, mas nem sempre podíamos ferver suas roupas. Felizmente, estava mais fácil achar alguns medicamentos, mas ainda não conseguíamos antibióticos.

As mulheres esperavam os homens regressarem, com uma máscara de força, tentando não chorar ao vê-los famélicos e aterrorizados quando chegavam. Muitas vezes, eles eram de uma magreza cadavérica, e preparávamos uma sopa rala com o melhor que achássemos de ervas e legumes, e impedíamos que eles comessem muito, pois sabíamos que morreriam.

Eles não sabiam o que era comer há tempos, e a comida os matava mais que a fome. Era difícil conter um homem faminto, mas era necessário, nem que os amarrássemos. As doses de caldo tinham de ser dadas em

pequenas doses, até que o organismo deles se habituasse com os alimentos.

Cuidávamos dos pés infeccionados daqueles homens, tentando salvá-los, sem mostrar horror com as necroses que às vezes víamos.

Cuidávamos de suas feridas. Os hospitais estavam lotados ou bombardeados. Tínhamos de ser enfermeiras nos casos menos graves. Nós nos virávamos, mesmo eu, ainda uma menina de 17 anos, já sabia como cuidar de um homem razoavelmente ferido com alguma perícia. Não havia vagas para os que não estavam em risco de morte iminente.

Algodão, mercúrio cromo, sabão de alcatrão, enxofre sulfuroso, quinino, anestésicos, penicilina e tirotricina eram valiosos aliados que distribuíamos entre nós.

Nem o governo estava negando, e distribuía em outras longas filas sempre que possível porque sabiam que muitos eram doentes.

Eu aprendera a costurar feridas com firmes fios de nylon embebidos em álcool e agulhas fervidas.

Mas o tempo havia passado, então. A guerra havia acabado, em setembro de 1945, após seis longos anos.

O tempo passou com Mitzi melhorando e Peter crescendo em meus braços, finalmente se distanciando da desnutrição infantil, com um ar muito mais saudável e voltando a se vestir razoavelmente bem.

Agora ele já tinha seu bercinho e uma cômoda só para ele. As coisas em 1945 estavam menos assombrosas, especialmente com o fim da guerra.

Foi para mim que Peter disse suas primeiras palavras, e eu que segurei suas mãozinhas em seus primeiros passos.

Eu havia acabado de perder meus avós por doenças, no início de 1945, num rigoroso inverno, num curto intervalo de meses, e estava perdida e desamparada aos 18 anos, sem saber o que fazer.

Não sabia mais como não ser abençoada pela presença amorosa e sábia deles. Eles eram tudo o que eu tinha.

Eles não chegaram a ver o fim da guerra, infelizmente, e aquilo me deixava muito triste. A guerra só acabou em setembro.

Desejava que Deus tivesse um céu separado para velhinhos e crianças. Um céu muito mais bonito.

A morte deles foi o maior baque de minha vida. Eu não sabia que poderia doer tanto, e não sabia que mal poderia chorar por aquilo.

Eu tinha de preservar, ser forte por mim, Peter e Mitzi. Não queria que Peter me visse chorar, mas lembro de às vezes de não suportar, e ele encostar sua cabeça na minha, e enxugar minhas lágrimas e ficar olhando para "água" do olho.

— Amê, Amê" — ele falava. "Não" — dizia, mandando-me parar de

chorar e me dava um beijo na bochecha.

Eu agora só tinha ele e Mitzi.

Meus avós me pediram que eu não tivesse, antes de sucumbirem de pneumonia, um luto longo, e que não faltasse aos que precisavam. Que eu continuasse generosa e abnegada. E que me casasse, para que alguém pudesse me fazer companhia e cuidar de mim.

Eu tentei não os deixar preocupados em sua partida e prometi tudo o que me pediram.

Mitzi que estava melhor me ajudou com o funeral, e assim, tentávamos criar juntas o pequeno Peter, agora que a guerra havia acabado. Precisávamos continuar.

Meus avós me deram aqueles valores sólidos, e à noite, cansada, eu chorava sozinha na cama por longas horas, sentindo a sua falta. Da vida de antes, de tudo que havia se ido.

Minha criação me impedia de chorar que não fosse em particular. Lágrimas escorriam na cama quase todas as noites, silenciosas e assustadas.

No tempo livre, eu ajudava a tomar conta das outras crianças da vizinhança, e as ensinava a contar e cantar, a soletrar palavras. Eu estava descobrindo meus talentos para lecionar, aos 18 anos.

E às vezes, continuava ajudando a cuidar de alguns homens, mas de

modo distante, ajudando as esposas dos homens que chegavam na vizinhança. Eles estavam começando a chegar aos montes, feridos e tristes, desde o fim da guerra.

Mas a maioria das mulheres não me queria em suas casas, e fechavam a porta para mim.

Foi então que eu entendi, quando me olhei no espelho, o motivo daquela aversão. Eu já tinha 18 anos, estava começando a engordar um tanto, a criar um viço na pele, e algumas mulheres pareciam se ressentir disso.

Eu estava ficando bonita.

O sabão estava chegando com facilidade, e lavava com bem mais frequência meu cabelo, que estava brilhante. Ainda estava magra e abatida, mas muito menos que antes.

Os seios estavam grandes de um jeito que minhas roupas estavam apertadas, e na parte de trás também, um traseiro "francês", como dissera minha avó, um tanto grande, crescia.

Mas a verdade é que os recursos de meus avós logo acabariam, e eu teria de procurar um emprego em breve, eu sabia. Até para comprar roupas novas, menos justas. A guerra acabara, tínhamos de prosseguir com a vida, e nos levantar das cinzas.

Estavam empregando nas fábricas, eu estava sabendo. Havia pelo

menos 3 anos mulheres também faziam duplas jornadas em casa e espaços fabris, com a profunda falta de homens operando.

Talvez eu procurasse uma delas, uma das fábricas... Talvez... Eu não sabia.



Capítulo 13

O meu paciente, o Senhor Hoyt, logo que o vi, enchi-me de longa pena. Ele chegara careca, muito magro, e havia uma comprida sutura em seu couro cabeludo, e seu nariz tinha uma tala que eu trocava. Ele tivera sorte de ter sido apenas de raspão. O impacto da explosão o deixara com trauma craniano. Seu tímpano esquerdo estava estourado, e havia estilhaços em seu joelho, e parecia ter sido bastante agredido no rosto também.

Eu ficara encarregada de cuidar dos seus curativos e outras coisas mais simples, atentando a tudo que ele precisasse e que eu pudesse fazer, e ele já estava a salvo. Por quase duas semanas, eu o sedara, cuidara e limpara, a não ser quando era a hora do banho. Nessas horas, as cuidadoras casadas faziam isso.

Ele quase já não tinha febre. Seu tímpano estava sarando, embora ainda mantivesse nele um tampão.

Durante a febre, eu o ouvia balbuciar algumas coisas. Às vezes, falava em alemão, em japonês. Nunca em inglês.

Aquilo me deixava curiosa e atenta, e tentava imaginar a vida daquele farrapo de homem que diziam tão rico.

A riqueza não o privara da tristeza da guerra, constatei, intrigada com o destino.

Mesmo estando resguardada pelo estado de torpor em que ele estava, sempre sedado ou febril, eu me sentia tímida ao seu lado, e ao mesmo tempo, com uma estranha necessidade de ampará-lo.

Certa feita, um nome saiu de seus lábios: Helen. Fiquei pensando em quem seria. Talvez uma noiva que deixou em sua terra distante, como tantos homens haviam deixado.

Eu tentava ver o homem detrás daquelas cicatrizes, daquela magreza, daqueles tampões e dos roxos. Um homem inteiro, e não aquela complexão abalada e frágil.

Não ficaria surdo, o médico dissera. Nem estava tão ferido assim. Disseram-me que era um homem importante. Eu ignorava quem era. Sequer quis saber seu primeiro nome, para mim, era apenas o Senhor Hoyt.

Preferia assim, para manter distância e não fazer com que ele confundisse as coisas, mas cuidava o melhor que podia, com todo meu afeto. E aquilo eu não estava conseguindo controlar.

Disse-me que era compaixão o que estava sentindo, ao ver um suposto homem tão forte em meus braços recebendo doses de chá ou sopa.

E assim, cuidando-o tanto como eu estava, algumas vezes me

permitia alguma maior proximidade, recostando seu rosto machucado em meu peito, e o ajudando assim a beber líquidos quando estava semiacordado para não ficar o tempo inteiro via sonda.

Ele conseguia tomar direitinho, pensava, contente.

Eu ficava então observando todas as suas expressões faciais que figuravam terríveis. Parecia um homem atormentado, e a energia de sua dor de alguma forma me feria.

Eu me perguntava o que aquele homem havia sofrido para ter tantos sonhos ruins e chorar enquanto dormia, mesmo que nunca abrisse os olhos mais do que por um ou dois segundos, por causa da febre e dos sedativos.

Josef nunca tinha sonhos assim. Alguma coisa perturbava muito o Sr. Hoyt, e uma estranha ternura vagueava meu peito.

Quando ele tinha pesadelos e se agitava, eu rezava em sua testa, para que se acalmasse. Por mais de uma vez, penalizada, durante à noite, acariciei sua mão e sua testa machucadas, pedindo que ele tivesse calma, que não sofresse, e ele então se acalmava.

Rezava para ele baixinho, e algumas vezes, eu cantava. Pelo visto, ele escutava bem mesmo inconsciente. Realmente, não ficara surdo.

De alguma forma, o Sr. Hoyt parecia me compreender e atender, e já virara um hábito acalmá-lo com o toque de minhas mãos, uma reza, ou um

trechinho de música, ali, naquele quarto de hospital que era reservado para ele, assim como eu fora designada somente para ele.

Ficava curiosa para saber como seria seu nariz sem estar inchado, seu cabelo crescido, sem essa careca, a cor de seus olhos enquanto acordado..., mas, ao mesmo tempo, eu me dizia que aquilo era porque estava passando muito tempo apenas com um único paciente, o que era errado.

As casadas vinham apenas para trocar os lençóis e cuidar das partes pudendas. Ainda havia um sério decoro para tentar proteger a ingenuidade das enfermeiras não casadas, e eu agradecia por isso. Não me parecia certo eu nunca tendo tido qualquer experiência, a não ser aquele beijo terrível de Josef, saber como era um homem nu.

Confesso que ficava curiosa de conhecer o sexo masculino debaixo daqueles frágeis lençóis, mas aqueles pobres homens moribundos, muitas vezes com feridas lamentáveis e cheirando a sabão de alcatrão e antisséptico não eram nada tentadores.

O senhor Hoyt não era nada tentador, embora de alguma forma estranha ele me cativasse.

Preferia nem saber os nomes de quem estava cuidando, aborrecida estava com a experiência com Josef. A melhor coisa foi não dar meu nome

verdadeiro.

Ali, magro, careca e com um grande curativo na cabeça e outro no ouvido, o Senhor Hoyt não parecia um homem rico ou belo. Sequer via os seus olhos abertos. Algumas vezes só os abria, e estavam mortifcos, como num sonho, e ele os fechava em seguida, sem me fitar.

Eu ficava muito curiosa para ver seus olhos.

Era um dos homens magros de guerra. Alto e desfeito. Provavelmente por causa dos estilhaços, mancaria.

Até que certo dia, quando eu estava na janela, distraída, cantando, como costumava fazer para me consolar, senti um olhar pousando sobre mim.

Estava cantando sem perceber *Un jour mon prince viendra*, como costumava quando criança, antes da guerra, antes de tudo, sonhando com um príncipe perdido.

Virei-me e o homem pela primeira vez havia aberto os olhos e os focava em mim com imensa intensidade.

Lembro-me de tremer. Eram olhos azuis cinzentos... Cinzentos como os de Adam Page, lembro, mas eram sem brilho e sem vigor, porém, e pareciam guardar algo em seu interior. Algo que me fez estremecer um pouco quando o vi.

Era um estranho e absorvente olhar.

Eu estava sentada muito perto, e o ouvi pedir água com a voz baixa.

Aproximei-me dele, e lhe servi de um copo. A boca ressecada a ingerira, com a minha ajuda, lembro, e emitiu algum balbúcio vago de gratidão, piscando seus olhos impressionantes para mim.

Olhei seu nariz agora sem tala, curiosa. Combinava com ele, pensei. Um nariz altivo, embora ainda um pouco inchado.

Quando terminei, voltei a me sentar ao seu lado. Chamaria um médico para vê-lo. Ele me fitava, ainda sonolento. A expressão indizível, mas parecia fixa, interessada.

E algo me fazia pulsar por dentro. O olhar dele era forte, hipnótico. Depois de tantos dias, finalmente o Sr. Hoyt abria seus olhos.

Imaginei como deveria ser seus olhos com brilho e não com aquele sofrimento que os apagava.

Ficamos ali por alguns momentos nos olhando, e percebi que sua boca se curvava num leve sorriso.

Sem perceber, eu sorria em resposta.

— Cante — pediu, de repente, a voz rouca e quente, baixa e modulada.

Franzi o cenho, estranhada. Ele me fitava longamente, de um jeito invasivo, até, como se me estudasse, como se eu fosse uma coisa preciosa.

— Quê?

— Cante, sua voz é doce. Muito doce, enfermeira. Como se fosse um anjo.

Sorri com aquilo, e ao mesmo tempo, eu me censurei por sorrir. Olhei para minhas mãos, sem jeito.

— Bem, eu... eu não posso, senhor Hoyt. Desculpe.

Aproximei-me dele para ver como estava, agindo como uma boa enfermeira deve agir. A cabeça dele pendia para o lado, para me olhar. Seu olhar parecia triste e ao mesmo tempo, havia algum feitiço nele indescritível.

— Você é um pardalzinho.

— Pardalzinho? — perguntei, curiosa.

— Sim, quando vê uma alma, canta. Como um pardal. A voz mais linda do mundo. Eu a escuto em meus sonhos. Vejo você em meus sonhos, enfermeira.

Aquela comparação me deixou intrigada. Ele devia estar delirando. Entreabri os lábios, olhando-o com olhos indagadores.

— Salvou minha vida, salvou minha audição. Você é uma fada, um anjo, especialmente quando canta. Posso escutá-la, posso ouvi-la rezar para mim. Sinto suas mãos em minha testa, e sua voz é como uma bênção... — a voz grave e rouca me dizia, muito baixa, mas como se guardasse uma intensa

força interior.

— Senhor Hoyt, eu, eu não sou santa, tampouco fada. Sou apenas uma enfermeira. Por favor, evite falar, o senhor ainda está doente, deve estar doendo sua garganta.

Olhei para seus lábios que estavam bem melhores com o unguento que eu passava. Estavam sarados.

Estremeci ao lembrar da intimidade de tocar seus lábios com o unguento. Agora, não tinha mais a proteção de seus olhos fechados. Agora, ele me olhava com um vivo interesse, e havia um sorriso em seu olhar.

Sentia-me corar com seus elogios.

— Já tive enfermeiras antes, pardalzinho. Suas mãos e vozes são frias. Não, você veio para me salvar. Você é quente e doce ao cuidar de mim, eu sinto tudo. Parece que nasci para ouvi-la, é como se a vida finalmente chegasse aos meus ouvidos. Meus ouvidos sarados. Acho que não preciso mais de tampão — ele murmurou, levemente sorridente.

— E-eu — falei, sem jeito.

— Cante, pardalzinho, cante para mim... — insistiu, a voz fraca, mágica, reverberando dentro de mim.

Estava aturdida. E então, senti uma mão pousada sobre a minha. Percebi minha respiração se cortar e fechei os olhos com o contato, abrindo-

os em seguida.

Havia uma estranha energia em suas mãos que me arrepiava, uma força doce que me assustava, como se concentrasse sua força, toda sua vitalidade em me manter ali, perto dele. Sentia meu coração retumbar, e parecia reconhecer o coração dele ali, no peito magro e ferido.

O coração do senhor Hoyt era forte, e suas mãos também.

Os dedos magros e longos daquele homem. Quentes. Daquela vez, o contato não me enojara. Provocara um choque estranho na espinha, apenas. O calor daquela mão sobre a minha me desconsertava, aquela voz sussurrada, em agonia, falava aos meus sentidos.

O modo como ele engolia penosamente, movendo o pomo de Adão, ao falar comigo, a voz muito baixa e falha de um doente em recuperação.

Sentia vontade de chorar.

— Por favor, pardalzinho, cante. Você é tão linda cantando, você é tão linda...

Retirei minha mão, assustada. E ao mesmo tempo, sentindo um forte pendor a ficar. Algo naquele homem, quando ele abriu os olhos, fazia-me ter vontade de não partir, e ao mesmo tempo, uma vontade de querer sair correndo.

Mas eu andava naqueles dias ferida demais para tentar qualquer

coisa. Eu só queria fugir de problemas. Homens me davam medo depois de Josef.

— N-não posso — disse, balançando a cabeça, abalada por aquela mão surpreendentemente quente e a voz e os olhos que me prendiam.

— Que pena, pardalzinho, que pena. Eu ficaria feliz. Não gostaria de me fazer ainda mais feliz do que já estou? — pediu, devagar, passando a língua nos lábios. Seus olhos pareciam mansos e pedintes.

Com pena, peguei mais água, e lhe ofereci com cuidado, mas percebia meus dedos tremendo.

Ele levantou a mão, e seu dedo resvalou no meu. Olhei chocada para aquele dedo tão magro no meu, e vi um sorriso se esboçar no rosto tão magriço e maltratado, e fiquei mais uma vez imaginando que homem havia por baixo daquele sofrimento, como seria se fosse saudável.

Se seria bonito, se seria sedutor como parecia agora. O dedo dele voltou a percorrer minha mão, e eu me arrepiava. O toque era gentil, e me fazia arfar.

E percebi também que estava em perigo. Algo nele era perigoso.

— Obrigado — ele disse, suavemente, ainda sorrindo, fraco.

Decidida a não ficar mais nem um minuto sequer, disse, tão gaguejante quanto decidida.

— S-senhor, vou chamar o médico para cuidá-lo.

— Não vá — ele pediu, então, pegando minha mão com súbita firmeza. — Fique, diga seu nome, cante para mim... Por favor. — Sua mão continuava apertando a minha, e eu não conseguia dizer nada, a não ser meu nome falso.

Fiquei ali por alguns segundos, sem saber o que dizer para aquele homem tão doente e tão atrevido que estava indo além de todos os limites.

— Mary, meu nome é Mary, senhor.

Disse um nome falso então, enquanto piscava, sentindo me retida.

Porém, reunindo todas as minhas forças, retirei minha mão, e dessa vez eu me levantei, querendo cortar o mal pela raiz.

— Chamarei o médico para que o veja.

Os olhos do homem se fecharam, e tive a impressão que ele derramou uma lágrima, e em seguida ele me lançou um olhar cheio de emoção.

Algo dentro de mim se retorceu, quase me fazendo desistir de falar.

— Mary — murmurou calmamente, fazendo-me parar. — Será que me negaria um pedido de Natal?

Olhou-me com seus olhos lacrimosos, enquanto engolia em seco.

Meu peito começou a descompassar, meus joelhos a cederem.

Algo em mim não queria negar um pedido de natal àquele estranho homem, embora estivesse morrendo de medo dele.

— Aproxime-se, por favor.

Não sei por que, eu obedeci, e fui até perto dele, pé ante pé, temerosa, vendo sua figura tão magra, doente e triste que há dias cuidava com devoção.

— Estou aqui — falei, a voz abafada, aguardando.

— Se eu te pedisse um beijo de Natal, você daria?

Ruborizei de imediato, e amarfanhei minhas mãos, confusa, dando a entender que não, eu não daria.

— É apenas um beijo casto em um homem doente, apenas isso. Um beijo de alegria para ajudar a me curar mais rápido. Já me ajuda tanto, pardalzinho.

Respirei, vacilando. Sentia minhas faces arderem. Apenas um beijo, um beijo casto no rosto. Não tinha nada demais, ele era um homem doente precisando de recuperação, apenas.

Olhei sem jeito para as cortinas do quarto onde estávamos isolados, buscando proteção divina.

Inacreditavelmente, eu cederia.

Via sua respiração lenta, seus olhos escurecidos pela meia luz do quarto. Aproximei-me mais, baixando a cabeça em direção ao seu rosto limpo e recém barbeado. A barba que eu mesma fizera.

Depositei lá em sua face um pequeno beijo casto como ele me pediu, mas antes que eu pudesse sair, seu olhar se tornou muito próximo de mim, tão perto que parecia que que estávamos dentro um do outro. Via suas cinzas pupilas me detendo ao se mexer, os cílios escuros que pareciam naquele momento sedutores e sua voz sussurrante e macia como veludo soou:

— Não, assim não, moça.

Duas mãos poderosas, poderosas demais para um doente, avançaram por meu rosto, com uma força que, ao mesmo tempo, era delicada, e virando um pouco minha face, ouvi-o dizer contra meus lábios.

— É assim, pardalzinho, assim...

Meu fôlego sumiu quando os lábios do Sr. Hoyt roçaram nos meus. Seus lábios pareciam suaves, e suas mãos, duras. Ouvi um pequeno gemido que parecia ser de prazer, e aquilo tanto me fascinou como assustou. A boca do Senhor Hoyt se moveu sobre a minha, e senti algo em mim ceder e amolecer, até que o beijo, tão rápido quanto intenso, um obscuro roçar de lábios, parou.

Eu estava cegada, desacreditada, olhando para a boca daquele homem doente, horrorizada comigo mesma por ter deixado aquilo acontecer, e via em seus olhos agora um claro desejo.

Afastei-me, aturdida, tocando meus lábios, sentindo a presença úmida de sua boca ali.

Aquele homem não tinha piedade.

Talvez fosse casado, talvez fosse noivo, e certamente se divertia comigo. Até um homem convalescente troçava de mim. Eu estava me detestando.

O senhor Hoyt sorriu enquanto eu me afastava, provavelmente branca como um fantasma. Meu segundo beijo era em outro homem que eu cuidava, e daquela vez, eu não havia sentido nojo, mas uma profunda vergonha por mim mesma por ter cedido e gostado e revolta. E o senhor Hoyt me assustava.

— Você voltará, nós nos veremos novamente. Algo me diz que você nasceu para mim, pardalzinho. Você me pertence — decretou, com voz profunda e quase mágica.

Olhou-me de modo penetrante e sorriu novamente, antes que eu conseguisse me virar.

— É nosso primeiro Natal junto, pardalzinho, de muitos que virão.

A voz do Sr. Hoyt soava como uma promessa misteriosa. Uma profecia. Ele todo era misterioso, e aquilo tudo me arrepiava.

Aquilo era demais para mim. Tudo em mim se sacudiu. Precisava ir embora. Agora.

Lamentei naquele momento mais uma vez ter extrapolado a relação cuidadora e paciente, dando-lhe não só atenção, mas ternura.

Eu estava muito, muito chocada e chateada, inclusive comigo mesma. Será que eu não poderia realmente ficar perto de homens em paz? Será que estaria sempre correndo o risco de ser perturbada?

E Deus, ele realmente me perturbara... O modo como reagi, tremendo, tentada, assustada, tudo junto... Não, não podia mais ficar ali.

Realmente, eu tinha de desistir daquela vida de enfermeira. Eu não voltaria mais ao hospital depois daquele dia.

Nem para cuidar daquele homem poderoso que me chamara de pardalzinho e me pedira para cantar.

Homens, homens...

Aliás, era sempre constrangedor estar perto de homens, ser vizinha deles... Não era uma experiência boa. Eles sempre foram encrenca certa.



Capítulo 14

Suspirei fundo, olhando minha casa fria, agora, em 1949.

E agora aquilo se repetia, quatro anos depois... A presença de um homem me incomodando, assustando-me, dando-me vontade de ficar e partir... Esse novo homem, o Sr. Adam Page, lembrando-me tanto o Sr. Hoyt.

Com aqueles seus olhos tempestuosos de gatuno ladrão de desejos.

Mas Adam Page era algo muito mais forte e intenso do que eu jamais poderia conceber. Nada me parecia tirar tanto dos eixos. Ele me dominava completamente.

Bastava vê-lo, e, tudo virava um caos. Poderia culpá-lo por estar com frio e quase sem carvão agora. Eu poderia culpá-lo, com sua insolência perversa, por minhas distrações.

Culpá-lo por me matar de saudade cinco dias depois. Apenas cinco dias...

Ficava revivendo aqueles momentos que vivemos, como ele deveria ter escolhido os presentes que havia me dado.

Algo no seu olhar tirava sempre minhas roupas devagar. Eu podia

sentir. Aquele homem me despia sempre com os olhos lentamente, e eu não sabia como reagir àquilo, ao insolente e esquisito Sr. Adam Page.

Estava imprimido em sua retina, a lubricidade, e eu reagia com horror. E com um fervor que lamentavelmente meu corpo me obrigava a sentir, lembrando que uma maldita carne acompanhava minha alma dolorida.

Oh, Deus... estava claro como água. Eu *nunca* deixava de reagir ao que ele me fazia. Do jeito que ele me olhava, parecia gravar cada pedaço de mim, parecia já saber todas as minhas reações possíveis.

Todas minhas gradações de passos rápidos, narizes empinados, fugas rápidas e, Santo Deus... Meus olhares lânguidos.

Como ele estava bonito às vezes, como parecia sedutor depois daquelas palavras tão insolentes e persuasivas que ele às vezes me colocava nos bilhetes, o jeito selvagem, de uma pantera, com que me observava vagorosamente...

Lágrimas quiseram sair de repente dos meus olhos, e eu as enxuguei, com desgosto por mim mesma. Por reagir quando não queria.

Por mais que eu lutasse contra meu corpo, ele existia, vivo e cruel, exigindo-me que me entusiasmasse com homens vis como aquele.

Aquele homem terrível não estava, porém, e isso era tudo o que importava agora. Um pouco de paz da solidão.

Aquele homem idiota não iria atrapalhar meus planos. Eu não fugiria do meu lugar daquela vez porque fora idiota e me deixara seduzir. Sim, eu fora seduzida.

Maldito seja, Adam Page. Odeio-te por te querer.

A casa era minha, o emprego era meu. Eu lutaria por eles. Não me envergonharia por ser quem sou, uma moça solteira sozinha que não casaria e gostaria de se manter assim.

Tentava enfiar na trança que se desfazia os fios, tentando afugentar aqueles pensamentos tão impróprios que às vezes me tiravam toda a consciência da responsabilidade com a vida.

Antes pensasse nas lições de francês das crianças para segunda-feira, isso se conseguisse chegar à escola com a ameaça de neve. Eu me perguntava se na manhã seguinte haveria escavadeiras ou se eu me viraria com a pá. Eu finalmente conheceria o potencial para o frio de Horsham, e não estava gostando nem um pouco. Nada podia ser perfeito, bufei...

Ouvi de repente um barulho de vento vindo tão forte que fez a porta bater. E um clarão de relâmpago se fez, iluminando a casa que começava escurecer e o trovão chegou em seguida, tenebroso.

Maldição...

Abri a porta que dava para o quintal e o pomar e o vento quase me

cegavam, trazendo terra e névoa e muitos respingos de chuva.

Olhei para o céu e percebi um trovejar nas nuvens escuras. Santo Deus, pensei... Vai cair uma tempestade e depois uma nevasca... O mundo vai cair. Essa não.

Olhei para o teto e vi que, pelo menos, tirando duas ou três goteiras, o teto era bem forte. O vento parecia passar pelas frestas das janelas...

Mordi a língua, pensativa... A muda de roseira nova, as galinhas...
Mon Dieu!

Tirei o mais rapidamente que pude minhas roupas, ficando apenas com uma fina camisola de mangueiras e corri em direção à chuva para poder salvar e dar conforto aos animais.

Não poderia ficar de braços parados e muito menos estragar delicadas peças de roupas e sapatos em tempos de carestia.

Saí descalça, como louca, na chuva, mais uma vez lamentando minha estupidez que não tinha jeito.

Meu quintal era grande, com uma cerca irrisória de estacas e arames farpados que dividia a outra casa... Cercas que, infelizmente, estavam caídas, facilitando a invasão do cão e das visitas safadas de Adam Page à minha porta.

E ali, agora, no meio da chuva, dei graças a Deus que ele

estivesse bem longe, ele e aquele cão barulhento que andou enfiando o focinho nas minhas roseiras.

Enfrentando as grossas gotas que me ensopavam, inclementes, fui caminhando pisando na grama encharcada, sentindo meus cabelos se desfazerem por completo. Os fios caíam por minhas têmporas.

Entrando na minha pequena estufa, por fim, achei-a, a muda de rosa no vaso, e a protegi junto ao peito que estava escandalosamente úmido. Minha camisola estava grudada em meu corpo, e eu tremia de frio como louca.

Sim, eu era uma louca desvairada inconsequente correndo no frio. Poderia culpar o fato de ser sobrevivente da guerra, mas seria muita safadeza... Eu era simplesmente uma irresponsável.

Segurando o vaso contra o tempo, sentindo meus longos cabelos revoltos caindo em meu corpo magro molhado pela chuva, corri em direção ao galinheiro quando parei, de repente, e cobri a boca após gritar.

Deixei nisso o vaso cair no chão, com o susto, e a muda de roseira se espatifou aos meus pés que tremiam de frio se afundando na terra encharcada.

Adam... Ele havia voltado.

Dei alguns passos para trás, assustada, ao me deparar com o enorme e forte homem parado em meu quintal. O olhar taciturno, misterioso e

surpreso, que, sob a chuva, foi se tornando invasivo, sensual e quente. Adam Page era o calor em meio à chuva, era o Sol vencendo a tempestade.

Emoções sem nome tomavam. Eu me sentia louca para me jogar em seus braços de saudade, e ao mesmo tempo, estava apavorada.

Ele estava lá, olhando-me, calado. Enorme e molhado com calça e blusa claras e botas, a água fazendo colar seu cabelo liso e escuro sobre o rosto. Tão lindo, tão sedutor.

A sua presença sexy e misteriosa me causava aquela excitação secreta e trepidante que me fazia falhar os joelhos.

O meu misterioso mais descarado, cuja boca se curvou num pequeno sorriso, de repente, cheio de brilho sensual, os seus olhos que sempre me deixavam nua.

— *Chérie* — disse, a voz texturizada, quente. — Voltei, amor... Voltei para você. Estava travando seu poleiro. Cheguei a tempo de cuidar de você, Aimée.

Fechei os olhos, de saudade, de alívio, ao ouvir aquilo, e quis gritar de frustração ao mesmo tempo.

E eu estava praticamente nua, ciente de que usava apenas uma simples calcinha de algodão branco por baixo de minha camisola fina e molhada.

Sabia que ele poderia talvez ver aquilo que mais me magoava, ver *aquilo* em mim...

Vi o olhar dele me percorrer com lentidão, a retina se movimentando, com lascívia. Aquilo me fez corar e querer morrer ao mesmo tempo. Estava paralisada de pavor e desejo.

E eu estava apenas com um sutiã simples de Jersey... ele veria? Ele teria visto?

Um horror me tomou, maior que minha agitação interior em tê-lo ali, físico, com a chuva escorrendo por seu corpo, marcando os traços duros de sua face e exibindo os contornos musculosos do seu corpo.

Senti os olhos dele pousarem justamente no meu colo, e depois no meu rosto, o que me fez recuar ainda mais. Os passos hesitantes continuavam sendo dados para trás, lentos.

Eu sabia que meus tremores iam muito além do frio. Horror e desejo se confundiam dentro de mim.

— Cuidado, *chérie*, pare, vai se machucar... — disse, vindo ao meu encontro.

Mas continuei andando para trás, aturdida, até sentir que pisei em um dos cacos e sufoquei um gemido de dor. Sem poder suportar, esbocei um pequeno soluço.

— Oh Meu Deus... — Ouvi-o dizer, tentando se aproximar, mas o detive levantando a mão, num pedido mudo para que não viesse.

Ele não podia me tocar, de novo não. Não naquelas circunstâncias, eu quase nua, vulnerável, no meio da chuva.

Com aquela coisa horrível em meu corpo que ele provavelmente viu.

Levantei devagar o pé, e vi um pequeno caco enfiado em no calcanhar, e o arranquei dando um leve urro.

— Aimée, cuidado! Não tire o caco de qualquer jeito! — ele disse, tocando-me no braço, enquanto eu abaixava meu pé.

Levantei o rosto para ele, sentindo a chuva caindo sobre mim. A sensação de seus dedos gélidos em minha pele me fez paralisar. O toque de gelo se transformando em chamas. Observei e vi aquele rosto que agora estava com uma visível marca de preocupação, além de ternura.

— N-n-não me toque — falei, tremendo, mas a mão dele continuava segurando meu braço, com uma firme delicadeza.

Os olhos ardentes sobre mim, seu rosto tão molhado, tão convidativo.

Sentia a dura e calejada mão rodeando meu fino braço. O contraste da pele bronzeada e saudável em minha pele pálida.

O dedo dele acariciou meu punho, e engoli em seco.

— Tranquei o poleiro para você, não deveria estar nessa chuva. Pode adoecer gravemente. É fraca como um passarinho. Você é um passarinho. — Ele disse. — É o meu passarinho... — murmurou tão docemente.

Ele baixou os olhos para onde estavam fincados os meus pés, vendo que uma pequena poça se formava sob a terra. Uma poça de sangue.

— E agora, é um passarinho ferido — disse, levantando os olhos e voltando a me fitar.

Respirei começando a sentir a pontada de dor no meu pé.

Mas tremulando, concentrei-me para dizer.

— Não sou uma qualquer. Nem sou um passarinho, e por favor, não me toque — falei, num choramingo de dor.

Ele fez um ar aborrecido, como se me considerasse uma estúpida, mas, ao mesmo tempo, os olhos deles estavam cheios de uma singela ternura.

— Ah, *Tori*, meu passarinho... — ele disse. — Sua asa está quebrada, mas irei consertá-la. — Ele deu um pequeno sorriso.

Fiquei o olhando sem entender. Passarinho, aquele tom baixo e doce, de veludo áspero fazendo minha pele tremer. Algo tão familiar...

— Deixe-me ajudá-la, Aimée. Não seja infantil. Sei que não é uma moça tola. Eu a carregarei para casa. Pode infeccionar, e está muito frio. Venha, *chérie* — ele disse, aproximando-se mais, os braços tentando me

envolver num abraço.

— Não — falei, tentando me soltar com raiva. Ou sofrendo por ele talvez dizer a verdade: eu estava sendo infantil. Infantil e egoísta, mas não conseguia naquele momento não ser.

Insistindo em me afastar, percebi que a força de seu braço me prendia, como garras de aço, e então sua mão pousou em meu rosto tão delicadamente, de um jeito tão inesperado, como um toque de seda, que me fez de repente parar.

Observei-o, então, encarando-me cheio de paixão, enquanto seus dedos deslizavam sobre minha bochecha molhada, sutis, mágicos.

O rosto muito próximo, seu corpo muito perto, muito forte, trazendo calor em meio frio... A água caindo sobre nós, como uma bênção...

A lenta batalha se travava dentro de mim, mente e coração... Eu palpitava, fitando-o, seus olhos ardentes de pantera, os lábios entreabertos.

Mon Dieu... Não posso mais resistir...

— Xiii... Calma, passarinho, calma... Sou eu, meu amor... Sou eu... — murmurou com a palma sobre meu rosto enquanto o outro braço me retinha, e eu sangrava na chuva, querendo fugir, mas totalmente hipnotizada por toda sua calidez ali, vidrada naquele rosto irresistível acima do meu, que me olhava com ardor.

Então senti seu rosto descer lentamente, e seus lábios frios se encostaram muito levemente nos meus. Um toque doce e terno de lábios, e ele então emitia pequeno gemido que me fez arrepiar inteiramente, beijando-me muito suavemente, um jeito puro.

Minha consciência se apagou quando ele sugou o lábio inferior com delicadeza, e então sua outra mão segurou meu rosto, sustentando-o. Beijava-me com candura, como se eu fosse de vidro, sua joia preciosa. Eu suspirava, numa profunda rendição. Eu não conseguia não ceder. Adam em seguida pronunciou baixinho meu nome.

—Aimée, meu amor... como queria beijar você...

Aquela frase dita no princípio daquele beijo, e o fato dele ter soltado meu braço, fez-me despertar daquele hipnotismo me colocou em alerta máxima.

Então, assustada como um animal ferido, reagi.

— Não! Não me toque! Não me beije! — gritei, sem me compreender verdadeiramente.

Arranquei meu rosto com violência de seus dedos, e o empurrei com toda força que tinha, fazendo-o cambalear.

Toquei meus lábios recém beijados, sentindo a umidade, o sabor, e agonizei por dentro de desejo e raiva.

Aquele homem não tinha piedade.

Sem pensar em nada, virei-me e corri com o pé machucado e sangrando para dentro de casa, sem olhar para trás, batendo a porta sem seguida.

Veio-me novamente a imagem do Senhor Hoyt e Adam Page... Santo Deus, como se pareciam, em todos os sentidos? Será que... Poderia ser? Aquela fixa ideia vagava em minha mente.

O choque nos lábios foi o mesmo.

Um me lembrava tanto o outro, inclusive, não tinham piedade.

Continuei correndo com o coração batendo rápido como o de um passarinho em fuga, um passarinho de asa quebrada, como ele dissera.



Capítulo 15

ADAM PAGE HOYT

Entrei na casa, molhado pela chuva. Cansado e preocupado.

Mulheres. Só mulheres se arriscariam por um punhado de rosas. Ou chorariam por elas. Ou esqueceriam um poleiro aberto na tempestade em clima gélido. Ou sequer acendiam uma lareira em meio ao frio.

E só mulheres fugiam por causa de um beijo. Duas vezes. Certas coisas nunca mudam.

Aimée fugiu quando a beijei, mas algo em seus olhos me dizia que daquela vez ela estava a um passo de me reconhecer.

Você não é uma fria garoa inglesa, chérie, deixe que eu lhe mostre isso.

Já estava na hora daquele jogo acabar, e eu estava morrendo de saudades. Odiei ter que fazer aquela viagem para a França aqueles dias, mas foi extremamente necessário.

Além dos negócios, apareceram mais algumas relíquias em leilões suspeitos de objetos roubados pela *Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg*, a ERR nazista.

No mundo todo, magnatas se juntavam para tentar resgatar aqueles objetos de valor que pertenciam a famílias judias e maçônicas que foram cruelmente roubados pelos nazistas. Ajudávamos a Interpol com isso, a fazer com que esses objetos retornassem aos seus verdadeiros donos ou familiares.

Mas agora, estava de volta.

Aimée era como uma das suas amadas rosas: cercada de pétalas e armada de espinhos, dificultando a todo tempo ser colhida.

Não, não era confortável para um homem ver uma mulher só e orgulhosa insistindo em se cuidar sozinha, cheia de insensatez.

Ela, por orgulho, congelaria até os ossos, pensei, divertido. Mas é claro que eu não deixaria.

Logo estaria lá, cobrindo-a com mantas quentes, cuidando de seu ferimento, esquentando-a e dando a ela o que precisava, custasse o que custasse.

Enquanto sacudia os cabelos molhados pela chuva e Wally latia ao me ver na casa, sorria saboreando a visão que acabara de ter.

Aimée Cooper quase nua na chuva. Furiosa e trêmula. Quase com garras, mas ao mesmo tempo, sentia que ela estava prestes a ceder. Bastava tocá-la mais... Não, ela não resistiria. Os olhos pareciam injetados por aquela densidade típica do desejo. Aquele ar indefeso e ao mesmo tempo, agressivo.

Como se lutasse por seus segredos e sua honra pois sentia que estava prestes a sucumbir a um gavião faminto como eu.

Eu a havia desejado desde a primeira vez que a vi, mesmo que fôssemos pessoas muito diferentes naquela época. Ela era muito jovem, encantadora, e parecia distante e proibida.

Nossa ligação era anterior, e por alguma razão que eu desconhecia, meu pequeno passarinho fugidio cruzara novamente meu destino, e se tornara minha vizinha. E agora, eu tinha certeza, ela era o meu passarinho. Só meu.

Não sei o que o destino estava nos armando.

Ela havia cuidado de mim por cerca de dez dias, mas nunca a havia esquecido. Nunca, embora lentamente minha memória se desbotasse.

A danadinha me dera um nome falso, impedindo-me de procurá-la. Dificultara anos de nossa vida, mas agora estava ali, para mim, pronta para ser colhida.

O meu pequeno passarinho cantante. O pardalzinho. *Tori*.

Sempre fugindo de mim, desde o início, e me deixando tão feliz que eu me sentia abobado.

Fiquei abobado por Aimée desde que ela era adolescente, com aquele rosto de anjo em que eu pusera meus olhos e beijara com meus lábios, cheio de ternura e algo mais que um homem de luto não poderia se permitir.

Um homem desfigurado pela guerra.

Mesmo assim, eu lhe roubara um beijo. O mais doce de toda minha vida. Nenhuma experiência fora tão impactante quanto aquela, até agora, quando a estreitei em meus braços e a beijei na chuva.

Ela me intrigava: não sabia se era triste, se tinha mágoas. Algo me dizia que sim. Havia tristeza nos seus olhos, sempre houve, desde que a conheci anos atrás. Mas sempre percebi que havia uma vida pulsando, ali, debaixo daquelas roupas cinzas e o semblante fechado.

Havia uma mulher pronta ali, agora, que eu desejava... E como desejava... Queria beijá-la até deixar seus lábios inchados, queria tirar aquele ar ora arrogante, ora tão infeliz de seu rosto e enchê-la de prazer e da minha semente.

Queria tê-la agarrado na chuva, tocado seu corpo escorregadio e cheiroso e feito amor na chuva com ela. Como dois animais necessitados que éramos.

Queria lhe dizer que por muitos anos me lembrei dela, em sonhos, ouvindo-a cantar, mas que seu rosto apagava da minha mente, assim como sua voz. E queria culpá-la por ter nos impedido dizendo aquele nome falso.

Mas ela era o rosto que, estranhamente, eu ansiava, e eu agora sabia o porquê: ela morava dentro de mim.

Nada que ela pudesse tentar me dizer com aqueles dentes rangentes e a postura dura de uma freira ressecada e endurecida pela vida podiam combater aquela pele acetinada e aqueles olhos em chamas, cheios de desejo.

Desejo por mim.

Ela sentia tanto quanto eu. Jurava poder ouvir as batidas aceleradas de seu coração. Podia sonhar com a umidade do seu sexo.

Eu não era exatamente um gavião. Estava mais para ermitão solitário e deprimido, mas como aquela mulher me provocava e instigava...

E eu era homem, oras. Homens gostam de mulheres. Homens são simples. Homens quando desejam muito uma mulher, perdem um pouco de razão. Ou muito.

E naquele momento, eu estava um tanto enlouquecido por Aimée Cooper. Sonhava com seu sexo molhado tanto que me irritava. Minhas ereções estavam cada vez mais dolorosas, especialmente naqueles 5 dias distantes sem sentir seu cheiro por perto.

Homem gosta de sentir o cheiro excitante da mulher que está caçando.

Aquilo era realmente imperdoável e indecoroso de minha parte, eu admitia, sem, porém, relutar minimamente ao que eu sentia: eu pensava nela o dia inteiro, e estava quase sempre duro.

Suspeito que seria capaz de pedir de joelhos para fodê-la. Talvez casasse se ela exigisse, santo Deus. Eu faria tudo o que ela quisesse para me deixar penetrá-la. Só de sentir mais uma vez a cavidade macia e quente de sua boca, a suavidade de sua pele...

Algo me dizia que realmente se conservava intocada, e mais uma vez a prova dura e cabal do meu desejo estava me incomodando...

Tirei as roupas molhadas e as troquei por mais secas, embora soubesse que iria molhá-las de novo: eu iria atrás dela naquela casa. E entraria nem que tivesse de derrubar a porta.

As fugas de Aimée tinham limite. Estava sozinha, ferida, tremendo de frio e sequer acendera a lareira da casa.

Minha casa tinha aquecedor, e a casa dela não. Se ela não fosse teimosa, eu instalaria. Mas suspeitava que ela me escorraçasse da casa, fingindo não querer minha presença. Eu estava demorando de propósito com aquele joguinho de gato e rato, esperando que ela se lembrasse. Ela sabia que, em certa hora, eu daria o xeque-mate.

E aquela era a hora do xeque mate: ela precisava de meus cuidados e meu amparo, e eu senti que faria de tudo para protegê-la.

Mas era maravilhoso provocá-la, sentir suas reações... Gostava que ela soubesse que eu ouvia quando ela ouvia música, que a imaginava

dançando nua. Ou molhada, como a havia visto. Queria dizer que em meus sonhos eu a chupava...

Como ela reagiria?

Hoje pude ver como lhe caía bem a pouca roupa. Ou melhor, a nudez. A nudez era sua melhor roupa.

Santo Deus, eu não prestava. Ela era uma dama inocente, e eu só conseguia pensar em obscenidades.

De algum modo, porém, eu sabia que ela gostava de ser desejada por mim, eu odiava que outros desejassem o meu passarinho.

Sim, eu era perigoso para ela. Mais do que ela poderia perceber. Ou ela percebia? Ela deveria ter medo de mim, muito. Não fazia ideia do quanto eu a queria, do quanto me controlava, do quanto precisei trabalhar ultimamente para me distrair de sua imagem.

E ela era perigosa para mim, fazendo-me sentir e agir como eu não queria. Aimée mexia com todo meu ser.

Precisava acabar com aquele tesão reprimido e fazer brotar daquela boca palavras doces.

Peguei a capa e as botas de chuva e coloquei numa mala produtos antissépticos. Não me admiraria se ela não tivesse em casa. Tolinha querida, meu lindo pardalzinho, minha princesa Aimée.

Eu a observara tempo o bastante para saber que tinha aquela linda cabecinha na Lua.

Mas estava francamente preocupado que pegasse uma infecção. Saiu como uma louca lançando os pés no chão enlameado.

Lindos pés, percebi. Brancos e delicados, do tipo que mereciam ser lavados e beijados...

Aquele lindo pardalzinho teimoso. *Tori*. Passarinho em japonês. Eu os chamava assim, quando criança. Meu pai fora um tempo embaixador e morara no Japão antes da invasão à Manchúria e gostava de me ensinar palavras em japonês. Tudo isso muito antes da guerra e mesmo da *Hoyt Speed*.

De todo modo, Aimée era selvagem demais, arrogante demais para seu próprio bem. Era difícil conter minhas mãos e demais órgãos do corpo quando me aproximava dela.

E ultimamente, por mais que detestasse a ideia, era difícil conter meu coração.

Quando eu não estava visitando uma das minhas fábricas da *Hoyt Speed*, eu gostava de olhá-la. Gostava do seu modo esquivo. Do seu queixinho orgulhoso e de seus olhos que se entregavam, cheios de desejo.

Ah, eu não apenas gostava. Eu estava fissurado, fascinado por aquela

inglesinha cativante...

E hoje eu a vira quase nua... Podia ver seus mamilos duros, a pele branca... Havia uma cicatriz eu seu peito, eu percebera. Ou o começo de uma grande cicatriz, não sei. Dava para ver do decote da camisola de mangueiras. Algo me dizia que aquilo a incomodava. Na verdade, aquilo a incomodava muito e minha curiosidade se despertou. Não sabia o tamanho daquela cicatriz que parecia ser algo como queimadura. Um ferimento de guerra?

Quem não os tinha? Perdi um pouco a motilidade da perna. Era um pouco coxo. Já fora mais. Estilhaços de bomba entraram em meu joelho em batalha. Fiquei com uma cicatriz feia numa parte da coxa. Ainda sentia um pouco de dor.

Quase ficara surdo e tinha uma grande cicatriz no couro cabeludo, por isso gostava de usar o cabelo um pouco mais que comprido que a moda, para esconder a cicatriz.

Sim, eu servira na guerra por dois anos. Até ser mandado de volta com aquela perna ruim e quase surdo de um ouvido.

O dinheiro me ajudara a consertar e colocar uma prótese. Nessas horas, ganhar dinheiro fabricando armas era uma bênção no mínimo cômica: sobreviver às custas da morte.

Nunca estivera tão rico e tão desgostoso. Eu não me importava, no

fundo, de fabricar armas. Elas sempre existiriam. E se elas agissem para o mal, também tinham agiam para a paz. Elas, como todo ser humano, traziam o mal e o bem.

Os malditos nazistas não haviam vencido em parte grátis aos meus morteiros e fuzis de precisão da *Hoyt Speed*.

Podíamos pensar armas como sangue derramado. Mas a vida me ensinara que a contenção da violência usando de armas protetivas significava na verdade menos sangue derramado.

Os homens sempre desejariam se matar.

Não sabia se aquela era uma desculpa mental, mas eu salvara famílias na guerra enquanto outras famílias se perdiam. Preferia pensar que haveria um lado certo. Haveria o bem contra o mal. Nem toda guerra é ofensiva. Há guerras defensivas.

Eu não gostava de guerras ou armas: elas aconteciam. Os homens se matariam até usando as próprias mãos.

Se era conforto o que eu buscava, eu achava. Se era praticidade que eu precisava, eu a usava.

Éramos os melhores do Império Britânico e agora também estávamos na Malásia Britânica fabricando belos antitanques.

Nosso lema era coragem, fé, balas e aço. Não se venciam guerras

com flores.

Sempre haveria guerras. Mas nem sempre haveria família. Eu perdera a minha. E não acho que o tempo seja muito bondoso ao curar velhas feridas.

As minhas por vezes ainda sangravam. Talvez as coisas estivessem menos presentes, mas isso ainda me revoltava.

Não lembrava mais como antes de Helen. Seu rosto se tornava vazio. Era uma vaga lembrança dela em Park Lane, me mostrando seu par de botas de couro de carneiro com um sorriso. Já fazia mais de 5 anos de sua morte.

Eu acabara de fazer 30 anos quando ela morreu.

Às vezes, um loiro bebê estava em seu colo, em meus sonhos. Só conheci meu filho por fotos. Nunca toquei sua pele, nem vi de perto seu sorriso. Meu filho morreu sem ser contemplado pelo pai.

Sequer o senti mexer na barriga de Helen.

Eu os perdera. Havia perdido Helen e o bebê. Nada mudaria isso. Nada remedia a morte. Nada remedia o tempo perdido.

Também achei ter perdido os sentimentos com aquilo.

Por isso, o que sentia agora, entrando na casa e procurando curativos e levando carvão para aquela casa gélida que não estava com a lareira acesa, era o mais próximo de sentimentos que eu possuía.

Na verdade, pela primeira vez depois de Helen, eu amava. Eu amava Aimée, a verdade era essa.

Pela primeira vez alguém importava, alguém me tocava fundamentalmente com aqueles olhos de pérolas negras, as sobrancelhas grossas que eu sentia vontade de deslizar o dedo por cima.

Eu sentia vontade de abrir sua boca, de lambe seus lábios, de enfiar a língua nela.

Mas não era só isso. Não era só o ardor sexual. Eu não tinha vontade de beijar mulheres. Helen fora a última mulher que beijei.

Mas eu queria transmitir o que sentia com meus lábios para Aimée, tocá-la com a minha boca. Toda aquela vontade ardente entranhada de possuí-la. De cuidá-la, de lhe dar amparo e proteção.

Eu continuara viril, eu não abandonara minha vida com mulheres, absolutamente, depois da morte de Helen e do bebê que nunca conheci e sequer pude enterrar. Homens têm fraco por sexo.

Por mais triste que eu tivesse ficado, não fiquei mais que dois anos em castidade. O desejo obscuro, a vontade de ejacular, tocar uma mulher me assombrava e me fizera cair em camas de meretrizes e viúvas de guerra infelizes.

Eu lhes dava sexo, e elas me davam sexo. E elas eram tão infelizes e

vazias quanto eu, e não pareciam se importar. Mas nada mais em mim estava envolvido. Não havia quaisquer sentimentos ou apreço.

Mas quando vi Aimée naquela festa, algo estranho ocorrera dentro de mim. Algo que em mil gerações não conseguiria explicar.

A mesma coisa terrível e forte quando a vi no hospital, anos atrás, e ela era apenas uma menina magrinha ajudando um fiapo de homem destruído e careca que era eu, com uma grande cicatriz em minha cabeça raspada e o ouvido e nariz tapados.

Lembro de meu prazer em quando pude além de vê-la, sentir seus dedos de anjos me tocando, cuidando-me, tão dócil, além de também ouvi-la cantando como um pintassilgo, um pardalzinho em francês no hospital.

Ela era algo lindo, perfeito, distante e próximo ao mesmo tempo. Acessível e inalcançável, e parecia estar ali, como se tivesse nascido para mim.

Era duro me sentir assim. Mal fizera um ano da morte de Helen em 1945 quando fui parar no hospital no fim da guerra.

Mas Aimée, ou a enfermeira cujo nome eu não sabia e depois mentira dizendo se chamar Mary, simplesmente me fascinava. Parecia meu reencontro com a vida.

De alguma forma, ao vê-la, ali, pedindo um príncipe em francês,

como uma criança intocada pela dor, cheia de esperança e parecendo guardar seu precioso tesouro feminino, fez-me ter alegria de voltar a viver.

Derreti como se derretem os homens diante de uma beleza comovedora. Quando a beleza atinge de um homem de forma a comovê-lo, começa seu precipício da clausura.

Naquele momento, um elo se formava entre mim e aquela menina, quando ela cantava ao meu coração cínico, desfazendo ali toda a amargura.

Queria sua pele sedosa para mim naquele momento, e segui querendo, mesmo depois de tantos anos sem vê-la.

Ela parecia inocente e inteligente, já naquela época, com aquela bravura indômita e ao mesmo tempo cheia de receios.

Agora, ela era um monte ainda muito maior de dualidades que se chocavam e me atraíam como se eu fosse uma presa. Aimée era arrogante e medrosa. Corajosa e covarde. Parecia querer ir, mas parecia querer ficar. Ela parecia certa e errada.

Mas ainda era de uma beleza fulgurante e sua alma aparecia em cada poro. Os mesmos olhos vivos e inteligentes quebrando todo meu cinismo e amargura, embora me aticasse como um Demônio, e minha natureza sexual então queria encurralá-la, brincar com ela, provocá-la, possuí-la...

O amor é feito de jogos sexuais, e por mais que eu a caçasse, sabia

que eu era presa: já estava irremediavelmente subjugado.

Oh, Céus... ela me atraía como o diabo e como se fosse algo celeste. Todo tipo de dualidade me batia, e tudo era vencido pelo desejo intenso que eu sentia de tocá-la lentamente, subir suas saias, sentir sua pele nua e ouvi-la arfar.

Como queria ouvi-la dizer meu nome, como queria penetrá-la e descobrir seu interior molhado e quente, como ela reagiria ao ser fodida...

Havia toda essa tortura sexual que ela me impunha.

Agora, em 1949, ela tinha aquele recato interessante e um pudor exagerado. E usava tons mais amenos. E aquilo me atraía fortemente. Ela já era docemente recatada quando pousei os olhos nela, aquele pequeno pardal cantante e triste, no hospital.

Sendo atualmente uma mulher feita, ela oferecia os delicados traços de sua natureza. Tudo o que ela queria esconder me interessava. Aquele ar de dignidade ferida apenas porque estava sendo desejada.

Ela me lançava desafios sensuais ao baixar os olhos e me ignorar prontamente, e não sabia se ela entendia isso.

Seria uma tola se não percebesse que o jeito como fugia de mim só me atiçava.

Havia visto agora na chuva aquela cicatriz que parecia ser de

queimadura. Uma mácula, aparentemente, em seu copo perfeito. Poderia incomodá-la tanto assim? Ela parecia querer me bater quando pousei os olhos devagar por seu corpo seminu e parei os olhos por um instante em seu colo e observei uma cicatriz resvalar sobre o tecido. Pouco me importei.

Só conseguia vê-la ali, sublime. Alva, linda, os lábios rubros. Os bicos escuros de seus seios aparecendo. O triângulo negro, o prenuncio de um V macio e encaracolado debaixo da roupa molhada, as coxas que pareciam de bailarina, deliciosas ao toque... E aquele pudor corando sua face úmida.

Não importava nada que ela tivesse uma mácula qualquer. Ela continuava linda e tentadora e fazia meu sangue ferver.

Ela era minha Aimée. Meu pequeno *Tori*.



Capítulo 16

ADAM PAGE HOYT

Eu me flagrava às vezes olhando-a cuidar daquele roseiral bonito, com um sorriso no rosto, o Sol beijando seu nariz levemente sardento, dando um tom de avermelhado para seus cabelos que escapavam de seus chapeuzinhos tão simples.

Ela conversava com as flores coisas tão tolas, rindo. Chamava-as por nomes estranhos. Por que não conversava comigo?

Queria seus sorrisos para mim. Ela nunca me sorria. E sempre adoravelmente má comigo.

Sim, eu adoraria ter para mim aquelas gargalhadas leves.

Por Deus, eu queria deitá-la naquela relva...

Era bom saber que tinha senso de humor, que ria e falava bobagens engraçadas com flores.

Gostaria cada vez mais de saber por que um homem a deixava tão séria, e me imaginava desfazendo todo aquele recato com os dedos, as línguas, e meu pau...

Quando Wally, meu cão, destruiu parte de seu roseiral há alguns

dias, ela estava linda e furiosa.

Lembro de suas mãozinhas juntas no corpo, em protesto, os olhos crispados, em desafio. A expressão de quem queria me dizer um monte de palavrões que eu estava merecendo ouvir.

Mas ela foi esperta, e então ela não me dissera absolutamente nada. Nenhuma única palavra, e me deu as costas mais uma vez, mostrando aquele traseiro apetitoso encoberto pelas saias.

Ela era esperta como o Diabo. Sabia me tentar. Quando ela virava a cara assim, eu ficava louco. Respirando como um animal ferido, louco para saltar nela. A tolinha sequer olhava o volume das minhas calças quando a via.

Eu ficava sempre irritantemente duro na presença dela. Odiando sua indiferença, mesmo sabendo que ela não estava sendo indiferente.

De resto, quando estava em Horsham para descansar e esquecer que todo aquele horror que era minha vida existia, eu suspirava vendo-a naqueles roseirais, calculando o momento em que criaria coragem e daria um passo mais além da simples provocação divertida. Ela merecia algo sério.

Ela merecia cores. Merecia calor. Merecia ser amada.

O nome dela já pedia isso: Aimée. Só me restava saber se seria eu o homem a amá-la. Sinceramente, eu não sabia. Mas eu queria, apesar de eu sentir um medo estranho de me aproximar...

Eu sabia que me aproximar significaria um preço. Significaria abdicar daquela vida lenta que eu estava tendo ali naquele campo. Era um lugar para me recuperar.

Eu teria de deixar de ser Adam Page, o nome de minha mãe, e ser Adam Page Hoyt, um homem podre de rico em meio a guerra, o senhor das armas, o homem que a beijou num hospital quando ela era uma mocinha e a assustou.

Ninguém gostava de quem fabricava armas, todos julgavam quem as fabricava. Contudo, todos desejavam alguém com armas por perto na hora de se defenderem.

Não sabia como ela reagiria ao saber quem eu era.

Amar Aimée significava também abandonar meu luto. Eu ainda tinha guardada a aliança de Helen. Ainda tinha comigo um par de meias cerzidas por Helen, feitas para nosso bebê. Meu pequeno Adam Junior que nunca vi a não ser por foto.

Droga, eu sequer pude enterrá-los.

Se na conquista precisamos de ritos, na morte também. Eu não os enterrara, e sentia falta daquilo. Eu os perdi, naquele dia, naquele terrível dia, quando houve uma explosão num restaurante num bombardeiro londrino, e sequer pude estar lá quando foram enterrados.

Fui atacado nos jornais da época: "o castigo para os Hoyt, pois quem planta violência, colhe violência". Era sumamente cruel ler aquilo. O corpo deles despedaçado pelo ódio não era justiça.

Quem matou minha mulher e filhos foram os malditos nazistas e sua sede de poder.

Minhas armas seriam para defendê-la, e graças a Deus, a Europa estava livre daquele mal.

Mas a que custo... a que custo.

De todo modo, ao saber daquilo, uma espécie de Demônio me possuía. Eu me tornara um homem amargo. Fui condecorado por matar muitos, muitos homens.

Quando Helen e o pequeno Junior morreram, eu estava em Nantes, como tantos outros.

Quando fui convocado para servir minha pátria, não neguei. Éramos ingleses, éramos cristãos lutando por nossa liberdade e por nossas mulheres e crianças.

Recebera aquela maldita ligação, lembrando-me o homem rico que eu era.

Saí da sala do Coronel, ensandecido, procurando o alento das águas correntes do rio Loire que trazia detritos dos estaleiros e navios destruídos,

indo e vindo, além dos corpos dos animais.

E fiquei lá, contemplando os animais mortos boiando no rio. A paisagem avermelhada pelo sangue. O cheiro ocre da morte por todos os lugares.

Eu não poderia fazer mais nada além de lutar como um louco. Naquela época, meu pai ainda era vivo. Chamara-me de volta para tomar conta da empresa. Mas para que eu voltaria, para quem eu exibiria a deserção da desonra?

Não haveria Helen, seus cabelos loiros, seu rosto jovem. Seu livro de Thomas Hardy na mão. Sua paciência escrupulosa, seu coração generoso. Sua barriga de grávida que eu beijara, em despedida, dizendo que voltaria.

Só me restariam as lágrimas do desespero e da vergonha se eu voltasse, um homem que teve arrancado tudo o que lhe era de mais precioso.

Fui até o rio, e lá, onde os animais boiavam, mortos... enfiei minhas mãos, e as observei saírem cheias de sangue.

E elas se tornaram cada vez mais cheias de sangue nos meses que se passaram.

Lutava cegamente, e não sei como não morrera em combate. Cada homem que eu matava, eu me lançava naquele espiral desesperado de dor.

Lutava com o peito cheio de cólera, sem saber se lutava em busca de

punir alguém, ou se para me punir.

Não sabia se estava tentando salvar o mundo, ou me matar. Eu me sentia uma máquina destruída.

Até surtar de dor naquele dia, os ouvidos trincados pelo barulho do explosivo, os estilhaços de bomba em minha perna me fazendo cair, exaurido, no campo de trigo em que lutávamos.

O sangue vertendo de minha cabeça onde lascas de explosivo passaram raspando. O tímpano estourado.

Fiquei lá, esperando a morte, talvez, vendo a dor dos amigos.

A vida passando como um filme com quadros se sucedendo. Eu comecei a rir, como o louco que eu era, agonizando. Minha mulher e meu filho como retratos brancos, apagados de minha mente e da história. Irremediavelmente perdidos.

Para sempre era muito tempo. Era tempo demais para agonizar e enlouquecer.

Eu já não sabia o que queria, onde a vida me levaria... Talvez para o Céu, onde estariam minha mulher e meu filho, ou talvez ao inferno, que era o lugar que eu merecia.

Fiquei lá, ouvindo o barulho do sangue em meus ouvidos, olhando os campos cheirando a pólvora e morte.

Eu estava cercado de morte e senti meus olhos fecharem, aguardando que ela me também me levasse para seu silêncio.

Mas eu não morri.

Fui em verdade resgatado e acordei deprimido numa cama piedosa de um hospital francês, onde cuidavam de um homem imprestável e sem valor como eu, que não pode proteger sua esposa e filhos da morte, mesmo construindo o maior aparato de armas de tiro de guerra da Inglaterra

Aquela piedade de tantas mulheres de mãos gentis e olhar vazio me fez repensar muitas coisas.

Eu me sentia com certa responsabilidade naquele momento, ou mesmo gratidão. Alguém me doava seu tempo, sua esperança, sua gentileza.

Aquela maldita guerra não iria acabar comigo, prometera-me.

Na Inglaterra, quando melhorei um pouco e pude ser transferido, fui recebido por um hospital londrino. Eu já estava parcialmente recuperado, embora febril e ainda muito ferido.

A infecção, porém, aparentemente, tornara a me pegar feio, e a febre voltara a me consumir. O ouvido voltava a latejar, a cabeça doía terrivelmente após o traumatismo.

Em meu delírio de febre, eu agia como um homem afogado em culpas. Pesadelos, barulhos de tiros de canhão e metralhadoras. Visões de

longos campos estendidos com sangue. Metais retorcidos, casas queimadas. Vilarejos inteiros e queimados.

O gosto de uma côdea de pão, e crianças famintas. Mulheres desoladas.

E Helen, e Adam. Helen e Adam queimados.

Em meio a isso, sentia a sensação apenas de um Sol na janela, de frio, de bater os dentes, de mãos suavíssimas de dedos curtos. De lábios cheios desbotados num rosto magro, de uma voz doce rezando, cantando, dando-me de beber, o recostar de um colo macio.

Olhos escuros se abrindo diante dos meus, tocando minha testa... Um anjo, era um anjo.

Um rosto pálido de anjo descendo sobre mim, emoldurado por cabelos escuros, tocando minha cabeça onde deveria haver cabelos, mas não havia.

Ela se afastava, com seu corpo magro, com seus cabelos presos, indo e vindo até uma bacia.

O cheiro feminino que exalava de seu corpo se misturava ao antisséptico, e seus olhos eram grandes e calmos.

Um anjo salvador. E eu podia ouvi-la. Ouvia seus passos seremos.

— Beba, por favor — ela dizia gentilmente. A voz atravessava meu

inconsciente.

Era um belo rosto. Talvez estivesse no Céu. Com um anjo aliviando-me da febre e dor, dando-me de beber, trocando-me os curativos. Ouvi-a verter algum líquido em minha garganta, tocando-me com seus dedos quentes e ouvia voz doce e baixa dizendo a oração do príncipe de Gales.

“Em meio de nossas montanhas antigas,

E de nossos amados vales,

Oh! Deixe que a oração ecoe

Deus abençoe o Príncipe de Gales”

Eu não ouvia aquilo há tanto tempo... Em meio ao embotamento da dor e da febre, eu me transportava aos campos, aos cavalos, aos tempos de meninos, às viagens com meu pai embaixador, às colinas e aos ventos de uma Inglaterra verde e próspera, quando às vezes algumas senhoras oravam ao Príncipe de Gales.

As cotovias, os pastos verdejantes, os cordeiros pisando o trigo. A chuva caindo sobre a Terra Gaélica, os anos do Senhor se passando, calmamente.

Sommerset dando vinhas, e o relógio de Londres badalando, e seus carros se movimentando sob os dizeres de bom dia e acenos de chapéu. O mar azul de Dorset com sua superfície ondulante e moças tomando banho de

sol no verão.

Tudo aquilo me vinha com a sensação daquela pequena moça com seus grandes olhos sobre mim.

Eu queria ficar bom só para ouvi-la. Só para abrir meus olhos e vê-la.

Para tocá-la.

Parecia sonhar com algum anjo de voz meiga.

Até o dia que acordei plenamente, em vez de ficar naquele estágio febril de semiconsciência, e a reconheci, a dona da voz, naquele hospital.

Estava olhando pela janela. O rosto era uma moldura de desalento, pequena, magra. E ela cantava em francês, muito baixinho, uma cantiga de criança, de uma forma muito graciosa. Uma voz aguda.

Seu perfil era todo ternura e graça. Ela era linda, e perguntei como um homem não podia se apaixonar.

Fiquei ali, a observando atentamente.

"Un jour mon prince viendra"." Um dia meu príncipe virá"

Ela estava cantando a música da Branca de Neve, e ela parecia com a Branca de Neve, pensei. Mas muito jovem e muito triste.

E ela estava comigo ali, ao meu lado, ao lado do homem lastimável

que eu era.

Pedi-lhe água, sem entender que sentia uma sede indecifrável de sua presença. Mas a presença de Helen ainda estava correndo em mim, e aquela enfermeira não passava de uma menina.

Quando ela se aproximou, porém, não resisti. Quando vi a fileira de dentes brancos sobre os lábios cheios, os olhos cândidos e vivos, o corpo delgado cheio de calidez.

Ah, eu toquei sua mão, e pedi que cantasse para mim.

Aquele meu vazio terrível, angustiante, após um ano da perda de Helen, agora era tomado por aquele rosto.

Aqueles lindos olhos, aqueles lindos lábios preenchiam tudo. A sua voz, que eu podia ouvir porque ela cuidara de mim, de minha infecção agora domada, parecia curar tudo.

E eu quis tirar a tristeza de seu rosto e ouvi-la cantar pela primeira vez.

Mas em vez de cantar para mim, como o pardalzinho que era, ela encrespou-se e fugiu quando, desejoso como estava, eu a beijei. Ah, e que delícia de beijo.

Fechei os olhos, perguntando o quanto terrível eu deveria estar fisicamente para uma garota fugir de mim assim.

O vazio voltara, a dor também. E eu sofrera o desdém medroso daquela dama. O meu passarinho me desdenhara.

Naquela noite, no hospital, sonhei que fazia amor com aquela moça proibida, lentamente. Aquela moça magrinha e assustada que me cuidara era Aimée. A minha Aimée.

Acordei me sentindo culpado. Parecia estar, na época, traindo a memória de Ellen.

Mas aquilo fora outra época. Muito já havia passado. E poucos dias depois, quando estava melhor, eu a procurei. Eu a queria, só pensava nela, mas ela mentira seu nome, e eu a perdi na época.

Agora, estava findado o nosso jogo de gato e rato. Era hora do gato traçar o rato. Chega de joguinhos. Chega de lembranças e chega de culpas.

Aimée seria minha. Eu a queria. Ela me queria. Era claro como toda verdade sempre é. Iria lá e tomaria seu desejo por direito.

O que sentíamos um pelo outro era de uma clareza implacável.

Saí com a sacola com as coisas, a capa de chuva e uma garrafa térmica com café nas mãos.

Quando cheguei na sua porta, graças a Deus, não estava trancada. Mas podia entrar pelo sótão. Conhecia bem aquela casa.

Quando abri a porta, porém, o que vi cortou meu coração.

Encontrei uma moça combalida, os ombros alvos expostos, contorcendo-se convulsivamente, pelo choro e pelo frio.

Seu corpo se sacudia, e ao mesmo tempo, ela parecia tomada pelo choque. O pé estava com um sangue já seco. Estreitei os olhos, com um buraco em meu peito se abrindo com preocupação.

— Aimée? — perguntei, baixinho — Doçura?

Tirei a capa, num sobressalto, tentando tirar a água do corpo.

Vi mantas de lã sobre o sofá, a e aproximei-me dela, com cuidado. Ela não parecia me ouvir. Parecia ignorar completamente minha presença, como se estivesse em choque.

Quando me ajoelhei no chão, para cuidá-la e confortá-la, e a virei para mim, ela me olhou com olhos lívidos, os olhos encharcados de lágrimas. As roupas mais encharcadas ainda. Precisaria enxugá-la com toalhas, despi-la e aquecê-la o quanto antes.

Eu a segurava delicadamente pelos antebraços, virando-a para mim, e ela mordida a mão que tremia, e então vi a triste cicatriz em seu colo, cobrindo o topo do seio que estava quase todo a mostra.

Franzi minha testa. Santo Deus.

Os olhos dela me encararam por um momento, e estava estampado neles uma tristeza que parecia tão profunda e ao mesmo tempo, pânico.

Meu coração todo se condeu. Meu lindo passarinho ferido.

Suas mãos foram para meu ombro, e seus dedos trêmulos se afundaram em minha pele.

— Não me olhe, não me olhe por favor... — suplicou, fechando os olhos, pousando a mão em meu ombro, tentando me empurrar.

Trouxe sua cabeça para meus lábios, encostando ali em seus cabelos, enquanto ela tremia e soluçava tentando me empurrar ainda.

— Calma, passarinho — pedi baixinho.

— Vá embora! — disse, socando meus ombros com a força de um pardal, em seguida arquejando fracamente, tentando esconder o rosto em meu corpo.

— Fique tranquila, Aimée — sussurrei com afeto, trazendo a para mim, cobrindo-a com a manta delicadamente, aquele corpo querido e magoado que tremia.

— V-vá, por favor — insistiu, tremendo tanto que me preocupei, mas ao mesmo tempo, percebia que ela aceitava ser aconchegada em meu colo, e eu a apertei delicadamente contra mim.

— Não, eu vou ficar. Não vou embora. Vou cuidar de você, entende, *chérie*? Cuidarei de você. Você é minha para eu cuidar. Jamais lidará com minha ausência, Aimée — disse num tom firme, pois percebia que ela

precisava também de firmeza.

Ela apenas arfou em resposta, mas recostei sua cabeça em meu ombro, e ela pareceu aceitar, acomodando-se ali, como uma criança ferida, e era assim que eu sentia. E então eu a embalava.

Ela era uma linda criança ferida. Naquele instante, senti que ela precisava disso. De afeto e segurança e não o fogo do meu desejo que, apesar dos pesares, sentia desperto, em meus poros, sentindo seu cheiro e sua beleza tão exposta.

Apesar de ver que aquele ferimento grave era triste, em nada desmerecia sua beleza. Mas era muito mais do que o latejamento sexual que me consumia, embora naquele momento o pânico e a fragilidade de Aimée me contivessem. Era algo muito maior, algo que eu suspeitava há tempos... Tê-la ali, contra mim. Aquela sensação de conexão tão ampla e absurda, como se nossas almas se tocassem além dos corpos...

Senti seus ombros relaxarem um pouco, sua respiração ficar menos alterada, e passei a acariciar seu cabelo molhado.

— Calma, *ma petite, ma chérie*, Aimée, calma docinho — pedi, beijando sua orelha fria e inspirando o cheiro ali, os dedos fazendo carícias em sua nuca molhada.

Ela apenas gaguejou em meus braços, mas não disse nada. Sentia

seus músculos das costas menos tensos em minhas mãos e acariciava a curvatura suave de sua cintura fina. Seus seios se amoldavam ao meu peito, empinados. E sentia a imperfeição da grande cicatriz que parecia tanto lhe incomodar, mas que a mim, não incomodava.

Deus, eu a queria... eu a queria tanto... a pele dela era tão acetinada... Pouco me importava aquela cicatriz. Nada mudava. Nada. Ela tinha que entender isso, mas eu sabia como funcionava a cabecinha de uma mulher quando se tratava de inseguranças físicas.

Ela precisava ser confortada.

— Vamos esquentar, você, está bem? Tudo ficará bem, *chérie*...Tudo... Confie em mim, Aimée. Meus braços são fortes para você... — disse, envolvendo-a com delicadeza e passando a mão sobre suas costas úmidas e frias debaixo da coberta.

Ela se acomodou ainda mais, soltando um longo suspiro que me fez sorrir e beijei o topo de sua cabeça.

— Isso, *chérie*, isso... Use meus braços, eles são seus.

Minhas mãos desataram o sutiã e começaram a descer o resto da sua fina camisola, com ela se acalmando lentamente em meu peito, encolhida e ainda tremendo, mas menos nervosa...

— Vou cuidar de você — repeti, com carinho, sentindo-a ainda mais

aninhada, feliz de ela não discutir, sentindo a delicadeza de suas curvas generosas e sua respiração mais calma, seus gemidos doces.

Meu coração naquele momento palpitava, uma conexão íntima, dolorosa, apaixonada, se estabelecia com ela se acalmando em meus braços enquanto eu a despia, reanimando-a daquele frio.

Contive minha respiração e meus próprios dedos tremiam quando tive que pousar meus olhos em seu corpo lindo e perfeito, sua cintura fina, suas ancas largas, as pernas longas e torneadas, as coxas suaves.

Ela era linda, como nem em mil vidas eu poderia imaginar aquela beleza.

Vendo-a tremer, desci a calcinha de algodão que perpassou por suas coxas e a deitei um pouco contra meus braços para retirar sua calcinha molhada.

Ela entreabriu os lábios, ajudando-me a tirar, e virou o rosto para não me olhar. Parecia profundamente envergonhada.

Tentei resistir ao impulso de tocar o doce vértice e seus pelos encaracolados. Ela era linda. Só havia aquela mácula sobres seus grandes e formosos seios. Não sabia se era o frio ou contato de minhas mãos, mas seus seios estavam grandes e túrgidos, e senti minha boca salivar para saboreá-los. Como não ver bicos tão duros sem sugá-los? Santo Deus... Sentia minhas

mãos febris, meus olhos atormentados.

Precisava dela completamente nua para poder secá-la e esquentá-la, e estava feliz que ela me desse a honra de vê-la nua. Precisava dela, como eu precisava... como era difícil não a tocar ali, com o tamanho da volúpia que eu sentia. Mas seus olhos cariciosos me impediam.

Vi uma menina romântica, assustada e perdida, e eu não poderia magoá-la mais do que ela parecia ter sido em algum momento magoada pela vida, apressando as coisas e cedendo aos meus puros instintos carnis. Tudo a seu tempo.

Naquele instante, daria a ela a ternura que ela parecia precisar.

Ela me olhava parecendo angustiada, e vi-a corar de acanhamento e tentar se cobrir, por fim, escondendo suas lindas vergonhas. O movimento de suas mãos foi lento e frágil em tentar se acobertar.

Percebendo seu desagrado com meu olhar furtivo e admirado, eu a cobri delicadamente com a manta seca e a olhei bem nos olhos, ajudando a deixar a coberta bem presa no pescoço.

— Linda, linda... Isso, ficará bem quente e seca agora. — Plantei-lhe um doce beijo na testa, contendo meus desejos.

Seus olhos estavam duas gotas escuras e enigmáticas, tão tristes quanto perplexas. E ao mesmo tempo, havia algo mais ali.

Algo quente e amoroso. Havia sua alma.

Pois a verdade indiscutível é que ela precisava de mim naquele momento, assim como eu dela.

E assim, aproveitava a satisfação de tê-la em meus braços, arqueando-se, pedindo-me, e agradecia a Deus pela oportunidade de estar com Aimée naquele momento difícil.

Eu não sabia o que ela precisava, ou porque estava tão triste, ou quem ou quem havia lhe ferido, mas saberia que moveria céus e terras para que ela se sentisse quente, segura e feliz comigo.

Eu parecia ter nascido para aquele momento, um príncipe um pouco manco, um pouco velho, um pouco cruel e cínico e um pouco quebrado, chegando para confortá-la.

"Um jour mon prince viendra", ela cantara para mim, anos antes, quando eu estava enfermo, e contemplei o olhar vazio e inocente de uma jovem e assustadiça enfermeira. Uma pálida jovem Branca de Neve na janela. Uma menina a quem eu desejara e não entendia. E eu estava ali, ouvindo-a. Vendo a mocinha dolorosa e sonhadora desejando alguém que a merecesse, que a aceitasse, que a amasse, no meio daquele horror de guerra.

Tive a certeza naquele dia que as coisas ficariam bem no hospital, eu sabia que as coisas ficariam bem agora.

Aimée entrou na minha vida para me lembrar que a beleza existia quando tudo parecia decaído. Para me lembrar que jovens ainda sonhavam com seus príncipes, cuidando de homens feridos como eu.

Para ser tão amável quando tudo deveria ser feio. Para ser a beleza contra a dor.

O suspiro doce de Aimée em meus braços me deu uma certeza naquele momento: eu estava ali para amá-la.

A dor dela era tão grande em mim que naquele momento eu tive aquela certeza: eu a amava. Eu a amava de um jeito poderoso, como jamais havia amado.

E eu cuidaria da mulher que eu amava, com paciência, e a arrebataria daquela dor.



Capítulo 17

AIMÉE

Estava lá, curvada, retorcida sobre minha dor, sentindo os joelhos sobre os lambris de mogno frio, quando percebi aqueles dedos vagueando meu corpo, a voz como açúcar queimado, quente e rouca contra o frio.

Ele me virou para ele, enquanto eu mordiscava minhas mãos sem me dar conta, ferindo-me, tremendo com extrema fragilidade. Perto de um colapso.

Vi-o através do olhar nublado de lágrimas e pesadelos. E ele era como um sonho bom desfazendo o terror.

Podia sentir minha lividez, meus lábios entreabertos.

A presença alta, forte, o cheiro masculino intoxicando. Os olhos dele como estanho líquido e brilhante

Ele veio com a chuva.

Adam. Meu querido Adam. Quis levantar meus dedos e tocá-lo ali, nos olhos, e me sentir amada e acolhida. Queria dissolver minhas preocupações naqueles olhos de prata.

Até que percebi seu olhar fixar lá. Lá, onde não sou mulher. Onde

minha dor foi fixada em brasa. Sabia que estava parcialmente despida.

Foi terrível seu olhar pasmado diante de minha realidade nua.

Ele viu. Ele viu toda minha deformação. Vi seu olhar de choque, impotente contra a potência de seus braços fortes me fazendo me virar para ele. Só consegui pedir que não me olhasse, fragilizada demais para fazer qualquer outra coisa se não me envergonhar.

Pedia repetidamente que não me olhasse, mas por alguma razão, ele olhava. Pedia que fosse embora, mas ele não ia. Ele continuava ali, firme como uma rocha, tocando-me com suas mãos que tentavam ser suaves e reconfortantes.

Sentia as lágrimas brotarem, borbulhantes, caindo sobre o rosto e minha boca já ressecada de tanto mordê-la.

Era o fundo da minha humilhação: o homem que eu queria me vendo daquele jeito, disforme e derrotada. Ele nunca mais olharia para mim, eu sabia, e só teria dele agora compaixão e horror.

Sentia-me mais quebrada que o vaso com rosas.

Enverguei ainda mais meu corpo, enquanto sua voz falava dentro de mim, dentro de minha alma, falando com minha dor silenciosa, pedindo que eu me acalmasse.

Por alguma razão que eu não entendia, aquilo me acalmava. Sim, eu

comecei a me acalmar nos braços de Adam, deixando-me levar.

Eu já havia perdido tudo mesmo. Minha honra, minha dignidade, a chance de ser feliz. Que ao menos eu me permitisse me acalmar naquele momento em seus braços.

Precisava de sua compaixão, de seu abraço, e me deixei ficar ali, daquele modo, sendo embalada suavemente por suas mãos hábeis.

Ele era forte, eu era fraca. E eu só queria me perder naquela força. Ele era toda a força que eu precisava naquele momento.

“Calma, Passarinho”, ele dizia, e aquela voz de travesseiro que ele tinha, tão morna e caramelada, como um veludo... aquilo me lembrava alguma coisa que eu não sabia identificar, mas que parecia íntima e, ao mesmo tempo, perturbadora.

Fiquei ali contra a dureza do seu peito, úmida, tremendo de frio e me sentindo amplamente segura.

Havia algo em Adam Page que eu simplesmente amava, e ali, contra seu peito, imóvel e frágil como um bebê abandonado, não pude deixar de sentir toda sua força atrativa sendo multiplicada enquanto minha paixão me atormentava.

Mais uma dor me consumia enquanto ouvia as batidas cálidas e fortes de seu peito: eu o amava. Cada batida do coração dele me dizia isso. Eu

o amava e o havia perdido sem ao menos ter chance de tê-lo.

Minha dor maior era porque eu o amava enquanto agora ele só sentia pena. Antes, eu era como um pedaço de carne qualquer para seu divertimento. Agora, era apenas uma garota a quem ele, com profunda humanidade, demonstrava sua lástima cuidadosa.

E minha humilhação era tanta que eu só sabia receber aquele carinho, derrotada por minha carência, meu sofrimento, e agora sabia, meu amor.

Sabemos que amamos um homem quando nos magoa profundamente saber que jamais seríamos dignas do seu amor.

Segui me sentindo acalentada por aquele homem que me parecia o mais belo e o mais forte do mundo agora, suportando todo o peso do meu coração, acolhendo-me em seu peito, esquentando-me e me embalando com sua voz de cetim, melada e enrouquecida.

Aspirava o ar, sentindo menos frio agora, tentando memorizar aquele cheiro dele. Um cheiro de vetiver, pinho, café e terra molhada.

De repente o senti dizer que cuidaria de mim, que confiasse nele.

Foi difícil não reagir como uma criança confiante naquele momento. Eu precisava tanto, tanto de sua doçura, não importava que ela viesse da pena ou só afeto.

Eu queria sua ternura e suas mãos me envolvendo. Deixaria que ele fizesse o que quisesse comigo, não importavam as consequências.

Que coisas terríveis mais poderiam ocorrer?

Ele não parecia nem estranho, nem ameaçador. Ele era como um príncipe me tirando da letargia do frio e da morte.

Já estava tão apavorada e envergonhada que não tinha forças para fazer nada, mesmo.

Seria uma boneca de pano em suas mãos. Só precisava de afeto, mas não qualquer afeto. Eu precisava do afeto de Adam Page.

Não reagi quando descobri que ele desatava o nó do meu sutiã, e senti o ar frio ladear meus seios e percebi que meus mamilos recostavam em seu peito duro, causando uma estranha e saborosa sensação. Adam deslizou delicadamente a camisola sobre mim, desnudando-me.

Senti seus dedos resvalando sobre minha pele, e continuava com minha cabeça acomodada em seu peito, respirando fundamente, os olhos fechados, ainda trêmula, recebendo aquelas carícias diferentes. Tão doces, tão suaves e quentes, como se ele estivesse tocando meu corpo para conhecê-lo e cuidá-lo.

Jamais havia sido tocada assim. Ele parecia me tocar de forma cuidadosa e reverente, e eu me sentia mortificada de paixão engasgada.

Eu havia sido apenas estuprada. Quis chorar por saber que me fora roubada a inocência quando meu corpo ainda reverberava inocentemente a intensidade daqueles primeiros toques amantes.

Seus dedos eram como pinças quentes em minha pele, despertando sensações úmidas e maravilhosas.

Sentia um prazer e tristeza tão profundas que apenas sabia me calar.

Quando ele me afastou de seu corpo e percebi que me olhava, eu corei inteiramente.

Que pensamentos tristes ele deveria ter por meu corpo sofrido? Meus olhos se baixaram e tristeza. Eu não desejava imaginar o quanto minha visão para ele era lastimável.

Percebi então que ele queria tirar minha calcinha, e estranhamente, não reagi. Quando ele curvou meu corpo em seus braços para arrancá-la com movimentos suaves, eu o ajudei, desconsertada.

Tremia de frio e tremia de calor ao mesmo tempo ao contato impiedoso de seus olhos e mãos.

Por fim, juntando forças, tentei me cobrir.

O olhar de Adam era confuso, perdido. Sentia algo caloroso e algo desejoso ali. Por incrível que pareça, ele me desejava.

Pude ver aquilo em suas retinas, um desejo e um leve tremor em

seus lábios, como se se contivesse.

Olhei rapidamente para o volume luxurioso em suas calças, e vi que era a mais pura verdade: ele me desejava, irrestritamente. Observei sua respiração descompassada.

Aquilo me abalou de uma forma que eu não conseguia compreender. Talvez toda nudez fosse desejável.

Diante do desejo dele, eu reagi e me cobri, profundamente envergonhada. E rezei para que ele não me tomasse ali mesmo, como um homem faminto faria.

Tomando-me sem meu consentimento. Não queria ser tomada nunca mais, acredito, por mais que Adam Page me parecesse mais lindo do que nunca ali, com seu olhar cinza e aflito, os cabelos úmidos. Os músculos retesados do corpo, a respiração do peito acelerada de desejo por mim.

Sensações conflituosas de desejo e repulsa nadavam dentro de mim, confusas e largas como um rio.

Ao mesmo tempo que não suportaria que ele me tomasse, eu queria ser tomada. Sabia que não resistiria, de alguma estranha forma, se ele me quisesse, embora revivesse intensamente a dor daquele corpo machucado e violado. Aquela dor que eu sentira por meses, uma dor que doía no útero.

A lembrança daquela carne rasgada e vilipendiada em contraste com

a sensação úmida e latejante agora, por outro homem, era desconcertante.

E eu sentia vontade de chorar um longo rio, mas apenas olhei para o lado para não o encarar mais e assim, não chorar.

Percebendo minha vergonha, algo o fez recuar. E me senti profundamente grata por ele ter entendido que por mais que o desejasse, não suportaria ser penetrada de modo selvagem agora. Aquilo me feriria de uma forma que eu não poderia conceber.

Adam então me ergueu em seus braços fortes com delicadeza e então puxou a grossa coberta até meu pescoço, como se eu fosse uma menina, e respirei de alívio.

Olhei então aqueles olhos cinza azulados, cheios de espanto, desejo e carinho. Vi-o respirar pesadamente, ajeitando a coberta em meu pescoço. A mão pousada com firmeza em minha cintura, um prenúncio de um sorriso carinhoso em seus lábios.

O queixo largo, os cabelos caídos e úmidos sobre seu rosto. Tão lindo.

Havia algo de embriagante naquele rosto. Sabia que de alguma forma ele me embriagava de paixão e que minha raiva era porque não me sentia digna de nada, de nenhum olhar de desejo que fosse, ou muito menos de cuidados, como agora.

Olhei-o como se eu o reconhecesse debaixo de toda aquela loucura tortuosa. Havia um homem ali, um homem exalando candura, despido de seus cinismos, de sua ironia, de sua malícia calculada, e ele estava me olhando com emotivos e apaixonados olhos prateados, e aquilo era irresistível.

Havia reverência em seu olhar, e eu pude sentir toda a força que aquilo representava, e minha respiração se tornou lenta, e experimentei um êxtase em toda aquela tristeza.

Ele me olhava como se estivesse vendo um tesouro inestimável, e aquilo umedeceu meus olhos de uma forma que nem por mil vidas jamais conseguiria explicar.

Olhava-me como se eu fosse aquela moça, aquela moça sem máculas, cheia de tesouros imaculados em busca de quem os estimasse.

E ao mesmo tempo, havia fragilidade naquele homem que sempre me parecera de pedra, aço e sensualidade. Havia toda uma humanidade dolorosa nele.

Havia um homem exposto como eu a algo que nos consumia, e então senti que o amava. Entendi naqueles olhos que se apertavam num igual reconhecimento, e por isso, em nós, havia aquele espanto de quem se apaixonava.

Não precisávamos nos seduzir. De alguma forma, já nos pertencíamos.

Nada era mais sedutor que a paixão recíproca que, ali, parecíamos sentir.

Seus olhos estavam densos, cor de chumbo escuro. Os dedos se abriram em meu rosto, trêmulos, acariciando-me e quase chorei, hipnotizada.

— Tem ideia, Aimée, do quanto é linda, do quanto é querida, do quanto a venero? — disse com a voz baixa e embargada, os olhos fixos nos meus, semicerrados, sua boca próxima, sensual.

Entreabri meus lábios, em expectativa. Fechando os olhos em seguida numa espera aguda que partia do meu coração.

— Adam... — O som do seu nome saiu como um gemido torturado de minha garganta, cheio de paixão e dor resguardadas.

Senti sua respiração quente cada vez mais próxima, e sua boca lentamente tocou a minha.

— Adam — repeti, fraca, entre seus lábios.

Suas mãos se apertaram em minha cintura, e experimentei um beijo de amor.

Eu era agora a donzela que não pude ser, beijando seu príncipe roubado. Meu coração ali se entregou ali, palpitante.

Fui sentindo aqueles lábios quentes e fortes sobre os meus. Um estremecimento tomou meu corpo, e o ouvir dar um murmúrio intenso quando ele subiu uma mão até minha nuca, afagando-a. Minha cabeça se inclinou para receber melhor a carícia de seus lábios.

O sabor era tão suave, tão íntimo, tão úmido. Não sabia que beijo tinha aquele gosto tão afetivo.

As respirações se misturavam, quentes, tomando conta do frio que sentíamos. Meu coração se sentia atordoado e ao mesmo tempo, leve e feliz.

Eu arquejava em resposta, inconscientemente, absorvendo o sabor de café forte que vinha de seus lábios.

Senti-me derreter enquanto sua boca se movia sobre a minha, sugando delicadamente o lábio como se ele fosse algo doce e succulento. Por fim a ponta da língua de Adam deslizou lentamente a linha reta de meus lábios, fazendo-os se abrirem, e então, ele colocou sua língua toda ali em minha boca, quente e úmida, e suspirei ante o toque caloroso de sua mão acariciando meu pescoço, enquanto ele moldava seu corpo contra o meu.

Minhas mãos se comprimiam, tensas, contra seu peito, debaixo das cobertas e algo crescia em meu ventre, tumultuando-me.

A língua passou a brincar em minha boca, conhecendo-a, possuindo-a, despertando em mim arrepios que eriçavam meus pelos e num gesto puro e

emocionado, toquei suavemente sua língua com a minha, tentando dar a ele um pouco do amor que sentia.

Adam gemeu roucamente em resposta, e suas mãos então tomaram meu rosto, e me beijou um pouco mais forte, numa dança úmida e muda. A língua macia explorando, convidando.

Sentia que uma mudança ocorria. Algo mais sensual o tomava, forte e perigoso. Minha feminilidade se tornava úmida e escorregadia, e eu cedia fracamente ao seu beijo.

Suas mãos desceram sensualmente por meu corpo debaixo das cobertas, e ele apalpou meu traseiro, trazendo-o para si, gemendo em minha boca.

Seu corpo se colou mais fortemente contra o meu, e sentir seu calor natural e animal.

A realidade da grande ereção encostando contra a frágil barreira do tecido do cobertor, que cobria minha barriga, enquanto ele apalpava meu traseiro, trazendo-me para ele, fez-me então abrir os olhos e me afastar, num gemido de protesto.

Arquejando, os olhos doloridos, encontrei seu olhar perdido.

Ele deslizou os dedos por minha boca, contornando-a, e então se aproximando beijou minha bochecha.

Seus lábios foram descendo, enquanto ele voltava a me tomar de forma firme entre seus braços, até sentir sua barba roçando minha garganta, enquanto plantava beijos delicados pela pele úmida e excitada. Um novo tormento recomeçou, e gemi de êxtase. Ele continuou, ávido, roçando seu rosto no meu e procurando o lóbulo de minha orelha para sugá-lo.

Fiquei agitada, e estiquei sem perceber o pescoço para que ele me provasse melhor. Ele dava beijos sufocados por toda a pele arrepiada, tentando inserir seu rosto perto da clavícula.

Ele fez menção de ir descendo com seu rosto por debaixo da coberta quando mais uma vez despertei daquele arroubo de paixão.

Reunindo forças, afastei meu rosto do dele, e num suspiro, balançando a cabeça negativamente, falei, a voz sôfrega.

— Não. Por favor, não — disse, a voz trêmula, afastando meu pescoço de seu toque insistente.

Ele se afastou com seu ar bêbado, o cabelo bagunçado, caindo sobre sua testa, emoldurando seu rosto com ar selvagem. Estava adorável, viril. Exibia com sua respiração resfolegante a plenitude do desejo.

Eu sabia que não poderia deixá-lo ir além daquilo. Sabia que seria extremamente perigoso, um caminho sem volta. Um caminho que nenhum de nós sabia se iria querer trilhar.

Para onde aquilo me levaria eu tinha medo. Eu tinha medo de tudo, em verdade.

Continuávamos a nos entreolharmos, respirando cansados, tentando parecer voltar à realidade de onde nos desalojávamos.

Ele então assentiu. Parecia um homem tentando controlar seus instintos.

— Desculpe. Fiquei fora de mim... Você... — Ele apertou os olhos, suspirando fundo. — Oh, Céus, Aimée... Você me tira do sério mais do que pode imaginar.

Olhando-me parecendo maravilhado voltou a afagar minha bochecha.

— Tudo bem, Adam, tudo bem... — murmurei.

— Você precisa de cuidados. — Ele sorriu sem graça. — Precisa ser esquentada. Nem sei por onde começar a cuidar de você. Vou te fazer um banho quente, para fazer parar de tremer esse queixo lindo. E depois limpar sua ferida — disse, deslizando o polegar por meu queixo, e sorri um pouco sem jeito ante sua carícia.

Apenas tremi um pouco o queixo em resposta. Longo do corpo dele, o frio voltava forte.

Então ele me beijou a testa, com ternura, cravando as mãos meus

ombros trêmulos.

— Você sangrando, *chérie*, e eu só pensando em beijá-la... Que péssimo sou em me controlar perto de você.

— Você é mau — falei, dando um pequeno sorriso. — Você é muito, muito mau garoto — disse, num riso bastante sem graça. Não sei de onde tirei forças para um gracejo.

— Acertou. Acho que certa professora precisará me disciplinar — brincou com um sorriso terno nos lábios.

Ele baixou então a cabeça, procurando-me os olhos.

— Aimée, meu pardalzinho, você me desculpa? — perguntou, com aquela voz sonolenta.

Senti meu rosto se franzir. Antes, era o passarinho, intrigando-me mais, mas agora, todas as dúvidas estavam sanadas.

“Pardalzinho”. Aquele chamado, naquela voz. Prestei muita atenção ao homem a minha frente. Na sua barba crescida. No seu queixo forte. Nas sobrancelhas escuras e abastadas, nos ombros largos, no porte alto.

E os olhos, e as sensações que me causava...

Oh, *Mon Dieu*... Eu estava achando que era ele, mas agora, já não havia a menor, a menor dúvida!

Adam Page era o Senhor Hoyt!

Voltou-me tudo aquilo. Aquele homem! Aquele mesmo homem! Mas é claro que era...Como não pude ter certeza antes?

Debaixo do magro e careca Senhor Hoyt no hospital, que há tantos anos me aturdira com seu olhar incisivo, aqueles mesmos olhos de prata líquida, estava Adam Page.

Aquele homem fragilizado a quem com tanta atenção cuidei, que me pedira para cantar, e me beijara com delicadeza, deixando-me por meses atormentada e pensativa...

O homem daquele beijo, o mesmo homem, os meus olhos..., mas... E os nomes? Lembrei vergonhosamente que eu dera um nome falso para ele, uma parte de mim ficou depois arrependida...

Tentei arrumar coragem, respirando fundamente, os olhos encantados. Alegria e medo por minha descoberta.

— Era você, não era? — perguntei, entre surpresa, feliz e horrorizada.



Capítulo 18

Ele me olhou com um pequeno sorriso de canto.

E eu ainda me sentia fascinada com aquela descoberta. Era como um sonho.

Era lá onde ele habitava: meus sonhos.

Levantei meus dedos debaixo do cobertor para tocar seu rosto. Aquele rosto duro e forte era aquela mesma face magra e doente daquele dia... Aquele era o homem sob meus cuidados, aquele a quem me deixei beijar... No fundo, ele havia me seduzido naquele dia, mas agora, ele me lançara de vez.

Tocando minha mão, e a beijando com doçura, ele disse.

— Sim, pardalzinho. Sou eu. E esse é seu nome secreto. É assim que a chamo com meu coração desde aquele dia. E você fugiu de mim, que passarinho mau, mas agora, nunca mais fugirá.

Continuei a olhá-lo, estranhada. Ele sorria.

— V-você sempre soube quem eu era? — perguntei, com cuidado, ainda sem poder entender a magnitude daquilo.

Ele balançou a cabeça, negativamente.

— Não, eu só soube depois da casa dos Peterson. Achava que era você, e sabia que de alguma forma, mesmo eu estando inteiro e não aquele farrapo humano, você havia me reconhecido também, só faltava se lembrar. Mas precisei vê-la a luz do dia para confirmar que era você, a menina que havia roubado meu coração.

— Roubei seu coração? — perguntei, sabendo que, naquele dia, coisas estranhas haviam acontecido. Coisas doces, assustadoras e íntimas, como agora. Era sempre assim quando nos olhávamos, quando nos tocávamos, quando nos beijávamos, quando nos percebíamos: tudo terno, íntimo, chocante. Sentia a presença de Adam Page em todo meu ser, desde aquele dia, no hospital. Ou Senhor Hoyt?

Tudo parecia fazer sentido, e ao mesmo tempo, tudo parecia ainda mais complicado entre nós.

— Sim, como não roubaria? Você me deu de novo a audição, *chérie*, para poder ouvi-la me encantar com sua doçura, mas eu já tinha olhos. Eu não estava cego, nem tolo. Sentia suas mãos doces sobre mim, cuidando-me. E quando abri os olhos e a vi e ouvi, como me esquecer de você? Você já era linda, mas era uma menina, uma menina magrinha e assustada. *Ma petite, ma chérie*. Agora é uma linda mulher, formosa e carnuda. Apenas ainda assustada — Ele riu, beijando a palma da minha mão, e aspirando-a.

Ouvia tudo aquilo, reagindo com olhos confusos e emocionados, ainda sem poder esboçar outras reações.

— Mas não tema, passarinho. Não me tema, realmente não precisa. Apenas gosto de brincar com você, porque quero vê-la sorrir. Quero mexer na sua frieza, quero esquentá-la. Quero te fazer feliz.

De todo modo, o rico Adam Page, ou Senhor Hoyt, aquele homem do passado que mexera tanto comigo, estava ali novamente, como se o destino brincasse conosco.

E ele agora brincasse comigo. Devia acreditar nele? Eu nem sabia o seu nome verdadeiro! Bem, eu também mentira o meu...

Ou será que não, que ele não estava brincando? Como ele me achara? Saberla o meu nome? Ou simplesmente teríamos ainda uma história por contar, e o destino nos reunira, como eu ouvia quando criança nos contos infantis?

Aquilo me fez pensar na certeza que os homens a quem nós, meninas, éramos destinadas, chegariam.

Meus olhos o fitavam, estranhos e indagadores, e ele parecia perceber todo meu choque e curiosidade.

— Sei que deve ter muitas perguntas, Aimée. Sobre quem eu sou, sobre o meu nome. Mas meu nome é Adam Page Hoyt, você apenas

conheceu um dos meus nomes, um que uso quando quero anonimato, o nome minha mãe. Aqui em Horsham eu apenas queria privacidade. No hospital, eu usava meu sobrenome de trabalho. Não se preocupe. Depois conversaremos, está bem? Teremos tempo, agora vamos deixá-la segura e aquecida, e preciso fazer seu café — disse, beijando o topo de minha cabeça.

Continuava a olhá-lo, perplexa,

— Está bem, Aimée? — ele me perguntou, franzindo o cenho.

— Sim, está bem, depois conversaremos. Tenho muitas algumas perguntas para fazer, acho — falei fracamente.

— Isso, *ma petite*, isso... Responderei todas, mas antes fique aqui *chérie*. Volto num segundo. Preciso cuidar de você.

Observei-o se afastar, levando uma das sacolas que trouxera.

Uma montanha de pensamentos passou a vir em minha mente, lembranças daqueles dias logo após o fim da guerra.

Aquele homem era rico, muito rico eu me lembro. Estava tendo um tratamento privilegiado no hospital, e todos nós havíamos recebido ordens para tratá-lo com mais deferência.

Adam Page era rico, e isso eu já sabia, mas aquele homem em Londres parecia ainda mais que rico. Parecia muito poderoso, um dos motivos que me fizeram achar que só queria brincar comigo. Vovó havia me

dito que homens ofereciam sua fortuna para iludir jovens quando eu era menina. O fato de Adam ser realmente insultuosamente rico me aterrorizava. Era como se mais uma intensa barreira entre nós fosse criada: a barreira do dinheiro.

O que ele estava fazendo em Horsham? Por que queria se afastar, ficar recluso?

Inspirei fundamente, tentando dissuadir os medos e desconfianças que sentia. Estava me sentindo fraca e desestabilizada para isso.

Queria crivá-lo de perguntas, mas, ao mesmo tempo, sentia-me com frio, frágil e tonta. Meu pé doía, e eu estava praticamente nua aos seus cuidados.

Que situação!

Ele voltou então da cozinha, com duas xícaras de café quente enquanto me oferecia uma e provava um grande gole do dele.

Coloquei uma mão por debaixo do cobertor, e aceitei aquele seu cuidado.

— Tome, você precisa se esquentar. Está sem cor no rosto. Preciso ser rápido. Vou acender a lareira e a banheira já está enchendo. Vou fazer um banho bem quente para você. — Sorriu.

Graças a Deus, os aquecedores não emperraram daquela vez. O

aquecedor de água da banheira às vezes emperrava, e eu tinha que fazer banhos com baldes de água quente.

Era um bom café, forte e açucarado. Inspirei-o e tomei alguns pequenos goles.

Ele se levantou, depositando a xícara na lareira e tirou de um saco toras de pinho cotados.

Acendeu pois o fogo, e a madeira começou a crepitar. O pinho e seu odor delicioso começava a se sentir pela casa, e o calor começou a percorrer a sala, em ondas calmantes. Meu corpo ia se tornando quente e eu tomei os últimos goles de café. Tomara rápido na ânsia de me esquentar.

Ele me olhou, iluminado pelas chamas avermelhadas. Parecia uma ameaça tranquila, se é que aquilo poderia existir. Estava lindo e sedutor.

E eu me sentia tão seduzida quanto nervosa. Muitas coisas novas e conflituosas dançavam meu me ser, deixando-me completamente sem ação.

Eu estava nas mãos dele, e não sabia o quanto aquilo tinha de bom e mau.

— Venha para perto, Aimée — disse, a voz rouca e convidativa, pegando-me pela mão e me fazendo sentar no tapete ao lado da lareira.

Olhou-me, sorridente. Parecia tão gentil.

Não sabia o que pensar ou sentir. Adam Page era rico e poderoso, e

me conhecia do meu passado, ele havia me conhecido antes, e ele me atraía terrivelmente.

Sorrindo, ele tomou mais um gole de café, e pegou o atizador de brasas, para mexer os tocos de madeiras chamuscados.

Olhar aquele atizador de brasas me fez tremer por inteiro. Ele pareceu perceber que eu quase batia os dentes. Não estava conseguindo sequer segurar a xicara. O líquido tremia em minhas mãos.

Estar nua, vulnerável, vendo um homem segurar um espalhador de brasas. Não deu para não sentir todos os tremores e calafrios de forma muito violenta. Não deu para não reviver aquele terror mais uma vez.

Ele entenderia?

Comecei a gemer baixinho, aterrorizada. Meus músculos ficaram tensos e meu coração começou a bater de forma atormentada. O medo irracional me tomando.

Ele me olhou, estranhado, buscando meus olhos, mas eu os fechei, sem dizer nada, lutando para que as lágrimas não caíssem. Os tremores violentos do meu corpo me sacudiam, inclementes.

Estava realmente horrorizada, ali, parada, segurando a xicara, indefesa.

Sentia que ele tomava o café de minhas mãos, e seus braços

rapidamente me envolveram. Meus olhos o percebiam, desfocados. Minha mente estava em outro dia, outro momento, um momento terrível, transtornada.

O dia em que eu fora magoada da pior forma que um ser humano poderia ser magoado.

— Aimée, meu amor, o que há? O que há passarinho, diga para mim? Por favor, diga-me, doçura. — perguntou aflitamente.

Mas eu não conseguia dizer, apenas deixei que ele me embalasse, e que tentasse conter os tremores de meu corpo.

Deixei que aquele calor tão acariciante afogasse minha consciência até que ela virasse apenas aquele abraço, apenas aquela sensação corpórea.

Ele me abraçou forte, dizendo palavras gentis, carinhosas que eu mal conseguia distinguir, até que ouvi algo que me despertou. A voz dele estava quase chorosa.

— Aimée, amor... Não tenha medo de mim. Está com medo de mim? Não faria jamais mal a você, chérie. Já fiz mal a muitos, muitos homens, Aimée, mas jamais faria mal a você, entende? Morreria se fizesse, não fique assim.

Aquilo me fez então afastar um pouco o rosto, e o olhei confusamente. Não, ele não me dava medo.

Viver me dava medo. O passado me dava medo. Minha insegurança me dava medo.

Eu não era a única ferida de guerra. Eu não fora a única que perdera tanto. Não fui a única sacrificada.

Aquilo tinha que parar, pensei, fechando os olhos, ainda sofrendo dos espasmos do tremor, os dentes batendo, embora lutasse para que não batessem.

Suas mãos pousaram em meu rosto, apeando-o e ele buscou meus olhos.

— Está com medo de mim? — perguntou com voz aflita.

Balancei a cabeça negativamente. Era verdade. Eu não estava.

Ele suspirou de alívio, e então voltou a me abraçar.

— Nunca, nunca farei mal a você, minha linda criaturinha. Só sei fazer mal a mim mesmo — ele disse, a voz parecendo emocionada.

— Como posso cuidar de você, passarinho? — indagou, aninhando-me mais, dando toda a proteção que eu necessitava.

Aos poucos, meus tremores diminuíram, e ouvi quando ele disse, uma voz distante. Uma voz morna, doce. Ele estava tão doce. Pouco a pouco aquele horror foi se desfazendo.

— Aimée... Não sei o que há... Mas use meus braços, querida, use meus braços... Eles são seus. Estou aqui para confortar você.

Era incrível como aquela voz, à medida que a ouvia, acalmava-me.

— Obrigada — disse, baixinho, comovida. E fiz exatamente o que ele pediu: deixei mais uma vez meus tremores passarem.

— Não agradeça. Não agradecemos o carinho, nós apenas o recebemos. Receba o meu. Se tivesse me pedido antes, Aimée... Se tivesse dado alguma abertura, amor, eu teria dado meus braços a você, e tanto mais, tanto mais — ele dizia, a voz tão baixa e lânguida.

Aqueles não eram os braços daqueles vis, daqueles terríveis alemães que me estupraram. Eram braços amáveis.

Entendi naquele momento que Adam Page era um homem forte. Só um homem forte seria capaz de ternura.

Só um homem forte naquele momento, trazia forças para mim no momento de minha fraqueza.

— Vamos para o banho, você precisa de um banho quente. É disso que necessita, chérie: um bom café, carinho e um belo banho.

Percebi-o se abaixar para me levar em seu colo, e aceitei ainda tremendo seus favores.

Eu realmente precisava de tudo, absolutamente tudo o que ele

desejava me dar. Perguntei-me, em seus braços fortes, se aquilo não me faria viciar.

Seria bom se pudesse me sentir às vezes assim: segura, querida.

A sensação do seu colo era como tocar aço ardente. Ele me parecia naquele momento terno e protetor, e um sorriso de canto brincou em seus lábios.

Tudo aquilo era intenso e calmante e valia mais do que mil palavras gentis e tranquilizadoras.

Ele me depositou no chão com cuidado, desligando então a torneira que enchia a banheira.

Uma sensação sonolenta e cambaleante me tomou, e olhei para água que espumava com um cheiro de rosas.

O odor me inebriou e a sensação profunda de intimidade tomava conta de mim, e me assustei um pouco, arregalando um tanto os olhos.

Eu sabia o que estava para acontecer.

Um estremecimento maior agora viria, e por mais que eu temesse, algo em mim queria: eu iria tomar banho com Adam Page.

E talvez, depois, fizéssemos amor.

Uma sensação quente nascia em meu ventre de pensar na ideia. Ali,

onde antes só havia a memória de dor, carne sangrada e dolorosa, brotava algo inquietante.

Meu ventre doía de uma forma diferente, com uma espécie de ansiedade, pelo homem rico e misterioso do meu passado. E não sabia o que ele pensaria de mim, ou o que realmente sentia.

Não, disse-me, nós não faríamos amor.

Eu não poderia deixar que ele entrasse no meu ventre magoado, contudo, sentia-me tentada.

Ele acendeu as velas que estavam na pia em vez da luz elétrica, e agradei mentalmente pela proteção da meia luz.

Veio devagar para mim, e senti o calor de seu corpo levando embora meus tremores e meu frio.

Pensei o quanto ele conseguia ser bonito à luz de velas, enquanto me olhava. Seus olhos se tornaram escuros, oblíquos, esperando.

Seus dedos foram suaves quando tocaram meus ombros. O toque ardente me fez fitá-lo, e senti as cobertas caindo no chão.

Seus olhos estavam fixos nos meus enquanto os nós dos seus dedos apertavam minha pele delicadamente.

Percebi o movimento ansioso de sua garganta quando ele tocou toda a curvatura de meu pescoço, indo em direção à linha da clavícula, o que me

fez inspirar fundamente.

Em seguida fechei meus olhos quando percebi que chegava a vergonha por estar nua, mas não fiz menção de me cobrir novamente.

— Você é linda, Aimée... Nada menos que isso. Incrivelmente linda. Linda como um sonho. — Ouvi-o murmurar do fundo da minha sensação de sonho.

Sim, aquilo só podia ser um sonho, um sonho bom, mas eu ainda corava nesse sonho.

Em seguida, senti sua mão pegando na minha, guiando-me para a banheira. Pus os pés lá, e me sentei devagar, sentindo a delícia da água quente contra a minha pele que ainda parecia gelada.

Suspirei fundo, e abracei meus joelhos, tentando me cobrir. Olhei para o lado, com a cabeça deitada nos joelhos, e vi Adam tirar lentamente sua camisa com mãos habilidosas.

Acompanhei com interesse os movimentos, quase hipnotizada, e quando o peito largo apareceu, apreciei o movimentar dos músculos sob a pele bronzeada.

Ele parecia absorver atentamente meu olhar.

Quando suas mãos escorregaram para as calças, continuei olhando fixamente enquanto ele desabotoava o cinto. Quando ele tirou as calças, vi

toda a sua virilidade exposta, e dei um suspiro. Era a primeira vez que podia apreciar um membro masculino. Era a primeira vez que podia dar um olhar apaixonado para uma virilidade completa, nua e exposta. Observei as coxas torneadas, a barriga trincada, o peito tão largo e esculpido, as panturrilhas atléticas, cobertas de pelos negros. Intrigou-me o modo como os veios se estendiam no seu corpo sob a luz de velas e de como sua respiração tornava ainda mais bonito o seu corpo, fazendo com que mexesse todos os seus músculos definidos.

Ele era perfeito. E parecia se exhibir para mim, satisfeito. Ele sabia que eu o apreciava com o olhar.

E sem poder me conter, fixei os olhos no grande membro erguido. Engoli em seco ao pousar olhar ali, e suspirei mais fundo.

Olhei para seus braços fortes, para seus dedos que se mexiam, mas o pênis de Adam tragava toda minha atenção.

Seu membro parecia crescer ao meu olhar, um membro comprido, de grande circunferência e poderoso, com uma espécie de pele que cobria sua ponta que agora parecia se expor ainda mais, e timidamente, ergui os olhos para Adam, que me olhava de modo intenso e tinha um agora um estranho brilho em meu olhar, como se soubesse que estava sendo objeto de minha curiosidade, e gostando.

Um pequeno sorriso apareceu em sua face, e observei, paralisada, ele entrar na banheira. Ele ficou do outro lado, deitando sobre a água quente e deliciosa, devagar, e me olhou fixamente.

Eu estava extasiada.

Mas então, tirando-me de meu entorpecimento, puxando-me pelo braço, de repente, ele fechou as mãos sobre a minha que ainda tremia.

— Venha aqui, querida. Não tenha medo. Não farei nada. Hoje, não. Apenas vou banhar você. — Exigiu, sorrindo.

Olhei-o tremendo, enquanto ele me tomava nos braços e me ajeitava, e percebi o quanto seria fácil para ele me sujeitar. Ele puxou meu queixo para si, passeando o polegar por meus lábios, e disse, baixinho.

— Não que você não seja tentadora... Ah, você é, você é muito tentadora, passarinho, mas prometo que agora vou me comportar. — Prometeu, num sorriso lento.

Seus olhos estavam baços e estreitados, como se sentisse um desejo e estivesse lutando contra ele.

Não conseguia sorrir em resposta, apenas o encarei em silêncio. Estava num mundo paralelo de dor e sensualidade, ao mesmo tempo.

Então Adam me virou com cuidado e me fez encostar a cabeça em seu peito. Sentia sua masculinidade contra meu traseiro, endurecida, o peito

largo e forte amparando minhas costas.

Era tão incrivelmente doce e erótico que eu não sabia como reagir, apenas me deixar levar por aquele clima de sonho.

— Relaxe, *chérie*... Deixe que a água a acalme. Deixe que a água acaricie seu corpo, assim como a chuva amacia a terra. Deixe que eu cuide de você, está bem? Não vou fazer nada lascivo, eu prometo. — Sussurrou com voz profunda.

Suspirei fundamente. Senti-o sorrir atrás de mim.

— Isso... — disse, beijando-me o topo da cabeça. Confia em mim? — ele perguntou.

Balancei que não com a cabeça em resposta devagar.

Não, eu não confiava nem um pouco. Não que ele fosse me violar, mas sabia que talvez não conseguisse se comportar tão bem.

E nem eu. Estávamos nus numa banheira. Existia alguma forma de se portar bem assim?

Ele deu uma pequena gargalhada.

— Tudo bem, não sou muito confiável, não é? Brinquei muito com você, não foi, meu pardalzinho? Queria vê-la reagir... Corar, sorrir, xingar... Ou cantar, cantar lindamente, que sei que você sabe fazer — disse, com voz suave.

Virei meu rosto para ele naquele instante, vendo seus cílios longos e úmidos e sua mão acariciou minha bochecha.

Não resisti e dei um pequeno sorriso agradado.

Suas mãos foram me envolvendo cada vez mais num terno abraço, e ficamos ali, parados na imersão.

Deixei que me banhasse. Sentia o contato de uma esponja em meu corpo, indo e vindo, muito delicadamente, além de suas mãos que me tocavam de forma terna e excitante ao mesmo tempo.

Ele acariciava meu umbigo, minha barriga, minhas coxas, meus braços com uma lentidão maravilhosa. Eu me sentia encharcada.

Ele não tocou nas partes pudendas de meu corpo, nem falou ou tocou em minha cicatriz, e agradei por isso.

Mon Dieu, como mentalmente agradei.

Por fim, ele me beijou nas têmporas úmidas, e estávamos ali, pacatos. Havia esquecido de tudo em seus braços.

A voz me despertou de meus sonhos.

— Estou contente que tenha parado de tremer, chérie. Quero que fique bem. Você está bem agora? — indagou, recostando o queixo em minha cabeça.

— Sim, estou.

Senti-o sorrir atrás de mim.

— Adam? — perguntei, sentindo o calor de sua mão espalmada em minha barriga. Aliás, o calor dele parecia tomar todo meu certo.

— Sim, Aimée...

— Você está aqui comigo por gratidão?

— Não. Não que não seja grato. Você cuidou de mim quando eu era um homem ferido. Estou aqui porque gosto de você. Eu a adoro, verdadeiramente, eu a adoro.

— Então foi mesmo uma coincidência?

— Sim, querida, sim. Por anos lembrei de você, e tentei vê-la, mas não imaginei que aquela garotinha iria se tornar uma mulher tão forte, bonita e ranzinza, de todo modo, ainda é apaixonante — disse, brincando.

Mas eu não ri. Eu me sentia muito estranha.

— Não precisa ser grato. Naquele momento, Adam, eu estava fazendo meu trabalho. Eu era uma enfermeira. Eu cuidaria de qualquer um. Fiz o melhor que pude por você.

— Não era assim que meu corpo sentia, eu não me sentia qualquer um, e você não era qualquer enfermeira, você era o meu passarinho...

Lembrava do toque delicado de suas mãos, do modo como me olhava com calma dos seus olhos grande e tristes , de sua voz suave rezando. Fez por mim mais do que você imagina, Aimée... Não cuidou só do meu corpo. Cuidou de minha alma. E de alguma forma, senti que sua alma reconhecia a minha.

Ele tinha razão. Algo em mim se remexia com ele, revolvvia-se.

Fechei os olhos, sem saber como reagir àquilo.

— Fora, foram dias difíceis... Eu me lembro, eu me lembro muito de você. Você mexeu comigo naqueles dias — falei, querendo chorar.

— Sim, eu sei. Você também havia mexido muito comigo. Não estava muito bonito, não é? O que parecia, um verme?

Sorri de pensar.

— Não, você só parecia ter sido roubado de si mesmo. Eu via a máscara por trás do homem. Mas seus olhos ainda são os mesmos, e eles sempre me intrigaram. Sempre me espreitando, curiosos.

— É por isso que foge de mim? Por que meus olhos te dão medo? Ah, meus olhos fazem o que querem fazer minhas mãos, querida... — disse, rindo, ao mesmo tempo que o sentia respirar como um animal excitado.

Ele me arrancou mais um sorriso, e me deu um beijo na face.

— Talvez, talvez por isso eu fuja. Porque não sei como proceder

com você — falei, num sorriso que vai se tornando triste, muito triste.

— Que pena. Mas toda vez que foge, mais me estimulo a estar perto de você, sabia? — perguntou charmosamente.

— Eu não sei por que fujo, Adam... — proferi, tomada de repente por um pequeno desconforto. — Eu realmente não sei.

Sem perceber, ergui minhas mãos até minha cicatriz.

O desconforto aumentou, então. Mantive-me em seguida num pequeno silêncio, pensando se ele seria realmente apenas grato, se ele confundiria as coisas, e o quanto poderia me julgar pelo meu passado, ainda mais agora que sabia que ele era rico e poderoso o suficiente para receber tratamento diferenciado entre doentes.

E eu estava nua em seus braços. E ele parecia se sentir no direito de me tomar assim.

Eu não estava sendo respeitável, eu estava agindo de forma passional, como a apaixonada que eu era.

Uma mulher que aceitava ficar nos braços de um homem assim, nua e vulnerável, sendo cuidada, é porque está apaixonada.

Mas ele perceberia a paixão ardente me consumindo naquele momento, mais forte que a repulsa por mim mesma, maior que meu bom senso?

Eu conhecia a dor dos julgamentos. Aos homens, não costumavam importar as atrocidades, as maldades. Importavam-se se suas mulheres seriam recatadas, virgens, comportadas.

Eu era uma mulher marcada por outros, violada.

De certo, talvez, ele me julgasse perdida. Por isso me envolvia ali, nua. Ou talvez eu o estivesse julgando precipitadamente.

Eu já não sabia dizer o que ele pensava de mim, e senti meus olhos um pouco úmidos. Úmidos de pavor. Eu poderia perdê-lo, e era tão maravilhoso senti-lo perto...

Eu não deveria deixar que Adam Page me tocasse, mas ele estava ali, tocando-me e dizendo coisas tão doces que já não fazia a menor ideia do que sentir.

Mas dentro de mim queria me agarrar a esperança de que seria amada, de que seria aceita. Torta, disforme e maculada como eu era.

Não sabia qual a sensação que ele teria a saber quem eu era. Podia tolerar uma cicatriz, mas não uma mácula daquelas.

Os homens não se casavam com mulheres como eu. Especialmente homens ricos. Eles se arrogavam o direito de se casarem com mulheres virgens.

Uma dor terrível de repente me tomou: Adam Page nunca, jamais

me amaria. Não como eu era.

Um homem podia ser gentil, mas seria tanto? Logo, ele me trataria como aquilo que eu lutava para jamais ser: uma decaída, uma prostituta.

Quis morrer ali mesmo, mais uma vez. Esperava dor, desapontamento, humilhação, desconfiança.

Era isso que tinha recebido no fim onde passava, quando se davam conta que eu queria ser só. Sempre me julgavam uma decaída.

No fim, algum homem se sentiria no direito de pensar ou fazer o quisesse, e eu me amargurava de saber que poderia sentir o desprezo de Adam também por ser como sou.

— Não precisa saber por que foge, Aimée. Apenas não fuja. Não fuja de mim, pardalzinho. Apenas isso. — Adam falou, fazendo-me suspirar.

— Vou precisar ser corajosa para não fugir. — Deixei escapar num sorriso triste.

Queria acreditar que seria aceita e amada.

O tempo estava passando de modo diferente pela primeira vez. Pela primeira vez, em seus braços, ele não me parecia doloroso.

Mas agora o tempo me daria uma nova punição: Não poder ter Adam Page depois daquilo seria meu maior castigo.

Mordi meus lábios, sentindo-me torturada.

Antes que eu pudesse protestar, como se sentisse minha tristeza, ele voltou a tomar meu queixo, fazendo-me encará-lo.

— Então quero te encher de coragem, Aimée, porque não vou permitir que fuja de mim. — Avisou, com seus olhos cinzentos tão sensuais e ao mesmo tempo, tranquilos, embelezado pela luz tremeluzente.

Ele pousou a outra mão em meus cabelos, e os puxou um pouco para trás, numa leve selvageria. O brilho do desejo voltou a percorrer seus olhos.

Dei um leve gemido de prazer antes que sua boca cobrisse suavemente a minha mais uma vez, com fome. Senti-o sugar o lábio inferior até causar um pouco de dor. Seus lábios por fim separaram os meus, forçando-os a se abrir e sua língua passou a vasculhar meu interior, suavemente. Era incrível o contato daquela língua morna e sua lenta exploração, brincando com a minha, convidando-me ao pecado, excitando-me. Era tão íntimo e delicioso. Comecei a corresponder com avidez, pronta a esquecer de tudo, só sentir. Senti-lo. Desejar e ser desejada. Ia aprendendo a ser beijada.

Virei-me, quase sentando no seu colo, sentindo, envergonhada, seu sexo contra minhas coxas. O sexo molhado, grande, duro, quente e tentador, e não senti medo. Apenas desejo.

Minhas mãos tocaram seus cabelos, e percebi que eram lisos e macios, e ofeguei de prazer quando desci para sua nuca, que era forte.

As mãos de Adam cingiram minha cintura, acariciando-me na barriga, e senti arrepios na espinha, gemendo em sua boca.

Nossas línguas continuavam se tocando, e ele me beijava com cada vez mais voracidade, e eu apreciava o sabor delicioso de sua boca, agarrando os cabelos de Adam úmidos em minhas mãos, e os gemidos roucos que ele emitia contra minha boca provocavam sensações no meu entrepernas, tanto quanto seu sexo perto do meu. Agulhadas úmidas de prazer, e ondas de arrepio percorriam todo meu corpo quando ele me seduzia com suas mãos grandes e quentes que iam e vinha por minha pele.

— Você é linda, é tão gostosa ... — dizia baixinho contra minha boca, chegando ao meu cóccix, descendo a mão um pouco por minhas nádegas, causando-me um frisson. Ele apalpava com delicadeza, como se tivesse medo de me machucar, e meu corpo se arqueava para ele, para ser melhor tocado.

Acomodava-me mais contra seu corpo, obedecendo a um instinto natural de entrega a um homem que me tocava possessivamente com seus braços musculosos.

Sem que eu pudesse me conter, senti meus seios, meus tristes seios,

roçando no seu peito forte. Sensações de imenso prazer percorreram meus mamilos que estavam doendo, sensíveis, mas uma dor prazerosa, esmagada contra o corpo forte de Adam.

E eu não sabia que eles poderiam me dar tanto prazer ainda.

O cheiro almiscarado da pele úmida e masculina, o sabor de café e conhaque de seus lábios, o pinho da madeira queimando na sala e o vetiver evoluindo de seu corpo era simplesmente entontecedor, especialmente quando Adam gemia.

— Você é tão deliciosa, Aimée... Como a quero para mim, como quero possuir você — disse, entredentes, afastando a boca da minha, o que me faz resmungar de protesto, e ele em seguida desceu seu rosto sobre meu colo, esfregando sua barba nele. A língua tocou meu pescoço, quente, traiçoeira. Abri os olhos de prazer, e ele continuava a me torturar, roçando os dentes em minha clavícula.

Sem perceber, eu puxava seus cabelos, enlouquecida.

— Gostosa — ele diz quando suas mãos descem para meu quadril, um pouco abaixo, afagando de leve as nádegas.

Agitei-me de prazer ao ouvir aquilo, cravando os dedos em seus ombros. Puxei-o então sem perceber para minha boca, desesperada.

O beijo então explodiu. Violento, incandescente, molhado,

deixando-me num transe. Só havia Adam Page.

Sentia seu sexo se esfregando violentamente contra minhas coxas, seu quadril se amoldando ao meu e não sabia como reagir àquilo. Seus braços me comprimiam, fortes, trazendo-me para ele, como mais força, num ritmo voluptuoso, seus dedos se cravando em minhas nádegas, e sentia que ele chegava a me arranhar com a força com que me comprimia e me trazia.

Desejava o que eu não deveria desejar, mas estava desejando, sentindo meu ar sair manso dos meus pulmões.

E sabia que aquele momento ficaria imprimido em mim para sempre, assim como o que eu sentia já estava imprimido em minha alma.

Queria me agarrar a Adam Page, e deixar que ele selasse meu futuro, fosse ele qual fosse, apenas queria que fosse ao seu lado.

Era algo passional, irracional, mas eu estava cansada de pensar. Eu só queria sentir, agarrada estava a seu pescoço.

Sua língua me invadindo, seu sexo me pressionando, meu entrepernas se umedecendo...

Mas então veio aquela voz, aquela voz que me fez parar de repente., entre um pequeno beijo desesperado e outro, e uma mão que saiu de minha cintura e tentou em tocar, lá, em meu púbis. Senti seus dedos resvalarem sobre os pelos...

Sentir a mão descendo me deixou alerta.

— Aimée, se eu quiser tomá-la agora querida, você deixa, meu amor, você deixa? Quero possuir você — murmurou, sua mão tocando maliciosamente...

A sensação foi como se minha pele queimasse novamente.

Tomar-me, perceber que não haveria sangue virginal, ou pureza, vê-lo me tratar como se eu fosse promíscua, penetrar-me lá, onde eu fora tão machucada.

Não, não, não. Ainda não, eu não poderia.

Afastei-me violentamente, num pequeno grito, assustada, olhando-o com olhos arregalados. Percebi-o me olhar confuso, tomando ar.

Pus-me então do outro lado, e tentei fazer com que a água me encobrisse o máximo que eu podia, mas sabia que seria inútil.



Capítulo 19

Voltei a ficar palpitante e tensa, como uma menina, e aquilo me incomodou fortemente.

Ele então tragou saliva e passou a mão nos cabelos. Em seguida, ergueu a mão para mim, chamando-me.

— Santo Deus, Aimée — disse, num tom lamentoso. — Eu perdi a cabeça. Não deveria ter ido além... Prometi a você, mas não me contive... Lamento. Sei que a primeira vez de uma mulher é muito importante...

Não dei a mão a para ele, que me olhou, intrigado.

— Por favor, Aimée... Desculpe-me. Não farei nada que não deseje, está bem?

Ele suspirou fundo, e disse um palavrão, e o olhei ainda mais espantada.

— Oh, meu Deus, Aimée... Vai pensar que sou um cavalo, e eu estou sendo como um. Perdão por isso também, por falar um palavrão. Eu, eu...

Ele parecia tão sem jeito! Fiquei ali também um pouco admirada, observando-o.

Ele esticou a perna na banheira, sobressaltando-me.

— Um homem quando deseja uma mulher, minha linda Aimée, às vezes age como um idiota — desculpou-se.

Continuei sem nada dizer, apenas desconsertada.

As reações dele estavam me fazendo relaxar. Eu estava quase com pena, quase.

— Foram os seus primeiros beijos, eu percebi... Sei que é completamente inocente... Desculpe, querida... Sei que tenho que ir muito, muito devagar.

Aquilo me fez engolir em seco, e me retesei novamente. Ele esperava que eu fosse pura, que eu fosse virgem. Estava dizendo isso o tempo inteiro.

Sim, ele era só mais um homem querendo uma mocinha inocente para desvirginar...

Adam Page Hoyt era um homem como os outros homens. Queria uma linda flor do campo, um anjo.

— Tudo bem — falei, tentando acalmá-lo.

Essa não era eu, embora dentro de mim tudo fosse novo e inocente, como se eu fosse ainda a jovem que ele esperava.

— É que você, é tão linda, docinho... Tão linda. Não faz ideia do quanto é linda. É difícil demais me controlar. Você... Você é maravilhosa —

disse, com voz doce e enrouquecida.

Ele dizer aquilo, enquanto via minha horrorosa cicatriz acima do seio sendo iluminada pela luz de velas tremeluzente, fez-me amá-lo ainda mais, apesar de saber que eu não era quem ele queria.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas: eu estava me sentindo amada e compreendida, apesar de tudo, e aquilo tanto me dava tristeza quanto felicidade.

E principalmente: eu o amava.

Levantei minha mão para enxugar uma lágrima que caía, e levantei a cabeça para olhá-lo.

— Eu a fiz chorar com minha grosseria, não foi? Fui um estúpido. Mas vou honrar minha promessa e ser mais calmo. Ou ao menos tentar, confesso que é difícil. - Ele deu um pequeno sorriso malicioso.

Recuperando minha respiração instável, balancei a cabeça para confortá-lo.

— Não estou chorando por isso, Adam. Estou chorando porque, porque... — Levantei os olhos, buscando as palavras, em agonia. — Porque você me acha bonita, porque está sendo gentil comigo. Por favor, não me julgue por isso, não me acha idiota, mas você me achar bonita é mais importante do que imagina — expliquei, contendo um choro.

Ao perceber que ele fitou então minha cicatriz, percebi que ele compreendia. Que ele sabia o quão terrível era aquela cicatriz para mim e o que representava em minha vida, mas estava sendo educado o suficiente para não citá-la nem perguntar para ela.

Adam era um cavalheiro e aguardaria o momento que eu falasse sobre aquilo.

Sentindo-me corar de vergonha e dor, voltei então a abraçar meus joelhos e deitar minha cabeça lá, como uma menina.

Ouvi-o então dar uma risada delicada.

— Se eu a fizer chorar toda vez que for gentil com você e a chamar de linda, então estamos com um problema... Porque então você vai chorar todo dia...

Aquilo me fez dar uma risada. Uma risada de alívio.

De repente, eu me senti um tanto ridícula por minhas reações, como se fossem exageradas. Eu gostei daquele comentário.

— Está bem, vou tentar me irritar com você se fizer isso e te bater. Ou corar. Ou então simplesmente ficar feliz quando me elogiar — falei, revirando os olhos e rindo um pouco.

— Ou ficar grata e me beijar em resposta, assim é melhor — ele falou, pondo os braços na louça da banheira, e piscando em seguida.

Não pude não sorrir e ficamos um pouco em silêncio.

— Ouça Aimée — ele disse, estreitando os olhos, a voz calma. — Todos na guerra saímos um pouco feridos, não? Vi o que você tem no seio, sei que deve incomodar você, porque você uma mulher, e é vaidosa, mas para mim, não alterou em nada sua beleza, entende, em nada? Você é linda e perfeita como uma flor. Nada menos que isso.

Tremulei um pouco os lábios, sem jeito, quando ele diz aquilo, e suspirei fundo. Senti um tanto de alívio, embora soubesse que seu desejo parecia uma prova concreta, e que prova grande e concreta ele tinha em si, de que me desejava e achava atraente.

Mas havia uma enorme montanha de coisas nos separando, e isso ele não saberia.

— Obrigada — eu me limitei a dizer, corando.

— E você, aceita-me como sou? Manco, barbudo, mãos calejadas? Tenho estilhaços na perna, sabia? Viu as cicatrizes?

Sim, eu havia visto... em mais de uma ocasião, lembro-me... No hospital, quando ele tinha as partes íntimas devidamente cobertas por um pudico lençol, mas eu tinha acesso às suas pernas, e agora, em toda sua glória safada e nua.

Mas a verdade é que eu não dera a mínima. Nem naquela época, e

muito menos agora. Faziam parte dele, e o deixavam até atraente.

Sabia que ele tinha uma grande cicatriz em seu couro cabeludo, agora coberta por charmosos fios macios.

Naquele momento entendi que a cicatriz pouco importava para mim, e pela primeira vez entendi como se sentia Adam quando me via.

Sem saber o que dizer, apenas sorri em resposta, sentindo meus músculos relaxarem agora quase que completamente.

— Vou aceitar esse sorriso como um sim, Aimée... Pode apostar. — disse, num adorável sorriso de canto.

O sorriso dele era... maravilhoso. E me deixava vulnerável.

— Sim, eu o aceito como você é... — falei, sorrindo.

Mas aí lembrei que o filho da mãe deveria ser rico, muito rico e distante.

— Devo aceitar também o fato de que o senhor é rico, podre de rico? E que gosta de viver recluso aqui nessa pequena cidade sabe Deus por quê? — perguntei, com cuidado, voltando a ser uma mulher adulta, dona de mim, de repente.

Encarei-o, interessada. Realmente muito interessada.

Ansiosa por saber a resposta dele. Por que Adam Page, um magnata,

provavelmente, estava em Horsham usando coletes e não um terno caro?

Ele me deu um sorriso astuto. Debaixo daquela seda, havia também uma cobra. Sim, e que cobra...

— Como sabe que sou podre de rico? — Ele estreitou os olhos, brincando. — Achei que era apenas rico. — Ele cruzou os braços sobre o peito, brincando.

— Isso não interessa — respondi, num pequeno sorriso, ainda agarrada aos meus joelhos.

— Que cruel — ele brinca.

Começava a ficar estranhamente mais à vontade com ele ali, naquela banheira, estreitados em nosso pequeno mundo paralelo.

— Então você é um magnata mesmo? E por que está aqui nessa cidade usando outro nome e morando numa casa simples?? — Dei um pequeno sorriso enquanto o crivava de perguntas.

— Vou ter que ser vítima de um interrogatório enquanto você me olha assim, nua? — ele arqueou as sobrancelhas, insinuante.

Estava tão bonito assim. O peito dele brilhava e seus músculos pareciam tonificados.

Oh, Deus... Comecei a rir de novo.

— Você também está nu — falei, dando um pouco de ombros.

— Você é linda, e eu sou feio... Então não é justo! Sua visão é como ver uma legião de anjos, é arrebatador— disse, sedutor.

— Responda minha pergunta, Adam Page. São as ordens de uma mulher nua. Ou então eu me cubro. Não me verá mais nua.

— Que injusta! — ele continuou rindo, passando a mão pela barba.

— Nunca disse que era justa — disse, mordendo o lábio.

— Está bem, senhorita boa negociadora. Falarei tudo, tudo o que quiser. Mas não peça mais para ficar a vendo nua numa banheira enquanto me olha assim. Posso não ser tão cavalheiro assim, Aimée. Não seja tão tentadora. E precisamos fazer seu curativo. Amanhã, explico tudo o que você quiser. Mas não há nada demais sobre a minha vida, e você já sabia que eu era rico desde aquele hospital, não? Depois, falarei melhor sobre o que faço e conto sobre minha vida dupla. Mas não se preocupe, não sou um espião, e nem sou casado. Sou livre e desimpedido e estou aqui para você, mas juro por Deus que não aguento mais vê-la nua assim, Aimée. Não me tente mais, pelo amor de Deus. — Seus olhos se tornaram felinos e famintos.

Naquela hora eu entendia. Eu estava correndo perigo de ser agarrada por ele e as coisas não iriam parar daquela vez. E eu estava louca para correr esse perigo, ou seja, eu era um grande perigo para mim mesma.

— Está bem, senhor magnata engravatado. Amanhã nos falaremos melhor.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Adam Page se levantou, um Deus nu e molhado a luz de velas.

A água escorria por seu corpo, como se o acariciasse. Ele quase não tinha pelos, pensei. Como nas Estátuas.

Não conseguia conter um olhar embevecido.

O grande e grosso membro em riste me chamava a atenção, mais uma vez, e ele percebeu meu olhar atrevido e sorriu.

— Não me olhe assim, Aimée. Um olhar pode ser perigoso. Um olhar como esse torna um santo um devasso. Não quero atacá-la, ainda está abalada. Quero que peça, que reaja tanto quanto eu quanto for a nossa hora — ele diz, olhando-me profundamente.

Fitei por uma última vez suas coxas esculpidas e o orgulhoso pênis.

Corei tanto de vergonha que em seguida virei meu rosto. Adam saiu da banheira, fazendo cair um pouco de água no banheiro.

Sem poder resistir, vi-o pegar uma toalha. A visão de seu traseiro era algo que me deixou sem fala.

Um traseiro que repuxava os firmes músculos quando andava, fazendo fascinantes furinhos.

A anatomia masculina me provocava tanto frisson que não podia parar de olhar. Adam então se cobriu com uma toalha. Logo mais, trouxe duas toalhas para mim, e me deu então mão para que eu levantasse.

Deixei que ele me ajudasse, fascinada. Quando me tocou com seus dedos, e eu me ergui, seu olhar escuro parou por um momento em meu corpo. Ele fez então uma longa inspeção de minha constituição que me fez ofegar. Tudo em mim parecia gemer de prazer. Por fim, ele fechou os olhos, abrindo-os em seguida.

— Santo Deus, *chérie*... Você é uma ninfa branca

Entregou-me as toalhas, e então eu me cobri o melhor que pude ainda sob seu olhar.

— Enxugue-se e vista-se, Aimée. Posso não resistir se você voltar a tirar essa toalha. — falou, com um sorriso de canto voluptuoso.

Fitei-o, ainda cheia de fascínio, com a sensação perfumada e quente do seu corpo. Suas mãos repousaram em meus antebraços, acariciando-os, e ele me fitou profundamente.

— Aimée... Tenho um pedido... — murmurou.

— Qual seria?

— Quero dormir com você, apenas isso... Está chovendo lá fora, e quero ficar com você, garantir que está bem. Vamos fazer agora um curativo

em seu ferimento e dormir. Apenas isso. Dorme em meus braços, amor? — murmurou, olhando-me como um Deus pagão que era.

Eu tinha todos os motivos do mundo para chamá-lo de atrevido, mais do que ele já fora a noite inteira. E também tinha muitos motivos para negar, para colocá-lo para fora, na chuva, para que as águas o levassem para longe de mim, , mas a verdade é que eu queria dormir ao lado de Adam.

Queria que o barulho de chuva nos embalasse, queria me sentir dormindo em seus braços, protegida como uma criança, com o som amoroso da chuva nos embalando.

Minha consciência sussurrava todo tipo de não, mas meu coração só sabia dizer sim.

Eu queria que ele me tocasse como a água, que caísse em mim como chuva.

E ele também poderia pegar os ratos, quem sabe, no porão.

— Estarei esperando você na sala, querida — declarou, deixando-me suspirante.

Deus, Adam era um sonho... e como eu o queria...

Um pouco depois, achei Adam Page vestido e limpo na cozinha. Os cabelos ainda estavam um tanto úmidos. O cheiro de pele fresca se misturava com o chá que ele estava fazendo.

Eu usava uma velha camisola que me cobria por inteiro. Uma de minhas camisolas recatadas.

— Imaginei que usasse algo assim. Uma camisola para afastar homens tarados como eu, mas mesmo uma camisola assim não seria capaz de me deter. — gracejou.

— Posso continuar tentando afastá-lo — Sorri, em resposta, feliz e ao mesmo tempo desolada de saber que talvez em breve ele não me olhasse como se fosse seu pardalzinho, mas como uma mulher vivida e experimentada que eu não era, e que talvez por isso, em seu julgamento, merecesse menos respeito.

— Trouxe valeriana para o chá. Não se atreva a dizer não. Vai deixá-la calma e com os pensamentos no lugar. E mantê-la ainda mais quente, também. Sente-se, *chérie*. Não machuque mais seu pé.

— Obrigada, mas não se preocupe com o corte, não foi grande — disse, maravilhada e desacreditada de vê-lo ali em minha cozinha, tão próximo e tão terno.

Ah, se ele fosse meu.

Tomei o chá de suas mãos após sentar na cadeira, aspirei o líquido com seu calor reconfortante, e passei a sorver.

Ele pegou algumas coisas que havia trazido, e vi que iria limpar

melhor meu ferimento com água oxigenada, iodo e me faria um curativo com gazes limpas.

— Então hoje vai ser meu enfermeiro?

— É o mínimo. Você é o meu pardalzinho, entende? É o mínimo. Cuidou de mim.

Fito-o emocionada.

Por fim ele me leva para a sala, faz com que me sente no sofá em vez da cadeira da cozinha, e puxou então meus pés com delicadeza.

— Hum. Corte feio. Espero que não infeccione. Vamos limpar essa coisa feia de você — diz, dando-me um beijo no dorso do pé.

— Não está grande, Adam! — protestei.

— Seguro morreu de velho, *mon amour*...

Enquanto ele fazia o curativo em mim, conversamos sobre minha curta vida de enfermeira, e de como eu, que odiava ver sangue, usava de técnicas para não vomitar ou desmaiar, como pensar em chocolate, e ele ria.

— Ah, eu deveria estar horrível naquele tempo, sinto muito por tê-la deixado enjoada com meus ferimentos, *chérie*...

— Não fale assim... Foi um prazer cuidar de você, Adam. Eu só era muito menina...

— Ah, querida — disse, beijando-me o pé com um sorriso. — Se você não tivesse fugido de mim...

— Eu precisava fugir, Adam, você me assustou. Mas é diferente agora. Agora já sou uma mulher.

— Sim, querida, você é uma linda mulher.

Quando ele aprontou o curativo, inspecionei o quanto estava bom e elogiei. Ele parecia agradecido.

Toda aquela afeição, aquele carinho, aquele cuidado me enchiam de uma tristeza indefinida.

Toquei-o gentilmente em sua barba, e beijei seu rosto.

— Obrigada, Adam Page. Obrigada por cuidar de mim. É mais do que mereço.

— Não, Aimée. Eu que nem em mil anos mereceria seu amor, mas lutarei por ele, mesmo assim. — falou com voz grave e tentadora.

Aquelas palavras me desarmaram, acariciaram meu interior atormentado, junto da visão de seus olhos intensos de estanho.

Aquele brilho quente de paixão que me fazia arder.

Lágrimas desceram por meus olhos, e ele as apeou com a mão, e as lambeu devagar em seguida.

— Você não sabe de nada, Adam... Não sabe de nada, não diga isso, não falsa promessas, por favor — insisti, tentando me controlar, sentindo que ele em breve iria me rejeitar.

Achei aquilo tão terno que quis chorar mais.

— Não chore, passarinho, não chore. Está cansada. Foi uma noite intensa. Seus olhos estão vermelhos. Descanse em meus braços, venha. — Ouvi-o sussurrar.

Deixei que ele me levasse para o quarto, para a cama. Fiquei lá deitada, de lado. Vendo-o de relance tirar a roupa na escuridão, adivinhando seus fortes contornos.

Tirou tudo, ficando nu, eu sabia, cobrindo-se com o grosso cobertor.

Eu sabia que ele não tentaria nada, apesar da sua nudez. Ele me acomodou então na frente de si, puxando-me para o calor de seu corpo.

Deixei que aquele calor fluísse, que tivéssemos uma noite de paz, de harmonia, de quebra de solidão.

Eu me entreguei ao toque viril em meus cabelos, ao forte abraço, ao beijo no topo da cabeça, à sensação da protuberância masculina atrás de mim, à sua respiração quente e modulada.

— Feche os olhos, querida. Não chore mais, Durma. Está tudo bem. Vou ficar com você aqui a noite toda, pardalzinho, a noite toda... — disse,

com a voz grave, sussurrante.

— Conte-me uma história — pedi, sem pensar, com a calma e deliciosa sensação de estar em seus braços, de ter seu corpo conectado ao meu.

Senti-o sorrir atrás de mim, e ele me apertou um pouco mais...

— Era uma vez um pardalzinho. Segundo alguns judeus, só ele pode ver a alma dos seres humanos, e por isso, ele canta. Toda vez que você ouvir um pardal, uma alma está descendo, e um bebê está nascendo. Quando a ouvi cantar no hospital, Aimée, eu sabia que você cantava porque minha alma acabava de descer, ali. Eu renasci a ouvindo cantar, meu pardalzinho. Era a minha alma que você estava vendo. Eu renasci para você.

— Adam — disse, querendo chorar. — Adam, isso é tão lindo... Nunca, nunca diria algo tão lindo. Não sei o que dizer — disse, engolfada em lágrimas — Não sei como retribuir isso...

— Não precisa dizer, você já é linda. Você é o meu presente.

— Você é o presente que eu mais queria ter, Adam... O meu tesouro, eu queria dar para você... só para você — murmurei, ainda chorando, sentindo-me cansada.

Ele me abraçou mais, e o senti dizer entre meus cabelos.

— Não chore mais. Feche os olhos e durma. Estarei aqui, estarei

bem aqui. Com você. Durma em meus braços, passarinho.

E eu dormi.

Quando acordei, no dia seguinte, senti uma aguda dor em meu pé, e olhei então para o curativo cuidadosamente feito.

Tudo passou por mim: as lembranças loucas da noite anterior. Toda aquela intimidade, palavras trocadas, nudez.

Tudo o que eu havia permitido num momento de loucura. Sentia minha cabeça doer, meu coração bater mais forte.

Mon Dieu, o que eu fiz? Onde eu estava com a cabeça? Como pude ser tão louca e inconsequente?

Olhei para o relógio na cabeceira. Já era quase hora do almoço! Santo Deus!

Homens são mesmo como droga! Corrompem, viciam, ficamos atarantadas... Toda a sensação de Adam dormindo abraçado a mim se mantinha. Seu corpo lindo me prendendo, as pernas sobre a minha... Oh, céus...

Estava arrepiada.

Corri ao banheiro fazer meu asseio e necessidades, e, após vestida, insegura e confusa, fui até à cozinha, onde vi Adam de roupas novas fritando bacon em minha casa.

Não podia acreditar no que via.



Capítulo 20

Ele estava ali, sorridente.

— Bom dia, pardalzinho.

Ele continuava remexendo a panela, e o sorriso estava ainda mais largo. Ele estava lindo, e eu estava perdida.

Sim, eu realmente tinha enlouquecido de deixá-lo ficar ali comigo, tocando-me, falando-me com doçura. Permitindo ir além do que o bom senso permitia, sendo dominada por minha paixão.

Um forte calafrio percorreu minha espinha. Agora, ele iria achar que era meu namorado!

— Tomei a liberdade de trazer um cesto de gostosuras, princesa. Tem mel, melado, algumas frutas, frios. Biscoitos champanhe. E trouxe vinho para mais tarde. E estou tramando fazer um belo assado, sabia? Vou deixar marinando em um *bouquet garni*, em sua homenagem, meu pardalzinho francês — falou me olhando como se fôssemos casados.

Meus joelhos pareciam de geleia e eu olhava meio boquiaberta, sentindo-me perdida.

Ele remexia habilmente as panelas. Gentil, lindo, afável. Próximo.

Galante.

Um príncipe, meu príncipe. E eu seria sua princesa no mundo perfeito que não existia.

Adam, meu querido.

Mordia os lábios, buscando forças. Eu precisaria ser forte.

A cozinha estava com um cheiro delicioso. Ele ainda cozinhava bem.

Mas no momento, aquilo me dava náuseas. Minha vida me dava náuseas. Minha realidade era nauseante. Eu não poderia ser feliz. Eu não era a sua princesa virgem.

— E estou fazendo agora panquecas. Vou polvilhar açúcar, que tal? Sou bastante comilão, Aimée. Logo perceberá. Seu homem tem muito apetite. — Ele sorriu, glorioso. — Uma pena não ter merengues. Sei o quanto gosta. Nunca mais olharei para um sem lembrar de você. Farei com que coma merengue sempre — disse, enxugando as mãos num pano de copa.

Olhava-o, espantada. Como pude ser tão fraca, como pude permitir? E agora, ele me oferece toda essa doçura que não me pertence.

Pertence à sua princesa perfeita que só existe em sonhos.

Soltei um suspiro e olhei para meus sapatos.

— Então você é do tipo que acorda de mau humor, passarinho? Que calada! — perguntou, rindo e me faz uma pequena careta, tentando então me animar, mas eu não me animo.

Engulo em seco, triste.

Não, não, não. Não seja amável. Por favor. Não me faça amá-lo ainda mais. Preciso ser dura com você, Adam. Preciso ser cruel. Perdoe-me pelo que vou fazer...

Meu estômago se contorcia, num estranho nó. Sentia minha garganta estrangulada.

Eu precisava dizer coisas duras. Não era fácil. Não quando ele não merecia. Ele não tinha culpa. Ninguém tinha. As coisas simplesmente eram como eram.

Adam não me amava. Ele amava a doce e virgem criatura que eu não era. Eu era uma falcatrua, uma mentira.

A branca de Neve que não existia mais, esperando ser resgatada da morte.

Eu não podia enganá-lo. Eu não podia me enganar.

Nada poderia me resgatar. Ele merecia mais do que uma mulher destruída.

Minhas mãos começaram a suar. Meus dedos a tremer. Sentia meu

coração sendo arrastado, pisoteado por corcéis.

Doeria tanto. Deus, eu não imaginava que algo pudesse doer mais do que eu já havia passado.

Busquei amparo segurando no espaldar da cadeira, e respirei fundo. Estava começando a ficar tonta.

— Aimée, princesa, você está bem? É seu pé? Infeccionou, *chérie*? Eu deveria ter cuidado melhor. — Sua voz estava preocupada. Não queria olhá-lo cheio de cuidados e afetos comigo. Eu não suportaria.

Oh Deus, ajude-me. O que eu tinha de fazer era tão difícil...

Ele desligou o fogo, tirou o avental e veio para mim, para perto, buscando meu rosto.

A presença alta e reconfortante era uma tentação para buscar seus braços.

Não tinha coragem de olhá-lo. Não queria olhar em seus olhos. A verdade chegou, Adam, meu amor. Não posso ser sua. Eu já chorava por dentro.

Ele me pegou pela cintura, parecendo aturdido. O toque ardente. Estava tonta, precisava que ele me largasse.

— Meu pardalzinho, diga o que tem para o seu Adam! Droga, amor. Está doendo? Fale comigo, amor. Estou aqui — diz baixinho, a voz rouca,

serena, amada.

Não seja o meu amor, por favor.

Não poderia fazer nada enquanto ele me tocasse. Chega, já tinha ido longe demais tudo isso.

A realidade teria de vir como um choque. Ela era violenta, brutal. Como uma bomba que explode, como os avós que morrem, como uma criança gritando de fome.

Ele me abraçava, tão firme e tão delicadamente. E eu comecei a menear minha cabeça.

Não, não, não. Isso não é certo.

— Não — disse, tentando me afastar, a voz frágil como minha alma. Meus olhos estavam desfocados.

— Não o quê, meu amor? — perguntou, beijando-me a face.

Fechei os olhos. Ah, Deus todo poderoso... como ficaria sem esses beijos? Esses ternos beijos que me consumiam?

— Não me toque — disse, segurando seus braços e tentando afastá-lo. Mas ele parecia uma pedra, ele não se movia. Pegava-me mais forte. Tentei afastar novamente, empurrando.

Uma rocha.

— Quê?? Por quê? — ele indagou, insistindo, a voz atordoada.

— Não me toque.

— Impossível. — ele declarou

Ele desceu o rosto, e tentou me roubar um beijo. Os lábios rociaram suavemente os meus.

Mas eu fiz um imenso esforço, e afastei os lábios, e peço de forma incisiva, olhando-o finalmente nos olhos.

— Não. Não me beije.

Ele franziu o cenho, e me olhou de modo perturbado.

— Tudo bem, princesa. Estou sendo muito atirado... Vou respeitar seu tempo. Você é uma moça pura, eu entendo.

Aquilo, aquela frase era exatamente o que eu precisava ouvir. Princesa, moça pura. Tudo o que eu não era.

Ele era um iludido. Nós dois éramos dois iludidos. Aquilo não era um mar de rosas, não era um conto de fadas encantado. Aquela era a maldita, a ingrata, a miserável vida real.

Eu era uma mulher retalhada que todos julgavam. Uma perdida.

Ele me achava uma princesinha virgem cheia de recatos.

E o que mais me doía, é que no fundo, eu ainda era quase isso. Ou

um pouco disso.

Longe daquele mundo torto, bizarro, destruído por nazistas e bombardeios. Em algum lugar dentro de mim ainda vivia aquela princesinha, mas estava quase morta.

Ergui meu queixo, e senti raiva por saber que ele realmente jamais me aceitaria como eu era. O rico senhor Page Hoyt. O esnobe, o condescendente senhor Page Hoyt podia aceitar uma mulher ferida de guerra. Não uma perdida.

Uma força brotou do meu ser. Eu precisava daquela força para ser cruel como uma adaga. E eu seria.

Vá embora — mandei, com olhos frios. A voz gelada.

Ele riu.

— Oras, Aimée... Calma.

— Vá embora — repeti, mais fria do que nunca.

— Mas por quê?

— AGORA — Quase gritei.

Ele me olhou de forma agora raivosa, perturbada.

— Quero saber o porquê.

— Eu não tenho que lhe dar explicações! Essa é a minha casa, essa é

a minha vida e estou mandando você sair daqui AGORA!

Vi suas mandíbulas se contraírem. Os olhos se entrecerrarem, e ele adquiria então uma pressão furiosa.

Seu peito se enchia, seu rosto se inclinava. Suas mãos se fechavam, esfregando-se, nervosas.

Meu peito ardia de dor, raiva, loucura, amor.

— Se quer brigar, Aimée, brigue. Grite. Fale o que quiser falar. Quer me bater pelo que fiz ontem? Fui atrevido? Faça alguma coisa, mas vai fazer comigo, com minha presença, com um corpo em sua frente. O meu corpo e a minha alma. Não com minha ausência. Ela você não terá: a minha ausência. — ele disse, alterado.

Era terrível resistir. Como era difícil não me jogar em seus braços e chorar com todo meu desamparo e pedir a Deus que houvesse um jeito.

Mas não havia. Eu não era o que ele achava. Ele me repudiaria.

E eu seria capaz de morrer de me sentir repudiada, cedendo. Sentindo-o me tratar como uma qualquer.

— Eu não quero brigar! Inferno! Eu quero que você vá embora, eu não quero mais que fale comigo! Dá para você me obedecer? Droga!

— Como é? — ele perguntou, estranhado, olhando-me completamente desacreditado. — Depois de tudo o que vivemos,

simplesmente me diz isso? Que não quer mais falar comigo?

— Sim! — respondi, quase gritando, histérica.

Eu tremia tanto. Doía tanto fazer aquilo com ele. E como era doído fazer aquilo comigo mesma.

Sentia que estava à beira das lágrimas. Era difícil contê-las. Sentia a dor não irrompida tensionando por inteiro, agitando meus nervos. A dor fluía por meu ser. Minhas mãos estavam retraídas contra meu corpo. Minha mandíbula doía de tanta tensão, minhas costas.

— Você só pode estar brincando, Aimée... É claro que não vou embora — ele disse, num sorriso nervoso.

— Não estou brincando — falei baixo, séria, tentando me recompor.

— Então só pode estar louca.

— Talvez — falei, num soluço envergonhado que não consegui conter. — Talvez seja louca, Adam. Talvez tenha enlouquecido há muito, muito tempo... — falei, sufocando um choro.

Senti que o rosto dele adquiriu uma expressão dolorosa, e ele tentou se aproximar. Deu dois passos em direção a mim, cautelosos, e ergueu a mão, mas me apressei a me afastar.

— Aimée, *chérie*, sou eu. O seu Adam. Conte para mim, passarinho, quem quebrou sua asa. O que fizeram com você? Por que está assim comigo?

Sei que me quer, Aimée... Eu sei que você me quer, meu amor... E eu quero tanto você... Confie em mim, docinho.

Ele me olhava ali, enternecido. O semblante tão preocupado.

Fechei os olhos. Iria morrer de agonia. Morrer de paixão engolfada. Quanta injustiça, meu Deus.

Não seja doce, meu amor. Não seja doce, meu príncipe. Meu príncipe perdido.

Voltei a abrir os olhos e ele estava ali, aflito. Ofertando-se. Protetor, gentil, humano. E proibido para mim.

— Confie em mim, passarinho. Confie em mim. Estou aqui por você, entende? Confie suas dores para mim... — ele voltou a pedir, dando passos hesitantes. A mão se erguendo para mim.

Eu enlouquecia me sentindo sufocada. As palavras melodiosas em meu ouvido, melífluas, afagando-me.

Não chore, Aimée. Não por fora. Apenas por dentro. Você já chora por dentro há anos, todos os dias. Todos os dias sangra por dentro.

Ele se aproximou mais. Ele iria me tocar. Aquilo me assustou, e então recuei.

Balancei a cabeça negativamente, e voltei a ordenar, tentando desajeitadamente me recompor.

— Vá embora, Adam, por favor, vá embora.

Ele me olhava raivoso novamente.

— Não, Aimée. Eu não vou. Eu vou ficar. Lide com isso. Não vou embora, por mais injusta que você esteja sendo comigo. Sim, você está sendo tremendamente injusta, caramba — ele falou, e vi que seus dedos tremiam, e ele então passou as mãos pelos cabelos, nervosamente.

Eu iria enlouquecer. Sentia que estava surtando.

— Por favor, Adam. Vá! Vá! — Quase gritei.

— Não! — ele exclamou.

— Não seja idiota! Vá embora, droga!

— Não! Eu não vou deixar você! Não sem uma maldita explicação!

— Ele me olhou acusatoriamente, e me apontou o dedo.

Aquilo fazia meu coração voltar a ferver.

— Ah, você quer uma explicação? — perguntei, fazendo uma expressão cínica. Estava com raiva por ele ser estúpido e não ir embora. Por que ele não ia?

— Isso, senhorita, é o mínimo que me deve. Acha que não tenho sentimentos, que sou um brinquedo? Estou aqui inteiro para você, me doando! Eu me declaro há dias, e te espero há anos... E você acha que vai me

fazer ir embora simplesmente mandando? Não mesmo! Eu a quero demais para isso!

Ele apontou para si mesmo, e deu alguns passos ameaçadores para mim, que recuei.

Seus olhos estavam vermelhos. Ele estava quase chorando. Como doía em mim vê-lo assim... mas ele não me queria! Ele queria uma princesa!

— Não me quer! — falei, quase chorando de raiva.

— Como ousa dizer isso, Aimée? É claro que quero você! Por favor, o que há? Eu mereço uma explicação!

Santo Deus, Adam. Odeie-me logo, por favor. Vou dizer tudo o que você quer ouvir.

— OK, senhor Page. Terá o que você quer. Terá a sua maldita explicação! — vociferei.

— Estou aguardando. — Ele me desafiou, cruzando os braços. Seus olhos piscavam, e os meus também.

Estávamos transtornados.

— Está bem. Quer saber? A sua princesinha não existe. Não sou a doçura que você pensa, está bem? Você quer uma princesa, não é? Eu não sou a sua princesa! — falei, em tom de desafio, cegada pela raiva e pela dor.

Ele me olhou estranhado. O rosto angular e duro.

— O que está dizendo, Aimée?

— Vou dizer antes que você talvez me diga, porque nunca, jamais permitirei ouvir isso de sua boca. Não sou uma princesinha. Sou uma ordinária, uma vagabunda, uma mulher de vida fácil, e outros nomes não bonitos que gostam de dar para mulheres maculadas — falei, com olhos injetados de raiva, o queixo tremulando tanto que sentia meus dentes baterem.

Nossas respirações estavam entrecortadas. Ele me olhava cada vez mais esquisito, cada vez mais para dentro, para dentro de mim, descortinando-me.

Ele engoliu em seco, parecendo consternado.

Eu sabia. Homens, todos iguais. Podia imaginar a repulsa e a decepção que estava sentindo. Eu não era uma linda flor inglesa.

Eu era uma puta como todos os homens haveriam de me julgar naquela sociedade injusta.

Fiquei tão triste, tão terrivelmente triste. Uma sensação tão miserável. Senti vontade de agredi-lo e de me agredir.

— Tive enormes pênis entre minhas pernas, se quer saber. Grandes, enormes. Se você for me perguntar.

— Aimée, não diga isso, pelo amor de Deus — Ele me olhou, parecendo enojado, olhando para baixo, para suas próprias pernas e voltando a me olhar envergonhado.

Eu também queria me envergonhar, mas estava triste demais para isso.

Queria que ele olhasse minha realidade, e que me desprezasse logo. Que fosse de uma vez. Sem piedade.

— Por que não? — Ri, como louca. — É verdade! — Dou de ombros. — Foram dois! Um após o outro — falei, amarga. Rindo e querendo chorar.

— Santo Deus... — Ele meneia a cabeça.

— Antes que jogue na minha cara que eu gostei, eu já digo de antemão que gostei. Não é isso que quer ouvir? Que eu gostei? Não é isso o que tantas pessoas pensam, que se uma mulher é violada, ela procurou? Não precisa me acusar de nada, eu não te dou esse direito. Já fui acusada demais. Sabe o que passa uma mulher sozinha? Uma mulher que escolhe viver só? — perguntei, tremendo, engolindo as lágrimas.

Ele me olhava dentro do seu atordoamento.

— Eu adorei — insisti, triste e enlouquecida. — Um depois do outro. Sabia?

— Não seja cruel, Aimée. Nem comigo, nem com você, não diga essas coisas — ele falou, a voz fraca e trêmula, quase chorando.

Ele me olhou parecendo horrorizado. Nem eu entendia por que estava sendo cruel, talvez porque foram cruéis comigo a vida inteira.

Naquele mundo, se você fosse estuprada, eles te culpavam muitas vezes.

— Isso, sinta horror de mim, Adam. Eu devo ter provocado esses homens, eu devo ter merecido, não é verdade? Eu sou culpada, não é? Eu devo ter adorado! — provoqueei-o, tremulando.

Então, num rompante, desci a droga da roupa, no ombro, quase rasgando. E mostrei a maldita marca acima do seio, até o limite em que a roupa permitia ser baixada.

Ele arregalou os olhos, impressionado.

A dor que senti ao dizer aquilo foi indescritível.

— Veja, eu mereci isso também. Eu pedi por isso. Pedi que me marcassem de todos os as formas, que quase me matassem. Que me enfiassem um ferro de lareira em brasa, me deformando. Pedi para que me fizessem sua puta, e não sua princesa. Acredita nisso, Adam? Acredita que um ser humano pede por isso? Acredita que eu pedi por isso?

— Aimée... — ele disse, a voz fraca, e percebi seus olhos cheios de

lágrimas. —Aimée... eu... eu sinto muito. Eu sinto tanto, meu amor.

Ele então desceu seus olhos para os pés, em seguida escondeu seu rosto com as mãos, chorando.

Vê-lo daquele jeito me deixou destruída. Meu estômago se retorceu, e quis me unhar inteira de desgosto.

As lágrimas já saíam sem controle. Transbordantes. Meus olhos me cegavam. Enxergava tudo por uma novem embotada de lágrimas.

— Quer saber a verdade, Adam, ou vai querer me julgar? Talvez não devesse me importar com o falatório, Adam. Já me disseram uma vez que mereci ser estuprada. Já me disseram que provoquei. Ouvi isso de outras mulheres, a quem contei na outra cidade em que estava, procurando apoio. Disseram-me que eu seria julgada, e eu fui. Disseram que nenhum homem me respeitaria, e eu acredito. Mas não vou deixar que outro homem me fira mais do que já me feriram. Não vou ouvir isso de você. Eu não sou honrada. Eu fui desonrada. Não acho que eu tenha pedido por isso. Não acho que eu tenha merecido isso. Mas também não acho que você mereça uma mulher desonrada, sei como funciona o mundo dos ricos, e sei que pensava que eu era inocente de tudo. E não gostaria que me tratasse como uma apenas qualquer para ter prazer. Não quero ser usada, quero ser amada.

Ele me olhou aflito, os olhos úmidos de choro.

— Aimée, eu... — Tentou falar, engolindo um sorriso e secado as lágrimas.

Olhou-me então nos olhos, diretamente, parecendo se recuperar.

— Eu sinto muito, Adam. Nunca poderei ser honrada. Nunca poderá se casar comigo, e eu nunca aceitaria menos que isso. Por isso gosto de ser assim: fria, solitária. E gostaria que respeitasse minha escolha de ser celibatária. Já fui magoada demais. Não preciso de sua pena. Não preciso que faça de mim sua, sua puta — falei cheia, de rancor.

— Aimée, eu não sou o que está pensando. Não acredito que pense essas coisas de mim — ele falou, parecendo consternado.

— Não fale nada — Eu o interrompi.

— Mas eu... — ele insistiu.

— Basta! — gritei, enxugando minhas lágrimas. Basta, Adam, basta!

— Você precisa me deixar falar!

— Não! Eu não quero ouvir! — disse, no meu choro desesperado, e tapei em seguida meus ouvidos.

Ele se interpôs em minha frente, aproximando-se.

— Precisa ouvir, Aimée.

Balancei negativamente minha cabeça, tirando as mãos de meu

ouvido.

— Não quero sua pena. Não quero ser sua amante. Desgraças acontecem. Você não tem culpa, e nem eu. Pouco me importa se você acredita ou não. Você me deseja, eu acredito nisso. Talvez saber que sou fácil agora atice ainda mais seu desejo, mas eu tenho sentimentos também, Adam. E não posso dar meu corpo quando desejo dar meu coração, e sei que para um homem como você, que é distinto e rico, pedir que respeite uma mulher como eu seria pedir demais. Posso ser ridícula, mas eu quero mais.

Ele apertou os olhos, levantou a mão para mim, e soluçou.

— Aimée, querida, venha aqui. Você não sabe o que está dizendo. Venha aqui, por favor. Venha para mim.

— Não — falei, chorando, afastando-me. As palavras dele eram como açoites me fazendo arder.

Virei-me de costas para ele. Não suportava mais vê-lo, ver seu rosto cheio de dor e pesar. Observar seus gestos amáveis, seu chamamento sedutor.

“Venha aqui”, ele insistia. Eu não poderia ir, não para ser tratada como uma qualquer.

E chorei sentidamente. O choro mais amargo de toda minha vida.

Nada era mais doloroso que aquilo.

Podiam ter me atravessado com mil espadas. Podiam ter me

queimado numa fogueira. Nada doía mais que aquilo: sentir-me humilhada diante do homem que eu amava.

Por mais que eu tivesse lutado para não amar, eu o amava. E o odiava por isso.

Ouvi Adam chorar atrás de mim, baixinho.

— O que fizeram com você, passarinho... o que fizeram com você?
— ele repetia, chorando.

— Não importa. Eu não fui a única a passar por uma degradação — disse, enquanto meus ombros convulsionavam num choro terrível. Minha alma toda sangrava em forma de lágrimas.

Escondia meu rosto entre minhas mãos. Tão profundamente ferida e envergonhada.

Era meu sangue vertido, minha esperança. Ali, como um rio, como uma chuva de lágrimas. Sentia o terror me banhando. Uma chuva de desamor.

As mãos de Adam tocaram meus ombros que se sacodiam, acariciando-os. Inclinei minha cabeça, quase na tentação de encostar meu rosto ali, onde as mãos dele pousavam.

Aquelas mãos bonitas, firmes que me tocaram a noite. As mãos do homem que eu amava. Eu tremia inteiramente.

Como queria que as coisas fossem diferentes, mas elas não eram.

E certamente não deixaria que ele me oferecesse dessa vez sua pena e sua caridade.

Não havia salvação para nós.

— Não me toque — pedi. Enxuguei as lágrimas no dorso da mão, mergulhada nas profundezas do meu desespero.

— Pardalzinho, escute. Eu...

Tirei então violentamente as mãos dele de meu ombro.

— Sai!

— Pare com isso Aimée! Você está fora de si! Está surtando! — ele exclamou, já perdendo a paciência.

—Vá embora, Adam! Deixe-me surtar em paz, então! — ordenei, afastando-me e me abraçando com os braços, ainda sem coragem de olhá-lo.

— Não, eu não vou. — Ouvi-o falar secamente.

Não aguentando mais aquela sessão torturante, resolvi que eu mesma iria embora, então. Não ficaria mais no mesmo espaço que ele.

Eu não aguentaria. Não queria virar a sua amante, a sua puta. Certamente era isso que ele iria me propor. Sua amante, sua qualquer.

Eu preferia não ser nada.

— Então eu vou embora! — disse, determinada. E antes que ele pudesse me deter, dei largos passos até a porta da sala, abrindo-a.

Não sabia para onde iria. Só queria ir embora, não estar com ele.

Um vento frio então percorreu meu rosto. O vento assoviou, e senti a neblina me tomando.

Chuviscava. Gotas finas começaram a cair, juntando-se às minhas lágrimas.

Continuei dando alguns passos, perdida, sem saber para aonde ir, apenas queria andar, sem rumo.

Queria achar minha salvação, mas ela não viria.

Estava aterrorizada, e algo mais me tomou ali: a incrível sensação de um terrível arrependimento.

Eu já não sabia mais se o que fiz foi justo ou certo. Eu sequer havia deixado ele falar. Eu não dera nenhuma chance para nós. Nenhuma. E eu nem sabia o porquê.

Eu estava histérica.

Talvez porque eu mesma me repudiasse tanto que não podia acreditar que outra solução seria possível.

Estava chorando sentidamente, sentindo-me cair num abismo, sendo

tragada pela chuva fina que começava a me molhar.

Mas as mãos, as mãos firmes de Adam me viraram, e me tiraram daquele tormento. A voz me despertando daqueles pensamentos tortuosos.

Lá estava ele, lindo. Os olhos ainda mais cinzas com a neblina, com gotas finas caindo sobre ele.

“Ele veio com a chuva”.

Eu queria que me tocasse por inteiro, como a chuva estava me tocando agora, porque por mais que eu tentasse negar, eu o amava.

Eu o amava com toda força e toda fragilidade do meu ser. Amava como amam os passarinhos, lutando para gorjear o que sentem.

Amava por mais desgraçada e menos merecedora que eu me sentisse, e de nada adiantava negar.

Eu o amava porque o amor era injusto, e ele não se importava de ser assim.

E como o amava, eu estava feliz que ele tivesse corrido atrás de mim, e me tomasse agora nos braços no meio daquela fina chuva, e me olhasse com aqueles olhos injetados de carinho como agora.

Por mais enlouquecedor que fosse, e era, eu o amava, e me senti plena ali, em seus braços.

Eu não tinha como lutar contra aquilo.

— Aimée! Pare com isso! — disse. — Pare de fugir de mim!

Antes que eu pudesse protestar, ele se abaixou e me colocou nos braços, carregando-me de volta para dentro de casa.

Eu estava fraca demais reagir. Eu deixei que me levasse, agarrando seus cabelos suaves, deleitando-me com seu cheiro, com sua tão amada realidade.

Deus Santo, talvez eu estivesse aliviada que ele fizesse isso, que me carregasse, que me tomasse nos braços me tirando daquele meu espiral de loucura. Como era difícil amar!

Ah, sim, eu estava agradecida por isso. Ele viera me tirar da minha loucura.

Então ele abriu a porta do quarto com o pé, e deitou-me delicadamente sobre a cama.

Ele se apressou a vir sobre mim. Os olhos muito perto dos meus, o corpo parcialmente sobre meu corpo. Suas mãos tomaram minha cintura. E agora ele me afagava, ali, indo e vindo, como se quisesse me confortar.

Minhas lágrimas se acalmavam. Os olhos de Adam eram calmantes sobre mim. Respiravam os calmamente, apenas o ruído de nossas respirações e da chuva muito fino caindo lá fora.

Ele deslizou um dedo por meu rosto.

— Você não entende, Aimée... Não entende, não é?

Continuei calada, apenas ouvindo, sentindo-me arder com a carícia lenta de seu dedo, dos seus olhos sobre os meus, lindos, íntimos, próximos.

— Entende que nada mudou? Entende que amo você mais agora, mais ainda? Que nunca estive tão pura aos meus olhos? Que te quero da melhor forma, da mais honrada que um homem pode querer uma mulher?

Fechei os olhos ao ouvir aquilo, engolindo em seco.

Uma lágrima voltou a cair, e comecei a gemer fragilmente. Senti-o apertar minha lágrima, e então seu dedo percorreu meu pescoço, onde o nó do choro me estrangulava.

— Entende que quero matar quem fez isso com você, passarinho? Que quero matar com crueldade? E entende que estou magoado que você ache que eu renegaria você por isso, quando você está precisando de mim mais do que nunca? Entende que toda sua dor é a minha dor?

Continuei ouvindo, agora de olhos fechados, lutando para não chorar.

— Olhe para mim, Aimée.

Respirando fundo, tentando me controlar, eu o olhei.

— Nada mudou, Aimée, a não ser que agora sei que devo protegê-la ainda mais, que devo tocá-la com mais cuidado, e que sei que terei que lidar com mais feridas que eu imaginava. Você ainda é a minha princesa, e eu sou seu príncipe se me quiser. Sou seu príncipe manco — ele disse, sorrindo.

Apenas respirei em resposta, mas senti meus olhos sorrirem em meio a minha tristeza.

Permaneci ali, encantada, hipnotizada por sua voz sussurrante cariciosa e seu olhar amável e sedutor.

— Amo você desde a primeira vez que a vi, você entende, passarinho? Por favor, diga que entende.

— Sim — falei baixinho, e ele começa a lacrimejar um pouco e beija devagar minha boca, num roçar de lábios suaves.

Ele volta a me contemplar num suspiro e continua.

— Amo quando canta, amo quando me olha com desdém, amo o modo como se esforça para me olhar com desdém, aliás. — Ele sorri. — Amo quando tagarela com suas rosas e me sinto enciumadas delas, porque você é vivaz, inteligente e feliz com elas, e não comigo.

— Desculpe — disse baixinho — Posso tagarelar com você também.

Adam sorri desenhando o formato dos meus lábios.

— Amo sua paciência com as crianças, e amo também sua paciência

comigo, já que sou insuportável. Amo sua capacidade de se doar, amo sua alma gentil e generosa, e me enfureço que tenha guardado toda essa dor sozinha. E me enfureço que não tive como protegê-la. Foi depois que a conheci, não foi? Que fizeram essas coisas terríveis com você? — ele perguntou, a voz agora eivada de tristeza e frustração.

Disse então que sim com a cabeça.

— Não importa o que houve, você é minha, só minha. Você foi violada, você foi machucada, Aimée. Você não tem culpa disso. Para mim, você é tão pura, tão intocada e tão linda quando antes, e que Deus me perdoe, Aimée... Mas vou levar quem fez isso com você ao inferno com as minhas próprias mãos. — falou, os olhos crispados de raiva.

Umedeci os lábios, e então falei.

— Eles já estão lá.

— Onde? — ele perguntou, franzindo o cenho e acariciando minhas sobrancelhas.

— No inferno —disse, amarga. — Eles já estão lá. Estão mortos.

— Quem os matou? — insistiu, franzindo o cenho. — Quando ocorreu?

— Foi em 1946, eu morava num apartamento. Foram... foram nazistas... — respondi, aborrecida.

— E quem abateu os cretinos e por quê? Em que circunstâncias morreram?

— Um amigo os matou.

— Um amigo? Que amigo? — Ele quase se enfurecia. Ciúmes, provavelmente.

— Não quero mais falar sobre isso, por favor, Adam. Foi muito doloroso. Eles pagaram pelo que fizeram, apenas saiba disso. Por favor, deixe-me em paz. Não precisa sentir ciúmes. Você é o único, o único homem que amei, o único que me deixei tocar, saiba disso. — Acariciei seu rosto, tentando acalmá-lo.

— Não quero mais falar, está bem? Hoje não...

Adam concordou com a cabeça.

— Tudo bem, amor. Não quero afligi-la.

Beijou-me depois docemente nos lábios, por um longo período, até estarmos acalmados.

Olhei-o ali, tão maravilhosamente terno, gentil. Compreensivo. Adam voltou então a sorrir.

Ele então se aproximou bem de meus olhos, segurou meu queixo delicadamente e disse.

— Eu amo você, Aimée, e nada mudará isso. Meu Deus, passarinho, como eu amo você. E como estava desesperado para dizer isso. Por favor, Aimée, deixe-me fazer você feliz, deixe-me apagar todos esses anos ruins. Faça-me também feliz, passarinho. Quando a vi, eu sabia que você havia chegado para mudar minha vida. E você mudou. Agora, deixe-me mudar a sua.

Nesse momento, eu não podia mais suportar ouvir aquilo. Então eu o puxei para mim, puxei-o para um abraço, para senti-lo contra meu corpo e meu coração, e numa voz abafada, falei as palavras libertadoras que estavam arrebatando eu peito.

— Eu amo você, Adam. Eu amo tanto. Eu amo você com todas as forças que me restam, e olhando para você, eu vejo que ainda tenho muitas forças. Dane-se o mundo, dane-se tudo. Eu amo você. Por favor, ame-me também.

E então ele me abraçou, abraçou de modo terno, e eu caí no amor profundo que recebia em seu abraço, e sentia que eu me dava ali, inteiramente.



Capítulo 21

Adam me abraçou até que eu me acalmasse.

Ele me amava, e eu o amava. Aquele choque era demais para os meus sentidos.

Estava ali, deitada com ele, e nós nos amávamos. Estava dito, estava feito.

Olhava-o, cheia de deslumbramento e gratidão. Seus olhos me faziam me sentir querida e protegida contra todo o horror que me cercava.

Sentia vontade de chorar, mas já havia chorado demais na vida, mesmo assim, algumas lágrimas fluíam, envergonhadas.

Busquei seu amparo, e o abracei, chorando um pouco.

— Não chore, Aimée, minha amada... Quero te fazer feliz.

— Estou chorando de alívio, Adam. De alívio. Por muitos anos, mantive tudo isso aqui preso... Como um nó horrível. Sentia-me num poço profundo de dor, o tempo inteiro, e é como se você fosse o sol agora, e brilhasse sobre mim — falei, engolfando as lágrimas, tentando me controlar.

Ele se afastou meu rosto, para me olhar. Algumas lágrimas caíam ainda timidamente

Ele rapidamente as apeou com o dedo, e as beijou onde caíam.

— Ah querida, sabe Deus em que tormentos vivi até você aparecer cantando e fugindo de mim... Você é alegria de meus dias, Aimée. Você me resgatou de todas as formas que um homem pode ser resgatado.

As palavras pareciam caramelos quentes deslizando dentro de mim, aconchegantes, e nós sorrimos um para o outro. Um beijo gentil foi dado, e ele me virou mais para si, para que nossos corpos ficassem um de frente para o outro.

Adam lentamente tirou sua camisa então, sob meu olhar atento e maravilhado, e me trouxe para mais perto, tocando meus ombros e os rodeando gentilmente, em movimentos espiralados.

O toque sutil me fazia tremer, mandando a sensação de prazer dos meus punhos até a sola dos pés.

Meu choro sumia e eu aspirava seu cheiro incrível e sentia-me apertada contra a dureza majestosa do seu corpo.

Era incrível estar ali, recostada naquele peito amplo, e apoiei minhas palmas timidamente no seu peitoral, focando os olhos no tônus seu muscular fascinante. Toquei a penugem macia em seu peito sedutora, com cuidado.

Ao recostar meus dedos ali, sentindo seus pelos ralos se enroscando em meus dedos, ele gemeu virilmente.

Aquele gemido e a sensação de sua pele em meus dedos, e de estar sendo amparada por aquele corpo poderoso que poderia me quebrar se quisesse, mas que, contudo, me retinha com suavidade, gerava pontadas cada vez mais deliciosas em meu centro.

Remexia-me suavemente, envergonhada com meu prazer, resvalando os dedos por seu dorso nu e definido.

— Isso, amor, toque-me — disse, segurando minhas mãos ali, onde eu o tocava. — Seu toque é como o céu se fazendo na terra.

Os olhos se Adam se comprimiam, e por vezes ele os fechava de prazer, sendo acariciado por mim.

Meu, pensei. Ele era meu.

— Meu — falei suavemente, sem perceber, os olhos cheios de ternura.

Ele puxou minha mão e a beijou.

— Sim, eu sou todo seu, meu amor. E estou aqui para te provar que há também um céu na terra.

Era possível e belo, e meu coração parecia bater alarmado. Pela primeira vez os grilhões de meu corpo se rompiam, e eu queria ser amada.

O olhar de Adam sobre mim estava ardente e amante, e eu respirava cada vez mais dificilmente, sentindo-me incendiar.

Aquela intimidade nos guiava para algum lugar para onde não teríamos mais saída, para a concretização do que sentíamos.

Ele respirava pesado, e senti uma brusca mudança em sua expressão: ele também estava excitado.

Engoli penosamente, quando percebi que, com aquela proximidade, com o forte calor emanando de seu corpo, ele não era o único a estar excitado.

Eu estava há minutos já pulsando, alagada.

Sentia meus músculos tensos, minhas pupilas sonolentas. Os olhos de Adam tinham aquela injeção lenta e selvagem do desejo, olhando-me devagar, como se me degustasse com os olhos.

Sua mão percorreu delicadamente a lateral do meu corpo, e suspirei com o contato. A mão andou pelo fino tecido, parando em meu quadril, apertando-o. Suspirei em resposta enquanto o sentia percorrer meu corpo com gentileza e ao mesmo tempo, uma paixão febril.

Ele parou na curvatura da cintura, subindo para o umbigo, e ali apertou um pouco, com suas mãos fortes.

Queria sentir aquelas mãos sobre minha pele nua. Queria mais que tudo naquela vida. Queria-o nu sobre mim.

Ele deu um pequeno suspiro.

A mão dele continuava fazendo círculos em meu umbigo, e indo

mais abaixo, perto do triangulo de minha intimidade. Eu estava arquejante, sem conseguir parar de olhá-lo.

— Aimée, quero sentir o quanto é macia, aqui... Quero que me deixe sentir o quanto é macia por dentro, pardalzinho. — Suas mãos repousavam pelo tecido fino e gasto do vestido, e apertavam acima do meu triângulo.

A mão foi para um pouco mais abaixo. Sentia como se o contato queimasse, e afastei então sua mão.

Ele respirou, parecendo frustrado, e sua mão voltou então para minha cintura.

Era difícil me sentir invadida novamente, embora não tivesse lembranças do momento da violação.

Só lembrava da carne ardida e machucada, depois. Da sensação de nojo.

Mas estava decidida a espantar aquelas lembranças. Certas coisas vêm para nos dar coragem, para nos ajudar a querer decisões.

Eu decidia ser de Adam, e ter uma nova vida com ele, gozar do amor e do prazer que ele me oferecia.

Queria dizer a ele que queria chorar, porque eu achava que eu não merecia.

Mas não queria chorar, eu o queria dentro de mim.

Sem poder resistir, acariciei seu cabelo castanho e macio, que agora estava adoravelmente despenteado.

Eu sabia o que estava por vir, e ele também.

Era mais do que querer: era uma estranha e dura necessidade.

Necessitávamos um do outro como um ser humano necessita de seu pão cotidiano. Nossas almas pareciam se entregar, cegas, e nossos corpos procuravam, tateando-se devagar, a satisfação.

Sabíamos que nada nos deteria. E que não deveríamos parar.

A profunda emoção me tomava enquanto tremia. Ainda havia a inibição, e as lembranças dolorosas se misturando com a doçura do toque de Adam.

Ansiava para que o sexo tivesse outra forma, outro nome, outra face.

Eu sabia que aquela seria minha primeira vez.

Ele então levou uma mão para meus cabelos, deslizando por meu rosto.

— Tudo bem, *chérie*, logo mais tentarei de novo. Não precisa temer. Meu corpo quer conhecer o seu, quero estar dentro de você. Não doerá, Aimée, será muito bom — disse suavemente.

Eu sabia que se ele tentasse novamente, dessa vez, eu cederia. Sentia

meu corpo relaxar, e assenti com a cabeça.

Ele deu um pequeno sorriso de triunfo com minha aceitação.

O beijo que Adam me deu depois, segurando minha bochecha, foi extremamente doce. Cálida pressão que foi se tornando insistente e poderosa.

Ele abriu minha boca de forma persuasiva, deslizando a língua tentadora e apertando-me contra si. Voltei a arquejar em resposta, aproveitando a invasão lenta e calorosa, saboreando sua língua e me deliciando com seus gemidos viris. Sua mão calejada em meu rosto me fazia arrepiar enquanto ele me beijava voluptuosamente, a língua fazendo movimentos que eu sabia que imitavam a penetração.

Meu sexo pulsava, umedecendo-me mais, e sem perceber, eu abria um pouco as pernas.

Senti seu membro contra minha barriga, quente e endurecendo cada vez mais e então ele interpôs lentamente sua perna sobre a minha, posicionando-se. Ele fazia uma pressão suave contra meu corpo, sob a fina proteção da roupa.

Enquanto suas mãos avançavam por minhas costas em carícias suaves, ondas de prazer já me deixavam tonta.

Senti-o deslizar sensualmente as mãos por meu corpo. Quando parava de me beijar e me observava, seu olhar escuro e poderoso me

perturbava, suas mãos ataçavam-me, seus gemidos me enlouqueciam e me faziam suspirar mais ainda.

O pulsar entre as minhas pernas estava cada vez mais pungente e revelava que eu estava realmente disposta.

Suas mãos pousaram no meu colo, ali, perto de minha cicatriz. Meu coração batia forte, e algo me dizia que ele sabia o que eu estava sentindo.

— Tranquila, meu amor, tranquila... Quero ver o que é meu, quero ver o que eu amo... Vou te deixar nua, e vou te possuir com tudo o que tenho.
— Sua voz e a ordem implícita que estavam em suas palavras me fizeram me contorcer intimamente, e ao mesmo tempo, sentia-me tranquilizada com o que ele exigia.

Ele parecia estar tomando controle total do meu corpo.

Os dedos de Adam tremiam quando os vi irem para os botões de meu vestido, abrindo-o até a cintura.

Ele os desabotoou nervosamente, e quando sua pele tocou a minha, eu arquejei em aceitação.

Longos dedos faziam um caminho tão erótico quando celestial em minha pele sensibilizada.

Depois seus lábios tocaram toda a linha de meu queixo quando estiquei meu pescoço, e uma língua suave me percorreu, e dentes arranhavam

minha pele, junto da barba, transmitindo calafrios que tomavam a coluna e todo meu ventre.

Por fim, percebi que suas mãos se apressaram a descer meu vestido, resvalando os dedos suavemente por minhas pernas e minhas coxas sensíveis.

Fiquei diante dele apenas de calcinha e sutiã, e percebi que seu corpo pesado voltou a se sobrepor ao meu, suas grandes mãos fazendo suaves movimentos em meu quadril.

Adam devagar tirou o resto de minhas peças, e então ele suspirou languidamente ao me olhar inteiramente nua.

— Linda, perfeita, você é divina de um jeito que não pode imaginar — falou, suspirando.

Ele se acomodava em mim, e senti a dureza de seu sexo contra minha coxa nua. Desejei fortemente me aproximar de seu pênis grande e ardente, sentir o seu poder.

A curiosidade, a dolorosa necessidade estava mais forte que meu temor, mas eu numa mistura de medo e prazer, tremia e vacilava ainda.

— Aimée, não tenha medo, não tenha medo do que está por vir — Sua voz de veludo dizia de longe.

Algo em mim ainda tinha medo, e outra parte, queria se abrir como uma flor para recebê-lo.

Ele me hipnotizava. Eu daria tudo o que ele exigisse, eu sabia. Se uma parte de mim lutava para se resguardar, uma parte muito maior me obrigava a ceder.

Sua boca desceu para mais um delicioso beijo de posse, enroscando sua língua na minha, e eu quase chorei de emoção, e Adam trouxe-me mais para si, abraçando-me com seus braços fortes.

Um pequeno infinito se fazia ali entre nós, enquanto estava em seus braços e sentia todo meu corpo sendo tocado pelo dele.

Quando ele cuidadosamente se friccionou mais contra mim, eu gemi.

Sua boca continuou explorando meu colo, evitando minha área machucada, e dessa vez, seu rígido pênis descansava contra minhas coxas, com apenas a leve proteção do tecido, e aquele veludo sobre ferro quente me deliciava.

Era íntimo e delicioso, e não me assustava, eu percebi. Eu apenas respirava de ansiedade. Meu vazio interior estava palpitando por ele, palpitando por ser preenchida e eu fechava os olhos quando ele roçava os lábios por mim.

Aas mãos de Adam continuavam itinerantes e deliciosas, apossando-se do meu copo. Marcava posse com seus dedos percorrendo minha pele.

Eu me deleitava com seus gemidos, e me contorcia entre seus dedos,

enfiando minhas unhas nos seus ombros nus e musculosos.

Meus bicos estavam doloridos de tão sensíveis, e ele parecia adivinhar o meu tormento quando os tocou, repuxando-os, brincando com eles.

Círculos de prazer eram riscados em meus mamilos, eu queria chorar de tanta excitação, jogando minha cabeça para trás, choramingando.

Era disso que se tratava. Podia sentir prazer. Imenso prazer, imensa paixão emocionada. Meu ventre vibrava, excitado. Meus mamilos se empinavam de tanto tesão.

O sexo quente de Adam se chocando contra minha pélvis me enlouquecia, e saber que só havia a proteção da calça...

Eu lambia meus lábios, vencida pelos redemoinhos de prazer.

E quando sua boca quente desceu para meus seios, arfei alto. A boca se fechou sobre um mamilo túmido, provocando-o. Leves mordidas levavam tremores por meu corpo. A língua tracejava, provocava. Adam sugou os mamilos que se eriçavam cada vez mais, como picos latejantes de tensão acumulada.

A língua vibrando, lambendo meu seio, chupando em seguida. Gemidos morriam em minha boca., enquanto mordia os lábios de prazer contido.

As ondas eróticas no entrepernas aumentavam, eu estava latejando de um forma insuportável, e puxava os cabelos de Adam sem perceber que a cada rodear de sua língua, a cada repuxar em meus mamilos de sua boca hábil e molhada, eu me sentia quase morrer tamanha intensidade de sensações.

Sua mão foi deslizando, sinuosa então, por meu ventre, até pousar tranquilamente nos pelos macios do meu sexo.

Eu estava tão incrivelmente excitada e ardia tanto lá que nem percebi, apenas gemi de necessidade quando ele pousou ali sua grande mão, tomando posse.

Um pequeno sorriso apareceu em seu rosto enquanto se ergueu para me olhar.

Seus olhos estavam delirantemente sensuais e profundos, seus cabelos despenteados de uma forma selvagem.

Engoli em seco ao perceber sua mão quente pousada ali, mexendo-se gentilmente por cima dos pelos.

— Não deve me temer, amor. Quando amamos, é a melhor coisa do mundo. A melhor das sensações. É a nossa troca de prazer. Eu quero te encher de prazer porque te amo.

Minhas mãos se entrelaçavam em sua nuca, maravilhada,

Sua voz era como um bálsamo, seu olhar como o aconchego quente

e sensual. Um véu de ternura e calor sobre mim, enquanto ele acariciava meus pelos púbicos, sem tirar os olhos dos meus.

— Quero brincar de prazer com você — disse, beijando-me e colocando sua língua em minha boca, para que eu a sugasse, e eu obedeci.

Quando a mão dele tentou ir para a carne interior, algo desconhecido me enervou, e apertei as coxas, fechando-as, respirando assustada contra sua boca.

— Deixe, querida, deixe. — murmurava a voz aveludada, os olhos densos de desejo tão perto dos meus.

Ele voltou a me beijar e fechei os olhos. Sua voz me acalmou inteiramente, e sentia que meu corpo relaxava sob sua ordem.

Suas mãos forçaram passagem por entre minhas pernas, vasculhando com calma. Os dedos desceram pelos lábios vaginais melados, acariciando as dobras úmidas.

Ali, onde só havia antes dor e vazio, um prazer alagado se formava sob seus dedos que me acariciavam. Um deles se introduziu dentro de mim com calma, fazendo com que Adam grunhissem, e quando seu outro dedo começou a rodear aquele pequeno botão que me matava, eu me senti literalmente ronronar.

Ele continuou usando os dedos ritmicamente, dentro de mim,

enquanto eu me esfregava em sua mão, ofegando enquanto ele quase rugia.

Adam mordia todo meu colo, e eu gemia de prazer e de dor.

Estava extremamente úmida. Por mais que eu o temesse, meu útero o buscava, minha entrada o procurava.

Meu corpo se remexia em torno de sua mão, involuntariamente. Meu sexo me atormentava, e sentia o líquido escorregadio de minha excitação em sua mão.

Ele vencia minhas resistências, preenchia meus vazios. O desejo me dava medo, mas eu o desejava, e a cada toque, eu via que ele sabia exatamente o que fazia, nutrindo minha necessidade de seu toque, de unir-me a ele.

Seus dedos me torturavam, eu sentia aquela vontade de gritar insuportável, a sensação concentrada querendo me fazer chorar.

Quando achei que algo iria explodir, ele tirou então seus dedos de mim, arquejante. Olhei-o sem nada entender enquanto passei a tomar ar, e choraminguei. A sensação no entrepernas retrocedia e eu o olhava confusamente.

Sentia minhas pestanas batendo.

— Quero que alivie com meu pau, princesa — sussurrou.

Aquela palavra que eu jamais havia ouvido me deixou maravilhada.

Sabia que se referia ao sexo duro. Eu tinha consciência dele ali, o tempo todo, contra mim. O jeito como ele falou me excitou de um modo que eu não poderia imaginar.

Suas grandes mãos voltaram a tocar meu corpo, e seus dedos passaram a rodear meus mamilos, repuxando. Seu corpo acalorava o meu, arrastava-me para seu abrigo.

As mãos deslizavam pelo interior das minhas coxas.

Braços potentes me cercavam, tomava minhas nádegas para si, apertando-as, obrigando-me a abrir-me mais.

Queria que me estreitasse mais, para sentir a dureza dos seus bíceps, as costas fortes, o maravilhoso peso sobre mim.

Ofegante, observava Adam me puxar para o centro da cama, posicionando-se.

Ouvi o barulho de suas calças se abrindo, o tilintar hipnótico do cinto. Por alguns segundos, vislumbrei seu pênis nu, e me contraí.

Eu sabia que era grande e grosso, mas agora, sabendo que ia ser penetrada, um pouco de medo me fez me retraindo.

Tsc tsc tsc, ele fez, balançando a cabeça negativamente, como que me repreendendo por tentar me fechar.

Suas pernas musculosas separaram novamente meus joelhos.

Sentia-me fraca, enquanto ele se mostrava forte. Ali, no meio da cama, os braços firmes me retendo.

— Abra-se para mim, quero entrar em você.

Ele voltou a se posicionar. Choringuei em resposta quando senti sua cabeça contra minha entrada, um misto de receio e prazer.

Suas mãos pousaram em meus quadris, acalmando-me, a mão em meu traseiro, apertando-o. Sentia-me acalmar novamente enquanto a grande cabeça melada estava em minha entrada, brincando um pouco, umedecendo-me. Era delicioso, quente...

— Xiii... Quieta... Apenas me receba, querida... Só isso.

Ele afastou então os cabelos de minha orelha, e relaxando sobre mim, disse em meu ouvido, a voz suave e rouca me deixando tonta de prazer.

— Não haverá memória de outro aqui, amor. Esse lugar me pertence. Você é minha. Farei com que esqueça tudo, eu prometo.

Sentia minhas resistências sendo aniquiladas quando ele plantou um pequeno beijo no lóbulo de minha orelha.

Eu cedia ao olhar e à força daquele Deus pagão que me amava.

O calor do seu sexo era tentador. Duro, quente, úmido. A respiração selvagem era convidativa, assim como a sensação firme e segura de seus músculos.

Posicionou-se, uma sombra se fazendo sobre mim, e sua cabeça continuava a brincar em minha entrada, torturando-me.

Um riso suave e perverso brotou de sua voz.

— Devagar, assim? Você gosta, que te acaricie devagar? — murmura entredentes.

Assenti com a cabeça, colocando minhas mãos em sua nuca e puxando os fios que estavam lá em resposta.

— Deixe-me conhecer a sua carne... assim, isso... — pedia, enquanto seus quadris se moviam contra mim, lubrificando-me.

O desejo primitivo de receber fazia com que eu cedesse. Seu rosto se arrastava sobre o meu, atíçando-me.

A barba roçava todo meu pescoço, seus dentes mordiam o lóbulo de minha orelha.

Ergueu melhor meus joelhos dobrados, separando bem minhas pernas. Minha intimidade estava palpitante. Seu sexo ia de encontro ao meu, duro e melado.

A ponta do pênis perpassava por minha entrada, brincando, seduzindo, umedecendo.

Queria tragar aquele grosso e grande pênis latejante de uma vez, algo em mim estava ansiando por recebê-lo. Algo poderoso e primitivo.

Ele me olhava feroz e atentamente, segurando-me na nuca, puxando-me um pouco os cabelos, quando senti sua mão debaixo de meu traseiro, elevando um pouco meu quadril.

Então ele se interpôs e me penetrou de uma vez, o mais profundamente que pode.

Um pequeno urro de surpresa saiu do mais profundo de minha garganta, o medo de sentir uma dor intensa, mas não.

Uma pequena dor, muito inferior à de ser violada, veio-me. Adam gemia suavemente, enquanto entrava cada vez mais fundo, até que parou.

Percebi que agora estava totalmente preenchida, e emití agudos gemidos de dor e prazer.

Ele fora lento e cuidadoso, e agora me olhava suspirante. Vagueava meu rosto com seus olhos cinzas que agora estavam mais escuros que nunca, um azul como uma noite estrelada. Ele permanecia ali, parado, enchendo-me com seu pênis quente, procurando minha expressão.

Não havia mais um hímen ali, mas havia a minha pureza. Meu amor e minha esperança.

Entregava a ele o meu maior tesouro. O meu amor, a minha feminilidade, e estava maravilhada de senti-lo dentro de mim.

Sua cabeça desceu sobre a minha, seus fios selvagens roçando em

meu colo, enquanto dava-me um misto de beijo e mordida no pescoço, e então eu o abracei, trazendo-o para mim, entrelaçando-o devagar e corajosamente com minhas pernas.

Ele arfou de prazer com minha recepção, e levantou a cabeça para me olhar, beijando-me nos lábios em seguida, oferecendo sua língua quente e buscando a minha.

— Adam, amor... — sibilei, quase chorando entre seus lábios.

— Você é minha, meu amor, você é minha. — disse, puxando levemente meus cabelos.

Arqueei-me mais em direção a ele, oferecendo-me em resposta. Eu era completamente sua.

Adam parecia saber disso, e então, ele começou a se mexer. Começava a sua posse completa.

Os movimentos eram firmes. Ele se elevava e descia, e seu pênis penetrava mais forte, mais fundo.

Minhas mãos estavam em seus cabelos enquanto eu o despenteava.

E eu experimentava cada sensação misteriosa. Em verdade, aquela era minha primeira vez, e ele sabia disso.

Da outra vez, fora uma violação, e Graças ao bom Deus, eu desmaiara. Talvez não tivesse suportado se não houvesse desmaiado.

Mas Adam havia cumprido o que havia dito. Não havia mais nada lá, não havia ninguém além dele. Só havia Adam Page, seu corpo poderoso e seu pênis indo e vindo em meu interior, enchendo-me de prazer convulso.

Tentava me acomodar aquela maravilhosa sensação de prazer e sujeição. Era um atordoamento terrível, um prazer próximo da dor enlouquecedor.

Sentia ânsia de algo inominável, aturdida. Sentia um ponto em mim vibrar, querendo algo, e me aproximava mais dele, em pequenos gemidos desamparados.

Adam continuava sujeitando-me, dominando-me. Recebia cada investida, ouvindo seu gemido rouco.

Ele fazia seus movimentos rítmicos e pendulares marcando posse e eu estava cada vez mais alagada de prazer, sentindo pressão naquele pequeno ponto obscuro que me atormentava.

Sua língua voltou a se enroscar com a minha, ávida e inquietante, a sensação molhada de sua boca me deixando ainda mais louca e desnorteada.

Quando ele começou a apalpar novamente meus seios com suas mãos e então passou a pinçar meus mamilos, rodeando-os enquanto me penetrava com dedos e me beijava, algo em mim explodiu.

Algo que meu corpo esperava, como uma liberação.

Sentia o pequeno ponto liberar espasmos e espasmos de prazer, e meu sexo se molhar mais e se contorcer apertando o membro de Adam.

Nunca havia sentido algo assim. Parecia um céu sensual. Os movimentos de Adam precisos e urgentes prolongavam aquele prazer em ondas que faziam vibrar todo meu corpo e eu lacrimejava e gemia , vencida, enfiando os dedos em suas costas e me debatendo debaixo dele.

Dentro de meu estupor, foquei os olhos em Adam, que se movimentava sobre mim, apertando meu rosto agora contra si enquanto me dava estocadas fortes. Um fio de suor banhava seu rosto.

— Deus, você é tão linda, tão linda... — ele murmurou.

Com uma expressão facial estranha, senti-o então parar sobre mim. Arfando e rugindo roucamente.

Ele ergueu meu quadril e então me penetrou profundamente. Senti seu sexo latejar forte dentro de mim, expulsando um líquido quente em jatos deliciosos.

Compreendi que era ele que agora experimentava aquele abandono. Observei maravilhada sua expressão facial de prazer, seus olhos injetados de luxúria, enquanto me enchia de sua semente.

Abracei-o, retendo-o contra mim, sentindo que minha paixão transbordava junto.

Ele pareceu então relaxar, e sentia vagorosamente seu pênis parar de pulsar.

Finalmente eu me sentia feminina, eu sentia que pertencia a alguém.

Aquilo era o mais próximo do céu que eu conhecia: a sensação de Adam dentro de mim, a sensação de todos os meus vazios preenchidos.

De repente, eu não temia mais nada. E não sentia vergonha de meu seio machucado. Senti tanto prazer que esqueci.



Capítulo 22

Ele ainda estava dentro de mim quando ficou de lado e me puxou, até retirar seu pênis. Uma sensação úmida e deliciosa estava em minhas pernas.

Adam me beijou e eu sorri.

Suas mãos afagavam meus cabelos, e assim permanecemos, descansados.

— O que achou? — ele perguntou, num sorriso.

— Está inseguro? — Olhei para cima, para seus olhos sorridentes.

Ele deu de ombros.

— Talvez. Ou apenas eu seja vaidoso. Quero saber se foi tão maravilhoso para você quanto foi para mim, e se posso, por favor, repetir, repetir e repetir... — ele disse, numa risada charmosa, passando a mão em seus próprios cabelos.

Recostei mais minha cabeça, rindo contra seu peito, acariciando gentilmente seus pelos e depositando um beijo ali, perto de seus mamilos castanhos.

— Achei que ia enlouquecer em certos momentos — confessei.

E era verdade. Foi arrebatador.

— Essa era a intenção...

— Seu sujeitinho convencido... — falei, divertida.

Ele me estreitou em seus braços, beijando o topo de minha cabeça.

— Quero deixá-la feliz e radiante. Garanto que penetrar você me deixa assim.

— Estou feliz e radiante — falei, sentindo-me deliciada com seu abraço. — É melhor do que eu imaginava.

— Assim é a felicidade, Aimée... Sempre melhor do que imaginávamos, sempre mais do que merecemos.

Seu tom de voz de repente se tornou melancólico e passional.

— Você é mais do que mereço, Aimée. — Baixou seus olhos para mim e pegou em meu queixo, deslizando os dedos por meus lábios, fazendo-os se abrirem, colocando o dedo ali, em minha boca, sentindo meus dentes, minha língua, e voltando a passar o dedo úmido em meus lábios.

— Você é toda beleza que pedi na vida e não mereci — Ele diz, num sorriso triste.

— Não diga isso, Adam. — pedi, aflita, pegando a palma de sua mão e a beijando, e depois a segurando contra minhas mãos. — É claro que você

merece ser feliz.

Ele levou a outra mão para meus cabelos, colocando-o detrás de minha orelha, e me deu um sorriso de canto.

— Não sei se eu mereço, mas estou feliz. E uma coisa eu te garanto: não vou deixar você escapar nunca mais. Escapou uma vez, mas não escapará novamente. Você é a minha felicidade, Aimée. E espero de coração merecê-la — disse, pousando um beijo doce em meus lábios.

Levantei-me e fiquei com os cotovelos em seu peito, acariciando seu rosto, sua barba, suas sobrancelhas, o coração explodindo de ternura e graça, sentindo-me tão feliz, tão completa.

Mas eu o entendia. Eu sabia o que era não me sentir digna de felicidade, mesmo que jamais tivesse sabido entender o porquê, como também não entendia os infortúnios que se deram em minha vida.

Mas a felicidade estava ali, na minha frente. E agora que eu a conhecia, eu jamais a largaria, e lutaria por ela com todas as minhas forças.

E eu era forte.

Tomei o rosto de Adam entre minhas mãos, e respirei fundamente antes de lhe dizer.

— Roubou meu coração, Adam Page. Ele não me pertence mais. — Minhas mãos deslizaram por seu peito, e pararam na sua caixa torácica, onde

batia seu coração, firme e ritmicamente. — Ele está aqui, junto do seu. Colado — Dei um riso. — Não mandei que o roubasse. Agora que me fez tão feliz, por favor, fique sabendo que vou querer que me faça feliz sempre. Nunca mais vou embora. Nunca mais, entende? — repeti, comovida. — Sou sua para sempre.

Os olhos dele se encheram de lágrimas, de repente.

— Para mim, Aimée... O amor significava perder. Eu tinha medo de amar. Sabe, já amei antes. De um jeito diferente que a amo agora, mas já amei. — falou, em tom confessional.

E percebi que havia uma grande carga de dor ali, e que o que ele me falasse agora, seria uma imensa carga de peso saindo de seu corpo.

Contraí meus músculos, esperando o que ele teria de me dizer. Eram os seus segredos. Eu tinha os meus, e ele os dele. E era justo que agora, íntimos, nós os revelássemos.

Uma pontada de ciúme, porém, corroeu-me quando ele falou que já havia amado outra pessoa.

— Não amei Helen com a intensidade que a amei, Aimée. Não foi uma coisa de paixão arrebatadora, um encontro de almas como sinto com você, nem nada salvacionista. Mas ela era jovem, fresca, vívida... Foi um casamento de conveniência, mas eu prometi amá-la e respeitá-la, e a tratava

da melhor forma que eu podia, com todo meu afeto e deferência. Do meu modo, eu a amei e respeitei... Ela era minha esposa, Aimée... E preciso que saiba disso. Preciso que saiba algumas coisas sobre mim. Quero ser sumamente sincero e leal com você. Não quero que tenhamos segredos. — Ele continuava em seu tom calmo e convencional, e sentia que segurava as lágrimas.

Nervosa, chocada com aquela notícia, espalmei minhas mãos sobre seus ombros, sentindo minha respiração falhar, mas concordei com o que ele disse, assentindo.

— Sim, Adam, pode falar — Encorajei-o na firme proteção dos seus braços, desejando não me sentir fraca e cair, mas a verdade é que sentia minhas pernas fraquejarem.

Ele passou a acariciar gentilmente meus cabelos na testa, com seu polegar.

Helen. Era o nome que ele dizia no hospital, lembrei. Onde estaria? Ele seria um desquitado? Entreguei-me a um desquitado? Um divorciado? Estavam casados? Fui enganada? Seria ele viúvo?

Aquelas perguntas corroíam meu ser, mas precisava ouvir de sua boca antes. Precisava esperar o que ele tinha a dizer.

Sentia-me mal, e o olhava, paralisada.

A batalha interna que Adam sentia, seu desconforto em seu rosto crispado, porém, fez-me ter uma estranha vontade de confortá-lo. Não parecia ser nada fácil o que ele pretendia me contar.

Até que engoliu em seco, juntando as sobrancelhas, numa expressão pesada.

— Antes de falar sobre Helen, porém preciso falar sobre algumas outras coisas, *chérie*. Precisamos ser claros um com o outro, não é assim? Sabermos tudo um sobre o outro, concorda? Uma relação só começa bem com a verdade.

Tentei respirar, acalmando-me.

— Sim, é assim. Concordo. Claro, pode falar — respondi, tentando soar madura. Mas estava tremendo por dentro, e percebi que por fora também, e isso não passou despercebido por Adam.

— Conhece a *Hoyt Speed*? — indagou, de repente.

Ele continuava a me olhar, estranhado. Fechei meus olhos. Hoyt. O nome Hoyt.

Ele era então da *Hoyt Speed*, a indústria armamentista mais poderosa da Inglaterra?

Não sei a razão, mas uma certa raiva, um certo desgosto tilintou em meu coração. Ele não era apenas rico. Ele era um dos homens mais ricos da

Inglaterra, se não o mais rico. Oh meu Deus...

— Claro! Que já ouvi falar Santo Deus! Quem não conhece? — repliquei, num tom bastante enervado, sentindo uma vontade de morder os lábios.

Ele estudava minhas expressões, as mãos ainda sobre meus cabelos, calmas.

— Sou Adam Page Hoyt, como já sabe. Conheceu-me apenas como o Senhor Hoyt, e agora como Senhor Page. Sou o herdeiro e dono da *Hoyt Speed*, Aimée. Mas seguirei sendo Adam, o seu Adam, compreende, princesa? Diga que sim, pardalzinho, que compreende que não importa quem eu sou, ou que tenha, ou o que faça para viver. Sou o seu Adam.

Tentei absorver aquela informação. Sabia que Adam era rico, e aquilo de alguma forma me incomodava. Mas acabo de descobrir que Adam não é apenas rico, era um dos homens mais ricos e toda a Inglaterra, um magnata que lucrava com a morte.

Aquilo me desconsertou de uma forma que eu não podia conceber.

— Diga que compreende, Aimée — exigiu, diante de meu silêncio incomodado.

— Acho que sim. Acho que compreendo. Você é o homem mais rico da Inglaterra, talvez, um armamentista duramente criticado no país, não é

mesmo? Não é exatamente muito correto fabricar armas, por isso tantas críticas. Talvez por isso se esconda — falei, num tom um pouco provocativo.

Também eu tinha meus ressentimentos com a indústria bélica. Na guerra, era fácil culpar quem fazia as armas.

Adam deu um suspiro que parecia muito cansado antes de prosseguir.

— Sim. Sou duramente criticado no mundo inteiro, como todo aquele que investe na indústria bélica, Aimée. E não me escondo por isso, eu não tenho vergonha do que faço. Eu tenho orgulho, se quer saber. E sobre isso, pouco me importo com críticas. Viajo sempre a Londres porque preciso trabalhar, ainda estou na ativa, e cuido da empresa junto de meu irmão mais novo, Jeremy Hoyt. Venho para cá por outros motivos. Também tenho minhas feridas, Aimée, como pode ver. Preciso às vezes de paz e descanso para curá-las.

— Você deve ser muito criticado, então é bom que não se importe...
— declarei num tom ameno, pensativa.

Respirei fundo. Estava sendo cruel. Eu o amava. Não importava o que ele fazia para viver. Não deixava de ser honesto, embora parecesse eticamente errado. Ele pagava seus impostos, certamente. Não poderia julgá-lo.

Não era criminoso por isso. Depois da guerra, eu também já me perguntava quem de nós era verdadeiro humano às vezes, tamanhas dores havíamos passado.

Mas quando o fitei, percebi os olhos de Adam magoados, e sua boca tremia.

E eu estava morrendo de ciúmes dessa Helen.

— Também fui duramente criticado quando Helen morreu, com meu filho de poucos meses nos braços, numa explosão em 1944. Disseram que mereci. Disseram que o mal retorna. Talvez você ache que seja justo para mim também, afinal, produzo armas que matam pessoas. Talvez ache justo se juntar ao coro. Mas também digo uma coisa, Aimée: também produzo armas que protegem as pessoas. E não acho que tenha sido justa ou merecida a morte de uma mulher e criança inocentes, como nenhuma morte de inocentes é.

Engoli em seco, e senti uma vontade de vomitar, e de chorar.

Fiquei em silêncio, sentindo o mundo por um momento girar de forma cruel.

Pobre Adam, tanto sofrimento... Fechei meus olhos, e as lágrimas já apagavam minha visão.

— Mereço um pouco de sua simpatia, talvez? Por produzir armas

que matem patifes como as que machucaram você ou Helen? Mereço um pouco de empatia, talvez, um rico soberbo produtor de armas? Ou uma mulher e um menino loirinho de meses indefeso morto? As coisas nunca são simples, Aimée.

Um grito sufocado de culpa e pesar por minha insolência e insensibilidade brotou de meus lábios.

— Adam — falei, ao abraçá-lo, num soluço. — Eu sinto tanto, amor... Eu sinto tanto. Perdoe-me por ter sido cruel e injusta com você. A gente se acostuma a criticar sem pensar. A guerra foi muito dura, é fácil atacar as armas. Sinto tanto por Helen e seu bebê...

Não podia naquele momento compreender o tamanho de sua dor.

Senti seus braços me rodearem em resposta, e ele suspirou entre meus cabelos.

— Por favor, me perdoe — disse, beijando seu rosto, desesperada — Perdoe-me, amor— repeti, chorando, olhando-o nos olhos e acariciando seus cabelos. — Você merece, merece toda simpatia no mundo, meu querido. Toda simpatia e todo meu pesar, por favor, me perdoe... Estou profundamente sentida.

Ele beijou minha mão, e colocou minha palma em sua face. Acariciei sua barba, cheia de dor e ternura.

— É claro que perdoo — ele disse, pesaroso. — Foi uma dor terrível, Aimée — continuou, num suspiro. — Não o conheci, o pequeno Adam Junior. Estive o tempo todo na guerra, como tantos homens que não conheceram seus filhos. De algum modo, eu havia morrido ali, naquela explosão.

— Eu sinto tanto... — continuei, controlando as lágrimas e afagando seu rosto, lembrando dos pesadelos de Adam no hospital, e sua boca gemendo o nome daquela mulher algumas vezes.

— Quando você me conheceu, passarinho, eu era um homem decidido a morrer. Profundamente desencantado. Não sei como havia escapado de todas as encrencas em que me metia. Eu fui condecorado por bravura várias vezes, acredite. — Ele riu, de repente. Um riso triste. — Eu me tornei quase um *kamikaze*. Acho que Deus tinha planos para mim quando me deixou viver e me fez ficar diante de você, uma princesa com voz de pardal, pedindo um príncipe, descendo seu rosto de anjo sobre mim num hospital. — falou, cheio de candura.

Tomou meu rosto em suas mãos, sorrindo.

— Minha linda, minha princesa, ali estava você, oferecendo sua vida para mim...

Contive minhas lágrimas ali.

Apenas consegui beijá-lo com toda minha alma em resposta, tentando fazer passar meu coração em meus lábios.

Mas nada poderia descrever o amor que estava sentindo, nada. A vontade que tinha de acalantá-lo, de protegê-lo, de jamais causar-lhe mais qualquer dor.

Ser sua esposa, dar seus filhos. Recompensá-lo por todas suas perdas. Todos aqueles desejos e sensações gritavam em mim, em agonia.

— Amor, meu amor, meu Adam... — Abracei-o mais...

— Meu pardalzinho, minha princesa... Como você cantava bonito, Aimée... — ele falava num suspiro contra meu cabelo, afagando-o. — Como você tem capacidade de me curar, como você é tudo o que preciso... Arrependo-me tanto de não ter insistido mais na época... Sei que fui atrevido, assustei você tanto, e você sumiu... Naquele tempo, a morte de Helen era recente, e eu me senti culpado por me sentir tão apaixonado por você naquele instante. Tentei lutar contra o que sentia. Que idiota. Você tinha ido, e havia deixado um nome falso. Por que fez isso?

Afastei-me para melhor olhá-lo, profundamente encantada por suas palavras.

— Não queria ser importunada — respondi, um pouco sem jeito. Não queria falar sobre meu passado, sobre Josef...

Ele tirou uma mecha de minha testa

— Garota esperta, eu não a teria largado. — Sorriu debochadamente.
— Teria seu príncipe manco, ao seu lado.

Eu ri com aquilo.

— Eu iria amá-lo, como o amo agora.

— E eu iria amá-la com tanto fervor como agora, pardalzinho. Não seria esse homem triste que você conheceu aqui em Horsham. Venho em Horsham para ser um homem comum, em recuperação. Sem manchas de sangue nas mãos, sem pensar em Helen e no bebê, sem pressão da empresa, relaxando vendo a natureza. Faz-me bem caminhar nos campos aqui, ajuda minha perna. Sinto um pouco de dor ainda, mas nada demais. Contudo, seu príncipe é quebrado — ele disse, num sorriso melancólico, beijando-me docemente.

Cutucando sua barba, e beijando seu queixo, eu disse, então, pensativa.

— Desde criança, veja só, eu sonhava com um príncipe, e eu estava ali, no hospital, cantando na janela, quando meu príncipe estava ali, careca numa cama.

— E tarado! — Ele riu de repente, enxugando os olhos emocionados. E endemoniados, de repente.

— É verdade, enfermeira! Não faz ideia de como estava duro debaixo daquele lençol que você nunca levantava. Sequer banhava meu peito, sua malvada. Mas tudo bem, eu estava um trapo.

Dei um gritinho horrorizado.

— Adam! Quanta safadeza!

— Pois é, meu amor, esperamos quase 5 anos para você descobrir que iria amar minhas safadezas.

— Acredito que sempre vou amá-las, suas safadezas — disse de todo meu coração.

— Que tal provar um pouco mais delas agora? — Ele me olhou, então, com ar sedutor.

Uma onda de luxúria de repente me tomou, e aquela palpitação íntima passou a me tomar, devagar.

Minha respiração se inquietou.

— Quem sabe — provoquei, inclinando-me mais para ele, e sentindo sua ereção em resposta contra minhas coxas, crescendo.

Ele abriu um largo sorriso em resposta, e num gesto hábil, rodopiou-me e eu de repente estava debaixo dele, abraçando-o e enchendo minha mão com seus cabelos.

Eu o amava tanto que doía.

Eu o amava desesperadamente.

— Venha me consolar, querida — chamou, baixando sua cabeça e sugando meu seio em resposta.

— Sim... — assenti, apertando sua cabeça contra meu seio, arfando fragilmente, tomada pelo estupor da excitação.

Gemi quando sua boca arranhou meu mamilo.

Por fim ele subiu seu rosto, e o ouvi falar baixinho contra meu ouvido, enquanto sua mão me segurava firme pelo quadril, de modo possessivo.

— Vou ensinar seu corpo a me consolar de várias formas, *chérie*...

Eu mal podia esperar...



Capítulo 23

ADAM PAGE HOYT

Uma semana depois...

Aimée estava corada e linda de doer. Irradiava calor, brilho e vida. Estava lindamente cansada, e a danadinha era rápida ao pedalar.

— Estou quase te alcançando! — gritava sorrindo.

Não andávamos muito rápido, porque estávamos carregando cestos para um piquenique em seguida.

Eu também não conseguia pedalar tão rapidamente com a leve dor que sentia, mas tudo bem.

Eu a havia convencido a pedalar pelo campo naquela manhã. Ela não teria aula. Aliás, não a estava deixando dar aulas, e todo os dias a convencia disso. Era a nossa lua de mel, a nossa nova vida.

Precisava penetrá-la, beijá-la, beber seus risos constantemente, e aquele seria mais um momento docemente romântico que estávamos vivendo naquele dia.

Amávamos conversar, estar juntos, sentir a natureza nos tocando,

abraçarmo-nos no frio em nossas varandas.

Havíamos no tornado dois vizinhos devassos e desavergonhados, e já estava na hora de honrar a minha garota e fazê-la oficialmente minha, mas isso ela não sabia. Não que eu planejava fazer as coisas com tanta rapidez.

Um lindo anel já havia sido cuidadosamente encomendado por minha secretária. Um tesouro, como ela merecia.

Eu havia preparado o carro e deixado perto do local escolhido com cobertas e uma barraca caso quiséssemos dormir por lá.

Mas isso era surpresa, e ela não sabia. Havia até um delicioso vinho para tomarmos, um *cabernet* suave, como Aimée gostava.

Nos dias anteriores, eu a havia convencido a mentir dizendo que estava doente para não dar aulas.

Ela quase me bateu por isso, mas cada vez que eu a penetrava, eu a fazia me perdoar.

E ela pedia que eu pagasse mais, cada vez mais caro e mais fundo em seu corpo, por aquela mentira.

Merecíamos aquele prazer, aquele desfrutar ameno da vida. Aimée merecia sorrir, e eu também.

Pior que quando passeávamos por Horsham de mãos dadas, chocando as senhoras e as garotas, ela parecia maravilhosamente bem. E

ainda afirmava: “se você quis me marcar como sua, agora te marco como meu! Infelizmente, não falta quem te ponha olhos cobiçosos. Isso serve para espantar moças atiradinhas”.

Hoje mesmo havíamos encontrado com a Senhora Stapleton, Jodie e as demais garotas na cidade, quando fomos comprar mel.

Não havia mais o que esconder. Todos cochichavam. Como ela havia dito, há muito erguia o queixo e seguia.

Aimée tomava minha mão com orgulho, distribuindo bons dias e as mulheres, é claro, arregalavam os olhos e riam com nossa devassidão. Praticamente morando juntos sem estarmos casados.

Dane-se. Ela seria minha esposa, já estava decidido. Que falassem mal. Logo levaria Aimée comigo, para minha vida em Londres e em outras cidades, para o idílio que escolheríamos.

Chamaria aquelas senhoras fofoqueiras para o festejo, se Aimée assim desejasse, mas pouco me importava. E para ela, eu entendi que pouco importava também.

Tudo o que me importava era ela, sua felicidade que consequentemente também era a minha felicidade.

Era incrível como a felicidade nos moldava.

Aimée não sabia que eu a pediria em casamento, mas de algum

modo, sei que ela sentia que eu pediria, afinal, ela havia exigido aquilo antes. Ela sabia que era questão de tempo nosso enlace oficial.

Eu não a desonraria, ela sabia. Eu havia prometido.

Sim, eu realmente tinha de tratar da reputação de Aimée... Ela estava se entregando sem reservas, docemente. Confiando em mim enquanto eu me aproveitava, mas eu sabia que ela havia dito que era para casar, e estava confiando nisso.

Depois de toda essa desonra e falatório, eu iria honrá-la e fazer dela a minha senhora Page Hoyt.

Pela primeira vez na vida eu me sentia digno de toda aquela felicidade transbordante. Eu estava completamente apaixonado por aquela mulher, por seu corpo, por sua alma.

Aimée desabrochava como flor. Uma flor feliz. Nada combinava mais com ela do que a multidão de girassóis que nos acompanhava no trajeto de bicicleta.

Aimée era como um girassol, resistindo ao inverno, buscando o Oriente.

Não havíamos nos desgrudado praticamente desde a nossa primeira vez. Parecíamos duas crianças felizes se descobrindo.

Deus era bondoso conosco. Era uma linda manhã de inverno amena,

e fazia um leve sol que nos aquecia.

Aimée era uma visão adoravelmente dourada pedalando, seus cabelos agora soltos brilhando e esvoaçando. Ela era uma pintura de Renoir.

A vida era nossa, o futuro também. Só queria colocar meu passarinho nos braços e erguê-la aos céus. Faria isso hoje, e depois a derrubaria nos colchonetes e edredons que havia trazido, e faria amor com ela, longamente.

Aimée usava hoje um leve vestido de algodão amarelo que lhe dei, porque queria levá-la para perto das plantações de girassóis para um passeio.

Eu a queria com cores. Ela ficava simplesmente divina com aquele monte de suavidade e frescor sobre seu corpo jovem e amado.

Nossa vida havia sido cinza demais, era hora de alegrá-la e colori-la.

Quando chegamos, aproveitei para olhar as coxas firmes de Aimée que ainda estavam túrgidas pela bicicleta

Dava para ver um pedacinho delas, acima do joelho, quando ela desceu da bicicleta.

Peguei-a pela cintura, de assalto, e então a rodopiei.

— Seu louco — ela disse, balançando os pezinhos que se erguiam do chão e esticando o pescoço em direção ao sol.

Apoiou as mãos sobre meus ombros, e me ofereceu o seu melhor sorriso.

Deus, como ela era linda.

— Você é meu presente, Aimée, e estou te agradecendo aos céus.

Ela quase chorou ao ouvir aquilo, tapando a boca e a desci devagar pelo meu corpo, enquanto colhia seus lábios com os meus, num beijo perfeito.

— Como posso continuar viva depois de ouvir coisas tão lindas assim, Adam? — falou, beijando-me mais uma vez. — Você vai me infartar, meu pobre e tolo coração não aguenta coisas tão emocionantes assim! Seu lindo! Meu lindo, meu amor!

Olhei seu cabelo despenteado com o vento. Como ela era maravilhosa.

Brincando, ao colocá-la no chão, dei-lhe uma pequena rasteira, e ela respondeu com um gritinho.

— Seu pateta! Seu pateta lindo e charmoso!

Desci sobre ela, fazendo cócegas, segurando seus braços com a cabeça e capturando sua boca com um beijo.

Ela mordeu minha boca em resposta.

— Sua sanguinária. — Ri, divertido.

— Não, é excesso de amor, preciso beber seu sangue para viver —
ela falou, com voz teatral.

Ri demais, fazendo mais cócegas em sua barriga, sentindo seu corpo
formoso se contorcendo contra o meu, excitando-me.

— Meu cabelo vai se encher de capim, Adam.

— Combina com você, passarinho. — Dedilhei suavemente seus
fios.

— Capim? Nossa! — replicou com deboche. — Não sabia que
ficava bem de verde!

Olhei-a, cheio de encantamento, deslizando os dedos por seu rosto.

— Sim, é que você é linda como a natureza. Está maravilhosa com
esse vestido claro, como um lírio do campo. O capim a adornaria. Você é a
minha pintura viva, passarinho.

Os olhos dele pareciam emotivos, e ela suspirou debaixo de mim,
abraçando-me mais. Sentia suas mãozinhas ternas em minha nuca.

— E você é como um Deus pagão sob o sol. Um Adônis na manhã,
reluzindo — disse, deslizando os dedos sobre minha barba. — Quando o via,
no hospital, ali, magro e doente, eu me perguntava que tipo de homem você
seria, qual a verdade debaixo da máscara da doença. Quando o vi na festa dos

Peterson, tão altivo e arrogante, e depois, encurralando-me enquanto caía a chuva na varanda, foi essa a impressão que tive: um Deus pagão. E isso me fez me apaixonar. Sabia que naquela fraqueza havia uma força maravilhosa, quando você estava doente, afinal, mesmo convalescente quis safadeza comigo — disse, dando um sorriso debochado, com a voz aveludada, enquanto acariciava meus cabelos.

— Estamos poéticos, *chérie*. — falei, maravilhado, enfiando meu rosto em seus cabelos e aspirando o perfume.

— Deve ser a fome! — ela brincou, os olhos cheios de brilho travesso.

Ela por fim se levantou, empurrando-me.

— Ande, pegue as toalhas e a manta. Vamos montar nosso piquenique, estou faminta, e a companhia está melhor ainda — exigiu, coquete.

Por fim parou para apreciar a paisagem verde, rodeada por uma plantação de girassóis, com as mãos na cintura.

— Está um dia maravilhoso, como você pode ser tão diabolicamente bom sobre seus palpites sobre o tempo? — perguntou, mexendo no cabelo que estava sendo um pouco bagunçado pelo vento.

— Eu não sou — Sorri, em resposta. — Apenas desejava muito um

dia bonito para ter ao seu lado, e Deus nos concedeu.

— Então obrigada, Deus, por esse dia tão belo e maravilhoso — agradeceu, e quando a olhei, ela estava com aquele maravilhoso sorriso quase infantil.

Era isso: estávamos recuperando a visão de uma criança sobre as coisas. Nós renascíamos um no outro.

— Obrigada, Deus, pela coisa mais bonita do mundo estar diante dos meus olhos. — completei.

Era um agradecimento sincero. Ela me parecia a coisa mais linda que já havia visto.

O sorriso de Aimée resplandeceu ainda mais com meu gracejo.

Eu queria viver e morrer para fazer essa mulher feliz, apenas isso.

Observei-a se dirigir a um dos cestos, e a ajudei a arrumar as toalhas e a manta, e os cestos sobre a relva.

— Adam, coloque os pratos arrumadinhos! Finja que é uma mesa! Disponha assim! — Ela vinha e aprumava, mandona, desfazendo a arrumação largada que fiz.

Nossa

— Se eu fingir que isso é uma mesa, melhorarei ainda mais aos seus

olhos? — brinquei, divertido.

— É um bom começo. — Ela piscou com sua felicidade radiante. — Sempre sonhei em arrumar uma mesa de piquenique assim. Não fazia isso há tantos anos! — Ela respirou, pensativa.

Ela me contara demoradamente sobre sua criação, seus avós, a dor de perdê-los... Tudo tão triste e comovente!

Maldisse-me muitas vezes por ter demorado a chegar mais em sua vida, poderia tê-la poupado de tantas coisas infelizes.

Santo Deus, se eu tivesse insistido quando a conheci no hospital, eu a teria protegido daqueles homens terríveis que a violentaram.

Uma culpa não deixava de me perpassar. Dói a um homem a sensação de não proteger sua mulher a contento.

No meu caso, eu havia falhado miseravelmente. Havia subestimado meus sentimentos para com Aimée quando pus meus olhos nela naquele momento. Se ela não tivesse trocado seu nome... Mas isso não teria me impedido, podia ter insistido mais no detetive...

Sabia que estava arrebatado, sabia que ela estava mexendo comigo de uma forma única e especial, sabia que ela era jovem, desamparada, com olhos assustados, e preferi sofrer e me acovardar, preso ainda à vontade de morrer ao lado de Helen e o bebê.

Eu a vi, apaixonei-me e deixei que partisse em meio àquela loucura de fim guerra para que fosse ferida.

Ela havia se ferido por minha incompetência e incapacidade de amar. Deveria ter se mantido amada e amparada debaixo da minha proteção.

Era difícil me perdoar por ter sido covarde para insistir naquela época.

Ela tirava a febre do meu corpo, sustentava-me quando eu sentia que morreria, curando-me com suas mãos de Santa, e tudo o que lhe dei em troca foi abandono.

Um flerte fracassado, uma promessa não cumprida. Devia ter insistido em meus sentimentos, mesmo doente. Devassado o mundo, como ela merecia, procurando-a.

Eu me curaria por completo, como eu havia me curado.

Ela voltou para a minha vida tarde demais.

Ficava rodeando-a em meus braços, ou a ouvindo calado, quando ela me relatava sua vida, sentindo-me atordado pela culpa.

Contara-me também da criança que ajudou a cuidar e que havia perdido o contato, a quem se afeiçoara como uma segunda mãe.

Não podia dizer a ela que cada vez que ela me falou daquele garotinho, Peter, lembrei de meu pequeno Adam que jamais conheci.

Imagens do ventre redondo de Aimée, de um filho nosso em seu seio me deixavam cada vez mais animado.

Talvez fosse nosso consolo e nossa salvação: sermos uma família. Era para isso que as pessoas se casavam, não apenas por amor, mas também para se auxiliarem juntas a enfrentar o mundo e formar uma família.

Sabia que um filho seria nossa felicidade completa.

Agora estava ali, vendo-a dispor de pratos, pequenos potes de vidro com pedaços de bolo, laranjas perfumadas e fatias de presunto.

Ela limpava os talheres e os colocava lado a lado, fazendo-os brilhar.

— Adam — falou, distraída. — Corte as laranjas em fatias e coloque nesse vasilhame! Depois as cubra com mel! Não! Ainda não! Primeiro dobre esses guardanapos — exigiu, apontando para dois grossos guardanapos de linho.

Sorri tentando ser o tolo bonzinho que ela precisava no momento, só para fazê-la feliz, adorando seu ar autoritário e concentrado de mulher prendada.

Homens às vezes se sujeitavam a isso, especialmente quando amam demais suas mulheres?

— Está bem, farei com fique feliz, passarinho. Tudo o que possa lembrar seu ninho, eu te darei. — disse e dobrei os guardanapos do jeito que

ela estava fazendo com o outro.

Ela sorriu, parecendo satisfeita.

— Que bonitinho, Adam! Isso mesmo, assim que dobramos guardanapos!

— Veja só — Eu sorri. Não é que estou me tornando cachorrinho manso e obediente?

— Oras, nós mulheres estamos aqui nesse mundo para dar civilidade a vocês, homens. Para que não sejam animais ou brutos.

Ri com aquele comparativo.

— Devo ficar feliz então ao ser mandado e civilizado?

— Claro! Agora, disponha os pratos — ela exigiu, lambendo um pouco do melado que caía do pote que havíamos trazido.

Não resisti e chupei seu dedo, provocando-a, e beijando sua boca.

— Nem tão obediente assim, querida — disse, puxando-a para mim de repente, fazendo-a se curvar sobre a manta e dar um pequeno gemido.

Segurando seu queixo com força, abri sua boca e chupei seu lábio superior com voracidade , depois o outro, demoradamente

— Viu? Atitude faz bem, Aimée. Sou homem, não um cãozinho adestrado. — Sorri maliciosamente. — Garanto que não há nada pior do que

uma mulher que consegue tudo o que quer de um homem. Confie em mim quando não obedecer, acredite.

Ela curvou seus lábios, com um ar tão inocente quanto esperto, retribuindo o beijo.

— Devo te achar sábio, Adam Page? — Ela sorriu, lambendo os lábios.

— Sem dúvida. — disse, tomando-a para mim num vigoroso beijo, os dois ajoelhados sobre o edredom.

Ela esfregou seu lindo narizinho no meu, e me mordeu o lábio inferior dessa vez, fazendo-me dar um pequeno rugido,

— O senhor é muito autoconfiante, não é mesmo, Adam Page?

— Oras, pardalzinho, você gosta disso... Se eu a obedecesse em tudo, e fosse como você, seria uma mera cópia sua. Sequer seria um homem!

Ela riu, parecendo se divertir muito.

— Hum. Acho que tem razão, pensando bem. Não gostaria de me apaixonar por mim mesma. Acho meio impossível. Além de muito sem graça. — Suspirou então, atando-me com seus braços, insinuando-se com seus lindos olhos castanhos iluminados.

Sentia seus mamilos durinhos roçando em mim, deliciosos.

— Então, vê? Há sabedoria nisso. Há graça em nossas diferenças, Aimée. Um assim completa o outro. Preciso ser sustentáculo, o homem que te protege, aquele em que você confia, e não a reprodução de você mesma, querida. Não sou uma mulher. — Ele sorriu.

Dou de ombros, sorridente, erguendo as sobrancelhas e beijando-lhe o fino pescoço, e querendo beijar muito além...

Sentia a fascinação do descontrole sexual me tomar enquanto dedilhava suas formas.

Porém, ela exigiu que nos separássemos, e daquela vez, vendo que ia por a perder o piquenique, eu obedeci.

— Viu? — ela disse, como se fosse uma menina vencendo o jogo. — Às vezes há sabedoria em obedecer. Podemos assim desfrutar de uma deliciosa comida, e de algo melhor ainda depois, se soubermos esperar.

Tudo estava íntimo e romântico. O café ainda estava quente na garrafa térmica, e foi a primeira coisa que ataquei.

Ela me olhou como se eu fosse um diabo quando viu que eu trouxe também edredons acolchoados, barraca, vinho e outras delícias e confortos.

E havia o confortável carro reclinável, é claro.

De todo modo, eu a imaginava de 4 sobre as toalhas, sucumbindo e sendo penetrada. Ainda não a havia pegado assim. Estava na hora de coisas

menos conservadoras.

Os dias estavam sendo doces e sensuais. Hoje, depois de penetrá-la no agradável clima ameno da manhã, eu a protegeria entre meus braços no frio da noite, após um belo banho quente e aromático na banheira, se ela quisesse voltar para casa em vez de dormir nas barracas,

Talvez fosse o melhor. Suspeitava que esfriasse, mesmo.

A melhor maneira de se esquentar era sempre ter um par em sua cama. Ela era meu par perfeito.

Tudo perfeitamente bom. Não queria mais nada da vida.

Tivemos um piquenique incrível, e agora, eu estava por cima dela, deleitando-me com um beijo com gosto de vinho, sentindo o corpo de Aimée arfar debaixo do meu.

Enfiava minha língua em sua boca, sem reservas, tomando posse. Gostava de senti-la sem ar no ir e vir irrefreável de minha língua.

Adorava mandar recados claros e óbvios do meu desejo. Gostaria de estar dentro dela, novamente, como havia feito várias vezes nos últimos dias, mergulhando com força, e gozando muito dentro de suas paredes apertadas.

Cada dia, derramava mais minha semente dentro de Aimée, o mais fundo possível.

No fundo, estava louco para plantar um bebê ali. Ela era o meu

amor, a minha família.

Nesse momento meu pau estava duro como nunca querendo penetrá-la.

— Amor — disse, colocando as mãos por debaixo de sua calcinha, afastando-a e querendo mordê-la ao tocar seus pelos finos. O dedo se encaminhava para sua greta úmida, sentindo a carne úmida ali, o calor e a maciez...

Ela gemeu em resposta, e colocando o dedo em sua entrada, devagar, rodeando um pouco lá dentro, provoqueei-a.

— O que acha de obscenidades no campo?

Ela arfou em resposta, respondendo à carícia invasiva que eu fazia. Deus, como ela era excitante... Como meu pau já latejava.

— Acho realmente obsceno — ofegou, apertando meus ombros, fechando os olhos de prazer quando meu outro dedo girou sobre seu clitóris.

— Ótimo, eu realmente adoro obscenidades com você, senhorita Cooper.

Sem pensar duas vezes, abaixei-me rapidamente para seu quadril e puxei sua calcinha, desnudando-a e aspirando o cheiro delicioso do seu sexo.

Meu pau se remexia, louco para meter nela.

Queria chupá-la até que ela gritasse.

Pousei a mão ali, no monte de Vênus alto e sedutor, experimentando o calor, e ouvindo sua respiração suave, e comecei a deslizar o dedo, procurando a abertura de sua greta, aproximando-me e depositando um beijo no seu púbis macio, aspirando o cheiro ali entre seus pelos, esfregando meu nariz...

Ela parecia se remexer um pouco, desconfortável.

Ela não havia me deixado fazer isso ainda. Agora era uma boa hora. Um sorriso malicioso aparecia na comissura dos meus lábios.

— Adam — Ouvi-a perguntar... — O que está tramando?

— Não precisa saber, precisa sentir... —disse, posicionando a cabeça para começar a sorvê-la...

Ela tentou fechar as pernas, mas então a olhei perversamente entre suas pernas levemente abertas.

— Hum, hum. — Neguei devagar com a cabeça. — Não se negue, mocinha. Eu a proibido de não me dar esse prazer. Esse é nosso dia especial, e quero um presente especial, disse, lambendo-lhe o sexo devagar, e beijando-o em seguida.

Ela suspirou em resposta, e enfiei então a língua em sua abertura.

— Relaxe, apenas faça isso, deixe o resto comigo. Só preciso

informar que há muito sonho com isso. Quero chupar você, amor...

Estava louco para sugá-la e prová-la. Seu sabor levemente salgado era realmente delicioso.

— Sabe quando a intimidade é insuportável de tão boa? — ela conseguiu dizer, a voz falhando, quando suguei levemente seu clitóris, rodeando-o com a língua.

Se eu não estivesse tão excitado, eu teria rido. Prefери calá-la com gemidos, quando comecei a provocar de novo suas dobras, voltando a sugar depois seu pequeno botão sensível, segurando bem suas pernas para conter os movimentos involuntários dos seus quadris.

Segundos depois, suas mãos já estavam em minha cabeça, e ela gemia em desespero.

Sentia ela me melar cada vez mais, aquele gosto tão delicadamente salgado e tão excitante, à medida em que lambia e sugava seu clitóris, parando às vezes para enfiar a língua em sua abertura e estimulá-la.

Estava ficando louco ao sentir a pequena projeção dura em minha boca, e os sons que ela emitia iam me tornando cada vez mais selvagem.

E foi delicioso quando a vi esticar o tronco e a senti gozar em minha boca. Observei-a, apertando os olhos de prazer, sentindo o membro doer de vontade de foder. Aimée abriu os lábios em desamparo e soltou gemidos

suaves enquanto a firmava segurando suas coxas, sentindo o clitóris vibrar em minha boca e seu gozo encher meus lábios.

Por fim eu a senti se recuperar, respirando pausadamente, até que, tocando na testa, esboçando um sorriso, ela disse, olhando para baixo.

— Isso foi insanamente bom. —murmurou.

Ela parecia deliciada e aliviada. Mas eu ainda não.

— Não tanto quanto o que virá agora, *chérie*. — adverti, torcendo os lábios num sorriso cheio de más intenções.

Num gemido rouco, eu me interpus sobre ela, pressionando minha boca contra sua garganta, beijando sua pulsação que ainda estava acelerada.

Ela respirava fundamente em resposta.

— Mais? — perguntou, enquanto a tocava com a língua na clavícula, após desabotoar os botões de seu vestido, expondo o gracioso sutiã de renda. Roci os dedos pela pele delicada, plantando em seguida mordidas lentas na pele branca do seio.

— Sim, querida, muito mais... — falei, levantando-me para encará-la. — Quero enfiar meu pau inteiro dentro de você — sussurrei lambendo-lhe e mordendo o mamilo que escapava do sutiã.

Felizmente Aimée estava cada vez mais à vontade com sua cicatriz. Dava-lhe sempre a impressão que não me importava, o que era a mais plena

verdade.

Ela ainda corava um pouco, mas cada vez menos.

Ela então puxou minha cabeça e senti sua boca me beijar cegamente no pomo de adão, roçando seu nariz em minha barba, enquanto evitava ainda seu sexo sensível, mas a estimulava na pele sedosa e nas curvas cheias de suas nádegas, arranhando-as com meus dedos.

Tirei então minha roupa rapidamente, desnudando-me, e fiquei, de joelhos, sob o olhar entrecerrado de Aimée.

Senti suas mãos tocando minha barriga. Estremeci de prazer ao seu toque, enquanto ela deslizava a palma suavemente por meus músculos que se retesavam.

Meu membro pulsava loucamente, o prazer concentrado e retido de tê-la sugado tão deliciosamente. O sabor dela era delicioso...

Grunhi de forma quase selvagem quando sua mão foi até a extensão do meu pau, e o segurou com cuidado, circundando-o.

Ela me olhava, os olhos curiosos de gazela excitada. Deslizei a mão por seu decote alvo, o dedo entrando na depressão de seus seios juntos, e preendi ali um mamilo, fazendo-a dar um gemido suave e excitado. Estava enlouquecendo com sua mão que delicadamente começava a me manipular, subindo e descendo a pele, explorando a cabeça, provando sua umidade.

Minha mão então num gesto rude afastou um dos seios do sutiã exposto, agarrando-o enquanto ela me masturbava.

Sua mão passou a roçar com cuidado meu pênis, indo e vindo. Fechava os olhos e aproveitava a sensação tensa e prazerosa.

Seus movimentos eram suaves, e de vez em quando abria os olhos para observar sua posição subalterna.

Era a primeira vez que ela colocava suas mãos inocentes no meu sexo, que latejava de desejo.

Minhas mãos foram para seus cabelos, agarrando-os. Sentia os fios roçarem meus pulsos enquanto meu quadril se mexia suavemente acompanhando o ritmo cadenciado de seu toque.

Quando ela se aproximou mais, e roçou sua língua como seda quente na minha barriga, eu quase enlouqueci.

Eu iria gozar, não poderia mais suportar.

Puxei então suas mãos, juntando-as, e a olhei de modo feroz, a respiração descompassada. Aimée estava de lábios entreabertos.

Fui para cima de Aimée, então, beijando-a, penetrando minha língua em sua boca com desespero, derrubando-a na colcha macio que havíamos improvisado, segurando suas mãos no alto da cabeça, passando a perna em volta da sua para prendê-la.

Meu membro roçava a suavidade de suas coxas, e sentia seus mamilos se projetando contra meu peitoral.

Sabia que ela gostava de sentir a solidez daquela prisão.

Mas queria possuí-la de outro jeito. Num gesto cuidadoso , apoiando minhas mãos em seus quadris, sentei-me, passando as pernas por sua cintura, e trazendo-a então para sentar em meu colo.

Acomodei-a com cuidado, e fitei seus olhos surpresos.

Beijando-a, fiz com que suas mãos se apoiassem em meus ombros. Meu sexo pulsava, louco para entrar em seu aperto, em sua entrada sinuosa, molhada e minha...

Provoquei-a um pouco em suas dobras, e observei que ela já reagia tão sensivelmente quanto antes.

O tesão estava me matando, não podia suportar mais muito tempo.

Espalmando minha mão em suas costas, ergui seu traseiro com a outra, para que sua entrada delicada se acomodasse no meu pau.

Levei a cabeça até sua abertura, e introduzi um pouco com cuidado, para que ela se dilatasse um pouco com a farta grossura do meu pênis.

Queria muito senti-la assim, sentada sobre mim, tendo algum controle do ritmo, enquanto eu a ajudava.

Aimée fechava os olhos, e como as mãos, fui ajudando a acomodar melhor seu quadril.

Fui entrando aos poucos, dilatando-a, enquanto ela gemia de olhos fechados, mordendo os lábios e cravando as unhas em minha nuca, parecendo linda e vulnerável.

Beijeí seus olhos enquanto entrava fundo nela, numa cruel lentidão prazerosa, grunhindo.

Chupei então seus lábios, lentamente, voltando uma das mãos para sua nuca, enquanto a outra posicionava melhor seus quadris contra os meus e me deliciava com a sensação de estar enterrado nela o mais profundamente que podia.

— Agora, Aimée, vou te ensinar como cavalgar um homem — murmurei em seus lábios, olhando-a cheio de desejo.

Comecei a me mexer lenta e pacientemente, convidando-a a entrar naquela dança sensual comigo. Instantes depois, Aimée remexia seus quadris enquanto eu continuava a devorar seus lábios e puxava suavemente seus cabelos.

— Não sabe como sonhei em te possuir assim, Aimée... — falei, a voz falhando de tanto desejo.

Minhas coxas se contraíam, impulsionando dentro dela,

estabelecendo agora um ritmo mais intenso. Queria que Aimée gozasse, então a trazia para mais perto, pressionando-a contra mim, abraçando-a.

Até que num longo suspiro e num gemido abandonado senti Aimée estremecer e me apertar. Ela estava gozando, reclinando sua testa contra a minha.

Tomado pelo ardor sedutor do seu orgasmo e sem mais poder suportar, comecei a mexer em ritmos mais rápidos e poderosos, arremetendo fortemente, mantendo-a firme enquanto eu a estocava.

Meu pênis se contraía de prazer, liberando um intenso orgasmo que me fez urrar e apertá-la, até sentir que injetava dentro do seu corpo intensos jorros de sêmen.

Ela me olhava, arfante. E eu achava que poderia morrer de tanto amor ali, e a beijei cegamente por alguns segundos intermináveis, sufocando em sua boca.

— Eu amo você, princesa — disse, contra sua orelha, quase sem ar.

Abraçando-me profundamente, ela disse baixinho.

— Eu também, Adam, eu o amo tanto... Meu príncipe, meu amor, meu querido...



Capítulo 24

ADAM PAGE HOYT

Momentos depois, já vestidos, estávamos apreciando a paisagem a nossa volta, descansados. Um momento nosso, íntimo e incrível.

Estávamos meditativos e eu acariciava seus cabelos, em movimentos lentos e ela docemente repousava sua cabeça em meu peito.

Em meus braços, Aimée me perguntou aquilo que me deu uma agonia profunda, como uma facada. O mais profundo pesar.

— Por que não chegou antes, Adam? Por que eu fui tola de fugir?

Ah, aquelas palavras. Tentei lhe dar um abraço que exprimisse toda minha angústia, toda minha culpa, todo o meu lamento, e que, ao mesmo tempo, fosse forte.

Um abraço que a sustentasse, um abraço que lhe dissesse: eu estou aqui, princesa. Apoie-se em mim. Um abraço encorajador que lhe dissesse que apesar de tudo o que se passou, agora meus braços estavam ali, sustentando-a.

— Porque você era só uma menina, Aimée. Porque eu não achava que a merecia, amor... — falei, num tom sofrido, porém tentando ser forte. —

Eu achava que não merecia nada, nem o mínimo curativo que fazia mim. Nem o mercúrio cromo que você derramava em minhas feridas, fazendo-me arder. E eu parecia o diabo de tão feio que estava também, naquele tempo... Pensei que jamais poderia talvez mantê-la erguida em meus braços, com aquela feia cicatriz na perna. Muitos conflitos, Aimée .Estar em batalha pode ser algo terrível.

Ela me olhou, esticando seu pescoço para me encarar, os olhos parecendo arderem de amor e tristeza.

— Eu o amaria de qualquer jeito, você sabe... Talvez, naqueles dias, eu já o amasse... Ou estava sendo preparada para amá-lo...

Olhei-a, ainda a abraçando forte, e afastei alguns fios de seu rosto.

— Não sabia o que seria de mim naquele momento, embora eu tenha colocado meus olhos atrevidos em você, Aimée Cooper. Você certamente foi aquele raio de sol no meio da tempestade, mas ainda chovia dentro de mim. Uma chuva de dúvida e solidão. E eu sinto tanto por não ter tido mais coragem no momento certo... Quando a busquei, você havia simplesmente fugido e dado um nome falso, minha linda ratinha de igreja... E eu tive de continuar, eu tive de continuar porque você havia me devolvido a graça de viver, e eu tinha de viver por você, por Jeremy, por Morgan, minha madrastra, e agora, eu sei, pelos filhos que um dia Iremos ter.

Ela parecia pensativa, meditativa, encantada com as minhas palavras.

Sei que a palavra filhos mexeu com ela mexeu tanto quanto mexia comigo.

Ela fez uma pequena pausa, olhando-me com seus olhos atordoados de amor, antes de prosseguir.

— Filhos? — ela indagou, sorrindo.

— Oras, o que você acha que ando tentando fazer dentro de você o tempo todo, mocinha?

O brilho nos olhos de Aimée era intenso, ela parecia uma mulher linda, plena, feliz, feminina.

— Ah, então é por isso que o senhor não quer sair de dentro de mim? Quer me encher de pequeninos, Adam, é isso? — ela perguntou num largo sorriso.

Assenti devagar

— *Voilà, chérie!* Isso mesmo! — brinquei, beijando-a muito.

— Ah, mas que malvado!

— Não mesmo, logo será minha esposa, logo teremos nossa família...

Apenas nos beijamos em resposta, e ela parecia derreter de felicidade em meus braços.

Ela voltou a encostar seu rosto em meu peito e disse, pensativa.

— Acho que Deus sabe de todas as coisas, pensando bem. Talvez eu tivesse de ter passado pelo que passei, Adam, para chegar até você como sou agora.

— Ninguém tem que passar pelo que você passou, Aimée — falei, magoado.

— Eu não sei, Adam. Não sei por que coisas ruins ocorrem. Mas acredito que há o tempo certo para todas as coisas. Quando o vi, na casa dos Peterson, Deus... Como você parecia assustador... E como era grande o seu poder sobre mim. Entendia que não era medo de você, mas medo de mim, de saber que eu queria ceder. Talvez, quando eu era aquela menina, eu o tivesse rechaçado. Não estava preparada ainda para você. Tudo o que passei me transformou nisso o que sou, e agora sou uma mulher forte o suficiente para você.

Ela se ergueu para me olhar nos olhos. Seus lindos olhos imensos e passionais.

— E agora eu estou aqui para você.

Meu polegar deslizou em sua bochecha, e deitando-me de costas,

voltei a trazê-la para mim, para o meu peito.

Minhas mãos começaram a fazer suaves carícias em seus cabelos.

— Sabe, querida... Não podemos fazer absolutamente nada sobre o passado, mas o futuro nos pertence. É disso que estou tentando falar agora.

— Sim, eu apenas lamento... Lamento que as coisas tenham sido tão dolorosas para nós, mas agora, eu me sinto muito feliz.

— Eu também, princesa. Estou muito feliz, mas sinto tanto, e como sinto por não ter estado ao seu lado, tê-la protegido... Por Deus, Aimée... Às vezes, sinto-me um lixo de homem, sinto-me pela metade por não ter podido estar ao seu lado naquele momento, por não ter podido impedir essa barbaridade, ou por não ter sido eu a matar os cretinos. Essas coisas se lavam com sangue, Aimée. Precisava sentir o sangue daqueles animais — falei, trincando os dentes, sentindo meu maxilar se retesar de raiva.

Ela respirou pesadamente.

— Não diga isso, Adam. Não sabe o que diz. Tanto sangue já foi derramado! Não! Deixe os mortos quietos... Até porque você não tem controle sobre isso, não podia ter me salvado.

— É, mas alguém fez o que devia por mim. Alguém fez o que eu deveria ter feito, matando aqueles desgraçados. Alguém estava lá, e não era eu — falei, apertando os olhos, ainda tentando controlar a raiva, mas ainda

enfurecido e frustrado com a terrível sensação de impotência de não poder proteger a mulher amada.

Aimée de repente se recolheu em meus braços, como se aquilo a incomodasse, era natural.

Mas eu percebia que esse “amigo” a quem ela se referia, toda vez que eu tocava no assunto, e eu estava tentando fazer isso com frequência, pois a verdade é que estava ardendo de ciúmes desse sujeito, ela ficava mais estranha.

Meu lado macho e viril se incomodava muito aquilo. Sentia meu peito subir e descer, e perguntei mais uma vez desconfiado para Aimée sobre o sujeito.

Mas ela já havia negado falar sobre ele.

— Quem era esse homem, Aimée? Por que não fala o nome dele? — perguntei, exigente, num tom quase brutal.

Ela ficou visivelmente nervosa.

— Já disse, não quero expô-lo... ele já se arriscou muito por mim. — ela gaguejou. — Você se enfurece quando falo nele. Eu não gosto disso, Adam. Já disse que não gosto que se porte assim.

— Como não vou me enfurecer, se você o protege? — indaguei, sentindo-me corroer por raiva e ciúme.

— Ele salvou minha vida, arriscou-se por mim, quase foi preso, Adam, eu já contei. Não é suficiente? Basta! — falou, levantando-se do meu peito e se ajeitando.

Ela ergueu seus olhos úmidos para mim. Uma sombra odiosa de ciúme e frustração estava instalada em meu rosto, tornando grave minhas feições.

— Nossa, por que será que ele faria isso? Por que será que ele se arriscaria tanto assim? — perguntei, com deboche.

— Como você está sendo terrível, Adam! E você? Por que você salvava as pessoas? Sempre por interesse? Queria fazer sexo com as pessoas que você salvava?

Tremia de ciúmes, era difícil de me controlar nessas horas. Estávamos começando a ter nossas primeiras discussões, e sempre era por causa dessa sombra no passado.

Eu sabia que não deveria falar sobre isso, que machucava Aimée... Mas algo estranho me batia.

Ciúme era animalesco, eu a queria só para mim. Eu odiava aquele sujeito por mais que tivesse salvado Aimée. Parecia estranho, mas sentia assim. Algo me dizia que havia algo estranho naquela história.

— Diga, Adam! Por que salvava as pessoas? — ela insistiu, irritada.

Aquela pergunta me pegou de surpresa.

— Por honra, oras. E eu estava em serviço! Ele estava em serviço, por acaso? Nunca falou a profissão ou o nome desse sujeito.

— N-não, ele não estava em serviço — ela falou, apertando o vestido, parecendo perturbada.

— Ele já esteve em serviço, Aimée?

— Sim... — ela falou vagamente, os olhos distantes.

— Por que ele arriscaria a vida por você, Aimée? — perguntei, pegando em seu braço, fazendo-a olhar para mim, para que fitasse minha expressão enciumada.

Ela afastou seu braço

— Porque ele era meu amigo! Era meu vizinho! — ela falou, irritada.

— Não existe amizade entre um homem e uma mulher, Aimée.

Ela pareceu se indignar.

— Não permitirei que desconfie de mim, Adam. Deveria ser grato a esse homem. Por causa dele, estou viva. Lembre-se disso. Agora, estou aqui com você, e ele está levando sua vida, sabe Deus por onde. Por que esse show bobo de ciúmes? Exijo que me respeite. Já disse que você foi o único

homem que tive, o único homem de minha vida. Não fico vasculhando sua vida com Helen, e nem fico querendo saber do seu passado, ou acha que não sinto ciúmes que tenha dormido com mulheres nesses anos todos? É triste separar amor de sexo, Adam. Mas eu não te cobro nada, eu não te cobro sobre sua vida libertina. Obrigada por confessar, mas eu te perdoei. Agora é vida nova — ela falou, muito irritada, desafiando-me.

Fiquei sem jeito. Ela pegou naquela parte cruel.

Havíamos combinado ter uma nova vida, esquecer o passado. Sermos felizes juntos. Mas eu estava falhando nesse aspecto.

— Desculpe, não quero desconfiar de você, Aimée — disse, tentando me recobrar daquele episódio de ciúmes. — Por favor me desculpe, você tem razão. Sou ciumento, é difícil controlar o que sentimos. Posso estar sendo injusto, perdão.

— Combinamos uma nova vida, Adam!

— Sim, amor, sim... — falei, acalmando-me.

Talvez eu estivesse sendo extremamente cruel e insensível. Mas o ciúme era algo que cegava...

Vários questionamentos ainda passavam em minha mente, e algo dizia que um dia aquilo precisava ser discutido. Mas não agora... ela ficava muito chateada e era nosso início juntos.

Aimée com um amigo? Mas que porra de amigo é esse? Por que ela não queria que eu soubesse o nome do vizinho? Por que sabia que eu iria confrontar o sujeito? Por que sabia que eu ia querer saber a razão dele ter salvado minha mulher, com que intenções? Boas e gentis mesmo? Generosas e corteses? Era mesmo um cavalheiro que dava a vida por mulheres?

Na guerra, tentamos levar a vida assim, sendo honrados. Poderia ser...

Se assim fosse, ele merecia uma recompensa, talvez. Eu não era um homem ingrato.

Mas suspeitava que o sujeito não era gentil e generoso e nem honrado. Algo no meu instinto dizia isso, e eu não ficara tão rico e nem fora condecorado à toa.

E ainda aquele silêncio de Aimée e a palavra amigo e a profundidade do gesto perturbavam meu ciúme.

Não me importava de Aimée não ser virgem, mas queria se o único em seu coração e em sua história, no fim.

Não gostava da ideia de outro homem ter sido importante e íntimo para ela.

Era egoísta, no fim, mas não conseguia reagir de forma diferente. Algo naquilo, não sei dizer, não me parecia bem.

Meu instinto me dizia que algo ali era errado. Algo não estava bem. Aquilo me perturbava de algum modo há dias.

Aimée se aconchegou então em mim, com olhos doces. Suas mãos pousaram em meu rosto, doces e conciliadoras.

— Não sinta ciúmes, amor. Sou sua, só sua.

Fechei os olhos ao ouvir aquilo, sentindo-me tentado a me achar um grande idiota.

— É difícil não sentir ciúmes, desculpe. Ele fez o que eu deveria fazer, tomou meu lugar e eu nem o conheço, esse seu estranho vizinho. — falei, sentindo minha respiração se regularizar um pouco mais, mas ainda mortificado pelo aborrecimento.

— Eu entendo. Por alguns momentos, senti ciúmes de Helen. E de todas as outras do seu passado. Sei que é cruel, mas estou extirpando esse sentimento de mim. O futuro nos pertence, enquanto o passado já morreu. Mas no meu caso, Adam, não precisa temer. Eu tenho fortes princípios, você sabe. Apenas seja grato a esse meu amigo, porque eu sou.

— Oras, então me deixe agradecer esse homem! — falei, irritando-me novamente.

— Já disse que não, Adam! Não quero remexer no passado, não quero constranger esse homem ou perturbá-lo. Não quero voltar a esse

assunto, pelo amor de Deus, será que pode me ajudar a superar e esquecer, simplesmente? Será que pode confiar em mim?

Passei as mãos no cabelo, sentindo-me um idiota novamente. Um grande imbecil

Tomei-a pela cintura, recostando o nariz em seu rosto, em seis cabelos.

— Desculpe, pardalzinho. Descobri que sou um diabo ciumento com você — Sorri, triste. — Mas você está certa, estou sendo um tolo. Vamos esquecer tudo isso. Você já sofreu demais. Não quero prolongar esse sofrimento. Estou com uma curiosidade mórbida. E é claro que confio em você.

— Depois daquele episódio, larguei tudo, Adam. Não poderia mais ficar em Londres, naquela cidade, naquela casa. Gostaria de esquecer. Estou aqui com você agora, amando-te, dizendo que você foi meu único amor, será que isso não basta? — falou com um semblante triste.

— Sim, meu amor, claro que basta — respondi, sem jeito, quase indo às lágrimas.

Ela se virou para mim, a expressão sofrida, e segurou minha mão contra sua cicatriz, de repente, os olhos marejados.

— Não posso mudar isso, Adam. Mas posso aprender a me amar

mesmo assim, e ser capaz de te amar mais ainda.

— É claro, linda — falei, comovido. — E eu a amo mais do que jamais imaginei que poderia amar em minha vida.

Ela deu um sorriso triste, ela apertou mais minha mão sobre sua cicatriz. Deslizei minha mão para seu pescoço em seguida, numa carícia cheia de paixão.

— Eu amo você inteira, Aimée, como é, e por mais que o tempo passe, e ele passará, nos transformando — falei, voltando a mão para onde batia seu coração, pousando a mão em seu peito. — Aqui será sempre o lugar onde eu gostaria de morar. Aqui, no seu coração.

Ela fechou os olhos, pesarosa, e percebia que controlava um choro quando voltou a abri-los.

Tomei-a num terno abraço, puxando-a para mim, e ela se acomodou docemente sobre meu peito.

Minha princesa, minha Aimée...

— Está tudo acontecendo mesmo, Adam? Não é um sonho, toda essa felicidade?

— Não, amor — falei, beijando o topo de sua cabeça. — Essa é a nossa felicidade desejada e possível, e logo, seremos mais felizes ainda. Muito brevemente. Pode apostar — disse, sorrindo.

Ela levantou os olhos, e me olhou curiosa.

— O que está aprontando?

— Ainda não aprontei, mas vou aprontar. E aprontar com tudo o que tenho direito.

Seus olhinhos brilhavam, curiosos, e a enlacei mais, divertido, plantando-lhe um beijo no lóbulo da orelha, onde ela costumava tremer um pouquinho e se arrepiar, eu sabia.

— Vou te fazer formalmente minha, Senhora Adam Hoyt.

Ela se virou para mim, espalmando suas mãos sobre meu peito, e empinou o nariz, rindo.

— Mas você nem pediu minha mão, nem sabe o que vou responder!

— Não preciso. — Dou de ombros. — Você é minha.

Ela fica com ar falsamente indignado.

— Mas como você é soberbo! Eu poderia dizer não! — falou, arqueando as sobrancelhas e com ar afetado.

Ergui-me, sentando, pondo-a em meu colo e a acomodando, e lhe dei um doce beijo nos lábios, olhando-a bem de perto.

— Eu a desonrei, *chérie*, e melhor, eu a desonro com frequência, e eu adoro. Eu a arrasto para todos os cantos de Horsham, e quero arrastá-la ao

meu lado por todo o resto do mundo também, portanto, ajude-me casando-se comigo a te salvar. E me faça o homem mais feliz do mundo também — disse, encostando meu nariz no seu, e vendo seu olhar encantado e seus cílios negros pesados.

Beijei-a na ponta do nariz. Ela estava ainda calada, como ainda por encantamento.

— Ademais, nesse momento — prossegui —, pode haver um bebê meu dentro de você. Certamente colaborei fortemente para isso, não acha?

— Então me deixou sem saída, Adam Page Hoyt? — ela perguntou então, com um sorriso nos olhos.

— Sim, e a principal prisão é o meu amor, querida. Acho que terá que aceitar, não acha? A prisão dos meus braços? É claro que aceitará, minha cara Senhora Hoyt.

Ela me deu um suave beijo nos lábios, e inspirei o cheiro de suas bochechas, apoiando minha mão em sua nuca e descansando a outra possesivamente sobre sua perna.

— Sim, acho que tenho de aceitar — ela falou, deixando-se ser longamente ser beijada. — Quero a prisão do casamento com você, e terá de me pagar me amando para sempre — ela murmurou.

— Pagarei com prazer — disse, deitando-a por fim na grama...



Capítulo 25

No dia seguinte, passamos mais um dia de absoluto prazer.

Já não sabíamos mais em que casa ficar. Éramos também certamente o assunto da cidade, andando para lá e para cá juntos. Passeando às vezes pela cidade ou as cidades vizinhas, indo ao cinema, fazendo compras, comendo pipoca nas praças, ou mesmo lendo juntos.

Adam gostava que eu cantasse para ele, e eu cantava. E depois de muito tempo, eu novamente tinha para quem tocar flauta doce.

Também estava o ajudando com seu trabalho. Adam estava me usando de secretária aqueles dias para poder ficar mais comigo e não ter ainda de ir a Londres. Confesso que estava muito temerosa de conhecer sua família e sua vida como o magnata Adam Page Hoyt, o senhor das armas, como ele era conhecido.

Céus, eu estava nervosa demais. Eu seria em breve a “Senhora das armas”. Era inacreditável.

Porém, naquela semana, os dias eram sempre divertidos e apaixonantes e, à noite, tínhamos sexo devasso, até então cairmos nos braços um do outro após horas impressionantes de sexo.

Eu estava simplesmente impressionada com a capacidade de Adam de fazer sexo e a minha de gostar. Não sabia que poderia ser tão bom e viciante. Após nos cansarmos desse exercício lubrifico, dormíamos abraçados.

A felicidade é dormir abraçado com quem amamos, mesmo que acordemos um com o braço na cara um do outro. Era maravilhoso descobrir a felicidade da intimidade.

Eu acordava feliz mesmo assim, brincando de vida marital, iluminada por seus olhos cinzas, amparada por suas mãos fortes, e aprendendo cada vez mais sobre tudo o que ele gostava.

Outro dia até aparei sua barba, e lembrei de quando fazia a barba de meu avô, anos atrás.

Foi um dos momentos mais felizes de doces de minha vida: na varanda de nossa casa, vendo o frio regelar as folhas, ter a experiência de aparar calmamente a barba de Adam e ver que ele confiava plenamente em mim, sorrindo-me com doçura, lindo com seus suspensórios, olhando-me com seu olhar magnético.

E como era doce ficarmos no sofá de casa e observamos a noite pelas janelas conversando e sentindo Adam me proteger do frio.

Pouco me importava se ele era o homem mais rico da Inglaterra. Ele tinha razão: ele era o meu Adam, o homem que me aceitava como eu era, que

não se importava com minhas cicatrizes, e que chegava a amá-las, porque elas faziam parte de mim.

Agora, Adam já beijava minhas cicatrizes, e aquilo eu tinha certeza que era toda a cura que eu precisava.

Sei que todos estavam falando de nós e que não era realmente adequado viver como casados se ainda não éramos, de fato, mas, Santo Deus, como resistir a Adam Page, ou Adam Hoyt? Enfim, ele era irresistível.

Ele não precisava me dar joias para me conquistar, embora soubesse que ele me encheria delas, já havia me dito. Os olhos dele sobre mim já eram brilhantes como joias, e tão valiosos quanto.

Nada valia mais que um olhar apaixonado de Adam.

Mas eu não me importava mais com falatórios. Sentia uma felicidade tão extrema que acabei incorrendo em responsabilidade. Queria fazer bolo e chás para Adam enquanto ele trabalhava no escritório em paz. Eu estava imensamente feliz e amando e sendo amada. Que mal haveria nisso?

Minha reputação já estava destruída mesmo. Mas eu fora muito exigente com Adam. Eu havia dado a entender que nunca aceitaria nada que não fosse o máximo que ele pudesse me dar.

Prometera isso a mim mesma, e aos meus avós: eu teria tudo, uma vida honrada em que eu fosse amada e respeitada, ou nada.

Sim, eu esperava um pedido formal de casamento e ele já havia me dito sobre isso. Sabia que ele não falharia comigo. Sabia que Adam me amava e era um homem digno e honrado, e que ele faria a coisa certa.

E agora, eu mal podia acreditar que eu seria Aimée Page Hoyt.

A chuva me trouxera meu amor, e quem diria, a guerra me fez encontrá-lo. Deus tem caminhos misteriosos, mas eu os aceitava mesmo assim, e agradecia aquela graça.

Amar e ser amada era uma graça divina. Adam era meu presente dos céus, caindo sobre minha vida como chuva, regando-me, trazendo-me de volta à vida, e eu estava ansiosa por ter um bebê.

Quando ele falava em família, filhos, eu queria morrer de felicidade.

Adam estava agora trabalhando em seus papéis que haviam chegado por correspondência por toda tarde aquele dia.

Era preocupante saber que Adam era tão rico. Quer dizer, ele não era apenas rico. Era desesperadoramente rico, mas ele estava me tranquilizando a respeito disso, que eu seria introduzida com calma, não precisava fazer muitas viagens com ele se não quisesse, não precisava sair para festas se não desejasse.

Mas eu sabia que um homem forte necessitava de uma mulher forte ao seu lado, eu sabia que deveria me tornar a mulher que ele precisava.

Ficava imaginando como deveria ter sido sua Helen. Que tipo de fada delicada e requintada ela deveria ser, mas eu também havia tido uma boa educação, era letrada e razoavelmente culta.

Não iria envergonhá-lo, eu tinha certeza. Eu era a mulher que ele escolheu.

E eu era a mulher que Adam amava, e ele deixava claro isso o tempo todo, demonstrando de todas as formas possíveis nos últimos dias.

Falava-me de sua madrasta e seu irmão, e dizia que eram boas pessoas que me aceitariam, que certamente eu me integraria rapidamente e que eles me ajudariam nesse processo.

Era estranho que a riqueza de tantos não tivesse sido abalada com a guerra, permanecendo, como num mundo à parte, mas Adam me disse que havia tido perdas bastante consideráveis, sim, embora, como ele havia dito, continuava um filho da mãe ofensivamente rico.

Então ficava imaginando o quanto ele deveria ser rico antes da guerra, mas Adam me disse que em breve ficaria ainda mais do que já fora um dia.

Eu não duvidava, pois ele parecia ter uma sagacidade e virulência necessárias para isso.

Eu quase ficava sem respirar ao imaginar o mundo diferente a que

ele pertencia, mas ele ria, beijava-me os dedos e me acalmava, segurando em meu rosto.

– Calma, amor...Calma...-dizia, e eu me deixava levar sua voz macia e calmante. – Vai dar tudo certo. São apenas os ricos. São gente como nós, veja, todos sofremos na guerra. Eu era rico, podre de rico, e não passava de um coitado acamado que você cuidou com essas mãos de santa, tendo toda paciência do mundo...

– Ah, que bobinho. Você era um coitado lindo– falei, sorrindo, apertando-lhe a mão, enquanto mexíamos nos utensílios da cozinha para começar a fazer o jantar.

Nosso cotidiano estava simplesmente delicioso.

– É claro que eu não era – ele riu.

Mas não tinha como não me enervar quando ele falava de suas propriedades em vários lugares do mundo, inclusive na Kensington Palace Garden.

Falava como se fosse algo banal um “apartamento em Côte D’azur”, sua “Casa nos Alpes”.

Segundo Adam como não queria demorar a casarmos, já que ele estava destruindo dia a dia minha reputação e porque não gostaria de esperar muito para ficar perto de mim , deveríamos nos instalar em sua casa numa

das famosas ruas de West London.

Em breve, ele disse, levaria-me para lá para conhecer seus familiares e redecorar depois o local como quisesse, até termos algo de minha escolha. Uma casa só nossa a minha escolha. Imaginei como seria difícil ter de lidar com coisas assim. Mas eu seria forte e daria conta, estava decidido.

Era mais difícil ser pobre e faminta do que rica, certamente.

Eu estava sem reação, contudo, ainda. Precisava me adaptar. Eu era uma pessoa que ficava feliz com meias sem furos, apenas isso.

– Podemos também mudar “isso” – ele dissera, apontando para minhas roupas.

– O que há com elas, com as minhas roupas? – brinquei.

– Você sabe o que há com elas. Ficariam bem ensacando batatas, querida, não cobrindo uma joia como você. Quero que use coisas bonitas para mim. – Ele sorria.

Eu ficava sem jeito de imaginar mulheres fazendo roupas para mim e vendo minha cicatriz. Não era uma imagem muito agradável.

Se Adam vinha para o interior para se recuperar de suas dores, eu também gostava de guardar minhas feridas.

Ficava ainda nervosa com a ideia, acostumar-me era um processo. Parecendo entender como eu me sentia, meus olhares baixos e meu ar grave e

meditativo, Adam se antecipou.

– Minha madrastra levará a você a uma estilista discreta, de confiança, e a lojas com donas discretas. Não se preocupe, querida.

À noite, eu havia feito uma deliciosa torta de carne bem inglesa, uma receita com endro fresco que eu tinha na plantação de minha casa

A vantagem de ter noivo rico era poder comer à vontade, como também tomar vinho caro.

Adam era o que podíamos chamar de enólogo. Disse que uma das grandes coisas que fez na vida foi doar parte de sua coleção de vinhos para o pelotão que participava.

Segundo Adam, nada era melhor que o entorpecimento na guerra. E ainda mais, um entorpecimento com classe.

Nessas horas, pensava em Peter. Queria saber como estava, se estava se alimentando bem. Meu coração doía tanto, apertava-se.

A saudade de Peter e minha preocupação com Mitzi ainda eram umas das coisas que mais me machucavam na vida.

Não podia contar sobre o que se passou para Adam, não saberia como ele reagiria ao saber que Josef havia matado aqueles homens porque havia dito que me amava, que havia me beijado. Queria privá-lo desses detalhes do meu passado, sobre a estranha relação que eu mantinha com os

Iovanov.

Não saberia como Adam iria reagir, ele era muito ciumento. Quando contei sobre Peter, eu omiti todos os detalhes das estranhas coisas que ocorrem com Josef.

Queria deixar algumas coisas escondidas. Eles já haviam sofrido muito, Mitzi e Josef, e eu não gostaria que Adam remexesse em tudo aquilo, se bem que começava a ficar tentada com a possibilidade de saber onde eles estavam, ter notícias...Adam me ajudaria a obter informações sobre eles, será?

Lembrava das palavras de Josef dando a entender que um dia voltaria, um dia me encontraria, que eu teria retribuição pelo que lhe fiz, e aquilo me angustiava. Sentia um medo estranho naquele ar de promessa que ele me deu. Josef era estranho...

Mas certamente ele falou aquilo em mais um momento de sua loucura, estava sempre descompensado quando vinha com aquela insistente conversa de que me amava.

Ficava pensando se talvez não pudesse convencer Adam a ajudá-los, mas um homem não ajudaria outro homem que tivesse uma história com sua mulher.

Especialmente uma dívida horrível como aquela. Eu devia minha

vida a Josef e tenho certeza que Adam iria querer saber o porquê.

Imaginava Mitzi sofrendo com isso, e o pequeno Peter em consequência...mas...e se eles estivessem passando necessidades, e se o dinheiro não fosse o suficiente pra se reerguerem?

Será que agora, casada, eu teria condições de contratar um detetive para achá-los?

Essas questões estavam martelando em meu peito, cruéis.

Saudade e preocupação, mas os braços fortes de Adam estavam ali agora para me acalantar.

E para me ajudar com a massa da torta, também. Adam cozinhava bem e foi divertido fazermos o jantar juntos.

Ficou me contando como nos últimos anos, nas viagens que fizera para se recuperar da morte de Helen e de meu sumiço, estava conseguindo junto de mais alguns magnatas europeus recuperar e devolver boa parte dos objetos roubados pela **ERR**, a *Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg*, a polícia de arte nazista, comandada por Alan Rosenberg que na verdade apenas descaradamente roubava e armazenava bens dos judeus presos e muitas vezes assassinados.

Adam e outros magnatas iam muitas vezes a leilões clandestinos de arte para recuperar aqueles objetos vergonhosamente roubados e assim depois

entregá-los às famílias ou aos sobreviventes judeus e maçons. Era uma forma de estarem colaborando com a polícia ao tentar pegar aqueles objetos dos criminosos que enriqueciam com a venda das relíquias roubadas.

Muitos ainda estavam enriquecendo em troco da sujeira da guerra, e muitos teriam de ainda pagar por isso.

Vários sórdidos homens que enriqueciam com a desgraça do holocausto e o roubo dos judeus estavam sendo pegos pela polícia, Adam me contou. E saber que Adam estava colaborando com tudo isso, além de tantas outras pessoas bondosas no mundo, fez-me morrer de orgulho.

–A dam, que coisa mais generosa! Mais fascinante! – Olhava-o absurdada. – Imagino como deve ser importante isso que você faz, devolver aos judeus parte de seu tesouro roubado, e muitas vezes do próprio bolso! Deus te abençoe, meu amor, que Deus olhe para seu coração maravilhoso – disse, quase às lágrimas, beijando-lhe enquanto comíamos merengue de sobremesa e tomávamos um vinho deliciosos.

Como Adam era maravilhoso, como eu estava apaixonada e orgulhosa!

Sentei em seu colo enquanto ele me abraçava de forma protetora e eu queria chorar por Adam ser tão bom.

– É o mínimo, querida. De que vale tanto dinheiro? Vi muito

sofrimento judeu...Felizmente há um bom número de magnatas correndo o mundo tentando recuperar esses bens. Há associações secretas de colaboração. A bondade, Aimée, é melhor se não for espalhada. De alguma forma, se cometi erros, espero pagá-los assim, com bondade. Que Deus me perdoe se errei, e espero que Deus me compense quando faço o bem- falou, a voz rouca e embargada.

Olhei seus magníficos olhos úmidos, que quando muito perto, se tornava azuis de um índigo claro, muito lindos.

– Adam, como não amar você, como não te amar perdidamente? – Apertei-o contra mim.

-Pardalzinho, ao seu modo, você é o ser humano mais bondoso que conheço. Eu tenho muito o que dar, e você não tinha nada, a não ser o seu afeto, e você me deu...Deu a tantos, mesmo a quem não merecia, como eu. Mas como o egoísta que sou, como não me deixar receber seu amor?

– Ah, Adam, querido...Não diga isso. Você é bom, amor, você é lindo, é bom e eu amo você. Eu amo você tanto- falava, abraçando-o com ternura, sentindo a maciez de seus cabelos e o peso de suas mãos em sua cintura.

Adam então me virou um pouco, acomodando-me melhor no seu colo, e me beijou longamente, e eu sabia que era com toda a força do que

sentia.

Eu me entregava completamente, seguindo as exigências do meu coração conquistado e reconquistado a cada dia.

Era realmente tudo como num sonho. Um encantamento. Uma felicidade perfeita.

Após mais um beijinho curto, enquanto eu me encostava naquele que era minha felicidade, uma felicidade de ombros largos, peito amplo e olhos de aço, vi que ele me tirava do seu colo, pondo-me de pé.

– O que houve? – perguntei, ao olha desconfiada a expressão de prazer que ele trazia.

– Vou realizar uma promessa.

– Que promessa? – perguntei, rindo.

– Uma promessa a mim mesmo.

– À você? – perguntei, fingindo indignação com as duas mãos na cintura enquanto observava aquele homem maravilhoso se erguer alto e lindo em minha cozinha, com roupas de camponês, à vontade, que o deixavam com uma beleza rude e suspirante, derretendo meu coração e fazendo algo mais vibrar.

– Venha comigo, passarinho, para ver o que é. É algo singelo, mas que sempre desejei fazer com você. Finja que sou seu cavaleiro armado e que

você é minha dama reluzente, promete?- Ele deu um lindo sorriso, pegando-me pela mão e me levando até à sala de sua casa.

– Como negar seu pedido? Você sabe que não sei como negar, não é? Você sabe que pode roubar de mim tudo que quer, seu bandido! – falei divertida, vencida pelo seu charme abrasador.

– Ah, não sei nada, absolutamente nada do que está falando, *chérie*!
– Adam ria.

Eu amava o jeito como ele conseguia ser sério e solícito, ter um modo rude e requintado ao mesmo tempo, ser forte e ser sensível, tudo ao mesmo tempo.

Adam Page Hoyt era fascinante, e eu não via a hora de ser sua esposa, ser a sua senhora Page Hoyt.

Não sei que mundo me esperava ao seu lado, não sei se saberia ser a dama reluzente que ele esperava, que o acompanhasse cheia de digno porte pela sociedade inglesa e muito além, mas o mais importante já estava decidido: eu estaria ao seu lado, e aquilo já bastava. Nós pertencíamos um ao outro.

– Sim, querida...Espere – ele falou, piscando para mim charmosamente, indo até a vitrola que ficava em sua casa.

Vi-o, ansiosa para saber o que era, escolher um disco e o colocar lá.

O som macio começou a ecoar.

Adam veio até a mim, suspirando, olhando-me sério, tocando-me pela cintura, e dando-me a mão com a outra. Senti-me estremecer com sua pegada firme e o modo como sua mão se fechou sobre a minha.

O toque e a canção me fizeram suspirar. Estava encantada, vulnerável e hipnotizada por seus olhos e o poderoso tom de sua voz.

– Dá-me o prazer dessa dança, minha futura Senhora Hoyt? – perguntou, olhando-me nos olhos, com aquela voz de caramelo derretido.

– Sim, meu Senhor Adam Page Hoyt, eu lhe dou. Eu lhe darei uma dança, e o meu futuro– disse, apaixonada

– Eu lhe dou a minha vida, e o meu amor– disse, beijando-me docemente enquanto dávamos passos lentos pela sala e o som fluía, tão mágico quanto o que estávamos sentindo.

Nós dançando. Que sensação celeste ser guiada por Adam ouvindo aquela música, a música que ele me falara naquele bilhete. Estava tocando *W'ell meet again* na voz de Vera Lynn. Não era bem uma promessa, era um sonho realizado, dançar aquela música com Adam, e me sentir rodopiar tocada por aquela magia, firmada por seu abraço.

Adam dançava muito bem, era um condutor nato, como as moças da cidade haviam dito.

Os lábios de Adam se aconchegavam agora em meu pescoço, brincando com meu lóbulo e eu rodeei sua nuca com minhas mãos, acariciando a massa de cabelos macios ali.

– Sempre sonhei em dançar com você essa música. Eu a ouvia pensando em você, *chérie*. E sonhava em sentir esse perfume que você está usando agora em seu pescoço. Mas quero lhe dar outros, muitos outros - disse contra meu ouvido, deixando-me aérea de tanto prazer.

– Ah, Adam! – falei, jogando um pouco a cabeça para trás, o que o fez beijar o comprimento de meu pescoço com ternura. – E eu a ouvia pensando em você, sabendo que estava ao meu lado, e desde que me deu esse perfume, sempre uso pensando em você, meu amor.

Nos braços hábeis de Adam, toda a agonia ia embora. Sentia apenas a solidez, a força, e queria abraçá-lo mais, muito mais. Estar sempre o mais perto, o mais próximo que podia.

– Adam- disse, suspirante, querendo chorar. – , você me ensinou a ser feliz, por favor, agora que estou viciada nisso, não me desabitue - edi, rindo e chorando.

– Ah, não se preocupe. Estou viciado em te fazer feliz. E nem sei viver sem você. E depois, quero me prometa outra dança, aliás, muitas danças...

Levanto meu rosto de seu ombro, meus olhos nublados pelo amor e encantamento do que sinto.

– Ah, é? Todas, meu amor. Todas minhas danças, todo meu afeto, tudo para você...

– Sim, vou querer todas – ele disse com malícia, e apalpou então meu traseiro.

Não resisti e fiquei de ponta de pé e me pendurei um pouco em Adam, que me abraçou enquanto meus pés estavam aéreos e ele me rodopiava.

Ao me depositar no chão, suas mãos passeavam por minhas nádegas, e eu arrepiava ante suas mãos perversas, olhando seus olhos densos, enquanto sentia os meus se tornando embriagados pelo desejo.

Adam me apertou contra si, moldando seu corpo com o meu, e senti o começo de uma poderosa ereção.

Puxa-me um pouco os cabelos, enquanto continuava contornando o desenho de minhas nádegas.

– Agora, vamos para cama...Quero aproveitar muito bem a minha noiva... – ordenou, a voz rouca, depositando um beijo faminto na curva do meu pescoço, enquanto o sinto repuxar meus cabelos e afundo minhas unhas em seus ombros.

Sua barba roçou meu colo, fazendo-me gemer, e ele diz enquanto lambe devagar minha clavícula, e sinto sua ereção crescer em minha barriga.

– Tenho de sair cedo, *chérie*... Vou a Londres.

– Por quê? - perguntei, de repente, triste. – Vai trabalhar?

– Sim, *chérie*- disse, segurando meu rosto entristecido. – Mas volto logo. Volto e da próxima vez que formos a Londres, acredito que iremos juntos, e de uma vez. E não demorará nada para eu voltar, eu prometo. Não aguento ficar longe de você. E voltarei com excelentes notícias – prometeu, encostando sua cabeça na minha.

Olhei-o espantada, querendo imaginar o que ele iria aprontar em Londres, louca para crivá-lo de perguntas.

– Céus, Adam, o que vai aprontar agora? – perguntei, querendo rir.

– Não, não, pardalzinho. É surpresa, e surpresa você terá de aguardar quietinha para saber...

Iria protestar, é claro, mas ele calou meu espanto com um beijo urgente, profundo, com sua língua calando minhas dúvidas, e me dando certeza de que eu era dele, não importava o quanto o céu se movesse e os dias passassem.

Eu era a mulher de Adam Page Hoyt, o seu pardalzinho. E eu o amava desesperadamente, como amava minha própria vida que agora iria

dividir com ele.

Ele era meu príncipe, e eu era sua princesa. E a vida real era melhor que um conto de fadas.



Capítulo 26

ADAM PAGE HOYT

No dia seguinte, segui a Londres apressado. Já estava tudo arranjado.

Ter dinheiro me dava muitas facilidades, além de ser bem relacionado. Estava indo a Londres para arrumar os papéis para contrair matrimônio com minha amada.

Iria apressar as coisas e arrumar uma surpresa para Aimée. Até o fim da semana, estaríamos legalmente casados.

Estava indo agora encontrar meu advogado a quem tinha delegado que buscasse todas as cópias de documentos e dados bancários de Aimée Cooper, para vermos os aspectos legais do casamento.

Seria uma união total, sem acordos. Ela era minha esposa, e teria tudo de mim. Eu era dela, e queria que ela soubesse que tudo que era meu também lhe pertencia. Minha vida era sua também de direito.

Aimée era uma mulher simples e modesta, e sabia que casaria comigo mesmo que eu fosse um simples camponês ou dono de uma quitanda, e aquilo me alegrava muito. De todo modo, eu queria garantir sua inteira segurança financeira e de nossos filhos.

Ela reagiria bem à surpresa, eu tinha certeza. Ela já sabia como era meu *modus operandi*, que gostava de brincar com ela, de surpreendê-la. É claro que nosso casamento seria uma adorável surpresa também.

Já imaginava que tipo de recepção ela me daria, sabendo-se oficialmente minha noiva. Imaginava um presente que começasse com uma exibição de suas panturrilhas quando tirasse suas meias de seda, e depois suaves pedaços de coxas à mostra, devagar, e mais adiante, a visão do triângulo negro perto do espartilho enquanto ela subisse seu vestido ainda lentamente e ah...Senhor, eu já a teria agarrado nesse instante e a deitado em algum lugar para montá-la como um louco.

Eu daria tudo de mim para fazê-la feliz. Estava ansioso, bobo. Uma felicidade sem fim.

Se ela quisesse depois uma festa nupcial, ela teria, mas ela dera a entender em mais de um momento que gostaria de discrição. Eu a compreendia. Não seria fácil sua adaptação, mas eu teria toda paciência do mundo com Aimée.

Passara antes em casa para avisar aos empregados que a nova senhora do lar chegaria e que preparassem comodamente a casa para sua chegada, e depois fui ao escritório e conversara com Jeremy e contei tudo a respeito de Aimée o melhor que podia, já que só andava fazendo contatos

telefônicos.

Foi incrível perceber a boa recepção e felicidade de meu irmão. Sem dúvida Aimée seria muito bem tratada, inclusive por Morgan, minha madrastra.

Mal podia acreditar em tanta felicidade. Estava ansioso como um garoto, louco para retornar e ver as reações de Aimée.

Como também sentir suas reações, de preferência sentir *dentro dela...*

Foi sorrindo largamente que entrei para falar com Anthony Hopper, meu advogado.

Ele me olhava um pouco estranhado agora ao me cumprimentar, segurando uma caneta.

Seu rosto estava franzido, como se guardasse uma preocupação genuína. Aquilo me tirou dos devaneios eróticos com Aimée.

Aprimei-me na cadeira, sentando e girando-me um pouco, desabotoando o colete.

Ué.

– Alguma coisa deu errado, Anthony? Parecia tudo bem da última vez que nos falamos.

Ele suspirou um pouco antes de falar, ainda olhando para a caneta.

– Sim e não.

Ele apontou então para um bloco de papéis que estava em cima da mesa. Olhei aquilo, apreensivo.

– Não poderemos nos casar, algum impedimento? – perguntei, direto. O coração já aflito. Havia alguma coisa muito errada acontecendo, e meu desconforto crescia.

– Não, não há impedimentos. A senhorita Aimée Cooper é livre, solteira e já me certifiquei de todos os seus documentos.

– Mas então, o que há, homem de Deus, para fazer essa cara de enterro? Tenha compaixão! – perguntei, irritado.

Ele então suspirou dessa vez ainda mais longamente e tirou os óculos, fitando-me.

– Adam, você é meu amigo, e como meu amigo de tantos anos, essas informações precisam ser passadas a você.

– Que informações, Anthony? – indaguei, apreensivo.

– Obtive informações o suficiente para chegar a essa conclusão: não acho que deva se casar com Aimée Cooper.

Levantei-me da cadeira, já enfurecido.

– Mas...mas que diabos? – perguntei, irritado, pronto a defender minha mulher. – Por que diabos se atreve a dizer algo contra ela? Ou a dizer que não devo me casar com a mulher que amo? Andou se inteirando de boatos? Vai duvidar da honra de minha mulher? Eu não admito que coloquem a honra de minha mulher em dúvida, pouco importa se você é meu amigo – exclamei, pronto a dar um soco num velho amigo se possível para defender a honra de Aimée.

Não permitiria que ela fosse tratada como uma renegada, uma ovelha negra. Seria por ser pobre, saberia algo de seu estupro? Sim, ela havia falado às autoridades sobre o estupro. Uma mulher violentada não teria direitos a se casar? Mas que porra estava acontecendo?

– Adam, sente-se – ele ordenou, batendo na mesa. – Sente-se agora, controle-se. Você precisa ouvir e ler o que tenho a lhe mostrar

Crispando as sobrancelhas, apertando os nós dos meus dedos e me sentindo regelar, eu o obedeci.

Após uma pequena pausa esperando que eu me acalmasse, Anthony continuou:

– Nesses papéis, você verá que Aimée Cooper não é a pessoa humilde, simples e desinteressada que imagina, como assim você me descreveu por telefone. Acredito que seja muito bonita, como assim você me

falou, mas talvez essa seja sua arma e provavelmente não é pura o bastante para ser digna de casamento.

– Como se atreve, maldito? – exclamei , levantando-me num rompante, os punhos já se fechando em desafio.

– Adam! Leia o que tem aqui! Agora! – Anthony voltou a ordenar, levantando e apontando para os papéis sobre a mesa.

Furioso, eu os olhei e os peguei, bufando como um animal.

Anthony se sentou após eu sentar também.

Comecei a correr os olhos para os extratos ali presentes. Eram extratos bancários, no começo.

Como? Como poderia ser? Perguntei-me, vendo aqueles valores na conta de Aimée...E depois, fiquei ainda mais espantando, sentindo minha respiração completamente descompassada, quando observei o nome do depositário.

Lia aquilo crivado de ira e embaraço, sem poder acreditar no que estava diante dos meus olhos.

– É isso mesmo que você está vendo, Adam. São 30 milhões de libras, depositados há pouco mais de um mês. E sim, e este é Joseph Kollerman que tão bem conhecemos que depositou para ela. O mesmo maldito bandido Joseph, que por acaso, ficou viúvo há poucos meses.

Coloquei as mãos sobre a testa, sentindo-me tontear. Sentia-me enjoado, com uma sensação de horror e absurdo.

Não fazia sentido...O que aquela besta de Joseph Kollerman, aquele mafioso sujo, patife canalha da pior estirpe que vivia a base de ladroagem, um dos que enriqueceram à base de tesouros nazistas roubados de judeus, encrocado até o talo com a ERR e a Interpol estava depositando dinheiro na conta de minha Aimée? Aquele homem imundo com as mãos cheias de sangue inocente? O que ele teria com ela?

Era rico, por certo, podia fazer aquilo. Mas não por muito tempo. Há algum tempo a corte penal internacional queria pegá-lo, e conseguiria. Estava muito bem informado sobre aquele verme.

Ficara rico rapidamente desde o fim da guerra a partir de negócios sujos, enriquecendo às custas de sangue inocente, mas a hora dele estava chegando...

Olhei confuso para Anthony, o peito subindo e descendo, que parecia me olhar consternado.

– Que isso quer dizer, Anthony? – perguntei, confusamente, sem querer acreditar no que via.

– Investiguei o máximo que pude para você, velho amigo. Não para por aí. No resto dos papéis, poderá ver o registro telefônico da antiga cidade

em que a senhorita Aimée vivia. Joseph não ligava para ela antes, mas passou a ligar um tempo depois da morte da esposa, há menos de dois meses, mas aparentemente a senhorita Aimée se mudou logo em seguida que começaram as ligações. Era uma casa de pensão o lugar onde ela morava. Ela se mudou pouco tempo depois do depósito em dinheiro ser feito na sua conta por Joseph Kollerman.

– Sim, ela se mudou para Horhsam há menos de um mês – falei, nervoso. Muito nervoso. Meus dedos tremiam.

– Então, eu também busquei registro de correspondência por correios. Joseph mandou para ela correspondência tanto para a casa anterior, pouco antes dela se mudar, como também mandou para Horsham, numa caixa postal que ela criou há algumas semanas. Ela até onde sei nunca ligou para ele nem mandou correspondência, e isso é péssimo sinal, pois indica que ela pode estar recebendo informações dele e retendo, sem se manifestar para não se encrascar com a polícia. Joseph sabe que será pego em breve pela Interpol e a corte penal. É questão de tempo, e até onde sei, pouco tempo.

Ergui minha sobrancelha. Ainda estavam se falando? Os dois? Ela estaria envolvida nas falcatruas daquele demônio? Que outra explicação para a intimidade e o dinheiro?

– Tem certeza sobre as correspondências?

– Sim. Verifique nos papéis, Adam.

Perturbado, cheio de ira contida, li os registros ali presentes. Aimée fizera uma caixa postal e estava se correspondendo com aquele filho da puta, e se correspondera antes também, na outra cidade, sempre recebendo e se calando, e tinha simplesmente 30 milhões de libras em sua conta, e isso depois da morte da mulher de Joseph.

Amantes, comparsas?

Minhas mãos se fecharam, até sentir meus ossos doerem.

Não podia acreditar naquilo que estava lendo.

–E tem mais– Anthony prosseguiu. – Sabe que descobriram o antigo nome de Joseph, certo?

– Sim, sei.

– Josef Iovanov, foi descoberto.

– Sim... – falei, a voz falha, tentando controlar meu nervosismo. – Sei o verdadeiro nome do patife, sei que é migrante sérvio e depois mudou de nome quando entrou na máfia dos objetos roubados.

– Sim, Adam, e eles se conheceram no passado. Investiguei tudo. Sua Aimée e ele. Seja lá o que eles têm, é muito antigo. Não há realmente registro de nada anterior, a coisa é recente, como se fosse uma volta. Mas tudo começou antes, em 1945. Josef Iovanov nesse tempo era um refugiado

sérvio que serviu ao exército inglês na guerra, morando com a esposa e o filho num bairro de apartamentos do Estado, em Southwark.

Aquilo me fez levantar os olhos. O bairro em que fiquei internado era Southwark, onde conheci a jovem Aimée, justamente em 1945.

E ela já estava com o canalha, então? Ele era o tal vizinho?

– Southwark? – perguntei, ladeando a cabeça, num tique nervoso.

– Sim, eles eram vizinhos. No mesmo prédio. A senhorita Aimée Cooper foi estuprada, Adam, por dois nazistas que eram da ERR. Josef fazia negócios com eles, e os matou. A senhorita Aimée na época depôs ao seu favor, dizendo que ele a salvara da morte, e Josef foi solto pela alegação de legítima defesa. Josef nesse tempo já estava nadando em dinheiro roubado, apenas estava dando um tempo para não ser pego. A Interpol não sabia nada sobre ele na época e aceitou a alegação de legítima defesa. Depois, Aimée Cooper vendeu seu apartamento, sumiu, e Josef Iovanov desapareceu por uns tempos, sumindo do nada, até reaparecer como o filho da mãe Joseph Kollerman que conhecemos. Realmente, não há registros de contato entre eles até agora, até a morte de Martha Kollerman, que na verdade se chamava Mitzi Iovanov. Investiguei e ela morreu de tuberculose, estava doente há anos. Deixaram um filho que agora tem 5 anos e está num colégio interno.

Respirei fundo, passando a mão no rosto.

Era como se mil socos se espalhassem por meu corpo. Uma raiva cega me tomou, e ri de desprezo.

– Então era por isso que ela mentia o nome no hospital, sempre gostou de mentir – falei, tentando conter as lágrimas, sentindo meu maxilar rígido. – E também porque tinha um filho da puta de um amante! Um amante bandido! O vagabundo de Joseph Kollerman! – gritei, querendo morrer, batendo o punho na mesa.

– Eu sinto muito, meu amigo. Acho que estamos diante de uma hábil sedutora, que há anos se envolveu com um homem rico, participando de suas falcatuas, e pagando um caro preço por elas, ou não. Talvez tenha inventado um estupro.

– Ela tem uma enorme cicatriz, não acho que ela tenha inventado o estupro. Isso não – falei lentamente, cheio de amargura. – Uma cicatriz de atizador de brasa.

– Foi punida então porque era mulher de bandido, Adam. Sabe como são as leis deles: sem misericórdia. Quem entra nessa, sabe que encontrará inclemência.

Olhei-o, sentindo-me enojado com tudo aquilo.

Passei a mão nos cabelos.

– Uma sedutora, uma cuidadora? Seria isso então? Que acabou no

fim se dando mal? – Ri, loucamente, mas me retorcendo por dentro de tristeza.

– É provável. Sabia que você era rico, não? Muito rico? Mais que Joseph?

– Sim, acredito que sim. Talvez tenha fingido não me conhecer. Por isso se ofereceu para cuidar de mim no hospital? Sou discreto, mas pessoas espertas poderiam saber que o nome Hoyt seria da Hoyt Speed. No entanto, naquela época, ela me renegou...Não, pensando bem não faz sentido.... – falei, pensativo.

– Talvez faça sentido, psicopatas e trambiqueiros nem sempre seguem regras lógicas, Adam. Fazem tentativa e erro. Pode ter começado e desistido, mas agora sabendo que você estava em Horsham o procurou. Lido com isso o tempo inteiro: psicopatas astutos. Talvez tenha se inteirado que você é muito mais rico que Josef, e por isso resolveu investir em você agora. Talvez Josef a esteja envolvendo em suas falcatuas, e ela viu em você uma proteção para não ser pega. Ela não tocou no dinheiro, por exemplo. Deve estar com medo. Talvez queira se livrar de Josef agora, ele é um pepino.

Olhei-o, tentando raciocinar.

– Talvez ela esteja grávida de um filho meu. Jamais a deixaria ser presa.

– E ela sabe disso, não?

Ri de tristeza e ódio, sentindo uma dor imensa, do tamanho do inferno, corroendo-me.

– E eu queria dar minha vida a ela, a uma vagabunda interesseira...Talvez ladra. Mas, mas algumas coisas não fazem sentido...Ela, ela parece me amar. Mas que droga! Eu, eu acredito que ela me ame, não é possível – falei com a voz trêmula.

Olhei para Anthony, e vi que ele me olhava como se fosse um idiota.

– Elas sabem nos fazer acreditar nisso, Adam. Vá por mim. Há mulheres que são sedutoras natas. As que se fazem de puras, ingênuas, são as mais sagazes. Sabem como envolver o coração de um homem.

– E se ela estiver esperando um filho meu? – perguntei, entristecido.
– Não posso deixar um filho meu sendo criado longe do pai. Terei de me casar com ela, mesmo assim. Não posso desonrar meu filho, nem posso deixar que fuja com ele com outro homem, especialmente esse bandido que provavelmente logo será pego ou assassinado. Se ela estiver grávida, devolverá esse dinheiro, denunciará aquele diabo e vai aprender a se comportar como minha esposa, ah, se vai... – falei, cheio de ódio.

– Não sei o que dizer, Adam...Eu sinto muito, meu amigo.

Balancei a minha cabeça, assentindo, como se estivesse agradecendo

a Anthony por aquilo.

– Ela quer dinheiro? Terá. E eu terei seu corpo, e ela vai me respeitar. Esperarei se ela vai conceber ou não. E se o filho poderá ser meu. Podemos ver pelo tipo sanguíneo. O meu é raro, e normalmente o bebê pega o tipo sanguíneo do pai. Pelo que você está dizendo, talvez ela esteja rechaçando Josef, porque sabe que ele está com os dias contados, e porque sabia que lidar com nazistas era arriscado, podia conseguir cicatrizes maiores, talvez morrer. Então, se ela queria a sorte grande comigo, ela terá. – falei, cheio de amargura na voz.

Parabéns por sua sordidez, Aimée. Você conseguiu, pensei, e me perguntei se enlouqueceria de dor.

Falava tudo aquilo com uma tristeza sem fim. Eu fora enganado pela mulher que amei por anos, por quem eu chorara por toda sua dor, enganado.

Por anos sua suposta inocência havia me enganado, e agora, talvez tivesse de me casar com ela e criar um filho que teria que conviver com essa mãe lastimável.

Levantei-me então, sentindo-me tonto, recostando o punho na mesa, o olhar sombrio, distante, nublado pela dor e pela ira.

– Preciso ir.

– Para onde vai, Adam?

– Acho que preciso ter uma longa conversa com certa mulher, você compreende, não?- expliquei, sorrindo, um sorriso cruel.

– Sim, Adam, eu entendo. Boa sorte. E mais uma vez, meu amigo, sinto muito. Estarei aqui, disponível.

– Obrigado, Anthony – agradei, fechando a porta atrás de mim, caminhando e sentindo a tristeza molhar meus olhos a cada passo que dava, enquanto o coração se carregava de ira.



Capítulo 27

Estava arrumando flores que Adam deixara em casa antes de ir para Londres, junto das palavras e promessas mais suaves e lindas do mundo.

Ah, como eu estava feliz!

Ele não disse, porém, quantos dias ficaria longe, e já estava com meu coração palpitando de saudade, louca de amor por aquele lindo diabinho que tirava minha sanidade.

Qual seria a surpresa que ele ia aprontar? Algo me dizia que seria sobre nosso casamento. Medo e ansiedade me tomavam, mas também uma retumbante alegria.

Eu me sentia a pessoa mais feliz e mais realizada do mundo. Não via a hora de vê-lo novamente, estarmos mais uma vez juntinhos, e amar então todas as camadas de coisas maravilhosas que ia descobrindo a cada dia sobre ele, além de seus defeitinhos que eu aprendia a amar também.

Felicidade era isso: a gente se permitir feliz. Adam soubera me convencer a ser feliz, e a felicidade que ele me dava era a coisa mais preciosa do mundo.

Ele era o meu tesouro, e eu sabia que eu era o seu. Nosso amor era

nosso mais precioso tesouro, e teríamos filhos que brilhariam como nosso amor.

Hoje havia dado aula para as crianças, mas por insistência de Adam e com a certeza de que iríamos casar, ele já havia falado com a liga das senhoras para arrumar uma professora substituta. A moça começara já há alguns dias no serviço, mas eu estava com saudades de ensinar.

Estava sentindo também a falta das crianças, e fiquei muito feliz quando dei a aula a elas naquela manhã.

Mas meu lugar era ao lado de Adam em Londres, e eu sabia que logo teria de partir e cuidar futuramente de nossos próprios filhos.

Estava arrumando as flores no vaso na cozinha, já no fim do dia, quando ouvi abrirem a porta e percebi profundas pisadas que soavam masculinas.

Quase pulei de alegria! Adam, meu Adam! Meu amor, minha vida, meu príncipe chegando!

Corri como criança, gritando seu nome, mas o que vi na sala, porém, fez-me parar e tremer.

Sentia-me tonta, e pensei que iria desmaiar. Meus joelhos fraquejaram, mas antes que caísse, aquele homem me segurou.

Sentindo a névoa da tontura em minha visão, vi-o ali. Alto,

barbeado, o mesmo nariz grande, os olhos azuis, o cabelo caindo na testa.

Josef Iovanov.

– Aimée, meu amor...Calma...Sou eu – ele disse simplesmente, num sorriso. – Voltei para você, minha menina. Linda menina.

Naquele instante, eu tive certeza que Josef Iovanov estava louco. Perplexidade e pavor me deixavam ainda mais fraca.

Olhei-o dentro de minha tontura, sem poder acreditar. Ele me retinha forte em seus braços, e eu lutava para me recompor.

Minha mente estava embaralhada e comecei a balançar minha cabeça.

– Josef... – disse, a voz frágil, falhada.

– Sim, sou eu meu amor. Cumpri a minha promessa. Voltei para você. Sou seu, meu amor. E você é minha. Eu disse que voltaria, eu disse que um dia você saberia de tudo, eu disse que um dia você seria recompensada.

Ouvi aquilo, boquiaberta, horrorizada, sem poder acreditar, tonta e fraca. Antes que eu pudesse falar alguma coisa, Josef desceu sua boca sobre a minha num beijo voraz e me senti sufocar lutando para me desvencilhar.

Mas meus pulsos estavam fracos. Por fim, escapando de sua boca, contendo-me para não chorar, ele me soltou devagar quando eu implorei.

– Por favor, Josef, não...Não – disse, e ele me olhava ainda com os olhos apreensivos e lúbricos.

Apoie-me então no sofá, sentindo-me enjoada com o beijo, e limpei a boca com o pulso. Percebi o olhar colérico de Josef quando limpei seu beijo.

Josef, que tirou seu chapéu e o segurava agora com as mãos, de repente me lançou um olhar de ódio.

– Então é verdade, Aimée? – Ele riu, parecendo cínico. – Agora tem alguém quem a beije? Andou se portando como uma vadia e se deitando com outros? É verdade que está com o pulha do Adam Hoyt? Mandeí que investigassem você, e ontem me repassaram tudo. Eu estava muito ocupado resolvendo problemas, preparando a nossa partida, porque o seu lugar é ao meu lado, menina, e não gostei nada de saber que anda pegando homens mais ricos que eu. Vim aqui verificar com meus próprios olhos. É por isso que não me responde, por causa dele? – ele me olhava, cheio de ódio.

– Responda, Aimée! Pensa que vai em trocar por Adam Hoyt? Está muito enganada!

Olhei-o, atormentada. Ele estava completamente louco. Como assim me investigar, como assim partir, para onde? Como assim não responder? Josef estava rico?

– Do que está falando, Josef? O que faz aqui? Como assim me investigar? Como assim não te repondo? Não sei de você ou Mitzi há anos! Como poderíamos partir com você? Não faz sentido, não estou entendendo nada! – falei, com uma imensa vontade de chorar, aturdia pelo choque.

Ele me olhava estranhado.

– Mas eu mando cartas para você há quase dois meses. Mando frequentemente até aqui em Horsham. Se não leu por causa daquele filho da puta, problema seu. Nada muda o fato de que você é minha. Também te liguei e você mandava dizer que não estava, e depois soube que se mudou aqui para Horsham. E você nunca me responde. Mando as cartas desde a outra casa na outra cidade, e sigo mandando aqui, verifiquei que criou uma caixa postal. Avisei a você que vinha, oras. Não sei por que não tem um telefone. Para fugir de mim? Não adianta – ele falava e continuava com uma expressão intrigada e irada.

Eu estava simplesmente chocada, tentando entender o que ouvia. Eu não sabia de absolutamente nada do que ele estava falando, absolutamente nada.

Recostando-me na mesa de jantar, tentava absorver as informações.

– Nunca me informaram sobre ligações, Josef. Nunca recebi suas cartas na outra casa e nem aqui- disse, pondo a mão no coração, sentindo-o

bater angustiado.

Deus, eu iria infartar. Era um show de terror. Cartas? Eu nunca verificava cartas...Na pensão não me deram nada, mas aquelas mulheres me odiavam...Talvez tenham interceptado as cartas, e certamente não me repassaram as informações. Elas de um modo que eu não entendia me odiavam e lançavam fofocas sobre mim. Talvez as ligações de Josef e as cartas tenham alimentado ainda mais o burburinho.

– Fala sério? – ele perguntou, aproximando-se , buscando meus olhos, como se quisesse saber se eu estava mentindo.

Meus dedos tremiam, e ele focou seus olhos neles. Parecia acreditar em mim, vendo o quanto tremia.

Balancei a cabeça positivamente.

– É claro que sim. Não me deram nada na pensão. Eu não estava sabendo de nada, Josef. E aqui não peguei cartas. Fiz por uma formalidade a caixa postal. Não tenho amigos, não tenho ninguém. Quem me escreveria? Por Deus, acredite em mim. – Olhei-o, desesperada, querendo chorar. Os dedos não paravam de tremer fortemente.

– Então foi um mal-entendido, compreendo – Josef disse, colocando uma mão no bolso e me olhando parecendo exasperado. – Tudo bem, Aimée, posso perdoar isso, mas o que importa é que agora estou aqui, não é mesmo?

E faça o favor de nunca mais ficar sem telefone. Teria vindo antes, mas não pude. Há algumas complicações no momento, depois eu te explico. Por exemplo, agora me chamo Joseph Kollerman. Só um detalhe. – Ele sorriu. – Você poderá ser minha senhora Kollerman depois que fugirmos.

Olhou-me então com olhos frios, e entendi que deveria sentir medo, muito medo. Ele parecia louco, completamente louco, e determinado.

Não disse nada, mas encarei-o, chocada.

Onde estariam Mitzi e Peter? Minha angústia crescia. Era um verdadeiro filme de terror. Minha cabeça dava voltas.

– Vejo que estava morando numa pensão, e agora mora nessa casa simples, mas não morará mais agora. Sabe que estou muito rico, e sabe que você agora também está. Por que não usou o dinheiro, Aimée? Já faz um bom tempo que te mandei, menina – ele disse, ainda com o rosto franzido, balançando o chapéu, enervado.

– Que dinheiro, do que está falando? – perguntei, à beira da histeria.

Ele deu uma risada.

– Está brincando, Aimée. Tem 30 milhões de libras em sua conta, meu amor, há mais de um mês. Mande em meu novo nome, Joseph Kollerman. – Seus olhos se tornaram muito frios e cruéis e ele olhou meu corpo então com desejo.- Não precisa se prostituir para aquele filho da puta,

você sabe que você é minha, e não vou admitir que homem nenhum mais encoste o dedo em você- exigiu, a voz cheia de ira, jogando o chapéu no sofá.

Andei então tremendo, nervosa como nunca até a parede e apoiei minha mão lá. Sentia uma terrível vontade de vomitar e de chorar até cair desmaiada no chão.

Fechei os olhos, tentando controlar meus tremores e pedindo a Deus que me salvasse. Josef parecia possuído, furioso.

Aquilo era um pesadelo, só podia ser, aquele homem voltando do passado e me dizendo coisas terríveis, coisas loucas, justamente agora que eu havia descoberto a felicidade.

E ainda queria saber o que fez com Peter e Mitzi, Oh meu Deus...

– Não sei que dinheiro é esse, Josef. Eu juro – falei, já sem aguentar segurar as lágrimas. – Eu nunca olho minha conta, nem minha caixa postal. Eu recebo em espécie, vivo no limite da pobreza, eu não podia imaginar nada disso. Eu não sabia de nada, eu juro – falei, enxugando as lágrimas, fazendo forças para não cair, mesmo recostada na parede.

Ele deu mais alguns passos, e falou agora com voz mais mansa:

– Eu disse que no momento certo eu voltaria, e que você seria recompensada por tudo, Aimée. Eu cumpri minha promessa, estou livre para você, finalmente, e vou te compensar por tudo, inclusive financeiramente. Sei

que devo a você minha vida, e você continua sendo meu amor. Não é mesmo, menina?

Ele então deu mais algumas passadas e se colocou diante de mim, olhando-me sombriamente. Comecei então a bater os dentes de medo, recostando a lateral de meu corpo na parede.

Ele, porém, me olhou maliciosamente, como se me avaliasse sexualmente.

– Está muito linda , Aimée. Não à toa aquele vagabundo pôs os olhos em você, mas não colocará mais. Você é minha, entende?

Suas mãos de aço então me pegaram e me fizeram virar para ele. Comecei a sacudir meu corpo de medo enquanto ele me olhava.

– Pare de tremer, Aimée...Pare de chorar – ele começou a exigir, a voz firme.

Mas eu não conseguia.

Ele então me abraçou e começou a me balançar dizendo coisas carinhosas e sem nexos, mas meu corpo estava completamente chocado, apenas trêmulo, os braços colados em meu corpo e lutando para não chorar, para não irritar mais ainda Josef.

De repente, uma frase me tirou de minha prostração.

– Agora, nós vamos nos casar. Eu e você – ele declarou, abraçando-

me forçado.

Tirando forças de onde não tinha, ergui minhas mãos e lhe dei um pequeno empurrão.

Ele me olhou, num misto de surpresa e luxúria.

– Nós casaremos – Ele sorriu.

– Onde está Mitzi, o que fez com ela? Será que me enganou tanto assim? Achei que você fosse bom, achei que lhe devia a minha vida! Achei que tivesse alguma integridade de caráter! Achei que amasse sua mulher e filho!

Ele me olhou irritado.

– Não fale assim de mim! Não sou o monstro que você acusa, eu tenho sentimentos! Cuidei dela até o último segundo, Aimée, como lhe prometi. Sou um homem honrado, nunca maltratei Mitzi, e nunca maltratarei você, se você assim merecer – falou, erguendo o dedo para meu rosto. – Mitzi nunca me traiu, fique sabendo. Já não posso dizer o mesmo de você.

Ele então pegou em alguns fios de meu cabelo, e os enrolou em sua mão, com um sorriso cruel.

Juntando forças, eu o encarei, afastando-me um pouco.

– Onde ela está, Josef?- perguntei, com raiva, em desafio, com medo por Mitzi.

Ele baixou os olhos e então erguendo-os para mim novamente, declarou.

– Está morta. Morreu há 4 meses. Foi tuberculose. Ela nunca se recuperou totalmente, mas não faltei com ela, eu juro. Estava muito avançado, Aimée. Eu a internei nos melhores hospitais, eu fiquei um homem muito rico, e cuidei dela o melhor que pude. Ela estava o tempo inteiro doente, quase sempre internada.

Fechei meus olhos.

Ah, não. Santo Deus. Mais uma vez a tontura, a fraqueza, a vontade de chorar. Peter...Onde estaria Peter?

– Onde ele está? Onde está Peter? O que fez com ele?- – perguntei, a voz falhando, um enorme nó de dor na garganta me deixando sem ar.

Ele deu um sorriso.

– Você o ama, não é? Sempre amou. Sempre admirei isso em você, essa imensa capacidade de amar.

Engoli em seco, controlando-me para não chorar. Precisava saber onde estava Peter, e vi que Josef era um homem ruim o suficiente para barganhar o próprio filho.

Como eu fora tola, estúpida...Como pude achar que havia alguma honra nele...Sentia desprezo e pavor crescentes.

– Você sabe que sim, sabe que o amo, amo Peter - respondi, tentando me recuperar. - Onde ele está, Josef? Onde está Peter? – exclamei enquanto o fitava mais uma vez desafiante.

Ele se aproximou de mim, pegando meus braços e os colocando contra a parede no alto da minha cabeça.

Olhou maliciosamente para mim, e depositou um beijo asqueroso em meu pescoço. Tentei empurrá-lo, mas ele então usando a força de suas pernas, ele me encurralou.

– Depende de você ele estar bem ou não. Você entende? – falou, deslizando um de seus dedos por meu colo com luxúria.

Olhei-o, os olhos brilhando de raiva. Não poderia ceder àquele homem, àquela chantagem.

– Não. Você não teria coragem de fazer algum mal a ele. Não posso acreditar que está barganhando seu próprio filho em troca de sexo.

Ele deslizou uma das mãos para minha garganta, fechando a mão sobre ela, com suavidade, e depois tirou a mão de lá, deslizando os dedos por meu queixo.

– Não tenha tanta certeza, Aimée. Não é sexo... O amor nos deixa loucos...E eu amo você.

– Não, você não...

Antes que eu pudesse dizer que ele não me amava, encurralando-me contra a parede, usando a força de suas pernas para me prender, ele desceu seu rosto e mais uma vez me beijou forçado.

Tentava fugir, e emití um som sufocado, na ânsia de me desvencilhar.

Estava desesperada tentando sair de sua boca, lutando por ar, quando senti que algo ou alguém arrancava Josef de cima de mim.

Quando vi o que ocorria, percebi Adam agarrando Josef pela gola, com olhos furiosos. Adam então o pegou pela garganta, e começou a apertar. Percebia que estranhamente Josef não reagia.

Estava contra a parede, tentando recuperar o ar, quando simplesmente disse, com a voz fraca.

– Adam...- Ergui minhas mãos para ele. Eu queria abraçá-lo, precisava que me visse, que ele me amparasse, precisava de seu amor

Os olhos de Adam, furiosos me encontraram, e foi surpresa e assustada que percebi que todo aquele ódio era também para mim. E havia mais que ódio. Ele franziu o cenho, e me lançou um olhar de desprezo tão imenso que achei que ia desmaiar.

Lentamente ele soltou a garganta de Josef, que passou a tossir um pouco, enquanto Adam me dizia com seus olhos coisas horrendas que eu

poderia imaginar.

Ele achava que eu estava o traindo, que eu era uma vagabunda, que recebi Josef porque quis...Mas eu deixara a porta aberta para ele, para ele.

A porta aberta era para você, Adam, e fui encurralada por esse homem mau, será que você não percebe, meu amor, disse com meus olhos sofridos , com meu coração batendo forte e com minhas lágrimas que ameaçavam cair, mas não saíam, tamanho era meu choque.

Sentia minhas pálpebras tremerem.

Então, com um sorriso cínico de canto, e os olhos enegrecidos pelo ódio, Adam falou com ar de desdém.

– Pensando bem, não vale a pena matar você, Joseph Kollerman. Ou seria Josef Iovanov? – Ele olhou de mim para Josef, apertando os olhos de raiva e dor, eu percebia.

Havia uma profunda dor em Adam e em mim também.

– Vejo que está sabendo de tudo, Hoyt – Josef falou, afrouxando a gravata e se recuperando de uma tossida.- Não encoste mais as mãos em mim. Nem ouse encostar as mãos em minha mulher. Ela já tem dono, se você não percebeu. Temos uma história, e ela me pertence, e me recebe muito bem, como você pode ver- Josef falou lenta e cinicamente, provocando Adam com o olhar.

Adam o olhava, as mãos se se espremendo. Observava a raiva que fazia contrair seu maxilar.

Eu estava trêmula contra a parede, paralisada, mas tinha que me defender daquilo. Não poderia ver o homem que eu amava me desprezar assim, não poderia deixá-lo partir sem lutar.

Os olhos de Adam pareciam chamas a me queimar. Meus joelhos se turvavam de sofrimento.

– Adam, Adam não é o que está pensando! Ele está louco! Não está falando a verdade, por favor, acredite em mim.

Adam veio para cima de mim, num rompante, apertando as mãos ainda, parecendo se controlar o máximo que podia.

Então ele ergueu o dedo e o apontou para mim, para me acusar.

– Vocês são dois lixos, e vocês se merecem. Sei de tudo, Aimée, absolutamente tudo. Era esse o segredo que protegia, não? Protegendo seu amante do passado. – Olhou-me e deu uma risada baixa e cruel. – Consegui me enganar. Que espécie de feiticeira você é? As 30 milhões de libras desse desgraçado eram poucas para você, é isso? Tem medo de ser presa por acobertar esse vagabundo, ter sido cúmplice em algum momento no passado? Por isso me procurou, Aimée? Para ter proteção por que sabe que está encrencada? Por que veio a Horsham? Eu já estava aqui! Quem garante que

não veio se oferecer porque podia pegar um peixe maior? –ele exclamou, cruel e indignado.

– Adam, cale a boca! – gritei, histérica, à beira de um colapso. – Não sabe o que está falando! Está dizendo absurdos!

– Sei muito bem sim, Aimée. Sei que algumas mulheres se dão mal quando se metem com criminosos, elas podem se queimar, literalmente. - Ele me olhou, os olhos cheios de crueldade.

Sem suportar, tapei meus ouvidos.

– Não seja cruel, Adam! Não diga coisas que vai se arrepender depois, por favor, sou inocente...eu juro...

Ele se aproximou mais de mim, dando uma risada.

– Inocente, você? Agarrada a esse homem, recebendo seu dinheiro, protegendo-o com seu silêncio, defendendo-o diante da justiça? Eu encontrei você com ele na sua casa, bastando eu sair, Aimée! Bastou eu me afastar de você, e o tempo todo quando perguntava sobre ele, você o protegia! - Sua voz me cortava como aço, o tom frio e debochado.

Pior que eu sempre protegera Josef, acreditando que era um bom homem.

Nessa hora, Josef agarrou o braço de Adam e disse.

– Vá embora, e me deixe a sós com minha mulher, Adam Hoyt.

Chega. Aqui não é o seu lugar, como vê.

Adam espantou suas mãos e voltou a pegá-lo pela gola.

– Não tenho muita certeza se ela o quer, Josef. Sou bem mais rico, e não sou encrencado como você. Sabe que está com seus dias contados. Aimée se mostrou muito esperta como sedutora – Adam disse, largando-o e olhando para mim, com olhos tão frios que comecei a chorar, despedaçada.

– Acredito que ela saberia a quem escolher. Mas, se ela o quiser, fique com ela – ele continuou, e me lançou um olhar cínico.

Adam estava me humilhando tanto...Mas eu não sabia como fazê-lo acreditar em mim. Eu errada em proteger Josef.

Josef Iovanov era a grande desgraça de minha vida. Meu coração doía terrivelmente.

Adam parou em minha frente, olhando-me com uma expressão estranha, como se por um momento vacilasse ante meu choro.

– Escute aqui, Aimée...Se quiser negociar algo, procure-me. Fique sabendo que sei que pode ter um filho meu dentro de você, e eu estarei atento. Não permitirei que crie meu filho longe de mim, fique sabendo disso – falou, a voz embargada. – Uma criança não tem culpa de seus pais.

Então, sem dizer mais nada, ele deu a volta, caminhando em direção à porta.



Capítulo 28

Não suportei vê-lo partir.

– Adam, Adam! Não vá! – gritei, chorando.

Mas ele não voltou.

Saí da parede, querendo correr atrás de Adam, e os braços de Josef me retinham.

Comecei a me debater, desesperada, e não sei como, quando o mordi, consegui sair correndo em direção a Adam que já havia dado boas passadas pelo lado de fora da casa.

Chovia e eu corri, gritando seu nome, no esforço de me juntar a ele, caindo no chão, enfiando meus joelhos na lama, chorando tanto que achei que ia morrer sem ar.

– Adam, por favor, escute-me, tenha compaixão – implorei num choro desesperado, enquanto a chuva fina me cobria.

Não sabia mais o que fazer, apenas afundava minhas mãos na lama, soluçando.

Ele sequer olhara para trás, e continuei ali, chorando despedaçada.

Foi quando senti sua presença perto de mim. Ele veio e me ergueu

da lama onde eu estava, colocando suas mãos firmes em torno dos meus ombros que tremiam, fazendo-me encará-lo.

Olhei seu rosto molhado pela chuva, sentindo-me morrer de tristeza enquanto ele me segurava. Seus olhos estavam lacrimosos, e me olhavam perturbados. Ele chorava, e agarrou meus ombros com mais força, balançando-os em seguida com suas mãos fortes.

– Como pode fazer isso comigo, Aimée, como pode ser tão sórdida? Como pode fazer isso conosco? Como teve coragem? Vivi esses anos por você, eu a amava, eu acreditei em você, e faz isso comigo, faz isso conosco... – exclamou, a voz um tom magoado e cheio de raiva ao mesmo tempo. Seus olhos vermelhos pelo choro.

Eu apenas soluçava em resposta. Não conseguia dizer mais nada.

– Desculpe, mas eu não fiz nada, eu juro...Errei apenas em proteger Josef, por favor, Adam, desculpe-me, eu estou falando a verdade... – gaguejava.

– Com tantas provas de que era seu amante, Aimée? Acha que sou idiota?

Olhei-o, perturbada.

Ele balançou a cabeça, chorando e disse.

– Não responda. Sei o que acha de mim. Deve me achar um grande

idiota, realmente. – Ele lambeu então os lábios, e parecendo se controlar num suspiro.

Meu queixo tremia.

– Escute aqui, Aimée – ele prosseguiu. – ,não sei qual seu grau de intimidade e sentimento por esse homem, mas ele está encrencado, e sabem do seu passado com ele. A Interpol provavelmente ficará em breve de olho em você também, afinal, vocês foram amantes e agora Josef está solteiro e voltou a procurá-la, incluindo lhe depositando uma grande soma de dinheiro. Se você não estiver sob minha proteção, também estará encrencada. Vão querer saber por que ele deposita dinheiro para você, e sabe lá que coisas que você não andou fazendo para ajudar a acobertar esse homem.

– Não sei de nada, não fiz nada... – neguei novamente, a voz confusa, atordoada, sem conseguir raciocinar.

– Mas a verdade é que até a corte internacional quer pegá-lo. Você sabia, Aimée? Sabia que até os nazistas querem pegá-lo, que ele talvez acabe morto e se você o seguir acabe morta também? Ele é um homem marcado, está perdido, e ele sabe. Apenas é louco. Sabia, quando resolveu aceitar esse dinheiro? Riu de mim quando falei que recuperava objetos da ERR, enquanto seu amante os vendia, vendia o dinheiro e o sangue de inocentes? – Sua voz soou acusatória, terrível.

– E-eu não fiz nada, não sei por que ele me deu esse dinheiro, e nunca fomos amantes, eu juro- falei, trêmula. – Eu jamais receberia um dinheiro assim, ainda mais de alguém que fazia coisas cruéis como ele. Eu não sabia de nada. Você foi meu único homem, eu juro- falei, encarando-o com cuidado.

Mas ele deu uma pequena risada debochada.

– Não precisa fingir, Aimée. Não adianta. Você protegeu esse homem com garras e dentes, ele matou dois nazistas por você, arriscando-se a perder todo o maldito dinheiro que roubou. Possivelmente agora você não o quer mais, sou muito mais rico, não é? – Ele sorriu, parecendo muito triste. Cada vez mais triste.

– N-não estou fingindo – falei, a voz falhando de tanta infelicidade.
– Não o protegi, você não entende... Eu protegia sua família...

Ele então me soltou, de repente, e cambaleei, quase caindo.

– Pare com isso, Aimée. Não me enoje mais. Você o protegia o tempo todo quando eu perguntava – falou, impaciente.

Baixei meus olhos de humilhação.

– Aimée, olhe para mim – ele exigiu. Ergui então meus olhos e fitei a determinação fria que agora havia nos olhos de Adam. – Se por acaso houver um bebê, e não duvido que ele exista, eu te ofereço minha proteção e

meu nome. Ficaré a salvo, entendeu? Não criará jamais meu filho longe de mim. Você se casará comigo.

Seu olhar ganhou um brilho cruel então, enquanto ele estreitava os olhos e percorreu então lentamente meu corpo.

– E também te ofereço minha cama. Acredito que não ache ruim estar nela comigo. Nesse caso, realmente acredito em você. Uma mulher não fingiria tanto na cama. – Ele sorriu, cínico. – Mas não precisa dizer que me ama, Aimée. Eu saberei que é só sexo. Um bom sexo. Acredite, eu sei separar sexo de amor. Agora, vou deixar você lidar com as consequências de seus atos. Fará bem para sua consciência sofrer um tanto, afinal, foi cúmplice de um homem que derrama sangue de inocentes – disse, a voz com um misto de tristeza e desprezo, mas nos seus olhos, eu enxerguei uma dor profunda que me magoou mais ainda.

No fundo, eu errara. Eu errara a proteger Josef, mas eu não podia saber quem ele era, o que fizera...No fundo, eu só não queria perder Peter e Mitzi. Queria protegê-los de sofrimento.

Eu era uma desgraçada, e abracei meu corpo, desconsoladamente.

Dizendo isso, ele me deixou. Vi-o partir.

– Eu sinto muito – falei, baixinho, soluçando. – Eu estraguei tudo, eu não sabia, eu não podia saber...Adam, meu amor...Eu perdi você...

Mas ele não podia mais me ouvir. Chovia e ele já se afastava e entrava em sua casa.

Ele chegara com a chuva, e agora, partia debaixo dela.

Cobri meu rosto com as mãos e chorei com uma tristeza amarga, sentindo a pior dor da minha vida, enquanto ele partia.

Fiquei ali, tremendo, até sentir as mãos de Josef em meus ombros.

– Aimée, entre. Venha comigo.

Sem saber mais quem eu era, onde eu estava, aceitei aquelas mãos em meu ombro, guiando-me.

Josef então estava calmo, e me sentou no sofá. Trouxe-me toalhas e depois me cobriu com uma manta, e pediu que eu me trocasse no quarto.

Agradei que ele não me seguiu, resolveu não me olhar e me permitiu usar roupas limpas. Demorei a me vestir, de tanto que meus dedos tremiam.

Sentia vontade de fugir, mas para quem, para onde?

Voltei então para a sala, e Josef serviu-me então de chá.

Eu não parava de tremer e chorar.

– Beba o chá, Aimée, por favor – pediu calmamente. – Não chore, menina. Não fique assim, não quero que sofra. Não sou o monstro que pensa.

– Havia certo pesar em sua voz, prestei atenção.

Obedeci, sentindo que precisava realmente me acalmar. Minhas mãos tremiam ao segurar a xícara.

– Josef... – comecei, com cautela, vendo que ele me olhava em silêncio, e percebi que seus olhos pareciam perdidos.

Pude enxergar talvez dúvida, talvez lástima. Talvez houvesse uma alma em Josef ainda. Tentaria alcançar aquela alma e lutar pela minha vida.

– Sim, amada...

Fechei os olhos. “Amada”. Quis rir como louca, quis chorar, mas eu me sentia tão fraca e amortecida que só conseguia derramar algumas lágrimas esparsas.

– Amada. Josef? Isso que chama de amor? Fazer-me infeliz assim, destruir minha vida, usar o filho como moeda, um menino com 5 anos, um menino lindo, que já sofreu tanto? Um menino que perdeu a mãe, um menino com os seus olhos? - Levantei meu olhar para ele, e meus lábios frechiam, mas eu prosseguiria.

Era preciso ter coragem e cautela. Precisava falar com a consciência de Josef.

Ele baixou seu olhar. Achei que consegui atingi-lo de alguma forma.

– Não será sempre assim. Ficaremos bem. Você, Peter e eu seremos

uma família. Aprenderá a me amar. Nós fugiremos. Pode dar certo – ele falou, parecendo sem jeito.

– É verdade que está sendo investigado pela Interpol, é verdade que que a Corte Internacional pode em breve prendê-lo, é verdade que os nazistas querem mata-lo, é verdade que me envolveu porque quis nessa saga sórdida, depositando uma quantia enorme em minha conta para me comprometer sob a desculpa de dívida comigo? Que dívida é essa que você me paga ameaçando a minha vida e a minha liberdade? – perguntei, não podendo deixar de mostrar um imenso desprezo em minha voz. Aquilo era terrível, enojante, por mais fraca e combalida que eu me sentisse.

As mãos de Josef tremiam. Ele evitou meus olhos, e se levantou, indo parar na lareira.

Via seus olhos sombreados. Medo? Culpa? Suas mãos se fechavam sobre seu queixo, e seu semblante era sombrio e preocupado.

– Diga, Josef – insisti. – Diga, se você é homem, se tem coragem! Ama-me e me dará proteção me fazendo sua cúmplice, arrancando-me do homem que amo? Jogando-me ao perigo, aos lobos, à vergonha, à morte, arrastando seu filho junto para ser torturado, queimado, estuprado?

– Cale a boca, Aimée! – ele vociferou, de repente.

– Não calarei! Quer nos matar, e me arrancou dos braços do homem

que amo!

– Pare de dizer que o ama, Aimée! – ele gritou.

– É verdade! – exclamei. – Eu o amo. E é verdade que você está encrencado até o último fio de cabelo, não é? Pode me matar se você quiser, não me importo. Eu perdi tudo. Se eu lhe devo minha vida, Josef. Não deverei mais nada, pois já estou morta. Mas não deixarei de dizer a verdade. Pode me matar se quiser, continue me arrastando pela morte. Eu não partirei com você, não farei o que você quer.

Ele me olhou, cheio de perturbação.

– Nem por Peter, Aimée? Nem por Peter você viajaria comigo?

Sabia que ele queria me vencer com aquilo, mas o olhei então, cheia de coragem, e neguei com a cabeça.

– Nem por Peter. Você acabaria nos matando, de qualquer forma. O que pretende, fugir conosco, mudar de nome de novo? Prender-me, fazer-me infeliz, estuprar-me, Josef? – perguntei, dolorida, encarando-o. – Vai me queimar como os outros fizeram? Foi para isso que me salvou daqueles homens, para ser como eles? Porque não vai me ter de outra forma, jamais. Só me estuprando ou me matando. E eu prefiro morrer. Na verdade, já estou morta.

Ele veio então correndo de repente, para meu colo, e curvou lá sua

cabeça.

Antes que eu pudesse impedir, Josef agarrava minhas mãos e chorava.

– Não diga isso, Aimée. Não sou um monstro, eu não sou. Eu amo você, eu amo Peter...Não quero fazê-la sofrer, quero me casar com você.

– Mas eu não quero me casar com você, Josef. Eu não o amo. Eu amo Adam.

Ele levantou seus olhos chorosos para mim.

– Você o ama mesmo?

– Com todas as forças que tenho... – falei, chorando.

Ele comprimiu seu rosto e voltou a chorar em meu colo, em desamparo, abraçando minha mão e a beijando. Não sei por que, com a outra mão, toquei então seus cabelos. Por alguma razão, eu me compadecia.

Que ser humano terrível ele havia se tornado.

– Josef, para onde pretende me levar? – perguntei, infeliz.

– Para a Áustria. Peter está lá, nos esperando. Está num colégio interno.

Graças a Deus, fechei meus olhos, aliviada com a informação. Peter estava bem.

– Estão te seguindo, os nazistas?- perguntei, fria.

– Sim.

– Você acha que conseguirá fugir?

– Eu, eu não sei...– ele respondeu, levantando os olhos.

– Acha isso viável, fugir com uma mulher que não o quer, destruir a vida de seu filho, fugindo com ele por países e países sem fim, enquanto a corte internacional está no seu encalço e os nazistas também?

Ele pareceu engolir em seco, e me olhando nos olhos, tremulou. Não disse nada.

– Acho que está louco, Josef.

–Talvez– disse, enxugando os olhos.

– Acha que é isso que Mitzi ia querer?

Ele me olhou, parecendo pensativo, sem nada responder

– Liberte-me, Josef. Deixe-me viver– pedi, olhando-o firmemente.

– Mas poderíamos tentar, Aimée.

– Eu não viveria. Eu me jogaria no primeiro lago que visse. Não quero essa vida. Acabaria presa e executada, talvez. Entregue-se, Josef. Poupe-se da execução. Poupe-me. Poupe a mim e Peter de mais sofrimento. Devolva o que roubou. Faça acordos com a Interpol. Pense em Peter. Ele não

merece isso.

– Ele não terá mais nada, Aimée...Nem mãe, nem pai, nem dinheiro.

– Ele terá a mim– falei, segurando sua mão. – Dê Peter para mim, Josef. Deixe-me cuidar dele, você sabe o quanto o amo. Sabe disso.

Ele me olhou, espantado, como se pensasse sobre o que eu dizia.

– Cuidarei como se fosse meu, como sempre foi– insisti, sentindo a esperança percorrer minhas veias.

– Vai querer cuidá-lo com aquele homem?

– Ele será um pai maravilhoso, Josef. Ele também perdeu um filho, um garotinho. Adam é um homem muito bom. E ele só me terá se aceitar Peter, eu prometo. Você sabe que falo sério. Você será preso, Josef, talvez seja morto pelos nazistas. Você sabe disso. Deixe que eu Peter tenhamos uma chance, por favor.

Ele me olhou, e a confissão de culpa estava em seus olhos.

– Liberte-me– exigi, enquanto tremia, segurando sua mão. – Liberte-me. Você me salvou uma vez, salve-me novamente. Salve seu filho.

Ele me olhou profundamente, e então pegou minha mão, e a beijou.

Levantou-se, inspirando fundo. Olhou um tempo pela sala, e depois de um longo suspiro, disse.

– Prepararei a documentação dando poderes a você para cuidar de Peter em minha ausência. Acredito que vão aceitar a recomendação de um pai. E se Adam prometer sua tutela, sei que ele conseguirá proteger Peter e obterá sua guarda. Dinheiro pode tudo, Aimée. Também escreverei libertando você, eximindo-a de culpa. Não se preocupe que algo dê errado, você sabe que sob a proteção de Adam Hoyt tudo se encaminhará bem.

Fechei meus olhos, ouvindo aquilo com profundo alívio. Um longo suspiro saiu de minha boca.

– Obrigada, Josef...Obrigada.

Ele me olhou, num sorriso triste.

– Cuide dele, Aimée. Cuide de Peter.

– Eu cuidarei – prometi de todo meu coração.

– Cuide-se também. – Ele sorriu tristemente.

Acenei que sim com a cabeça.

Ele pegou seu chapéu em cima do sofá, e me olhou longamente.

– Falarei agora com Hoyt. Ele está na casa ao lado, não é? Ele vai me ouvir, vai acreditar em mim e logo estará aqui pedindo desculpas aos seus pés. Contarei tudo o que houve, e exigirei que cuide de Peter para escrever a carta livrando você.

– Adam não precisa disso para cuidar de Peter, tenho certeza, mas se acha seguro, faça.

Ele me deu mais um longo olhar.

Um olhar que dizia muitas coisas. Sentia-me tonta de alívio. E eu entendia que seria a última vez provavelmente que veria Josef Iovanov.

– Adeus, Aimée – ele disse após dar um longo suspiro.

– Adeus, Josef. Rezarei por sua alma – falei, quase chorando.

Ele colocou o chapéu na cabeça, e sorriu.

Quando ele estava para sair, eu o avisei:

– Falarei de você para Peter. Bom ou não, errando ou acertando, você é o pai dele.

Ele parou na porta, sem me olhar, e apenas disse:

– Obrigado, doce Aimée. Linda menina. É mais do que mereço. Daqui a pouco, um homem que talvez a mereça, um homem melhor que eu, virá aqui te pedir perdão de joelhos. Exigirei que Adam Hoyt a faça feliz.

– Ele fará – disse, cheia de lágrimas.

E então, Josef partiu, deixando a porta atrás de si.

Estava agora contando os segundos para receber Adam “de joelhos” até a mim.

Olhei para o vidro de perfume que estava na sala “*Je Reviens*”.

“Eu voltarei”.

Ele voltaria, pedi a Deus silenciosamente. Sabia que Adam voltaria.



Capítulo 29

ADAM PAGE HOYT

Estava ainda em casa, após tomar um rápido banho frio para tentar conter minhas ânsias, meu ardor e minha raiva. Minhas emoções estavam tumultuadas, e talvez nem a morte de Helen e meu filho me causassem tanto sofrimento.

Parecia que eu havia perdido pela segunda vez a minha vida, e dessa vez, de forma amarga e desiludida.

Sentia meus sonhos se desintegrarem, meus maravilhosos sonhos de felicidade e amor perfeito nos braços de Aimée.

Os falsos braços de Aimée.

Meus cabelos estavam bagunçados, e eu tomava coragem para partir Londres, e ao mesmo tempo, queria entrar naquela casa e dar um tiro em Kollerman ou Iavonov ou seja lá como aquele demônio dos infernos se chamava.

Também queria lançar à face de Aimée toda a minha repugnância e indignação, sacudi-la , perguntando-me como tivera coragem de fazer aquilo, destruir tudo... E ao mesmo tempo, queria me lançar aos seus pés, beijando-

os e chorando.

Mulher abjeta, sem coração. Eu lhe dera meu amor, minha confiança, minha devoção. Tudo de mim, e recebera em troca mentiras, enganação.

Como podia tripudiar assim de tudo o que lhe dera, tudo o que eu acreditava de especial termos vivido?

E, maldição, eu continuava a amando. Foi duro deixá-la ali, prostrada e chorando, ver seu lindo rosto banhado em lágrimas e seus joelhos na lama. Mas ela precisava amargar as consequências de seus atos, ao aceitar o dinheiro e as atenções de um criminoso. O dinheiro vindo de sangue inocente derramado.

Chocava-me, porém, seu sofrimento. Chocava-me mais ainda pensar em tudo o que havíamos vivido, e constatar a viva miríade de sentimentos me atormentado.

Seus beijos inocentes, seu olhar puro e desejoso, suas mãos de anjo sobre mim, aquele hálito açucarado me deixando louco, nossas primeiras vezes, os dias felizes, as palavras ditas e repetidas, promessas. Eu me sentia amado, eu via amor em seus olhos, eu sentia seu amor caindo sobre mim, como uma chuva abençoada... Santo Deus, eu queria lhe dar filhos, e passar a vida inteira com ela. Aimée havia sido tão contundente demonstrando o que

sentia, e parecia tão amarga e sofrida.

Se bem que... Como não seria? Ela era uma mulher marcada, que dera um mau passo ao envolver com aquele crápula.

Via nela um sofrimento largo, vasto. Agora há pouco, seus joelhos estavam enfiados na lama...E eu a deixei lá...Teria sido cruel, teria sido injusto? Ela estaria sendo sincera?

Dúvidas terríveis reviravam meu interior, nauseando-me. Perguntava-me se havia sofrimento ali, sim, deveria haver.

Sofria por si mesma, como toda egoísta consumada.

De todo modo, eu manteria minha promessa. Sim, se ela estivesse grávida, nós nos casaríamos, e teríamos um casamento amargo.

Mas ao menos um casamento não amargo na cama e um filho feliz, isso eu exigiria: que fosse boa mãe.

A dor que eu sentia era profunda, e sentia algumas lágrimas escaparem enquanto me apoiava na lareira.

A despeito de tudo, aquela dor feroz que parecia me consumir só me dava uma dura certeza: eu a amava, e como a amava, e me odiava por amar uma mulher que não merecia o meu amor.

Enxuguei minhas lágrimas, confuso, quando ouvi a porta bater.

– Hoyt, abra.

Era o maldito Joseph. O que ele queria? Tomar um tiro? Acha que um homem que fabrica armas não está armado?

Dei largas passadas até porta, tentado até o mais fundo de mim a dar um tiro no meio da testa daquele desgraçado.

Encontrei os frios olhos azuis de Joseph.

– O que quer, morrer? – cumprimentei-o.

– Talvez – ele respondeu, entrando, sem que eu o convidasse.

– Ótimo, vou pensar em como te ajudar nesse caso a resolver seu problema com a vida. Teria imenso prazer- falei, cínico – O que quer, além de morrer?

– O mesmo que você – ele disse, colocando-se na minha frente. – A felicidade de Aimée.

– Não quero que ela seja feliz, pelo contrário. Quero que ela pague pelo que fez. Mas pode ser que ela pague na minha cama – falei, cruel e provocativo.

A dor estava fazendo isso comigo, a revolta de imaginar Aimée nos braços daquele maldito, enganando-me.

Ele baixou os olhos e então voltou a erguê-los, num suspiro.

– Escute aqui, Hoyt. Não fale dela assim. Você...você precisa saber de algumas coisas. Agora sente e me escute. – ele falou, sério.

– Ué? Estavam combinando juntos como me passar a perna? Achrom que sou idiota? – falei, com toda minha cínica amargura.

– Nesse momento, sem dúvida, Hoyt, você é um idiota. Agora, sente-se. Tenho uma proposta a lhe fazer. Liberarei Aimée, e lhe contarei o porquê.

Olhei-o, pensativo. A expressão facial daquele bandido parecia estranha.

– Uma proposta? Indecente? – continuei a espetar.

– Escute, Hoyt. Sem mais gracinhas. O assunto é da maior gravidade. Digamos que tenha me dado conta que talvez não valha a pena fugir. A Interpol me pegou há três dias. A qualquer hora sai um mandato. Estava desesperado. Aimée não tem culpa, você entende? Nenhuma culpa.

Olhei-o, e minha raiva começou a se desfazer.

Esperança. Era o que eu precisava. Esperança de que Aimée fosse realmente inocente e tudo aquilo fosse um pesadelo.

Joseph deu mais alguns passos pela casa, pensativo, e voltou a me encarar. Eu o acompanhava com interesse.

– Tinha ilusões sobre nós, eu e Aimée, mas a verdade é que ela tem

nojo de mim, e com toda razão. Não faz ideia do mal que lhe fiz. Não quero que ela acabe morta como vou acabar morto se fugir. Ou presa injustamente depois de tanto sofrimento. Nem ela nem meu filho. E é sobre ele que vim falar também, Hoyt. Estou dando para você as duas coisas que amo nesse mundo: Aimée, e meu filho. Eu dou a você as duas coisas que amo, liberando-as, e em troca só peço que você os proteja. São dois anjos inocentes, Hoyt, não seja idiota. Escute tudo o que tenho a dizer, e não ouse mais xingá-la, ou quebro seu nariz. Não tem noção do quanto já magoei Aimée, o quanto fui criminoso e injusto com ela e só agora pude perceber. Não faz ideia do que essa menina passou até aqui.

Olhei-o, entre surpreso e intrigado. Por incrível que pareça, vi verdade naquele homem. Vi angústia.

A angústia de um homem que, de repente, dava-se conta que estava encurralado, que não tinha mais jeito, que tudo estava acabado.

E eu não sentia a menor pena, queria mais é que se fodesse. Que apodrecesse ou morresse com crueldade.

Mas ele estava falando sobre Aimée. Sobre a inocência de Aimée. Eu tinha de escutar aquele homem.

Diante daquilo, dei dois passos para trás, e observei Joseph se sentar, puxar um cigarro e acendê-lo e após baforar, falei:

– Fale tudo o que tem que falar. Mas se Aimée é inocente como diz, e você a vilipendiou, seu abutre, você terá muita sorte se sair vivo daqui e não em mil pedaços que eu mesmo retalharei.

Ele tragou e deu um sorriso triste.

– Poupe-se de ir preso, Adam Page. Você terá de cuidar de Aimée e de meu filho. Já sou um homem morto.

Pus as mãos na cabeça, apreensivo.

– Vamos, homem. Fale logo tudo o que tem para falar – ordenei, impaciente.

– Isso vai me exigir juma boa dose de coragem e um *brandy*. Dê um *brandy* a um homem quase morto, ou no mínimo condenado à prisão perpétua, Hoyt. Tenha piedade.

Suspirando, desconfiado e, ao mesmo tempo, com a chama de esperança crescendo dentro de mim, servi seu *brandy* e aceitei um cigarro quando ele me ofereceu. Também precisava relaxar.

Uma boa dose de *brandy* iria muito bem.

– Muito bem, Hoyt. Vou contar, e posso provar tudo o que estou dizendo, se tiver dúvidas.

– Conte – desafiei-o.

Fiquei ouvindo contar sobre sua história de vida na Sérvia, o serviço no exército, o contato com os nazistas da ERR, o modo como roubou dinheiro das peças e escondeu, o dia em que conheceu Aimée, cuidando de sua esposa e seu filhinho, e de como ele se apaixonou quando ela o cuidou, e ela o rechaçava, assustada. Contou em detalhes o modo como os nazistas estupraram e queimaram Aimée simplesmente porque ele tinha uma foto dela em sua carteira, e ela era bonita e ele a perseguia, entrando muitas vezes em seu apartamento sem que ela notasse, coisa que os nazistas que o estavam vigiando sabiam. O modo como ele os matou para protegê-la, pondo tudo em risco, realmente. O fato de Aimée ser uma menina inocente que infelizmente cruzou o seu caminho. A venda do apartamento de Aimée para ajudar sua família e o modo como ele covardemente aceitara o dinheiro porque não poderia pegar o dinheiro roubado naquele momento ou seria morto. Os meses que passou na Áustria até mudar de nome e voltar como o investidor agressivo com a fortuna feita a partir de peças roubadas e tesouros nazistas. Ele relatou também a máfia que criou e a obsessão e a gratidão que nutria por Aimée por aqueles anos, enquanto a esposa agonizava uma tuberculose que finalmente a matou.

Ouvia e a cada palavra todo o tormento da culpa me revolia, terrivelmente. Sentia meu rosto se enrijecer de sofrimento, enquanto o escutava com as mãos juntas apoiando o queixo.

Pobre, pobre Aimée...

E eu, insensível, a martirizei muito mais, deixando-me cegar por terríveis ciúmes.

Ela era uma santa vivendo um calvário e eu a deixei de joelhos na lama. Suas lágrimas se confundindo com a chuva.

Seus olhos suplicantes, seus lábios imprecando piedade, explicando-se. E eu fui impiedoso.

Porco insensível que eu era. Meu pobre passarinho.

Por mais que as provas parecessem contundentes, eu não podia ter duvidado de seu caráter, de sua pureza, de sua nobreza, de seu amor.

Mas, como um animal ferido e enciumado, eu me agarrara às primeiras impressões.

Fui um tolo. Aimée era apenas como sempre foi: generosa, bondosa e fora enganada e usada por esse homem sórdido, que se aproveitou de sua bondade. Aimée pagara um preço alto por ajudar sua família. E agora, prestes a ser preso, esse verme a ameaçava de levar para a prisão incriminando-a ao depositar dinheiro sujo em sua conta sob o pretexto falso e egoísta da gratidão, ou a chantageava usando do próprio filho.

Que homem desprezível era Josef Iovanov, e que homem desprezível eu também era.

Aimée era absolutamente inocente, e eu culpado.

Ao terminar de ouvir os relatos terríveis e frios de Joseph, eu trincava fortemente meu maxilar para não o espancar até a morte.

Meu único consolo é que muito provavelmente fariam isso com ele. Mesmo se fosse preso, um homem que vivia às custas do doloroso sangue judeu não tinha muitas chances de viver na prisão.

Os presos têm uma visão diferente da justiça e acreditam no sangue derramado, e Joseph sabia disso. Ele estava encurralado por todos os lados.

Odiava-o por querer tornar a doce Aimée cúmplice de seus crimes cruéis e obrigá-la a fugir com ele para um destino de morte, comprometendo-a em sua trama suja.

Quando ele me contou que, quando ela disse que preferia morrer, e que, na verdade, já estava morta, a dor que senti foi insuportável.

Chocado e enjoado, levantei os olhos para Joseph.

– A única razão para que não o mate, Iovanov, é porque você é um diabo morto e não quero ser o responsável pela morte do genitor daquele a quem vou criar como meu filho. Sim, eu assumo as responsabilidades por seu garotinho. Sei o quanto Aimée o ama, e eu aprenderei a amá-lo também. E você sabe que minha palavra é uma só. Peter ficará bem, sob minha proteção. Deus tenha piedade de sua alma, Iovanov, porque eu não tenho. E Deus me

ajude para que possa curar todas as feridas que você causou em Aimée, seu bastardo filho da puta.

Ele estreitou os olhos, ciente de minha fúria. Apagou o cigarro no cinzeiro e se levantou, parecendo decidido.

– Amanhã mesmo meus advogados vão procurar os seus para acertamos todos os trâmites.

— Seja rápido, Josef – asseverei.

– Sim, eu terei de ser. Será rápido, pois tenho que fazer antes que eu seja pego. Minhas horas estão contadas.

– Irá mesmo se entregar? – indaguei, curioso.

Ele acenou que sim, pondo as mãos no bolso.

– Acho que é o mais viável. Acredito não ter outra opção.

Claro que você tem, morrer, seu diabo, pensei.

– Posso conseguir alguns acordos entregando algumas pessoas – ele continuava.

– É claro. – Sorri, completamente cheio de asco por aquele homem vil, mas nada desacreditado. Havia vivido o suficiente para conhecer todo tipo de maldade e vileza.

Josef Iovanov não me surpreendia.

A guerra não fazia homens como Iovanov, eram homens como ele com ampla patifaria e egoísmo que causavam guerras.

Ele parecia então se aprontar para sair, mas então me olhou firmemente.

– Confio meu filho a você, Adam Page Hoyt. É um bom garoto. Não saiu a mim, ele é fraco, como Mitzi. Mas antes fraco que corajoso como eu. A coragem e a ganância nos metem em encrenca às vezes, sabe? Não é fácil ser refugiado.

– Nunca é fácil ser refugiado, mas isso não justifica seu banditismo. Sobre Peter, que bom que não saiu a você.

– Talvez, talvez seja o melhor para ele. – Vi sua sobrancelha tremer. Ele estreitou ainda mais os olhos.

– Cuide de Aimée. Faça-a a feliz – ele insistiu.

– Tentarei, juro que tentarei com tudo de mim – respondi, pensando em como me sentia devastado.

E então, ele se foi.

Santo Deus. Prendia a respiração, aterrorizado, colocando as mãos na cabeça. Sequer dei a ela o benefício da dúvida...Se ela quisesse me castigar, não me importavam as regras, aceitaria todas, todas.

Pobre Aimée. Meu pequeno pássaro ferido. Meu pardalzinho.

O que fiz com você, meu amor?

Que você possa me perdoar...

Deus, ajude-me, ajude-me a dar a Aimée toda a felicidade que ela merece, ajude-me a fazer com que ela me perdoe. Preciso de sua ajuda para tentar reparar tanto sofrimento, a ajudar a aplacar tantas e imerecidas dores.

Que Aimée tivesse por mim alguma compaixão, embora talvez eu não merecesse.



Capítulo 30

ADAM PAGE HOYT

Caminhei a passos largos até sua porta. A chuva já havia parado. Sentia o ar pesado e ainda úmido a minha volta.

Meu coração era feito de chumbo de tão pesado e triste que estava.

Abri a porta da casa de Aimée devagar...E minha primeira esperança chegou: ela não havia fechado a porta para mim. Talvez me esperasse. Talvez pudesse me perdoar.

A imagem que vi me espedaçou de uma forma terrível.

Ela estava a imagem do desamparo. Quieta, como um quadro, olhando a lareira acesa, para as chamas que jogavam luzes douradas em seus cabelos.

Estava linda e triste, e tudo culpa minha.

Olhei suas mãos paradas, suas pernas cruzadas, seus pezinhos nos sapatos novos que lhe dei, onde ainda havia aquele pequeno machucado que eu cuidara .Uma dor cortante invadia meu peito. Tanta culpa. Por favor, Aimée, deixe-me beijar seus pés e o banhar com as minhas lágrimas.

E saber que ela sofria tanto.

Dei mais alguns passos inseguros, e a observei se remexer suavemente, como se tivesse medo. Ela estava com medo de mim, e a culpa era minha.

Mais uma vez, eu me envergonhei.

Seu rosto triste se virou devagar. Uma face marcada pelo sofrimento. Ela apenas entreabriu os lábios, e então parou de me olhar.

Respirei fundo, tentando encontrar as palavras certas, se é que elas existiam.

Tirei meu chapéu e o coloquei cuidadosamente na mesa, aproximando-me da poltrona onde ela estava, com muita cautela. Ela continuava fitando suas mãos. Como gostaria de beijá-la, ali, onde logo gostaria de pôr o anel que lhe comprei. O anel que a faria minha, formalmente minha.

– Aimée...eu...

As palavras falharam, e finalmente seus grandes e escuros olhos voltaram a me olhar, com aquele traço denso e doloroso. Os olhos de Aimée sempre guardavam sua alma. Vi ali todo seu amor e decepção comigo. Toda sua dor coalhada em lágrimas represadas.

Sentia minha respiração cada vez mais difícil, minhas emoções agitadas.

Passei a línguas nos lábios, ainda angustiado. Fechei meus olhos antes de criar coragem, até voltar a ver seu semblante inocente e desolado.

– Aimée, sei que não mereço. Sou o primeiro a admitir isso, mas...eu lhe rogo mesmo assim. – Meu rosto se retorcia e minha voz tinha a agonia do que me devorava. – Será que algum dia nessa vida poderá me perdoar pelo que lhe fiz?

Seu rosto que se mostrava controlado, então, se contorceu e ela emitiu um pequeno gemido, como se estivesse controlando o choro.

Não pude resistir, e então eu me ajoelhei. Eu me ajoelhei onde ela estava sentada, sentindo o calor crepitante da lareira, e suas mãos quentes entre as minhas.

– Aimée, por favor...diga que ainda verei seu rosto radiante, e pelo amor de Deus, meu amor, diga que serei responsável por ele...Vou viver para fazer voltá-la a sorrir, meu amor. Por favor, perdoe-me por todo horror que lhe causei. Por ter duvidado de você, por ter lhe dado tanto sofrimento. Eu estava cegado pelo ciúme, agindo de modo cruel. Sei que foi imperdoável, mas pelo amor de Deus, Aimée, tenha compaixão de mim, aquela que não tive de você. Ou se quiser me punir, puna-me. Mas não me puna com sua ausência, por favor. – Minha voz falhava, e meu queixo tremia de emoção, a voz engolfada pelo desespero e pela alegria de sentir a pele da mulher que eu

amava tanto.

Meus ombros estavam envergados de culpa e eu fazia uma pequena oração em meu interior desejando que ela me perdoasse.

Aimée chorava, sem dizer nada. Desatou a soltar lágrimas que pareciam profundas, carentes.

– Aimée, por favor...Eu vivia por você, por suas lembranças...Você sabia, meu amor? Que eu amei desde, desde o primeiro dia em que a vi? – Minha voz era sufocada pelo choro. – Quando achei que você havia me traído, que havia mentido para mim, senti-me sem razões para viver. Pode parecer egoísta Aimée, e sei que é... Mas necessito de seu perdão para viver.

Peguei sua mãozinha e a levei aos lábios, beijando-a delicadamente, e procurei então seus olhos que agora me olhavam, atentos.

– Aimée... – falei, tocando-a no rosto suavemente, tirando um fio que estava em seus lábios entreabertos. – Se soubesse o peso de chumbo do meu coração. Preciso de sua bondade, Aimée. Peter e eu precisamos de você, de seu amor... – Olhei-a, respirando com dificuldade, enxugando suas lágrimas e sentindo o toque febril de suas bochechas rosadas.

Via suas pálpebras tremularem.

Aimée parecia o lindo anjo de luz que me iluminava. Seus olhos focaram a lareira, como se buscassem calma, e por fim voltaram a me fixar.

Ela inspirou como se algo muito profundo a tocasse.

Ela fechou os olhos e então sua outra mão se ergueu até meu rosto. Seu toque foi suave e bondoso, como só ela conseguia ser. Era o bálsamo e toda alegria que eu podia desejar no mundo.

– Adam – sussurrou a voz de passarinho, interrompendo-me.– Meu querido Adam.

O toque de fada que sempre me salvara estava ali, salvando-me mais uma vez.

– Meu coração sempre será seu...Eu o perdoo, é claro que o perdoo. Não precisa se humilhar, basta de dores.

– Eu a deixei na chuva, Aimée...Sozinha e chorando – murmurei, retorcendo-me de culpa e sendo ali alentado por sua alma magnânima.

– Foi algo lamentável, Adam, foi algo tolo, foi algo errado, mas eu o perdoo. Eu o perdoo se puder me fazer feliz. Faça-me feliz. – ela pediu, olhando-me nos olhos. – Faça a mim e a Peter felizes, por favor, para sempre – suplicou com doces olhos pedintes, famintos de paixão.

– É o mínimo, Aimée...O mínimo. Você é a minha vida...Viverei para fazê-los felizes – disse, tocando-a no rosto. O rosto que eu amava.

– E você mora nas batidas do meu coração, Adam. – ela murmurou, mordendo os lábios. – Estou usando o que perfume que me trouxe, porque sei

que você voltaria. E eu estava esperando por você.

Inspirei o ar, sentindo os olhos arderem cada vez mais de emoção. Sentindo o seu perfume de uma espera que acabava. Eu voltara, para nunca mais ir embora.

– Estou aqui, *chérie*, estou aqui para você...Por mais indigno que eu seja, sou eu. E não posso não querê-la.

– Eu entendo como se sente, o que Josef fez foi muito cruel... Foi uma trama terrível. Não sei como teria agido no seu lugar. – Ela fez uma pausa em seus soluços que aos poucos iam se desfazendo e ela ia se acalmando.

Toquei-a mais delicadamente, espalmando minhas mãos em seu rosto, enquanto sentia o toque caricioso de seus dedos e o brilho seu olhar.

– Ah, meu amor, meu amor. Quero ser bom para você, quero ser perfeito para você... – disse, encarando-a transbordando de paixão, observando seus grandes olhos úmidos, seus cílios baixos, tão formosos.

Ela me acariciou lentamente.

– Você já é bom, Adam, você já é perfeito mesmo com suas imperfeições. Já sofremos demais, meu querido. Só o perdão libera a alegria de viver. O perdão é libertador. E precisamos ser felizes. Basta, basta de infelicidade. Eu quero ser feliz com você. Precisamos nos permitir isso,

esquecer tudo isso, continuarmos, sermos felizes, meu amor. Precisamos da bênção do esquecimento e do perdão. Peço que também me perdoe porque de alguma forma fui desleal com você, protegendo o nome de quem não merecia.

– Claro que perdoo, princesa...

Não pude mais me conter, e então a trouxe para mim, eu a abracei como o tesouro precioso que ela era, o maior tesouro de minha vida, enquanto sentia arrefecer seu estremecimento. Queria dar-lhe segurança, afeto, meu corpo, minha alma.

– Meu pardalzinho, meu pardalzinho de asa quebrada...– falei, apertando-a e sentindo o cheiro de *Je Reviens* em seu pescoço enquanto enroscava os dedos em seus cabelos macios. – Eu vou te ensinar a voar, passarinho. Você voará alto, junto comigo – falei, sorrindo, enquanto a balançava junto de mim, moldando seu corpo contra o meu, ali, ajoelhado aos seus pés.

Aos seus pés...

– Adam, meu coração sempre voará para você, sempre a seu encalço. É para você que eu canto, amor – murmurou em meu ouvido, e então descansou seu rosto em meus ombros,

Minha Aimée, *ma chérie*...

– E eu nasci para ouvir você cantar...

Sentia sorrir em meu ombro, enquanto ela afagava os cabelos em minha nuca.

– Adam, obrigada por aceitar cuidar de Peter.

– Ele será como meu filho, você sabe disso. Darei a ele toda proteção como também meu coração.

– Sim, meu querido, eu sei – ela disse baixinho, ainda repousando a cabeça em meu ombro.

Afastando-a com cuidado, porém, resolvi fazer o que deveria ter feito antes. Muitos antes, sem ter qualquer dúvida. Retirei do bolso uma pequena caixa de veludo, enquanto ela me acompanhava quieta, parecendo curiosa com meus gestos.

Ao abrir a caixinha de veludo, um anel de ouro branco e brilhantes apareceu. Um anel de enormes pedras de rara lapidação. O símbolo de que ela me pertencia e que ela era preciosa.

Peguei sua mão com delicadeza, e ainda em silêncio, coloquei o anel em seu dedo, sob seu olhar surpreso e encantado.

Beijei o anel com suavidade e reverência, como se abençoando aquele nosso enlace. olhando-a, acariciei a pele fina e alva de sua mão.

– Aimée, com esse anel selo meu pedido que faço com toda devoção

possível. Por favor, faça-me um homem grandiosamente feliz, dê-me a máxima honra de ser minha esposa, deixe-me que eu a cuide, que eu a proteja e tente fazer você tão feliz e realizada quanto você me faz. Deixe-me oferecer minha lealdade e meu amor eternos, diante de Deus e dos homens – falei, suspirante, encarando-a, ansioso por sua resposta.

Aimée me olhava como numa espécie de encantamento.

Um pequeno sorriso brotou em seus lábios, finalmente. E foi se tornando mais largo, e mais largo.

E quase morri de alegria ao ver o sorriso irradiado.

– Sim – ela acenou, olhando para o anel, e em seguida me olhando com um lindo sorriso iluminando seu rosto sofrido. – Sim, amor, sim. Serei sua esposa.

Sem suportar mais, levantei-me do chão, onde estava ajoelhado, e a puxei pela mão, para vir direto para meus braços. Ergui-a então com frenesi, para agradecê-la aos céus mais uma vez, e quando a abaixei abracei-a intensamente, beijando-a como um louco, penetrando o calor de sua boca com a língua.

Aimée arquejava enquanto eu a beijava, e dos meus lábios saiam palavras em adoração.

– Minha esposa, minha linda esposa...– murmurava contra seus

lábios vermelhos pela força dos meus beijos.

Ela deixava de ser etérea, a minha santa, para ser a carne, a carne que eu amava e precisava.

Apalpava-a, querendo sentir sua nudez, seu calor, seu aconchego. Queria tanto entrar em Aimée e explodir de amor, enquanto emitia rugidos de puro prazer ao sentir a redondez cheia de seu corpo.

Desejava-a tanto que doía, ali, apalpando seus seios e sentindo seus mamilos ficarem duros contra mim.

Passei a rodeá-los, fazendo-a gemer de agonia, enquanto abandonava a selvageria que machucava seus lábios com ardentes beijos.

– Preciso entrar em você, amor. Preciso...– falei, erguendo a mão de seus seios e soltando o coque de seus cabelos e a beijando até que perdêssemos o ar.

Puxava os cabelos de Aimée entre minhas mãos, sedento, sentindo seu corpo se arquear para mim, provocando uma ereção imensa e dolorosa.

Sem poder mais aguentar um segundo, abaixei-me, pegando-a pelos joelhos e a carregando para cama.

Lá, voltei a capturar seus lábios, acomodando-me no seu centro, enquanto gemíamos. Passei então a despi-la com cuidado, sentindo suas lindas formas, beijando a pele delicada, sugando a suavidade de seu pescoço,

arranhando a pele de seu colo, deliciado com seus gemidos quando roçava minha barba em sua pele sensível, e abrindo suas pernas para roçar com as unhas suas coxas, deslizando depois meus dedos por seu interior, até sentir seu sexo úmido e beber os gemidos de sua boca.

Aimée me acolhia, nosso amor nos cegava, e eu esfregava meu membro em sua entrada molhada e receptiva.

Meu corpo todo pulsava de desejo.

– Linda, você é linda, você linda e vai ser minha esposa – dizia, enlouquecido enquanto chupava seu pescoço para marcá-la e Aimée erguia seu quadril para mim, balançando-me comigo sensualmente, oferecendo-se.

– Eu quero você, preciso de você dentro de mim – Aimée pedia, apertando-me com suas pernas abertas que me envolviam enquanto repuxava meus cabelos.

Eu amava seus descontroles.

Eu voltava a capturar seus lábios, sedento, deslizando a boca por seu colo em seguida para sugar seus mamilos que estavam parecendo vibrar de desejo. Ao rodeá-los com a língua, Aimée soluçou de prazer.

Enquanto Aimée me laçava pelo meu pescoço enquanto eu sugava seus mamilos, não consegui mais ceder e segurei meu membro, ansioso por penetrá-la.

Posicionei-me, erguendo seus quadris e a penetrei, urrando selvagememente. Ela estava tão úmida, tão escorregadia...Penetrei-a fundo, mexendo-me ritmicamente, apertando a lateral de seu corpo, por fim elevando seu traseiro redondo para mim, e Aimée recebia minhas investidas, uma a uma, gemendo lindamente...Até senti-la se contrair enquanto a penetrava, e a beijei enquanto apreciava seus espasmos vaginais em torno do meu membro, bebendo seus gemidos de prazer e me derramando dentro dela, largamente, em seguida, sentindo meu pênis pulsar e liberar todo o ardor e paixão que sentia.

E ficamos ali, abraçados, felizes, unidos, banhados de suor, suspirando de alívio e felicidade.

Tanta felicidade, por fim.



Capítulo 31

FINAL

Estávamos numa limusine, cerca de um mês depois de nossa reconciliação.

Eu era finalmente a Sra. Adam Page Hoyt, e meu marido segurava minha mão, dando-me toda a segurança que eu esperava.

Olhava-o e ele ainda me inspirava toda aura de paixão, e eu me sentia muito, muito orgulhosa.

Havíamos casado há cerca de dez dias, numa cerimônia simples e discreta, como eu insisti. Apenas a presença do padre e Jeremy e a madrastra de Adam como testemunhas.

Depois tivemos uma breve lua de mel e estávamos finalmente com as papeladas que nos autorizavam a pegar Peter na escola em que ele estava na Áustria.

Em nossa lua de mel, Adam me levou para conhecer os Alpes Suíços. A Suíça havia sido menos bombardeada e tivemos lá dias inteiramente mágicos num verdadeiro estado de graça. O frio literalmente se tonava quente com a presença docemente sedutora de Adam.

De alguma forma, Adam parecia fazer cumprir exatamente o que prometera: eu estava o tempo todo com um sorriso radiante no rosto.

Já havia conhecido meu cunhado Jeremy e a madrasta de Adam antes, e eles foram exatamente o que Adam me prometera: gentis, ternos, solícitos.

Eu fiquei muito contente de ser tão bem recepcionada. Tornava tudo menos assustador, porque ainda era assustador ser a Senhora Aimée Page Hoyt, a mulher do Senhor das Armas.

Eu estava tentando me adaptar ao guarda roupa novo que Adam e sua madrasta estavam comprando para mim aos poucos, e ainda ficava de queixo caído e sem graça ao perceber o quanto meu marido era rico, e agora eu também.

Céus! Eu era muito, muito rica! E aquilo não deixava de ser assustador, porque meu coração e minha alma, acredito, sempre seriam modestos.

Aquele mundo de mansões, refeições caras ainda me parecia uma espécie de realidade paralela, mas eu estava aos poucos pegando o ritmo.

Adam me prometera que teríamos dias simples no campo, e uma rotina toda nossa. Eu amava a simplicidade de Adam, mesmo sendo tão rico.

Era realmente inacreditável aquela mudança de vida. O combinado é

que nos estabeleceríamos em Londres, a princípio na casa de meu esposo e depois teríamos nosso lugar que, segundo Adam, eu mesma decoraria, como se eu soubesse algo sobre decoração. Eu apenas sabia fazer minhas pátinas e bordados, nada mais.

Eu me perguntava se um dia me adaptaria a tudo aquilo, realmente. Ainda preferia servir o chá da tarde ao meu marido, e conversar com ele enquanto líamos jornais.

Preferia ainda fazer biscoitos amanteigados, e é claro, merengues e dividir tudo com ele.

Estávamos cada vez mais descobrindo nosso gosto. Adam gostava de chá com alcaçuz e limão, e eu tomava meu chá com leite e dois cubos de açúcar, e estávamos tendo horas incríveis dividindo nossos finais de tardes e manhãs.

Preferia eu mesma servi-lo e os empregados entendiam que estávamos começando nossa vida marital e nos deixavam em privacidade.

Era esquisito ter empregados e uma casa tão grande. Aliás, tantas casas que demoraria tempos para conhecer.

À noite, gostávamos de ler à meia luz, e eu vez em quando olhava para o lado, para ver meu lindo marido de pijama e óculos de leitura, passando as páginas de um livro, tão sério e concentrado, a luz cintilando em

seu semblante tão elegante, e depois ele me puxava para seu peito amplo e maravilhoso, tão duro e firme, e depois me acariciava e fazíamos amor todas as noites.

E eu ainda não havia contado para ele que estava com o ciclo atrasado e que tinha certeza que teríamos sim em breve um bebê.

Adam não deixava de me preencher uma noite sequer, e eu estava sempre pedindo mais.

Era uma avidez louca que tínhamos um pelo outro.

Com tanta fome assim, um bebê realmente não demoraria. E era isso que também me angustiava. Em breve eu teria mais um filhinho para cuidar, além de Peter.

Mas ainda lembrava da fantástica lua de mel que tivemos, a paisagem idílica, a lareira romântica e os passeios na neve.

O chalé de Adam nos Alpes suíços era uma mágica construção com uma vista de tirar o fôlego para uma infinidade de pinheiros cobertos pela mais branca neve. Um refúgio ideal para os amantes.

Foram dias realmente incríveis os que passamos, embora meu coração batesse de ansiedade para finalmente obter a licença para ter a guarda de Peter. Aguardávamos naqueles dias a liberação e o fato de estarmos casados acelerou bastante o processo, e, graças a Deus, a licença finalmente

havia saído algumas semanas depois.

Estávamos passeando agora pelas ruas de Viena, que sofrera bastante com a Guerra, mas estávamos no curso de uma rua de um rico bairro em que havia internatos para meninos.

Tudo parecia bonito e conservado naquela região.

Imaginava Peter em uma daquelas mansões que víamos, há tantos meses sozinho, um menininho de apenas 5 anos, sem pai e sem mãe e provavelmente sem explicações sobre sua solidão.

Josef, aliás, não se entregou. Esperou que obtivéssemos a licença sobre Peter, e fugiu. Como contar isso para um garotinho? Um garotinho que provavelmente não se lembrava mais de mim? Ele sequer tinha 2 anos quando o vi pela última vez.

Era uma realidade muito dura para um menininho, mas eu esperava recompensá-lo por tudo o que havia sofrido. Ele ainda era o meu amor secreto.

O inverno estava pesado, as ruas cobertas de neve e Adam apertava minhas mãos entre as suas para aquecê-la, mesmo com luvas.

Usávamos grossos casacos de lã e meu coração acelerava de ansiedade e expectativa.

Quando a limusine parou em frente à grande mansão que abrigava a

escola, mordi os lábios de nervoso.

Beijeí Adam em seguida, que sorria tentando me dar confiança. Incrível como eu estava nervosa ao rever Peter e saber que agora ele seria meu.

Os olhos de Adam estavam num tom de azul claro invernal, ele estava tão lindo. Mal podia acreditar que ele era meu esposo. Aquele homem elegante que irradiava confiança e força.

Apesar da aflição daqueles dias por Peter, eu estava imensamente feliz, tanto que jamais podia imaginar que uma tal felicidade seria possível.

Comovida, olhei para Adam. Meu coração explodia de ternura, de gratidão, de amor, de tudo.

– *Mon prince, mon amour, mon mari...* Não duvide por nem um segundo, nem um segundo sequer...Esse é o maior presente que poderia me dar, permitir-me estar com Peter e ser também um pai para ele.

– Ah, *chérie* – Ele tocou minha face com doçura.- Dará tudo certo, estarei ao seu lado, para o que der e vier. Espero que ele goste de mim, também estou um pouco nervoso- Adam falou, realmente parecendo enervado.

– Não tenho a menor sombra de dúvida que ele amará você, meu bem. Como não amar você? Como não amar um pai que o adotará de todo

coração?

Ele assentiu com a cabeça, querendo me dar coragem. Era a hora. A hora de rever meu menininho.

– Vamos? – perguntou suavemente.

Afirmei com a cabeça consentindo e esperei que ele me guiasse, abrindo para mim a porta do carro, segurando minha mão até às grandes portas cinzeladas da mansão vienense onde Peter estava sem saber o que o aguardava, que seu destino mudaria, e para melhor pois ele iria para os braços amados de quem o queria.

Ao adentrarmos, caminhei até onde se via um pequeno garotinho de cabelos escuros. Ele usava um gorrinho e roupas cinzas de lã.

Observei os sapatinhos lustrosos, os olhos baixos. Sozinho sentado no grande banco de madeira, esperando a visita inesperada daqueles que seriam seus novos pais.

Cortou-me o coração de imaginar seu sofrimento e da pobre e querida Mitzi nas mãos de Josef que se revelou astuto, cruel, egoísta e louco.

Como tinha coragem de jogar fora assim sua própria família...

Vendo-o ali, Peter em seu sofrimento, prometi a mim mesma e em memória à alma de Mitzi que faria de Peter um garoto feliz e um bom homem.

Eu via em Peter um menino muito ferido, e mal podia esperar a hora de poder lhe dar todo amor e educação que ele merecia receber.

Ao chegar mais perto, meu coração se confrangeu completamente: Peter segurava nas pequenas mãos a pequena medalha de Santa Bernadette de Mitzi.

Pobre menino. Eu sabia o que era perder pai e mãe, mas felizmente tive meus avós que me criaram com tanto afeto, mas Deus sabia de todas as coisas. E agora ele teria a nós, Adam e eu.

Adam aliás me seguia, observando nosso primeiro contato depois de anos ao longe.

Parei diante de meu menino, que levantou seus grandes olhos azuis marinhos. Parecia um garotinho assustado.

– Olá – falei sorrindo, controlando-me para não chorar.

Estava tão lindo e tão desamparado.

– Olá – respondeu, com olhos tristes. Eu sorria para ele fascinada. Então ele se apressou a me perguntar.

– A senhora é professora?

– Sou sim, Peter- respondi, quase chorando.

– Ah... – ele disse, brincando com a medalhinha em sua mão.

– Mas não só... – falei. – Não sou apenas professora, também sou sua amiga.

Ele levantou então os olhos para mim, e sem poder me conter, algumas lágrimas rolaram.

– Por que a senhora está chorando? – perguntou com seu olhar azul e sereno. Percebi que Peter era uma criança calma, conformado.

Era um menino que parecia precisar de ajuda, mas que jamais a pediria. Ele era assim desde bebê. Sem chorar nem reclamar, mesmo que tivesse fome.

– Porque estava com saudades de você, Peter, muitas...De um jeito que você não pode imaginar.

Eu não podia mais me controlar...

– A senhora me conhece? – ele perguntou, parecendo um pouco interessado.

– Muito, querido, muito. Desde que você era um bebê e ficava no meu colo e eu cantava para você. Sei quem lhe deu essa medalhinha, sei que foi sua mãe, e sei que o amava muito, assim como eu amo você. - Não pude resistir em lhe dizer, mesmo sabendo que provavelmente eu o estava assustando, mas meu amor transbordava.

Ajoelhei-me então diante de ele, e peguei sua mãozinha e a coloquei

no meu rosto. Ele enxugou minhas lágrimas, como costumava fazer quando sequer tinha dois anos.

– Peter, quando você era muito pequenininho, você enxugava minhas lágrimas assim, você era o meu homenzinho. Sei que você não se lembra de mim, mas saiba que você é muito especial para mim.

Ele me olhava desconcertado, parecendo sem saber o que dizer. Mas então sorriu de volta quando eu sorri para ele.

– Sabe o seu coração, Peter? Esse que bate dentro de você?

– Sei – ele disse, assentindo com a cabeça.

– O meu estava incompleto, porque tem um pedacinho do meu coração dentro do seu peito. E agora que voltamos a ficar juntos, meu coração está inteiro novamente. Você é um pedaço do meu coração. Você faz parte de mim, meu amor.

Suas mãos continuavam a me acariciar a face, e eu segurava sua mãozinha, beijando-a. Beije a medalha que ele trazia também.

– Peter – falei, chorando. Se eu pedir um abraço, você me dá?

Ele fez que sim com a cabeça, e então eu o abracei. Abracei o meu filhinho.

Adam se aproximou, e colocou as mãos em meu ombro, enquanto eu abraçava Peter e me jurava que nunca mais deixaria que o tirassem de mim.

Foi um momento comovente e eu percebi ali que tudo ficaria bem.

Mais tarde, expliquei a Peter que iríamos embora, que ele moraria comigo, que seu papai havia deixado que morássemos juntos.

E qual não foi a surpresa quando entrei em seu quarto, e em sua cama, havia meu velho urso sem olho.

Quando perguntei do urso, ele disse simplesmente.

– Era da minha tia Aimée, mamãe me disse. Durmo com ele toda noite desde que sou bebê, mamãe também contou.

Aproximei-me de Peter, maravilhada, e então disse baixinho.

– Vou te contar um segredo. Peter, eu sou Aimée. Sou eu, meu amor. Eu te dei esse ursinho.

E sorrindo, ele me abraçou novamente. Vi que ali morria nosso estranhamento.

Algo dentro de Peter ainda me queria, e eu o queria como nunca.

Deixei-o então lá , para arrumar todas as suas coisas e disse que no dia seguinte, levaríamos ele embora para ficar conosco.

Ele gostara muito de Adam, que o seduzira com um lindo jogo de dados de prata e marfim, segundo ele, dados mágicos para jogos de homens e não de meninos.

Já fiquei desconsertada como Adam sabia seduzir meninos, especialmente quando disse que logo pescariam nos lagos congelados de Hamsphire e vi os olhos de Peter brilharem.

Homens e essas coisas de jogar e pescar! Vi que os dois se dariam muito bem, e muito rápido.

Na limusine de volta, estava com a cabeça recostada no colo de Adam, suspirante.

– Foi tudo tão maravilhoso, amor! Tão incrível! Mal posso acreditar que amanhã Peter já estará conosco!

– Sim, vamos nos divertir à beça... – Adam disse.

– Pelo visto, você terá um duplo trabalho então – falei, tentando sondá-lo sobre o bebê para ver se ele entendia.

– Claro, você é a minha criança que dá trabalho também – falou, beijando-me o topo do cabeça.

– Não, Adam...Você é que a minha outra criança grande que dá trabalho...Mas nesse caso não estou de falando de crianças grandes

– Não? – Ele me soltou e me fez encará-lo.

Toquei sua barba.

– Não, não é de uma criança grande que estou falando, mas de uma

bem pequena, que o senhor insistiu de plantar dentro de mim com tanta competência- falei sorrindo e esfregando meu nariz dele.

Observei seu ar completamente embasbacado pelo susto.

– Acorde, Adam! Você será papai! – falei, sacudindo-o.

– Eu sei, só me deixe ficar aéreo! Parece um sonho, Aimée! Meu amor! Um bebê! Um bebê nosso! Duas crianças em casa! Santo Deus! Mas que trabalhadeira mais maravilhosa que vamos ter pela frente- falou, estreitando-me.

E então Adam deu uma gargalhada linda dentro do carro, e antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele já estava atracado em minha barriga, beijando-a e me fazendo cócegas.

– Vou morrer de rir, Adam! Pare! – gargalhava com seus beijos e cócegas.

Até que ele parou e subiu por meu peito, para me beijar nos lábios...

– Então o bebê nascerá feliz, com dois pais que são felizes. É bom que seja recebido com gargalhadas, não acha.

– Sim, amor, seremos felizes, muito felizes... – respondi, retribuindo seu beijo.



Epílogo

Londres, 1954

Estava arrumando minhas luvas de renda e observava meu vestido ao melhor estilo *New look Dior*, feito com um incrível *shantung* bege com brilhos dourados e um casaquinho de seda bordada que me ajudava a esconder minha cicatriz.

A saia era maravilhosamente rodada e a cintura marcada...E era maravilhoso que eu ainda coubesse em vestidos lindos assim depois de ter tido dois bebês, especialmente agora que caminhava para o terceiro! Éramos realmente muito fogosos nisso de fazer filhinhos.

Há uma semana eu soubera da chegada do novo bebê.

Em breve daríamos um jeito de fechar a torneirinha. Quatro filhos eram o suficiente para nos enlouquecer! Mas estávamos muito felizes com as crianças.

Chamaríamos Franklin ou Helen o novo bebê. Mas já tínhamos John, Céline e Peter.

John e Céline tinham os nomes de meus avós.

Há algumas horas, eu havia colocado as crianças na cama, e já estava ensinando John e Peter a fazerem suas orações noturnas. Eles já sabiam minhas orações preferidas, e já os ensinava o pai nosso em latim.

Também rezava com eles a oração do Príncipe de Gales.

Em meio de nossas montanhas antigas,

E de nossos amados vales,

Oh! Deixe que a oração ecoe

Deus abençoe o Príncipe de Gales!

Agora que as crianças já estavam dormindo, iríamos para um baile de *Twist*. Já havíamos passado em seus quartos para lhes dar boa noite, cada um em sua caminha.

John e Céline nasceram bem parecidos comigo, grandes olhos escuros e cabelos negros de ébano. John tinha 4 anos e Céline tinha 2 anos. Peter era um garoto muito feliz agora aos 10 anos. Era um menino muito esperto e adorava me ajudar a cuidar dos irmãos mais novos. Mesmo com o falecimento de seu pai que fora assassinado por seus desafetos pouco tempo depois que viera morar conosco, ele se conservara positivo e não amargurado.

Fazíamos o possível para que se sentisse amado e contente.

Foi maravilhoso poder amamentar os bebês, e miraculosamente meus dois seios produziam leite. Meu sonho de alimentar uma criança que

viera de mim se concretizou, entre tantas outras felicidades.

Olhando para o espelho, coloquei meus brincos de brilhante e o lindo colar de esmeraldas que Adam me dera e me contemplei satisfeita.

Parecia a Senhora Adam Page Hoyt que ele esperava.

Borrifei um novo perfume agora que Adam me dera, *Crêpe de Chine* e pus um batom vermelho como mandava à moda da época. Adam me amava de batom vermelho, dizia que me deixava sexy.

Raramente agora usava tons escuros. Como havia dito Adam, cores claras me valorizavam.

Passei novamente nos quartos das crianças para ver se estava tudo bem e falei com a babá dando instruções.

Coisas de mãe olhar sempre que podia as crias se estavam bem.

Mas agora era a hora de mamãe e papai aproveitarem e se divertirem. Era fim de semana e seria um baile daqueles. Uma festa de arromba.

Os anos 50 estavam radiantes, felizes e prósperos. Íamos apagando as lembranças da guerra e cada vez mais comemorávamos nossas vitórias e felicidades.

Ficara porém o aprendizado de evitar conflitos daquela natureza a qualquer custo. Não queríamos deixar de herança a nossos pequenos a

tragédia que havíamos vivido.

Ao descer as escadas, estava lá parado meu homem incrível, meu Adam.

Ainda sentia minha respiração cortar quando parava para observá-lo. Sentia ainda o mesmo estremecimento, o frio na barriga. Ainda provava do mesmo poder irradiando daquele homem felino, de olhos penetrantes e tão hábil na cama.

E tão doce em meus ouvidos ao dizer que me amava

Ele estava vestido à caráter, num tenro cinza magnificamente cortado que combinava com seus olhos cor de prata.

Os cabelos estavam mais curtos agora, e havia algumas linhas finas em seus olhos a mais quando me sorria, como agora, e toda vez que eu o olhava, ainda sentia meu coração bater forte, como nos primeiros dias.

Os olhos dele ainda me prendiam e ainda me faziam suspirar. E ele habitava em meus dias e meus sonhos.

Adam tomou-me pela mão charmosamente, e a beijou onde estava repousada minha aliança, como sempre fazia.

Continuava maravilhosamente galante e cortês.

– Está maravilhosa, Senhora Hoyt.

– Obrigada, Senhor Hoyt, o senhor ainda está lindo de matar meu coração. Não é apenas o senhor das armas, mas também senhor do meu coração– falei, rindo.

Ele deixou que eu fosse um pouco a sua frente, mas me puxou pelo braço de repente e falou então ao meu ouvido, fazendo-me arrepiar, com a mão em minhas nádegas.

– Seu traseiro também ainda está de matar corações, *chérie* ... – sussurrou, a voz ainda fazendo cada poro meu vibrar.

Ele continuava maravilhosamente safado também.

Dei uma risadinha, e ele mordeu meu pescoço.

– Pare, Adam, demorei para me vestir. Comporte-se!

– Não dá, meu pardalzinho, perco a compostura com você assim. Está tão linda – dizia, roçando os dentes em minha orelha

– Adam, pare! Que tarado!

– Espero que ainda seja seu príncipe, seu príncipe manco e tarado. – Ele riu, parando então de me provocar e passando a tocar minha barriga onde crescia nosso bebê, acariciando-me lá.

– Você é o melhor dos príncipes, amor, e sempre será.

Ao chegarmos na festa, corremos logo a dançar. Naquele dia, Benny

Goodman em pessoa estava lá regendo a orquestra e toando seu clarinete mágico para os casais que valsavam.

Eu estava elétrica! Era simplesmente eletrizante! Adorava dançar com Adam!

O ruim de estar grávida é que não podia tomar champanhe, e também já estava sofrendo porque, para variar estava com desejo de bolinhos de merengue. Contudo, já havia comido montes de canapés e bombas de chocolate para compensar.

Já iria para mais uma dança divertidíssima, e Adam me rodopiava a valer, e estávamos já cansados do ritmo acelerado do *twist* quando, então, começou a tocar aquela música incrível e todos os casais que estavam ali ficaram sensibilizados quase ao mesmo instante.

Era comum tocarem essas músicas e outros clássicos nas pausas românticas.

Mas aquela canção tocava a todos nós, casais separados pela guerra, que de alguma forma, se reencontravam.

As penélopes de espera que um dia fôramos nos fazia valorizar mais os nossos amados.

Nos braços de Adam, sendo acalentada por ele e cantando junto de outros casais que, eu sabia, estavam tão emocionados como eu agora ouvindo

W'ell meet again, volteava pelo salão delicadamente amparada no peito do meu amado.

Cada coração ali tinha uma história de superação para contar. Depois da guerra, o amor vencia.

Nossos filhos estavam crescendo, nosso mundo vicejava, cheio de cores, texturas e cheiros.

A música tocava, ecoando sua vivacidade, sua esperança, seu brilho, tocando também nossos corações que insistiam em pulsar, vivos.

Os casais dançavam com amor e cantavam com ardor.

“Nos encontraremos novamente,

Não sei onde,

Não sei quando

Mas eu sei que nos encontraremos novamente em algum dia ensolarado

Continue sorrindo até o fim,

Assim como você sempre faz

Até que o céu azul afaste as nuvens escuras para longe”

O amor é mais forte que a morte. O amor é mais forte que a guerra.

E nem a guerra mataria o amor no coração das meninas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus primeiramente por sua infinita bondade, hoje e sempre. Tenho certeza que ele me inspirou nessa obra.

Agradeço ao meu esposo por seu apoio e paciência constantes.

Agradeço e aliás, dedico esse romance à querida Eveline Knychala por ter possibilitado o nascimento desse livro, e tê-lo acompanhado desde o berço. Uma grande leitora, amiga, influenciadora que nos transmite toda sua paciente sabedoria.

Agradeço às leitoras e amigas Ramone Franciele, Luciana da Silva e Kiti Miguel por sua ajuda sempre preciosa em minha vida.

Agradeço à ajuda de amigas que estão sempre me dando a mão nessa vida e me ajudaram de alguma forma nesse livro : Pry Olivier, Jéssica Larissa, Letti Oliver, Monica Kimi Ryu, Natália Dias, Mari Sales, Sara Fidelis. Deus as abençoe muito, meninas.

Obrigada por tudo.

Agradeço aos leitores pelo carinho, paciência e pela oportunidade de me lerem.

Sobre a Autora

Sobre a autora: Christine King é profissional de letras e química, mas só agora está mostrando seus trabalhos escritos depois de muitos anos como leitora ávida e escritora ocasional. Continua uma amante do beletrismo e deseja criar histórias que façam seus leitores suspirarem. Nada é mais precioso que criar emoções.

A autora é casada e ama sua família e deseja transmitir esse imenso amor em sua escrita.

Obrigada por ter me lido!

Sintam-se acolhidos em minhas redes sociais, será um prazer estar com vocês! Mais livros meus serão publicados! Deus os abençoe!

wattpad: <https://www.wattpad.com/user/christinerking>

Facebook: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100007827589476>

Página do face: <https://www.facebook.com/christinerking10/>

Grupo no face: <https://www.facebook.com/groups/189314141845948/>

instagram: <https://www.instagram.com/christinerking10/>

Fã clube: https://instagram.com/fasda_christine_king/

E-mail para contato: christinerking10@gmail.com

Leia Também:

Dançando Para Você: <https://amzn.to/2H55sOI>

Não me Deixes: <https://amzn.to/2H3pn0w>

